

EXISTE PERDÃO PARA
AS FERIDAS DAS PALAVRAS DITAS?

Última
Promessa

TATIANE DUNKEL



TERCEIRO VOLUME DA TRILOGIA IRREVOGÁVEL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Última Promessa

TERCEIRO VOLUME DA TRILOGIA IRREVOGÁVEL

TATIANE DUNKEL

Copyright © 2015 Tatiane Dunkel

Todos os direitos reservados.
Fica proibida a reprodução e distribuição parcial ou integral dessa obra sem a autorização da autora.

Revisão, Fotografia e Capa

Tatiane Dunkel

Essa é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança com a realidade
é mera coincidência.

As meus leitores, por todo carinho e apoio durante essa jornada. Obrigada por embarcarem nessa aventura comigo.

ÍNDICE

[Capítulo 1 - Alexander](#)

[Capítulo 2 - Surpresa](#)

[Capítulo 3 - Dia Perfeito](#)

[Capítulo 4 - Padrinho](#)

[Capítulo 5 - It's Raining Men](#)

[Capítulo 6 - Massagem](#)

[Capítulo 7 - Despedida de Solteiro](#)

[Capítulo 8 - Ressaca](#)

[Capítulo 9 - Atitude](#)

[Capítulo 10 - Festa do Pijama](#)

[Capítulo 11 - Casamento](#)

[Capítulo 12 - Dança](#)

[Capítulo 13 - Hospital](#)

[Capítulo 14 - Decisão](#)

[Capítulo 15 - Conversa](#)

[Capítulo 16 - Reconciliação](#)

[Capítulo 17 - Proposta](#)

[Capítulo 18 - Desejo](#)

[Capítulo 19 - Aceito](#)

[Capítulo 20 - Lua de Mel](#)

[Capítulo 21 - Inauguração](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

Eu a feri. Da forma como prometi nunca mais fazer.

Haveria salvação dessa vez?

Capítulo 1 - Alexander

Annabelle

Nosso retorno após a viagem à Vermont foi uma loucura. Assim que chegamos, Christopher foi até a empresa resolver pessoalmente todos os assuntos pendentes e conversar com Peter, convidando-o para ser seu vice. Eles passaram o dia na Williams & Lewis atendendo as reuniões necessárias com os acionistas e os diretores.

Como Robert havia idealizado, Christopher se tornou um presidente inovador. Passava a maior parte de seu tempo nas obras da construtora ou na sala conjugada com a sua, trabalhando em seus projetos de engenharia. Ele lidava com o dinheiro e seu importante cargo sem se deixar levar pelo poder que tudo isso exercia, o que era magnífico.

Quanto a Chance, ele se tornou o companheiro inseparável de Christopher. Nosso pequeno deu muita dor de cabeça no começo, comendo tudo o que via na frente, mas logo essa fase passou e ele se tornou mais calmo e obediente. Christopher dizia que quando o levava para o escritório, Chance deitava em seu colchão e ficava mordendo seus brinquedos, depois ia até a cadeira de Christopher e deitava aos seus pés. Chris não resistia e acabava brincando com ele e se distraíndo do estresse do trabalho.

O lado ruim da nossa nova situação, era lidar com a imprensa. Eles estavam em cima de tudo o que fazíamos e isso transformou nossa vida em um pandemônio. Eu odiava ter repórteres na porta do prédio e cercando Christopher na empresa. Mesmo sabendo que seria dessa forma, não estava preparada para tudo isso. Ainda mais quando vi meu nome e uma foto pessoal na capa de uma revista de

quinta categoria, que logo fora processada sem piedade pelos nossos advogados. A manchete daquela reportagem demorou a sair da minha mente.

De filha dos empregados à herdeira bilionária!

Conheça a história de Annabelle Roslyn Collins Lewis e como ela se tornou uma das mulheres mais ricas do país.

E mais: detalhes da sua relação nem um pouco fraternal com seu irmão, Christopher A. C. Williams Lewis.

Fiquei em choque quando li aquelas frases grotescas.

Como eles podiam julgar a minha relação com Christopher daquela maneira? Pior ainda, insinuar que tinha um caso com meu irmão?

Christopher não era e nunca foi meu irmão. Tentei muitas vezes vê-lo dessa forma, mas nunca consegui, e tão pouco ele. Era inadmissível ver estas pessoas julgando nosso relacionamento desse modo.

Depois daquela notícia cheguei até a ser hostilizada na rua. Sentia-me horrível com toda essa situação e Christopher não estava muito melhor. Ele odiava me ver tão chateada e triste. Se não fosse pelo seu carinho e apoio incondicional nos primeiros meses, não teria conseguido passar por tudo aquilo.

Devido aos problemas com a imprensa e também pelo o que tinha ocorrido com nossos pais e John, Christopher decidiu contratar seguranças.

Tentei argumentar, mas não teve jeito.

Foi assim que Paul Kline, Malika Thompson e Mark Jasen foram contratados. Jasen era o motorista e segurança de Christopher. Kline era meu motorista e Thompson, minha segurança particular. Ela tinha instruções específicas para seguir-me em qualquer lugar.

Mesmo sabendo que era necessário, eu odiava toda aquela situação. Tanto que por causa disso eu decidi adiar os planos de abrir meu escritório e me dedicar exclusivamente a construção de nossa casa. Felizmente, após o nosso retorno as obras fluíram rapidamente, e conforme iam chegando ao fim, pude finalmente pensar em meu escritório de arquitetura.

No início tive medo e fiquei muito insegura, pois achava que o fato de ter abandonado o projeto de alguns clientes há alguns meses pudesse ter manchado meu nome, contudo, o que aconteceu foi exatamente o contrário. Fiquei impressionada com a quantidade de clientes que estavam interessados em contratar meus serviços sem nem ao menos ter inaugurado o escritório. Muitos eram do escritório de Benjamim, o qual, foi fechado há exatamente dois meses.

A razão pelo declínio de meu ex-chefe logo veio a tona. Benjamim havia obrigado uma outra funcionária a "*agradar*" um cliente. Diferente de mim que não tinha prova alguma, ela gravou a conversa e o denunciou, isso destruiu seu nome e em consequência sua reputação como empresário e arquiteto. Ainda era difícil entender como alguém que havia me ensinado tanto fosse capaz de praticamente aliciar suas funcionárias a fim de ganhar novos clientes. *Era um absurdo!*

Com o fechamento do escritório de Benjamim, acabei chamando alguns colegas para trabalhar comigo. Todos ficaram animados com

a proposta.

Com o tempo tudo parecia se ajeitar. Assim como nossa casa, que após seis meses, finalmente estava pronta. Só faltava mobiliar. Esperava fazer isso junto com Christopher, mas com o cargo de presidente, ele estava trabalhando mais de dezesseis horas por dia e nas últimas semanas quase não ficava em nosso apartamento. Sem contar que, com a finalização da construção da casa, o planejamento do escritório que eu ia montar, o casamento de Karen e as loucuras da gravidez de Julie, eu também andava sem tempo. Ainda tínhamos nossos momentos, mas recentemente estes estavam se tornando cada vez mais raros e breves. Não gostava nada da distância que nossas obrigações estavam criando entre nós. Precisava fazer algo antes que fosse tarde demais e nos distanciássemos mais ainda. O que não permitiria de modo algum.

Com o intuito de nos distrair das nossas obrigações, Julianne teve a ideia de sairmos para almoçar e conversarmos sobre os preparativos do seu parto, o casamento de Karen e, a minha mudança e de Christopher para a casa nova.

O planejamento do casamento de Karen estava indo muito bem e dentro de dois meses ela se tornaria oficialmente a senhora Wright. A situação de Julianne era mais complicada, sua gestação estava no nono mês e deixava todo mundo louco. Não sabia como Samuel aguentava, pois Karen e eu estávamos pirando com suas crises. Uma hora estava brigando com todo mundo e na outra gargalhava alto. Só tinha certeza de uma coisa, nós não víamos a hora desse bebê nascer.

Para nosso encontro, escolhemos um Bistrô muito acolhedor no centro da cidade. Enquanto as meninas faziam os pedidos,

observava Thompson e Kline olhando ao redor como se houvesse alguma ameaça a minha pessoa. Era tão difícil me acostumar com isso.

- Qual o problema? - Karen perguntou quando bufei. Olhei para ela tomando minha taça de vinho. Essa era uma das poucas vantagens de ter um motorista.

- Esses seguranças - reclamei exasperada, apontando para a mulher e o homem vestidos de preto e com óculos escuros, não muito longe de onde estávamos. - A imprensa já deu uma folga, não sei porque preciso de alguém me seguindo vinte e quatro horas por dia.

- Christopher só está preocupado com sua segurança - argumentou Karen.

- Um exagero, isso sim - protestei impaciente.

Julianne estava tão interessada nos bolinhos que estavam na mesa que nem prestava atenção na conversa. Agora era assim, ou ela estava dormindo ou comendo. Felizmente isso não parecia afetar sua saúde e nem a do bebê. Só me perguntava para onde ia tanta comida.

- Vamos mudar de assunto - propus. - E o casamento Karen? Acho que está tudo pronto, não é? - ela sorriu radiante.

- Sim, só faltam alguns detalhes, mas já não estou aguentando de tanta ansiedade - respondeu animada.

- Por falar no casamento - a voz de Julianne finalmente se fez presente. - Descobriram o que os meninos armaram para a despedida deles? Pois se tiver *strippers*, pode ter certeza que a sua também vai ter - afirmou séria olhando para Karen.

- Não vai ser nada demais, Julianne. Falei com Christopher e ele me garantiu que estão planejando jogar *paintball* e depois tomar uma bebida em um bar qualquer - expliquei despreocupada.

- E você acreditou? - indagou com a sobrancelha arqueada, rolei meus olhos diante sua desconfiança.

- E por que Christopher mentiria? - retruquei a desafiando.

- Oras, se ele for em uma boate com *strippers* sabe que, com certeza, vai ter troco, eu mesma falei isso para eles.

- Se você avisou não tem porquê se preocupar, Julie - Karen interveio. - E o Adam sabe que se eu descobrir que ele andou se esfregando em mulheres seminuas não vai ter lua de mel e eu garanto que essa ameaça vai funcionar - completou satisfeita.

- Quero só ver - Julianne retrucou ainda desconfiada. Eu balancei a cabeça sorrindo. Sabia muito bem que não teríamos que nos preocupar com nossos homens. Confiava em Christopher.

- Auch! - Julie exclamou de súbito, colocando a mão no baixo ventre.

- Que foi, Julianne? Está sentindo algo? - questionei apreensiva, Karen também a olhava preocupada.

- Não sei, senti uma pontada - reclamou arfando e pressionando a mão no local.

- Acho melhor irmos para o hospital - falei, chamando o garçom.

- Não! - negou-se. - Deve ser alarme falso, o médico disse que ainda faltam duas semanas. Não é a hora - murmurou angustiada, devia estar receosa pela saúde do bebê. O garçom trouxe a conta e a paguei com rapidez.

- Vai ser melhor, Julie - Karen proferiu concordando comigo e tentando acalmá-la.

- Ok - Julianne finalmente aceitou.

Chamei Thompson que nos acompanhou até carro, onde Kline já nos esperava. No meio do caminho, Julianne deu um grito alto e se escorou em Karen e em mim, que estávamos uma de cada lado.

- Ai! - gritou desesperada, colocando a mão de volta sobre a barriga. Karen e eu não sabíamos o que fazer.

- Thompson, chame o Kline! - pedi para minha segurança, ela assentiu e saiu correndo até o carro.

- Julie, calma - Karen pediu. - Respira devagar - instruiu, Julianne começou a respirar lentamente até que arregalou os olhos e nos fitou em pânico.

- Que foi, Julie? - perguntei. Ela abaixou a cabeça e olhou para suas pernas, de onde escorria um líquido transparente. A bolsa de Julianne havia rompido.

**

No caminho para o hospital Karen ligou para Samuel e pediu que ele levasse as coisas do bebê e de Julie para o hospital, depois ligou para Adam. Thompson perguntou se queria que ligasse para Christopher, mas eu decidi telefonar quando chegássemos no hospital. Só esperava que meus dedos ainda funcionassem, pois Julianne os estava esmagando a cada contração que tinha. Sem contar os gritos que nos deixariam surdos antes que chegássemos ao nosso destino.

**

Julianne já estava acomodada no quarto do hospital gritando loucamente e se recusando a tomar anestesia para a dor. Ela brigou com as enfermeiras, comigo, Karen, e até seu médico. Não queria nem ver quando Samuel chegasse aqui.

- PUTA QUE PARIU! Alguém quer parar essa merda de dor! - Julie gritou se agarrando aos lençóis.

- Julianne, a dor pode diminuir se você aceitar a peridural! - Karen ralhou já sem paciência.

- EU NÃO QUERO REMÉDIO! - respondeu com um olhar assassino, Karen estreitou os olhos e se levantou.

- Vou esperar Adam e meu irmão lá fora. Aproveito e aviso para ele fugir - disse saindo do quarto.

- ISSO MESMO! MANDA ELE EMBORA! TUDO ISSO É CULPA DAQUELE DESGRAÇADO QUE ME ENGRAVIDOU! - gritou a pleno pulmões.

Uma das enfermeiras colocou a cabeça dentro do quarto e pude ver o temor em seus olhos, Julianne estava aterrorizando toda a equipe médica.

- Como está se sentindo, meu bem? - perguntou entrando no quarto com cautela, por pouco não ri da situação.

- COMO ESTOU ME SENTINDO?! TEM UM BEBÊ QUERENDO SAIR DA PORRA DA MINHA VAGINA! ENTÃO, NÃO! EU NÃO ESTOU ME SENTINDO BEM! - arregalei meus olhos.

Não sabia onde colocar a cara depois disso. A enfermeira estava em choque pelo ataque de Julianne. Só depois de mais alguns gritos e reclamações a pobre enfermeira conseguiu examiná-la e verificou que, infelizmente, ainda não tinha a dilatação necessária para iniciar o trabalho de parto. Foi então, que Julie começou a chorar descontroladamente. Respirei fundo e me aproximei.

- Vai dar tudo certo, Julie - tentei encorajar, ela me olhou.

- Estou com medo - confessou com lágrimas já escorrendo pelo rosto, apertou os olhos diante mais uma contração e fez a respiração

típica nessas situações.

- Hey - chamei sua atenção, ela me observou atenta. - Daqui instantes essa dor vai acabar, você vai ter um lindo bebê nos seus braços e verá que valeu a pena - Julianne abriu um sorriso tímido e tranquilo.

- Obrigada - murmurou com a voz embargada apertando minha mão. - Desculpa pela cena que fiz na rua, no carro e aqui - rimos e ela fez uma careta de dor sentindo mais uma contração.

- Hoje é um dia que você pode dar uma pirada - sorrimos em cumplicidade.

Subitamente, um Samuel esbaforido entrou pela porta. Achei melhor deixar os dois a sós e fui para a sala de espera. Lá, encontrei Karen sentada em uma das cadeiras e com a cabeça encostada na parede.

- Como está a ferinha? - sorri me aproximando e sentando ao seu lado.

- Bem melhor agora que seu irmão chegou, e o Adam?

- Disse que já está chegando - ela me encarou. - Conseguiu falar com Christopher? - assenti e suspirei.

- Sim, assim que Julianne foi para o quarto aproveitei e liguei para ele, mas acho que vai demorar, está preso em uma reunião - expliquei com um sorriso fraco.

- Ele anda trabalhando bastante nas últimas semanas - comentou sem tirar os olhos de mim.

- É, eu sei - sem perceber minha voz soou um pouco triste. Christopher havia avisado que as coisas iam mudar, mas acordar e ir dormir com a cama vazia estava me matando aos poucos.

- Quer conversar sobre isso? - balancei a cabeça negando. Ela assentiu e me abraçou, deitei em seu ombro. Esse não era o melhor momento para falar sobre a falta absurda que estava sentindo de Christopher ultimamente.

- Já nasceu? - ouvi a voz grossa de Adam perguntar, sorri, levantando minha cabeça.

- Ainda não - Karen respondeu. - Mas nem pense em entrar naquele quarto, Julianne está pirando - Adam levantou as mãos em sinal de rendição.

- Pode deixar - consentiu sorrindo e se aproximou, sentando ao lado de Karen e lhe dando um beijo delicado. - Cadê o Christopher? Quero ver a cara dele quando nascer uma linda menina.

- Ele vai demorar um pouco, está em uma reunião - expliquei olhando para ele.

- Que saco isso! Agora ele vive em reuniões e preso no escritório. Achei que ia ser legal ter um amigo rico, mas estou vendo que me enganei - reclamou sem pensar, Karen lhe deu um cutucão e Adam se tocou que o assunto não era um dos melhores.

- Foi mal, Anna - desculpou-se.

- Esquece isso - ele segurou minha mão.

- Se precisar, eu dou uma bela lição nele - ofereceu, com essa acabei rindo.

- Obrigada, Adam, mas isso é algo que nós temos que conversar.

- Isso é entre eles. Ouviu, Adam? - Karen ralhou com ele.

- Entendi, baby, não vou me intrometer, ao menos que me peçam - Adam piscou para mim e ri.

Karen mudou de assunto e contou a Adam como Julianne chegou ao hospital. Ele não aguentou e gargalhou alto, recebendo uma bela bronca da enfermeira. Rimos baixinho.

- Nasceu! - viramos para a porta e vimos um Samuel arfante e com um sorriso enorme. *Como assim, nasceu?* Até pouco tempo a enfermeira havia dito que não estava na hora.

- Já? - questionou Karen.

- Sim, assim que cheguei, as contrações aumentaram e logo a enfermeira apareceu dizendo que estava na hora - dizia afoito.

- Podemos ver? - perguntei animada já me levantando. Ele assentiu vigorosamente, seguindo para o quarto, fomos logo atrás.

Entramos devagar, Julianne sorria bobamente para o bebê no seu colo.

- Olha, amor - falou para o pequeno ser embrulhado em uma manta branca. - Seu tios vieram lhe ver.

Samuel sentou do seu lado esquerdo e acariciava com extremo cuidado a cabeça do bebê. Karen e eu fomos do outro lado da cama. Desmanchei-me quando vi o rostinho delicado e os olhos fechados.

- É lindo, Julie - murmurei emocionada. Karen tinha os olhos vermelhos e uma expressão de adoração no rosto. Afinal, era seu primeiro sobrinho.

- Lindo, nada - Adam contestou, o encaramos com o cenho franzido. - É linda - afirmou com um sorriso vencedor nos lábios.

- É menina? - perguntei para Julianne e Samuel. Eles trocaram um olhar cúmplice.

- É... - antes que Samuel dissesse alguém bateu à porta e a abriu. Sorri ao ver que era Christopher. Ele estava lindo, vestindo um

terno escuro, mas seu semblante denunciava o quanto estava cansado.

- Oi, gente - cumprimentou baixinho.

A enfermeira que estava no quarto avisou que Julianne e o bebê precisavam descansar, por isso só poderíamos permanecer ali mais quinze minutos. Nesse meio tempo, Christopher se aproximou me abraçando pelas costas e olhando o bebê no colo de Julianne. Seus olhos brilharam. Ficava imaginando qual seria sua reação quando fosse o nosso.

Sempre quis formar uma família, e sabia muito bem que Christopher partilhava desse sonho comigo. O modo como seus olhos se iluminaram quando olhou para o bebê, mostravam claramente isso. E se existia algo, do qual, eu tinha certeza absoluta, era de que Christopher seria um ótimo pai.

Era melhor nem pensar nisso. Mesmo desejando muito um filho, preferia não apressar nada. Podia ser bobagem minha, mas queria me casar antes.

- Felizmente puxou a Julianne - Christopher brincou, olhando para Samuel, que balançou a cabeça rindo.

- Inclusive o sexo - Adam completou, Christopher franziu o cenho.

- É menina? - questionou chocado.

- Isso é coisa do Adam, Christopher. Íamos dizer o sexo quando você chegou - Samuel explicou.

- Então vamos parar de mistério. Falem logo! - Adam exclamou sem aguentar de curiosidade. Eu mesma estava louca para saber.

- É um menino, e vai se chamar Alexander - Julianne respondeu sorridente, olhando diretamente para Christopher.

- O quê? Não acredito! - Adam se lamuriava, enquanto Christopher sorria abertamente. Ele me apertou em seus braços e sussurrou no meu ouvido, espalmando suas mãos no meu ventre plano:

- Não vamos precisar comprar um enxoval para nossa menina - meu coração acelerou e me derreti em seus braços imaginando uma menina com os lindos olhos azuis do pai.

Será que ele acertaria?

Olhei para Christopher e o beijei. Era essa cumplicidade que eu queria de volta e estava quase perdendo devido a falta de tempo, mas assim que saíssemos daqui hoje, iria conversar seriamente com ele sobre o que estava acontecendo entre nós. Christopher beijou o topo da minha cabeça com carinho e por hora decidi aproveitar o momento.

Eles voltaram a discutir sobre a aposta. Karen vendo a situação, despediu-se de todos, puxando Adam para fora do quarto. Christopher e eu fomos embora logo em seguida, deixando Julianne e Samuel aproveitando seu lindo bebê.

Capítulo 2 - Surpresa

Annabelle

Sáímos do quarto em que Julianne tinha acabado de dar luz ainda maravilhados com o nascimento do seu filho.

- Achei lindo o nome que eles escolheram - comentei enquanto caminhávamos para a saída do hospital.

- Também achei. É um ótimo nome para um menino, forte e imponente - Christopher respondeu concordando. Encarei-o, sorrindo.

- Não acredito que acertou o sexo.

- Eu avisei que ia acertar - retrucou piscando para mim.

- Afinal, o que vocês dois apostaram?- perguntei sem aguentar de curiosidade.

- Você vai ver - limitou a dizer. Estreitei meus olhos em sua direção.

- Não vai mesmo me contar? - questionei indignada, ele negou sorrindo. - Chato - murmurei com um bico. Odiava quando me deixavam curiosa.

Christopher parou de andar, segurou meu queixo e me beijou delicadamente. Como sempre, acabei derretendo contra os seus lábios. Passei meus braços pelo seu pescoço e aprofundei o beijo, infiltrando meus dedos entre os fios do seu cabelo. Queria aproveitar o máximo esse momento tão gostoso. Porém, cedo demais, Christopher se afastou. Estávamos ambos ofegantes, ele encostou sua testa na minha e pronunciou as três palavras que conseguiram derrubar todo o meu ânimo:

- Eu preciso ir - sussurrou baixo.

Na mesma hora afastei-me dele e fui marchando até a saída. Senti sua mão segurando meu braço.

- O que foi? - perguntou confuso.

Puxei meu braço com brusquidão e o encarei indignada. Por sorte já estávamos fora do hospital e meu ataque não seria inviabilizado por ninguém.

- Foi que esse é o primeiro momento íntimo que nós temos em dias, e o que você faz? Me afasta e diz que precisa ir - Christopher suspirou e passou a mão pelo cabelo, deixando-o bagunçado.

- Desculpe se pareci grosso, mas é que eu preciso voltar para a empresa, tenho uma reunião importante agora - tentou explicar, entretanto isso só me deixou ainda mais irritada.

- Não precisava largar sua preciosa empresa para estar aqui, então. Ficasse lá! - Christopher me olhou seriamente.

- Eu vim, porque sabia que era um momento importante e queria estar com você e nossos amigos - respondeu sério, balancei a cabeça negando.

- Não, você veio aqui só para marcar presença, mais nada.

- Você está sendo absurda! - falou exasperado. - Estou fazendo o impossível para estar aqui - respondeu arrogante, apontando o indicador para si.

- E o que você queria com isso? Um tapete vermelho? Uma salva de palmas? - perguntei irônica.

- Você sabia que ia ser assim! Eu te disse que as coisas iam mudar e você aceitou - acusou secamente.

- Mas você nunca me disse que eu teria que acordar e ir dormir sozinha. Que nunca mais teria tempo para mim. *Isso* você esqueceu de dizer, Christopher! - minha voz soou mais alta e magoada.

Merda! Não era assim que eu queria ter essa conversa. Respirei fundo e o encarei, Christopher estreitou os olhos.

- E você? Tem tempo para mim, Annabelle? - minha testa enrugou com seu tom acusatório. *Que ódio!* Sabia que ia acabar jogando a culpa em mim.

Antes que pudesse responder a sua acusação, seu celular começou a tocar. Sem tirar os olhos de mim, ele atendeu.

- Lewis - respondeu imediatamente. - Sim, senhorita Weber. Eu já estou a caminho. Leve os investidores para a sala de reuniões, dentro de quinze minutos estarei aí - avisou e desligou. Seus olhos ainda presos em mim. Se aproximou e segurou minha cintura.

- À noite conversaremos - sussurrou beijando minha testa e se afastando.

Eu fiquei ali parada, vendo-o seguir até seu carro e, Jasen abrir a porta para que entrasse.

Era assim que resolveríamos nossos problemas? Com ele fugindo de mim?

Estava me sentindo um verdadeiro nada neste momento. Era real. Eu havia sido trocada pela empresa. Afinal, Christopher preferia estar lá do que ficar comigo. Uma agonia sem tamanho tomou-me e ainda meio entorpecida, caminhei até meu carro. Thompson apareceu, abrindo a porta para que eu entrasse. Encostei no banco, fechei meus olhos e respirei fundo, tentando não chorar na presença dos seguranças.

- Para onde gostaria de ir, senhora? - Kline perguntou. Abri os olhos e o vi me fitando pelo retrovisor.

- Para casa, a que acabamos de construir - expliquei caso ele ficasse em dúvida. Porém, assim que falei, percebi uma troca de

olhares entre Thompson e Kline.

- O que foi? - perguntei olhando diretamente para Thompson. Ela virou-se na minha direção.

- Recebemos ordens do senhor Lewis para não levar a senhora lá hoje - explicou sutilmente.

Encarei-a sem entender. Percebendo a confusão no meu rosto, ela completou:

- A casa será inspecionada para verificarem qualquer problema, senhora - na hora lembrei que Christopher havia dito isso há uns dois dias quando a construção foi finalizada, com tanta coisa acabei esquecendo.

- Tinha esquecido - respondi me sentindo ainda mais derrotada. O jeito era ir para nosso apartamento.

- Para o apartamento, Kline - pedi e ele colocou o carro em movimento.

Chegamos em pouco tempo e os dispensei, dizendo que não iria mais sair naquele dia.

Abri a porta e estava tudo em um silêncio mortal. Chance, infelizmente, havia ido com Christopher para o escritório hoje. Aquela bola de pelos com certeza poderia me animar. Obriguei meu corpo a caminhar e segui para o nosso quarto. Deixei minha bolsa sobre a cama e entrei no banheiro me despindo no caminho até o chuveiro. Liguei a ducha e sem perceber comecei a chorar.

Essa seria a minha vida agora? Sozinha?

Eu nem sabia mais como conversar com Christopher. Assim como aconteceu na porta do hospital, tinha certeza que acabaríamos discutindo, e isso era a última coisa que eu queria. Ergui a cabeça em direção da ducha e deixei a água lavar toda minha angústia.

Após o banho, segui para o quarto e vesti somente um penhoar sobre a lingerie que tinha acabado de colocar. Fui para a cozinha, abri o congelador pegando um pote de sorvete, catei uma colher na gaveta e me encolhi no sofá.

**

Já passava da meia-noite e eu remexia sem parar na cama. Christopher havia ligado para avisar que tinha um jantar de negócios e por isso chegaria tarde. Eu simplesmente respondi com um seco, "*tudo bem*", e desliguei, batendo o telefone na cara dele. Era bem capaz de decidir passar a noite fora de casa para não ter que lidar comigo.

Voltei a pensar na nossa discussão na frente do hospital. Talvez ele não estivesse tão errado quando me acusou de não ter tempo para ele. Afinal, eu também havia me distanciado com a construção da casa, os planos para meu escritório, a gravidez da Julie e os preparativos do casamento de Karen. Agarrei meu travesseiro com força. Ainda assim, sua atitude de me deixar sozinha no meio de uma discussão e ir correndo para a empresa, havia me deixado muito chateada. Isso só mostrava que eu não uma prioridade na sua vida.

Não passou muito tempo e escutei a porta do apartamento abrir. Enrolei-me nas cobertas, virando de costas para a entrada do quarto. Ouvi as patas de Chance sobre o assoalho e os passos de Christopher se aproximando. Quando estava na porta do nosso quarto, ele parou. Pude ouvir sua voz calma e suave:

- Boa noite, amigão - Chance suspirou. Podia apostar que estava esparramado na sua almofada, que ficava no corredor.

A porta do quarto, que estava encostada, foi aberta lentamente e ouvi Christopher se movimentando pelo ambiente. Em poucos minutos, saiu de novo. Devia ter ido tomar banho no outro banheiro. Quem sabe dormir no outro quarto. Arregalei os olhos em pânico.

Ah, não! Qualquer coisa menos isso.

Se ele não voltasse, iria atrás dele. Felizmente, não precisei esperar muito. Pouco tempo depois, ouvi seus passos novamente no quarto. Suspirei aliviada. Christopher levantou a coberta com cuidado e deitou na cama. Aos poucos foi se aproximando de mim, continuei fingindo que dormia. Senti seus dedos acariciarem meu braço e mesmo que eu não quisesse, me arrepiei com seu toque. Em seguida, percebi sua boca próxima ao meu rosto. Ele encostou o nariz em meu cabelo e inspirou.

- Eu te amo, anjo - declarou com a voz baixa. Por pouco não me virei e o agarrei, mas no momento estava magoada demais para isso.

Christopher, sem tirar seu braço do meu corpo, me puxou ao encontro dele. Podia me afastar, só que isso me denunciaria e acima de tudo eu não queria. Ele estava aqui, era isso que importava.

**

Acordei na manhã seguinte com o latido agudo de Chance.

- Chance! A mamãe está dormindo - ouvi Christopher repreendendo-o e sorri.

Achava uma graça quando ele dizia mamãe ou papai para nosso cachorro. Parei de sorrir ao me dar conta de que algo estava errado.

Christopher ainda estava aqui? Que horas eram?

Peguei o relógio no criado e vi que já passava das nove da manhã de uma sexta. Franzi meu cenho.

O que Christopher estaria fazendo em casa nesse horário?

Levantei, pegando meu penhoar e indo em direção da cozinha. Respirei fundo antes de me fazer presente, estava na hora de conversarmos. Eu só não sabia o que dizer ainda.

Do corredor, observei Christopher no fogão, atento no preparo das panquecas. Meu garotão já era capaz de preparar um ótimo café da manhã sem a minha ajuda. Sorri com a bela cena na minha frente. Percebendo minha presença, ele subitamente ergueu a cabeça.

- Bom dia - cumprimentei, ele abriu um sorriso cauteloso.

Chance, ao ouvir o som da minha voz, parou de prestar atenção na comida que Christopher fazia e veio correndo na minha direção abanando seu rabo para todos os lados. Abaixei-me e o abracei.

- Bom dia para você também, rapaz - acariciei sua cabeça coçando sua orelha. Ele arfava como se estivesse gargalhando. Amava demais aquele peludo.

- Chance, vem comer e deixa a mamãe sossegada - Christopher chamou-o colocando a vasilha dele no chão. Ele foi correndo na mesma hora.

Aproveitei e fui até a pia da cozinha para lavar minhas mãos, depois sentei no banco que ficava em frente ao balcão. Christopher permaneceu em silêncio, atento ao que fazia no fogão.

- Não vai trabalhar hoje? - perguntei de modo distraído. Christopher olhou para mim de esgueira enquanto retirava as panquecas da frigideira.

- Não, tirei o dia de folga - sua resposta me surpreendeu.

- Pelo o que aconteceu ontem? - indaguei sem pensar. Christopher apoiou as mãos na pia e balançou a cabeça.

- Não, Bell. Quer dizer, o que aconteceu ontem realmente fez-me pensar em muitas coisas, mas hoje eu iria mesmo tirar o dia de folga, por isso precisei ficar até tão tarde ontem e passei a semana inteira trabalhando tanto. Tinha que resolver todos os assuntos para poder ficar sossegado - olhei para ele intrigada.

- E posso saber o por quê? - questionei interessada.

Christopher deu a volta no balcão ficando na minha frente. Com o dedo indicador, acariciou a pele exposta da minha perna causando arrepios pelo meu corpo.

- Por enquanto, não - estreitei meus olhos bufando e puxando minha perna para longe de seu toque. Christopher riu pela minha cena, mas logo seu semblante ficou sério, segurou minha mão e me encarou.

- Eu sei que os últimos meses foram cansativos e que com a construção da casa, meu excesso de trabalho e outros compromissos, nós acabamos nos afastando, mas agora eu quero um voto de confiança. Pode confiar em mim? - implorou com aqueles olhos pidões, iguais aos de Chance. Desse jeito ficava difícil negar qualquer coisa.

- Posso tentar - fiz charme, Christopher sorriu e me abraçou.

- Desculpa por ontem - pediu passando a mão pelas minhas costas. Enterrei minha cabeça no seu peito, inspirando seu aroma.

- Tudo o que eu queria era que você desejasse estar ali conosco, mas quando disse que precisava ir embora, fiquei morrendo de raiva, porque percebi que a empresa é mais importante do que eu - murmurei com pesar. Christopher se afastou e segurou meu rosto.

- Nada é mais importante que você, Annabelle. Absolutamente nada - garantiu com segurança.

- Não foi o que pareceu - resmunguei chateada, Chris suspirou.

- Eu sei que pisei na bola, principalmente ontem, só que eu estava tão estressado com as coisas que ainda precisava fazer para poder ter alguns dias livres, que acabei descontando meu nervosismo em você que não tinha culpa de nada. Discutir era a última coisa que eu queria. Eu juro.

- Eu também não, mas não aguento mais ver você se matando de trabalhar, Christopher. Será que não vê como está esgotado? - questionei passando meus dedos pelo seu rosto e suas olheiras, ele assentiu.

- Sei disso, anjo. Já tem algumas semanas que estou trabalhando nisso. Essa é outra razão pela qual andava tão atarefado, estou remanejando um pessoal e organizando meus compromissos para ter mais tempo livre.

“Já distribuí a maior parte de minhas funções a funcionários de confiança. Ainda vou receber ligações nos horários que não estiver na empresa, mas só no caso de nenhum dos encarregados puder resolver. Quero ter tempo para você, para nossos amigos, para uma vida e, quando tiver um filho, não quero ser um pai ausente. Quero uma família de verdade - ficava feliz com essa decisão. Ainda assim algo me incomodou.

- Por que não me disse isso antes? - perguntei um pouco chateada. Christopher suspirou.

- Toda vez que ia conversar com você alguma coisa acontecia. Ou era a Julianne que precisava desabafar ou a Karen com o casamento, sem contar que você não parava por causa da

construção da casa e agora, com os planos para seu escritório. Decidi que era melhor esperar a construção da casa acabar e então, tirar uns dois de folga para ficarmos juntos - olhei para Christopher sem saber o que dizer. Agora eu entendia tudo.

- Foi por esse motivo que me acusou de não ter tempo para você? - questionei calmamente, lembrando nossa discussão no dia anterior. Ele pareceu desconcertado.

- Eu falei sem pensar, Annabelle. Desculpe-me.

- Por quê? Se você estava certo? - Chris encarou-me atento, suspirei e continuei:

- Pensei muito sobre isso ontem à noite e me dei conta que também andava muito ocupada. Acho que nós dois não soubemos lidar com tanta coisa sem nos distanciar - comentei com pesar, Chris segurou com firmeza minha mão.

- Isso não importa mais. De qualquer forma, não deixaríamos isso ir muito longe. Eu não permitiria - sua certeza de que nunca deixaria nada nos separar fez meu coração acelerar. Sem pensar em mais nada pulei em seus braços, Christopher me apertou e senti seu sorriso contra meu pescoço.

- Eu sinto muito por tê-la magoado, Bell, mas eu garanto que a partir de hoje as coisas vão ser diferentes - disse com convicção.

- Eu fico feliz por isso, estou cansada de acordar sem você na cama - reclamei manhosa.

- Eu também, principalmente em te levar para a cama - retrucou com um sorriso maroto, sorri largamente, dando-lhe um beijo. Christopher se afastou e levantou do banco, puxando-me pela mão.

- Vem, vamos tomar logo nosso café que o dia está cheio.

- Não vai mesmo me dizer o que vamos fazer? - fiz meu melhor olhar de Chance, e Christopher gargalhou. Era ótimo ver ele assim, mais do que isso, ter novamente esses momentos leves e descontraídos com ele.

- Nem adianta me olhar desse modo. É uma surpresa - disse afastando a cadeira para que me sentasse.

- Que tipo de surpresa? - Christopher inclinou-se na minha direção e me beijou.

- Espere e verá - respondeu simplesmente, virando-se e pegando as panquecas e o suco.

Eu não estava aguentando-me de curiosidade. Contudo, decidi deixar as coisas fluírem. O clima estava bom demais para que eu o estragasse tentando descobrir o que Christopher estava armando.

Olhei para Chance e ele já estava esparramado no chão da cozinha dormindo. Era sempre assim, depois da comida tirava seu cochilo.

- Antes que esqueça, Samuel ligou - Christopher avisou sentando na cadeira ao meu lado e puxando-me para seu colo. Sorri satisfeita com seu gesto.

- E o que ele disse? - perguntei tomando um gole de suco.

- Falou que Julianne e Alex terão alta hoje à tarde e nos convidou para passar em seu apartamento amanhã. Adam e Karen também vão. Tudo bem para você?

- Claro, vai ser ótimo ver Julie e o Alex. Vai ser amanhã que vamos descobrir o que você e o Adam apostaram? - questionei interessada.

- Ainda não.

- Ah! Por quê não?

- Decidimos esperar para quando Julianne estiver pronta para sair, assim vamos todos juntos.

- Hum... Estou me corroendo para saber o que o Adam vai ter que fazer.

- Logo saberá - respondeu de modo enigmático. Dei de ombros, deixando o assunto morrer, sabia que não ia conseguir tirar nada dele.

Assim que terminamos nosso café da manhã, nos trocamos, pegamos Chance, e fomos para a garagem, onde Jasen já esperava. No caminho, deixamos Chance em um hotel de confiança, Christopher disse que ele ia se divertir mais lá do que conosco. Ri alto com o sorriso malicioso que vi em seus lábios.

Conforme o carro ia percorrendo as ruas, percebi que conhecia aquele caminho. Virei-me e encarei Christopher, intrigada.

- Estamos indo para nossa casa? - ele sorriu e assentiu.

- Sim, vamos passar o dia lá.

- Já finalizaram a inspeção? - Christopher me olhou de um modo estranho, como se estivesse me escondendo alguma coisa.

- É, podemos dizer que sim - franzi meu cenho confusa.

- Como assim? - Christopher sorriu, brincando com uma mexa do meu cabelo.

- Desse jeito você vai estragar a surpresa, Annabelle - estreitei meus olhos, mas não disse mais nada. Estava louca para saber o que Christopher estava escondendo.

Em poucos minutos, entramos no terreno de nossa casa. Toda vez que a olhava sentia uma alegria enorme. Aquele lugar seria nosso lar.

Descemos do carro e Christopher avisou para Jasen que ligaria avisando para nos buscar. Ele falava sério quando disse que passaríamos o dia aqui. Só queria saber o que estava planejando.

Aproveitamos que estávamos ali e passeamos pelo imenso jardim. Ao lado da casa, jazia minha estufa. Estava ansiosa para encher o local com as orquídeas que já tinha em nosso apartamento. Era impossível entrar naquele local e não recordar das tardes que passava com Katherine, cuidando de suas orquídeas, ou quando Christopher me agarrou e ela quase nos pegou. Sorri com a lembrança. Percebendo onde minha cabeça estava, Chris também sorriu. Segurou minha mão com carinho e me puxou na direção da nossa casa.

Entramos e fomos direto para o segundo andar. Christopher parou na porta do nosso quarto e virou-me, fazendo com que o encarasse. Tirou do bolso da calça um pedaço de pano preto. Olhei-o intrigada.

- Feche os olhos - pediu, mas soou mais como uma ordem. Arqueei minha sobrancelha e Christopher sorriu. - Vamos, amor, faz parte da surpresa - argumentou, fazendo uma carinha adorável.

- Ok - concordei, fechando os olhos.

Senti o tecido sedoso passar pelos meus olhos e Christopher dar um nó na parte atrás. Suas mãos seguraram meus ombros e giraram meu corpo. Em seguida se afastou. Ouvi a porta abrindo e senti sua mão na minha, puxando-me com delicadeza para dentro.

Quando entramos, Christopher me soltou e fechou a porta. Logo, suas mãos estavam na minha cintura abraçando-me. Deixei meu corpo pender contra o seu peito enquanto minhas mãos encontravam as suas sobre meu ventre. Ele beijou a lateral da

minha cabeça e sussurrou as minhas palavras preferidas em todo o mundo.

- Eu te amo, Annabelle - sorri, apertando ainda mais meu corpo contra o seu.

- Eu também te amo, Christopher.

Ele delicadamente virou meu rosto e meus lábios encontraram os seus. No início de modo calmo, mas logo nos beijávamos com ardor. Virei meu corpo e segurei sua nuca, trazendo-o ainda mais para perto, como se eu tivesse a necessidade de fundir nossos corpos. A venda deixava tudo ainda mais erótico e tentador. Christopher apertou minha cintura e soltou um gemido rouco, deixando-me cada vez mais louca por ele. Era uma pena, no entanto, que precisávamos de ar. Christopher encostou sua testa na minha ao mesmo tempo que tentávamos controlar nossas respirações.

- Já estou gostando dessa surpresa - respondi sorrindo. Pude ouvir sua risada.

- Espero que continue gostando - falou se distanciando um pouco e me virando novamente para a frente. Senti seus dedos no nó da venda. - Eu quero que me prometa uma coisa - pediu antes de desfazer o nó.

- O quê?

- Se não gostar, vai ser sincera comigo? - naquele instante, tive a certeza do que ele estava escondendo.

- Feito - concordei.

Senti a respiração dele um pouco pesada contra a minha nuca. Estava tenso. Seus dedos começaram a trabalhar, desfazendo o nó da faixa que cobria meus olhos.

- Mantenha os olhos fechados - pediu soltando a venda. Assenti sem parar de sorrir.

Christopher puxou meu queixo para o lado e senti seus lábios nos meus novamente. Antes que aprofundasse o beijo, ele parou. Suas mãos desceram meu pescoço e foram para os meus ombros.

- Pode abrir - sussurrou em meu ouvido.

Virei meu rosto para frente e lentamente abri meus olhos para encarar maravilhada, nosso quarto, lindamente mobiliado e decorado. Ao lado da grande lareira de pedra, havia dois sofás de couro e uma mesa de canto. O lustre do teto era maravilhoso, rústico e ao mesmo tempo moderno, assim como as luminárias que estavam em cima de cada criado mudo. Entretanto, o que mais chamava atenção era a enorme cama de madeira no centro do quarto, onde, sobre a manta cor de areia, estavam jogadas várias pétalas de rosas vermelhas e uma garrafa de vinho com duas taças. Estava perfeito. Olhei encantada para Christopher, que parecia apreensivo e ansioso.

- Foi você que fez tudo isso? - ele assentiu.

- Foi, mas estava com receio de você não gostar, na verdade ainda estou - confessou sem jeito passando a mão pelo cabelo, Christopher ficava ainda mais lindo quando estava nervoso. Antes que dissesse algo ele continuou:

- Você odiou. Sabia que não devia ter feito sozinho. Você disse que queria mobiliar comigo, eu sou um imbecil... - começou a disparar sem parar.

- Christopher...

- Tudo bem, eu devolvo tudo e você pode escolher o que quiser...

- Christopher... - tentei mais uma vez.

- Eu nem sei porque pensei que fosse gostar, eu...

- Christopher! - gritei e finalmente ele parou de falar, prestando atenção em mim. - Eu estou maravilhada - Chris me encarou realmente surpreso.

- Annabelle, eu juro que não vou ficar chateado se você não gostou - explicou seriamente, segurei seu rosto.

- Como eu não gostaria? Está perfeito - ele abraçou-me e pude sentir seu corpo relaxar.

- Mesmo? - assenti freneticamente e o beijei. Christopher abriu um sorriso lindo.

- Quando fez tudo isso? - apontei para o quarto.

- Tive a ideia depois que a casa ficou pronta, mas só consegui terminar ontem à noite, depois que saí de um jantar de negócios. Queria que estivesse perfeito para hoje - arregalei meus olhos espantada. Tudo o que ele havia me dito naquela manhã fazia ainda mais sentido agora.

- Era por isso que estava tão ocupado ultimamente?

- Sim, como falei, tem algum tempo que estou planejando isso - balancei a cabeça.

- E eu fui tão estúpida brigando com você - condenei-me.

- Já conversamos sobre tudo isso. Acabou - lembrou afagando meu rosto. Ele estava certo. De nada ia adiantar ficar me martirizando com esse assunto.

- Tem toda razão, garotão. O que importa agora é estrear essa cama maravilhosa, juntamente com esse vinho.

Peguei a garrafa em uma mão e as taças com a outra, Christopher puxou-me pela cintura e beijou-me com desejo. Gemi

contra seus lábios. Delicadamente, ele tirou a garrafa e as taças de minhas mãos as colocando no criado.

- Depois bebemos, agora eu quero provar algo mais doce - murmurou no meu ouvido, fazendo com que um arrepio passasse pelas minhas costas.

Com cuidado, ele me colocou sobre a cama. Seu corpo cobriu o meu e nossos lábios se perderam um no outro com desespero. Quando o ar nos faltou, Christopher passou a distribuir beijos pelo meu pescoço. Comecei a desabotoar sua camisa ao mesmo tempo que ele tirava o leve vestido que eu usava. Deixando-me somente com uma calcinha fina. Ajoelhou-se entre minhas pernas passando suas mãos pelas minhas coxas e olhando-me com malícia.

- Você é uma tentação, Annabelle - disse com a voz rouca de desejo.

Gemi, contorcendo-me sob seu olhar. Christopher subiu uma de suas mãos e tocou meu seio nu. Seu toque começou delicado e foi se tornando mais urgente. Um sorriso safado despontou em seus lábios e de um modo sedutor, os lambeu. Quase gozei com a cena luxuriante que via diante de mim, estava morrendo de vontade de morder aquela boca gostosa. Christopher inclinou seu corpo sobre o meu, tomando um de meus seios com a boca enquanto o outro continuava a ser acariciado com uma de suas mãos.

Eu arfava e gemia sem controle, as sensações eram boas demais. Christopher lambeu o vão dos meus seios e subiu a mão que ainda estava sobre minha coxa, substituindo sua boca que agora sugava e lambia meu outro seio, ao mesmo tempo que o segurava com a outra mão.

- Tem um gosto tão bom. Eu poderia passar o dia inteiro sentindo seu sabor - murmurou enquanto sua língua rodeava e mordida meus mamilos túrgidos.

Meu corpo arqueava na cama. O calor subindo, aquecendo todo o meu corpo e concentrando-se em um só lugar. Só pedia que ele não parasse. Segurei com força seu cabelo, gemendo alto quando senti-me perdida com seu toque e sua boca, e gozei, sem ao menos tê-lo dentro de mim. Senti os espasmos percorrendo meu corpo como uma corrente elétrica. Era o paraíso.

Desmontei na cama com a respiração ofegante, Christopher encarava-me com um sorriso lânguido. Aproximou-se e mordeu o lóbulo da minha orelha.

- Esse é só o primeiro de muitos orgasmos que lhe darei hoje, minha doce Annabelle - sussurrou de modo sedutor, fazendo-me derreter só com o som rouco da sua voz carregada de desejo.

Meu coração que já estava batendo descompassado, acelerou ainda mais quando seus lábios tomaram os meus. Dando-me a certeza, que este seria um dia inesquecível.

Capítulo 3 - Dia Perfeito

Christopher

Bell ressonava tranquilamente em meus braços após nos amarmos por horas. Observei seu rosto sereno e o acariciei.

Há quanto tempo não ficávamos assim? Somente curtindo um ao outro? Perdidos no prazer?

Eu fui um imbecil no dia anterior discutindo com ela, mas eu estava tão estressado com a infinidade de obrigações que tinha que nem percebi que havia sido frio e até um pouco grosso.

Sabia que a presidência seria um trabalho integral e que cobraria muito do meu tempo. Só que as coisas fugiram do meu controle. Ainda mais com o planejamento da construção da ONG que queria criar. Eram relatórios, contratos, obras para supervisionar, projetos para desenvolver e aprovar. Resumindo, havia perdido completamente a noção do tempo.

O choque de realidade veio há algumas semanas e da pior forma possível.

Havia esquecido o aniversário de Annabelle.

Ela não percebeu, é claro. Bell nunca comemorou seu aniversário, e pelo jeito continuava assim, já que nem seus amigos notaram. Eu, no entanto, fiquei péssimo. Percebi naquele instante a seriedade da situação e o que estava perdendo com o excesso de trabalho. Precisava aprender a delegar e ter tempo para minha vida. Para isso, tomei a decisão de reorganizar minha agenda pessoal e também a empresa.

Quando fui contar para Annabelle dos meus planos, percebi que não era o único que estava cheio de trabalho e compromissos. Tanto

que, não consegui conversar com ela sem que algo nos atrapalhasse. Estávamos tão focados nas nossas obrigações que acabamos de alguma forma esquecendo um do outro.

Não demoraria e seríamos dois estranhos. E essa, era uma perspectiva que não estava disposto a aceitar.

Foi quando decidi colocar meu plano em ação. Enquanto Annabelle terminava de supervisionar a construção de nossa casa, eu me focaria na gestão da empresa. Assim que tivesse tudo organizado tiraria alguns dias de folga e finalmente teríamos um tempo só para nós.

E, apesar da discussão do dia anterior, tudo estava acontecendo como planejei. Para ficar ainda mais perfeito, só faltava Annabelle dizer "*sim*" ao meu pedido. Já tinha tudo esquematizado na minha mente, só precisava controlar meu nervosismo.

E se ela dissesse não? Se não gostasse do pedido? Se achasse ridículo comparado com o de James?

Sacudi a cabeça negando-me a pensar nisso. Eu não era James e Annabelle sabia disso. Faria o pedido com a nossa cara. Além do que, não adiantou nada um pedido na Toscana, se ela ficou comigo.

Mas foi ele quem terminou o noivado. A voz chata do meu consciente voltou para atormentar-me.

Não! Não vou estragar esse momento pensando nisso. Já estou tenso o bastante, sabendo que eles vão reencontrar-se no casamento de Adam. Não preciso castigar-me ainda mais.

Mantenha a mente em seu pedido e em Annabelle, Christopher.

Respirei fundo. Acalmando-me aos poucos e tentando espantar tais lembranças. Sentei na cama e retirei do criado-mudo meu antigo livro de poemas, o qual, havia deixado ali no dia anterior. Abri na

página que já estava marcada. Sorri mais relaxado, lendo mais uma vez os versos que havia escolhido. Esperava que Annabelle também gostasse, especialmente do fim.

- O que está fazendo? - ouvi a voz suave de Bell perguntar.

Putá merda! Por que fui pegar esse livro agora? Não era para ser assim! Pensa, Christopher! Pensa!

- Tudo bem? Você parece pálido - comentou sentando na cama e observando-me com atenção.

- Er... eu.. eu esqueci o livro aqui e... e estava dando uma olhada.

Porra! Por que estava gaguejando? Bell arqueou a sobrancelha com desconfiança. Decidi mudar de assunto.

- Está com fome? - perguntei colocando o livro sobre o criado. Seus olhos seguiram meu movimento.

- Não, comi muito bem no café da manhã. Estou mais interessada em saber o que olhava com tanto interesse no livro de poemas.

Não adiantava tentar enrolar essa mulher, era curiosa e esperta demais.

É, pelo jeito o jantar a luz de velas vai ter que esperar.

- Estava lendo um poema que marquei ontem - confessei calmamente. Seus olhos iluminaram-se. Bell amava ler tudo o que eu marcava no livro.

- Posso ver qual? - sorri e peguei o livro passando para ela.

- Leia em voz alta - pedi antes de soltar o livro, Bell assentiu sorrindo.

Bom, agora eu teria que improvisar.

Annabelle

Peguei o livro em minhas mãos. Eu adorava ler os poemas preferidos de Christopher, sentia-me ainda mais próxima dele e dos seus sentimentos. Abri na página que estava marcada e deparei-me com um soneto de Shakespeare. O texto falava sobre dois amantes que tinham que lidar com a saudade e a distância. Era lindo, já havia lido muitas vezes, mas agora era diferente, principalmente porque Christopher havia marcado partes específicas do soneto.

Com um sorriso enorme no rosto comecei a ler em voz alta, sem tirar meus olhos das belas palavras escritas por Shakespeare.

*Quando penso em você me sinto flutuar,
me sinto alcançar as nuvens,
tocar as estrelas, morar no céu...
A delicadeza de tuas palavras
contrasta com a imensidão do teu sentimento.
Meu ciúme se abrandava com tuas juras
e promessas de amor eterno.
E nesse momento,
quando penso em você,
quando tudo está machucando o meu coração
e acho que não tenho mais forças para continuar;
eis que surge tua doce presença,
com o esplendor de um anjo;
e me envolvendo como uma suave brisa aconchegante...
Tudo isso acontece porque amo e penso em você...*

Foi impossível controlar as lágrimas que se formaram nos meus olhos. O soneto era magnífico, mas as partes marcadas por Christopher traziam um significado ainda maior. Principalmente o final, escrito com suas próprias palavras.

*E quero continuar amando e pensando, agora e sempre.
Quer se casar comi...*

Em choque, parei de ler. Um anel preso por uma fita branca deslizou pela página do livro. Meu coração batia acelerado. Sentia meus lábios tremendo enquanto abaixava o livro e encarava sem ação o homem que amava.

- Eu te amo, Annabelle - declarou sem tirar seus olhos dos meus. - Devo tudo o que sou e tenho, unicamente a pessoa que sem pensar, passou por cima de si, para socorrer aquele que tanto lhe fez sofrer - balancei a cabeça negando, incapaz de dizer ou fazer qualquer coisa.

- É a verdade, Bell. Você me salvou e não foi só uma vez. Você me salva todos os dias só por estar ao meu lado. Por me fazer feliz e não me deixar desistir do que realmente importa, do que tem valor de verdade na vida. Por tudo isso, Annabelle. Eu quero, mais do que isso, eu preciso de você na minha vida, para sempre - Christopher parou e segurou o anel na minha frente. Eu o olhava embevecida.

- Quer se casar comigo, anjo? - soluzei alto. Impossibilitada de segurar minhas lágrimas, simplesmente pulei nos seus braços assentindo. Christopher abraçou-me apertado. Encostei minha testa na sua.

- Sim... - sussurrei, quando finalmente consegui falar. - Sim! Sim! Sim! - dizia com a voz embargada, soluçando, sorrindo, rindo. Tudo ao mesmo tempo. - Eu te amo, Christopher. Amo. Amo. Amo - falei distribuindo beijos por todo seu rosto. Ele riu.

Christopher segurou-me com firmeza e afagou minha face. Enxugando com o polegar minhas lágrimas de pura felicidade.

- Pronta para se tornar oficialmente, a senhora Lewis? - perguntou sorridente, levantando o anel. Sorri emocionada e assenti. Ele segurou minha mão, deslizando a joia pelo meu dedo.

Analisei a linda aliança de noivado e meu sorriso cresceu ainda mais, se isso fosse possível. Era absolutamente perfeita, tinha o estilo antigo, cheia de detalhes nos aros e um belo brilhante no meio.

- Gostou? - ouvi sua voz perguntar com ansiedade.

- É o anel mais lindo que já vi - murmurei encantada, ele suspirou visivelmente aliviado. - Combina com o meu de compromisso - completei, mostrando as duas joias no meu dedo.

- Essa era a intenção - respondeu com um sorriso tímido e lindo. Sorri largamente.

Como eu amava esse homem.

Inclinei sobre ele e tomei seus lábios nos meus em um beijo quente e gostoso. Seus lábios foram para meu pescoço, descendo até meus seios. Ofeguei.

- Seu aroma é inebriante, meu anjo... Me deixa louco - sussurrou mordendo de leve o bico excitado do meu seio para, em seguida, o beijar e sugar.

Eu gemia e me contorcia nos meus braços. Agarrei seu cabelo e o fiz me encarar, antes que pudesse dizer qualquer coisa trouxe seu

rosto para o meu e tomei com voracidade seus lábios. Sua língua explorava cada centímetro da minha boca, o acompanhei e aumentei os movimentos do beijo praticamente me fundindo a ele. Sem nos separar, ele deitou sobre meu corpo, me penetrando com extremo cuidado.

- Mais forte, Chris - choraminguei impelindo meu quadril contra sua ereção.

- Preciso disso devagar, anjo - disse me encarando com adoração. - Quero fazer amor com a minha mulher.

Como dizer não a um pedido desses?

Levantei a mão e alisei seu rosto, tirando alguns fios de cabelo que pendiam sobre sua testa. Minha mão foi para sua nuca e com calma o puxei para meus lábios.

- Faça amor comigo, Chris. Mostre o quanto me ama - sussurrei entre nossos lábios sem nos separar.

- É tudo o que mais desejo, Annabelle - retrucou passando seus lábios pelo meu rosto, meus olhos, meu nariz, penetrando-me com uma lentidão excruciante.

Christopher nunca havia sido tão delicado como agora. Parecia querer fazer esse momento durar para sempre. Seus dedos afagaram minha mandíbula e meu pescoço ao mesmo tempo que trocávamos beijos doces.

Eu sentia a urgência de pedir que fosse mais rápido, mais forte, mas segurei-me, tínhamos tempo para isso. Christopher era meu e essa certeza fez meu coração bater ainda mais rápido e deixar toda essa emoção transparecer em cada beijo e carícia. Sentia o mesmo dos gestos dele. O modo como olhava-me e tocava-me. Como seus beijos doces evidenciavam o quanto me amava. Aliás, todo seu

corpo fazia isso. Era como se ele fosse atraído ao meu a todo instante, como imãs. Ficamos nessa dança sensual e lenta até que senti todo o meu corpo sair de mim e flutuar alto, cada vez mais alto. Cheguei ao ápice e caí, completamente sem fôlego, nos braços do meu homem, meu amor, meu Christopher.

Com delicadeza ele saiu de cima de mim, deitando-se ao meu lado na cama, ambos ofegantes. Tentava lembrar como respirava. Meu peito subia e descia rapidamente. Estava molhada de suor e com um sorriso ridículo nos lábios.

Quando nossas respirações já estavam normalizadas, o senti movimentando-se na cama. Virei e encontrei seus olhos azuis com um brilho indescritível. Chris aproximou-se e deu-me um simples selinho.

- O que acha de um banho? - questionou fitando-me com amor, afagando meu rosto.

- Não poderia pensar em nada melhor - sorriu largamente.

- Vou encher a banheira e volto para te buscar - disse piscando o olho e beijando-me mais uma vez.

Levantou-se rapidamente, colocando um robe preto sobre o corpo deliciosamente nu e foi até o banheiro fechando a porta. Pensei em ir com ele, mas ainda sentia meu corpo entorpecido e mole. Encarei meu anel com um sorriso enorme.

Será que algum dia eu iria parar de sorrir?

Podia apostar que não. Christopher havia feito o pedido mais perfeito do mundo, e tão *nosso*. Abracei seu travesseiro com força e suspirei feliz, muito feliz.

Christopher

Deixei Bell no quarto e fui para nossa suíte ainda exultante pelo momento delicioso que tínhamos acabado de dividir juntos. Com um sorriso ridículo no rosto tranquei a porta e comecei a preparar tudo. Não podia descrever a alegria que sentia.

Ela disse sim! Annabelle seria minha mulher!

Minha vontade era sair gritando, pulando, mas tinha uma ideia muito melhor para nossa comemoração e sabia que Annabelle adoraria.

Peguei um pote com pétalas de rosas e joguei por todos os lados e na banheira que já estava enchendo. Acendi as velas e distribuí pelo banheiro. Terminei de arrumar tudo e voltei para o quarto. Bell estava dormindo de novo. Tinha percebido que havia dormido muito mal na noite anterior.

Seu rosto tinha um sorriso enorme que me deixou em êxtase. Annabelle estava feliz. Sorri satisfeito e saí do quarto. Fui até a cozinha e peguei a bandeja de morangos com chocolate que havia comprado para a sobremesa do jantar em que iria pedir sua mão.

Sacudi a cabeça. Tudo acabou saindo muito melhor que o planejado.

Subi correndo as escadas. Peguei o vinho que estava no criado mudo com as duas taças e levei para o banheiro juntamente com os morangos. Arrumei tudo na borda da banheira e voltei para despertar minha garota. Aproximei do seu corpo e passei a distribuir beijos nas suas costas nuas. Ela remexeu-se apertando o travesseiro que abraçava.

- Hum... Isso sim é um bom jeito de acordar - murmurou sonolenta virando-se, deitei sobre ela e a beijei. - Dormi muito? - perguntou manhosa.

- Não, deu tempo de preparar nosso banho - respondi com um sorriso maroto.

- Eu amo tomar banho com você, sabia? - disse enlaçando seus braços no meu pescoço.

- Quero ver o que vai achar *desse* banho - Bell franziu o cenho. Levantei da cama com ela nua no meu colo.

- O que está aprontando, senhor Lewis? - questionou sedutoramente beijando abaixo da minha orelha e provocando ondas elétricas pelo meu corpo. Respirei fundo antes que a atacasse. Parei de andar e encarei-a antes de entrar no banheiro.

- Pronta? - ela assentiu sorrindo. Empurrei a porta com meu pé e meus olhos ficaram presos no seu rosto. Bell abriu a boca em choque e ofegou.

- Christopher, isso é... Eu nem tenho palavras - virou o rosto e me encarou. -Você é uma caixinha de surpresas - sussurrou encostando sua boca na minha. - Eu te amo.

- Eu também te amo - declarei sem parar de sorrir como um bobo.

Bell desceu do meu colo e entrou na água. Tirei o roupão enquanto Annabelle comia-me com os olhos.

- Gosta do que vê? - ela riu e deitou-se na outra ponta da banheira sem parar de me olhar.

- Minha vista favorita - gargalhei alto com sua resposta. Entrei na água ficando de frente para ela. Annabelle mordeu os lábios e provocou-me movendo seu pé entre minhas pernas. Segurei-o embaixo d'água.

- Controle-se safada - falei a olhando com ardor enquanto massageava seu pé. Levei-o até minha boca e dei uma mordida, Bell

se contorceu e gemeu.

Inclinei-me sobre o seu corpo até que nossos lábios se encontrassem em um beijo cheio de luxúria e desejo. Sentei no meio da banheira e trouxe Bell para o meu colo, penetrando seu corpo, a fazendo minha mais uma vez. Annabelle soltou um gemido alto e começou a rebolar sobre mim deixando-me cada vez mais louco e ávido por ela. Minha futura esposa. Tomei-a com força, querendo fundir meu corpo com o dela.

- Vem, gostosa. Goza para mim, senhora Lewis - vi um sorriso enorme aparecer em seu rosto. Ela apoiou as mãos nos meus ombros e aumentou a velocidade com que subia e descia no meu membro.

- Estou indo, senhor Lewis - rosnei e puxei seu seio para minha boca. Tomando, sugando e chupando sua pele deliciosa. Em pouco tempo, ela soltou um grito alto de puro prazer. Continuei estocando enquanto ela rebojava e logo alcancei meu ápice. Bell caiu suavemente sobre o meu corpo. Nossas respirações entrecortadas, porém, ambos com um sorriso estúpido no rosto.

Annabelle

Suspirei satisfeita enquanto bebericava o vinho que Chris havia servido depois que comemos todos os deliciosos morangos com chocolate. O sorriso nos meus lábios parecia cravado no rosto. Coloquei a taça na borda da banheira e comecei a brincar com pétalas de rosa que flutuavam por toda a banheira. Christopher depositou um beijo na minha têmpora apertando-me em seus braços.

- Eu não consigo parar de sorrir - confessou sem tirar os lábios da minha pele. Virei o rosto, encarando-o. Ele tinha um sorriso glorioso e aquele brilho lindo nos olhos.

- Eu também - respondi igualmente sorridente. Chris afagou meu rosto com carinho, seus olhos me fitavam com amor e adoração. Não resisti e me estiquei o beijando levemente, Christopher gemeu e puxou meu rosto contra o seu, aprofundando o beijo. Virei-me sentando no seu colo sem desgrudar nossos lábios.

- Você acaba comigo, Annabelle... - murmurou debilmente. Ri descendo os beijos para seu pescoço. Ele pendeu a cabeça para trás dando-me acesso ilimitado ao seu corpo.

- Eu adoro acabar com o senhor - respondi chupando com um pouco mais de força sua pele quente. Ele grunhiu apertando suas mãos no meu quadril e esfregando-me no seu membro completamente duro e pronto para mim. Segurei-o firmemente debaixo d'água fazendo com que meu garotão soltasse um gemido rouco. Sorri maliciosamente pensando em tudo o que faria com ele nessa banheira. Agora seria a minha vez de enlouquecê-lo.

**

Depois do nosso banho delicioso, tomamos uma ducha em meio a brincadeiras e beijos. Saí do chuveiro rindo e fugindo das mãos bobas do meu noivo. Coloquei o roupão de banho rapidamente, mas antes que chegasse ao nosso quarto Christopher me agarrou por trás beijando meu pescoço. Meu corpo traidor amoleceu por completo. Sua mão desceu pela minha cintura.

- Chris, não... - sussurrei com a voz baixa, querendo, na verdade, que ele não parasse. Estava dividida entre minha fome por comida e minha fome por Christopher.

- Você não quer? - apertou meu seio sobre o roupão fazendo com que eu gemesse.

- É... é claro que quero... eu só... estou com fome - confessei com a voz entrecortada. Christopher ficou estático.

- Fome? - perguntou como se tentasse entender o que eu dizia.

- Você, não? - Chris passou seu nariz pelo meu pescoço e em seguida o mordeu levemente fazendo meu corpo arrepiar.

- Me deixa tão louco que até esqueço minhas necessidades básicas, anjo - ri com seu comentário. Virei e o encarei, ele tinha uma expressão sacana no rosto.

- O senhor acabou com minhas forças. Preciso me alimentar - reclamei contra o seu corpo deliciosamente nu, não resisti e beijei seu peito. Christopher soltou um gemido baixo. Passou seus dedos pelo meu cabelo, puxando minha cabeça para trás e me olhou.

- Você me provoca e depois a culpa é minha? - questionou indignado. Sorri faceira dando-lhe um beijo rápido nos lábios.

- A culpa é sua por ser um verdadeiro tesão - provoquei com um sorriso inocente. Seus olhos escureceram com puro desejo.

- Tesão? - Questionou arqueando a sobrancelha. Desceu sua mão pelo meu corpo, puxando meu quadril contra o seu e fazendo-me sentir sua ereção.

Oh, não! Acordei a fera.

- Estou com fome... - avisei quase sem fôlego. Ele abriu um sorriso sedutor e perigoso.

- Eu também, Annabelle. Na realidade, estou faminto, mas não por comida - engoli em seco sentindo suas mãos entrarem pelo roupão. Seus olhos nunca deixando os meus. Desisti de lutar contra

o desejo enorme que sentia pelo meu futuro marido e deixei me levar mais uma vez.

**

Fiquei jogada na cama com os olhos fechados e aquele sorriso idiota nos lábios. Senti Christopher beijando com leveza minha testa, meus olhos e por fim meus lábios.

- Vou buscar nosso jantar. Descanse - disse suavemente, só consegui assentir.

Ouvi seus passos pelo quarto e saindo pela porta. Suspirei profundamente. Minhas pernas pareciam gelatina e meu corpo inteiro parecia ter sido esmagado, mesmo assim era uma sensação gostosa, até mesmo prazerosa. Fiquei deitada ali sem me mexer, apenas curtindo o momento, sentindo nosso aroma nos lençóis, lembrando de todas as vezes que ele me tomou naquela cama e no banheiro. Tudo resultado de algumas semanas de abstinência.

- Bell... - ouvi uma voz ao longe me chamar. Abri os olhos lentamente e vi Christopher sentado ao meu lado na cama afagando meu cabelo. - Oi - cumprimentou com um sorriso. Sorri em resposta.

Espreguiceei sentando na cama e sem esperar puxei seu rosto para um beijo, mas ele se afastou. Encarei-o confusa.

- Não adianta vir com seus golpes, tem que comer - arregalei meus olhos.

- Meus golpes? Se bem me lembro foi o senhor que me atacou - acusei cruzando os braços. Um sorriso brincalhão espalhou-se pelo seu rosto.

- Prefere discutir, quem atacou quem ou comer? - perguntou indicando a bandeja no pé da cama. Passei a língua pelos lábios, estava morrendo de fome.

- Comer - respondi avidamente.

- Foi o que pensei - disse rindo.

Levantou e foi pegar a bandeja a colocando sobre o meu colo. Aquilo parecia delicioso. Tinha um medalhão de filé mignon, purê de batata, molho, salada e para acompanhar uma taça do que parecia vinho branco. Não pensei em mais nada e peguei o garfo atacando a comida. Parecia uma esfomeada.

- Gostoso? - olhei para Chris com a boca cheia. Só pude assentir. - Sinto muito ter deixado você ficar com fome - desculpou-se parecendo chateado consigo mesmo. Enxuguei minha boca no guardanapo.

- Eu também me deixei levar e não me arrependo de absolutamente nada. Você me proporcionou o dia mais perfeito da minha vida - ele sorriu levemente.

- Era tudo o que eu queria - disse afagando meu rosto com carinho.

- E conseguiu - garanti o beijando. - Além do mais, o senhor não fez nada sozinho - ele acabou sorrindo mais relaxado.

- Quem mandou ser um tesão, não é? - questionou com um sorriso safado no rosto.

- Christopher! - reclamei lhe dando um tapa no ombro.

Acabei corando um pouco. Às vezes não reconhecia a pessoa que eu era quando estava nos seus braços. Sem tirar o sorriso lindo do rosto, ele passou seu polegar pela minha bochecha me fazendo ficar ainda mais vermelha. Eu observava cada gesto seu e suas expressões como uma boba apaixonada. Porém, antes que esquecesse tudo ao meu redor e entregasse-me novamente a ele. Christopher afastou-se.

- Vou buscar meu prato para lhe fazer companhia - avisou beijando minha cabeça e saindo do quarto.

Em pouco tempo, ele voltou com sua própria bandeja, sentando-se ao meu lado. A cada garfada, eu gemia com satisfação. Estava bom demais. Quando finalmente terminei de comer, encostei na cama.

- Satisfeita? - ouvi Christopher perguntar, virei e o encarei.

- Sim, estava uma delicia - olhei para ele com curiosidade. - Você quem fez? - ele sorriu balançando a cabeça.

- Não, por mais que tenha melhorado na cozinha, ainda não sou capaz de algo assim. Eu comprei um jantar completo, era como planejava fazer o pedido - foi então que lembrei de como parecia perdido e confuso quando o peguei com o livro na mão.

- Sério? - perguntei, genuinamente curiosa.

- É, iria falar para você tomar banho e enquanto isso ia preparar tudo na varanda. Depois do jantar daria o livro para ler e então me ajoelharia e faria o pedido - explicou um pouco sem jeito. - Acabei tendo que improvisar.

- Sua ideia era linda, mas eu amei o pedido do modo como foi - Christopher me olhou admirado.

- Sério? - perguntou hesitante.

- Foi o pedido mais perfeito do mundo, Chris - declarei sinceramente. Ele sorriu visivelmente aliviado. Retirei a bandeja do meu colo. Christopher repetiu meu movimento e puxou-me para seu colo, posicionando-me entre suas pernas.

- Não vejo a hora de morarmos aqui - falou, passando seus braços pela minha cintura.

- Eu também. Na próxima semana já podíamos começar a mobiliar o resto da casa, o que acha? - ofereci percebendo como tudo finalmente estava se encaixando.

- Perfeito - concordou. - O que acha de passarmos a noite aqui?

- Vou adorar, Chris! - exclamei animada. - Aliás, que horas são? - tinha perdido a noção do tempo. Olhei para as janelas e apesar de estarem cobertas podia perceber que já era tarde. Chris pegou seu relógio no criado.

- Nove horas - arregalei meus olhos.

- Nossa! O tempo voou mesmo - disse aconchegando-me nos seus braços. - Temos tudo preparado para passar a noite?

- Sim, a cozinha está abastecida e trouxe algumas roupas.

- Espertinho você, hein - provoquei o beliscando. Christopher riu.

- Sou só um homem prevenido, amor - explicou próximo ao meu ouvido. Não consegui segurar o cansaço e acabei bocejando.

- Vamos dormir, Bell - disse e assenti, levantando para escovar os dentes.

Chris pegou as bandejas e levou para cozinha. Quando voltou, eu já estava deitada na cama, com dentes escovados e vestindo uma das camisolas que ele havia trazido. Ele piscou para mim e seguiu até o banheiro. Depois foi até o closet, saindo de lá com sua calça de moletom e camiseta. Deitou na cama, puxando minhas costas contra o seu peito. Suspirei feliz.

- Tem uma coisa que esquecemos de discutir - virei o rosto e encarei-o.

- O quê?

- A data - respondeu como se fosse óbvio. Franzi meu cenho confusa.

- Que data?

- Para nosso casamento - explicou calmamente. - Lembro que quando conversamos sobre isso você me disse que queria algo bem informal, somente um jantar com as pessoas mais próximas... - olhei para ele sem acreditar no que ouvia, antes que continuasse o cortei.

- Você lembra? - minha voz soou maravilhada. Ele sorriu daquele modo tímido que fazia com que meu coração perdesse uma batida.

- Eu lembro de tudo o que você me diz, Annabelle - suspirei e o beijei com delicadeza. Christopher afagou meu rosto. - Ainda quer assim? - assenti sorrindo.

- Sim, e adoraria casar no nosso quintal durante a primavera - Christopher fez uma careta de desagrado.

- Oito meses? - resmungou insatisfeito, ri.

- Você fala como se fossem oito anos, Christopher - ralhei o empurrando levemente.

- Parecem oito anos - reclamou fazendo um bico lindo. - Por mim nos casávamos semana que vem - ofereceu deixando a proposta no ar. Balancei a cabeça sorrindo.

- Eu quero que esse casamento seja inesquecível e para isso preciso desse tempo - Christopher suspirou diante meu pedido.

- Ok, nos casaremos dentro de oito meses, nem um dia a mais - decretou resolutamente. Aconcheguei-me em seu peito e beijei seu pescoço.

- Eu não adiaría nem um segundo - Christopher sorriu satisfeito e apertou-me em seus braços beijando minha testa. Fechei meus

olhos e adormeci em seus braços.

Capítulo 4 - Padrinho

Annabelle

Levantamos tarde e tomamos um café da manhã com cara de almoço. Um verdadeiro, *Brunch*, como diriam os ingleses. Depois passeamos pelo quintal conversando sobre como iríamos mobiliar cada ambiente da nossa casa e também sobre a contratação de empregados. Talvez, apenas uma pessoa que ficasse encarregada de tudo e um serviço de limpeza. Apesar da casa ser grande, éramos só nós dois por enquanto. Não havia necessidade de muitos funcionários.

Mais tarde, Chris ligou para Jasen nos buscar e fomos para a casa de nossos amigos. Durante todo o caminho acariciava o anel de noivado que Christopher havia me dado e não conseguia tirar o sorriso que tinha em meu rosto.

- Pelo visto você gostou mesmo - Christopher sussurrou. Virei-me e o encarei sorrindo largamente.

- Eu não consigo parar de olhar - confessei embevecida. Christopher afagou meu rosto também sorrindo. Ele parecia do mesmo modo. Ambos estávamos em um estado de êxtase.

- E eu não consigo parar de sorrir - repetiu o que havia dito no dia anterior beijando meus lábios. A princípio calmamente, mas logo sua língua invadia minha boca de forma ávida e voraz. Acabei gemendo entre nossos lábios. Afastei-me dele e olhei envergonhada para frente, onde Jasen dirigia o carro. Christopher beijou minha mandíbula e dei-lhe um tapa.

- Mais tarde, então - sussurrou no meu ouvido deixando-me arrepiada e afastando-se um pouco. Encostei em seu ombro e

ficamos de mãos dadas durante todo o caminho.

Não demorou e chegamos até a casa de nossos amigos. Tocamos a campainha do apartamento e esperamos. Samuel abriu a porta, parecendo esgotado.

- E aí, papai? - Christopher o cumprimentou alegremente. Deixei um abraço e entreguei o presente que havíamos comprado para Alex. Um enorme cachorro de pelúcia.

- Que bom que vieram, aposto que Alex vai amar o presente - disse tentando animar-se enquanto nos levava para dentro e carregava o bicho em seus braços. - Julianne está se arrumando, Alex acabou de dormir - completou indicando o sofá para que nos sentássemos. Colocou o cachorro sobre um móvel que estava cheio de sacolas e também se sentou.

- E pelo visto, você não dormiu nada a noite passada - comentei e Samuel suspirou pesadamente.

- Eu simplesmente não consegui relaxar no hospital e assim que chegamos em casa, Alex não parou de chorar. Entramos em desespero e voltamos para o hospital. No fim, eram cólicas. O médico disse que é normal, ele aproveitou e nos ensinou a fazer as massagens necessárias para ele se sentir melhor. Com tudo isso, acabei sem dormir.

- Como diz o ditado, ser pai é padecer no paraíso - Christopher disse e demos risada.

- Estou vendo isso em primeira mão - Samuel murmurou, bocejando.

- Talvez o melhor fosse adiar essa reunião e deixar vocês descansarem - opinei, mas Samuel negou.

- De modo algum, dar uma relaxada com os amigos é tudo o que preciso agora.

- Pode apostar que o Adam vai ajudar nisso - Christopher completou e Samuel riu.

- Ainda mais agora que ele está louco da vida porque perdeu a aposta - Sam apoiou a mão no joelho e encarou Christopher. - Afinal, o que tanto apostaram? - indagou intrigado.

- Você também não sabe? - perguntei percebendo que Christopher e Adam realmente mantiveram o segredo de todos, inclusive Samuel.

- Não, os dois me excluíram dessa - Christopher sorriu.

- Assim que Julianne puder sair, vocês saberão.

- Quero só ver o que o Adam vai ter fazer - Samuel caçoou. Nessa hora a campainha tocou. - Falando nele - disse, levantando e indo até a porta.

- Que cara de defunto, Samuel - Adam comentou gargalhando.

- Adam! - ouvimos Karen ralhando com ele. - Cadê meu sobrinho lindo? - perguntou entrando na sala com um urso branco enorme nos braços e sorrindo para nós.

- Oi, pessoal - cumprimentou com um beijo.

- Ele está dormindo e a Julie tomando banho - Samuel explicou aproximando-se com Adam.

- Que pena, queria tanto ver ele - lamentou Karen, sentando ao meu lado e colocando o urso no chão.

- E aí, Adam? Trouxe o enxoval verde? - Christopher provocou e Adam estreitou os olhos.

- Engraçadinho, estou achando que você trapaceou nessa aposta - alegou com o pacote na mão.

- Como ele iria trapacear, Adam? - Karen perguntou rindo.
- Sei lá, talvez Julianne tenha feito a ultrassom escondido e dito o resultado só para o Christopher - Samuel revirou os olhos assim como Karen. Eu achei graça da sua suspeita.
- Adam, sem comentários sobre o que disse - Samuel falou, balançando a cabeça.
- Sei não, para mim a magrela está envolvida nisso - argumentou desconfiado.
- Envolvida em quê? Posso saber? - Julie apareceu questionando Adam.
- Nisso aqui - Adam respondeu estendendo o enxoval verde, Julianne pegou o pacote confusa.
- E como *eu* estou envolvida nisso?
- Oras, tenho certeza que já sabia que o bebê era menino e avisou o Christopher - Adam continuou com sua história. Julie encarou-o e riu colocando o pacote sobre a mesa de centro e sentando no colo de Samuel.
- Deixa de ser idiota, Adam. Vocês fizeram essa aposta quando eu tinha acabado de descobrir que estava grávida. Como poderia ter combinado isso com o Christopher? - indagou com a sobrancelha arqueada. Adam pareceu perdido com a explicação de Julianne. *Será que não tinha pensado nisso?*
- Bom, é... Hum... - gaguejou tentando achar uma resposta.
- Adam, não adianta. Você perdeu a aposta e vai ter que pagar, trato é trato - Christopher determinou e Adam bufou, sentando-se.
- Ninguém mandou você apostar - Karen o censurou.
- Até você, baby? - reclamou fazendo um bico.

- Deixa de ser mimado e faça o que combinou - Karen repreendeu.

- Ok, afinal sou um homem de palavra - Adam finalmente parou de reclamar e voltamos a atenção a nova mamãe do grupo. Julie nos contava em como ficava tensa com cada murmúrio ou gemido de Alex. Após o relatório do primeiro dia do Alex, Julie disse:

- Queremos aproveitar que vocês estão aqui e fazer um pedido - começou falando e trocou um olhar cúmplice com Samuel. *O que seria?*

- Gostaríamos que Christopher e Karen fossem os padrinhos do Alex - Samuel completou. Christopher parecia em choque, Karen levantou animada e foi abraçar o irmão e a cunhada.

- Obrigada! Amei o convite - agradeceu Karen, então todos os olhares se voltaram para Christopher.

- E você, Christopher. Aceita? - Julie perguntou, ele sorriu largamente.

- É claro que aceito - concordou e assim como Karen, abraçou Julianne e Samuel. - Estou honrado por pensarem em mim - falou emocionado, voltou a sentar ao meu lado e segurou minha mão. Sorri. *Não poderiam ter escolhido padrinhos melhores.*

- Queríamos manter nossa turma sempre ligada de alguma forma - Samuel explicou.

- A ideia de vocês foi sensacional - elogiou Karen com um sorriso.

- Além disso, significa que eu e Julianne seremos os padrinhos do seu primeiro filho - Adam disse vitorioso olhando para Christopher.

- Ou eu posso simplesmente ignorar isso e convidar a Julianne e o Samuel - Christopher respondeu altivo, fazendo com que Adam fechasse a cara.

- Pois saiba que seu filho vai perder um ótimo padrinho.

- Minha filha, você quer dizer - Christopher o corrigiu.

- Filha nada, vai ser um garoto. Quer apostar? - desafiou Adam.

- Ah, não, Adam! - Karen o interrompeu. - Sem mais apostas - ele bufou e cruzou os braços. - Pelo menos até você pagar a que fez - rimos com a cara aborrecida que Adam fez. Parecia uma criança que tinha acabado de levar uma bronca.

Christopher olhou-me e sorriu. Sabia muito bem o que ele estava planejando fazer. Talvez esse fosse o momento ideal para contar as novidades para nossos amigos.

- Bom, queríamos aproveitar que estamos fazendo anúncios... - começou dizendo e encarando o pessoal.

- Vai sair do armário? - Adam o interrompeu, gargalhando alto. Pelo jeito o seu bom humor já tinha voltado.

- Que eu saiba não serei *eu* a sair do armário - Christopher respondeu com um sorriso enigmático que fez Adam calar a boca. Podia garantir que tinha a ver com a aposta, mas ninguém percebeu, estavam mais interessados no que Christopher diria.

- Que anúncio é esse? - questionou Karen ansiosa.

- Vamos nos casar! - exclamei sorrindo. As duas gritaram fazendo com que Adam e Samuel tampassem os ouvidos.

- Isso é o máximo! - Julianne exclamou, sorri. - Já sabe que eu que farei seu vestido, não é? - disse me intimidando.

- Claro, Julie.

- E já escolheu a decoração e cores que vai usar? - Karen perguntou animada.

- Calma, gente, ainda temos tempo - respondi vendo a animação das minhas amigas.

- Tempo? Precisa ver isso logo, tem um monte de coisas para fazer - Karen advertiu. - Vou te ajudar em tudo, não se preocupe.

- *Nós* iremos lhe ajudar - Julie interveio.

- Acho melhor deixarmos as meninas conversando e irmos falar sobre assuntos mais importantes - Adam interrompeu com um sorriso, Karen o encarou.

- E posso saber que assunto é esse?

- Coisas de homem, baby - respondeu levantando-se e dando um beijo nela.

- Espero sinceramente que não seja sobre *strippers* na sua despedida de solteiro, Adam. Já sabe muito bem o que vai acontecer se eu descobrir alguma coisa.

- Não precisa se preocupar com isso, Karen. Samuel e eu, já tomamos conta de tudo - Christopher garantiu.

- Acho bom mesmo.

- Já que vão sair, tragam algo para o jantar - Julianne pediu antes dos meninos deixarem o apartamento. Eles assentiram e se despediram. Assim que a porta fechou, ouvimos o choro de Alex.

- Um minuto, meninas - Julie pediu e sumiu pelo corredor.

- Precisa de ajuda? - Karen perguntou alto para que Julianne ouvisse.

- Não, só vou trocar a fralda dele e já volto. Não conversem nada de importante.

- Tipo o quê? - perguntei.

- Falem sobre aquele seu cachorro sem graça - sorri. Pelo jeito, Julianne ainda não havia esquecido quando Chance pulou em cima dela.

- Aliás, onde vocês deixaram ele? - Karen questionou interessada.

- Em um hotel de confiança, sabemos que Julie não é muito fã do Chance - Karen riu.

- Não sei como ela pode não gostar dele, aquele cachorro é a coisa mais fofa do mundo.

- Não tenho culpa se aquele animal é um monstro - Julianne apareceu com Alex encolhido em seus braços e todas as atenções foram para o bebê em seu colo.

- Oh! Posso pegar? - Karen perguntou já estendendo os braços na direção dele.

- Claro, só tenha cuidado com a cabeça, seu corpo ainda não está muito firme - Julie passou o filho para Karen, que passou a niná-lo, levantei-me e o observei com seus grandes olhos abertos. Passei delicadamente meu indicador pela sua pequena mão, ele nos fitava com curiosidade.

- Ele parece ser bem tranquilo.

- E é mesmo, apesar do susto que tivemos mais cedo.

- Samuel nos contou - voltamos a sentar e Karen continuou ninando Alex.

- O que aconteceu? - perguntou sem desviar os olhos dele.

- Ele não parava de chorar, mas felizmente eram só cólicas - Julianne explicou calmamente.

- E sua família, Julie. Já soube? - perguntei observando Alex bocejando, ele era uma graça.

- Sim, avisei hoje de manhã, meus pais conseguiram um voo e devem chegar amanhã à tarde, os pais de Samuel só poderão vir semana que vem.

- Nossos pais estão viajando pela Europa e iam voltar justamente na semana planejada para ser o parto - explicou Karen.

- Mas o Alex não quis esperar, não é filho? - Julie completou sorrindo para o bebê que estava quase dormindo nos braços de Karen.

- Ah! Lembrei de algo que precisava falar com vocês.

- O quê, Karen?

- Minha despedida de solteira, já que agora tenho quase certeza que o Adam não vai aprontar, podemos pensar em algo.

- Eu estava pensando em reunirmos todas as mulheres e fazermos algumas brincadeiras e depois seguirmos para um barzinho só nós três. O que acham? - Julianne opinou.

- Hum... Eu gostei, podíamos fazer essa reunião no nosso apartamento novo - Karen disse com um sorriso. O pai dela havia dado, como presente de casamento, um novo apartamento totalmente mobiliado, bem maior que seu antigo.

- Acho uma ótima ideia - concordei animada.

- E o seu casamento, Anna? Quando começamos a planejar?

- Podemos planejar depois do casamento da Karen.

- E para quando estão pensando?

- Daqui oito meses - Julie arregalou os olhos.

- E você está nessa calma, tem que começar já.

- Eu também acho - Karen concordou.

- Vai ser algo simples, só para os amigos. Confie em mim, vai dar tempo. Vamos curtir o nascimento do Alex, depois o casamento

da Karen e então, podemos pensar no meu - antes que Julie dissesse mais alguma coisa, Karen me salvou.

- E você, Julianne? Quando vai casar com meu irmão?

- Sam e eu estamos bem desse jeito. Eu amo festas e todas essas coisas, mas realmente nunca pensei em casar, quem sabe um dia - Julianne disse movendo os ombros despretensiosamente.

- O Sam já pediu?

- Já falamos sobre isso e decidimos continuar assim, de comum acordo. Mas voltando a você, Annabelle. Como foi o pedido? - perguntou curiosa. Sorri largamente e comecei a contar. Elas riram pela minha animação e suspiraram quando contei o que ele havia feito.

- Foi perfeito - disse apaixonada assim que acabei de falar.

- Você chegou a comparar? - encarei Karen confusa.

- Comparar?

- É, afinal essa já é a segunda vez que foi pedida em casamento - esclareceu serenamente ainda embalando Alex. Até aquele momento eu nem tinha pensado nisso.

- Sinceramente, não - respondi na hora.

- Mesmo? - Julianne insistiu.

- Sim, eu não pensei em qualquer outra coisa a não ser em Christopher, só agora que comentou que me lembrei disso.

- Então, já dá para comparar - balancei a cabeça rindo.

- Não tem o que comparar, Julie, quer dizer, o pedido de James foi lindo, mas a única razão pela qual eu aceitei foi pensando em esquecer o Christopher. Eu sequer disse que o amava, foi tão automático que eu não senti nada. Já com Christopher, parecia que o mundo inteiro tinha parado e só existia ele ali. Nunca me senti tão

feliz e completa em toda minha vida - elas sorriram compartilhando minha felicidade.

- Isso é inegável, você não para de sorrir - Karen comentou.

- Depois de tudo o que passei com ele, seria impossível.

- Falando nisso, como acha que vai ser o reencontro do James com Christopher no casamento? - encarei Julianne sem realmente saber o que responder.

- Não sei, eu acredito que depois de tudo o que passamos juntos, Christopher não vai fazer nenhuma cena ou ter uma crise de ciúmes. Ele parece bem tranquilo em relação a isso.

- Ainda mais agora que vão se casar - Karen tinha toda razão.

Mesmo que um dia eu tenha aceitado o pedido de James, sempre foi com Christopher que eu sonhei ficar. Tinha certeza que agora ele sabia disso e não teria motivo algum para ficar com ciúmes de James.

- E sobre o excesso de trabalho, conversou com ele? - assenti e contei a elas o que havia acontecido.

- Nada como ter uma conversa sincera para acertar os pontos - completou Karen.

- Verdade, nenhum relacionamento funciona sem comunicação e era exatamente isso que estava faltando no nosso nessas últimas semanas - elas concordaram e continuamos nossa animada conversa sobre nossos namorados e noivos. Depois começamos a falar sobre os detalhes do casamento de Karen e aproveitamos também para marcar uma data para a prova final dos vestidos.

Durante nosso papo, Alex acabou dormindo nos braços de Karen que o encarava com encanto. Pelo jeito ela seria a próxima

mamãe da turma. Após Julianne colocar o pequeno no berço emendamos em um papo sobre nosso tempo na faculdade.

Passava das cinco da tarde quando os rapazes voltaram com a comida. Colocamos a mesa e curtimos o resto da tarde e início da noite em meio a brincadeiras e risadas. Quando terminamos de comer, ajudamos a arrumar a cozinha e em seguida nos despedimos e fomos embora.

Durante todo o caminho até nosso apartamento, Christopher não tirava suas mãos de mim. Eu tentava evitar, pois Jasen estava ali, mas Christopher insistia. Felizmente, logo chegamos no nosso apartamento. Tudo o que eu queria era terminar mais esse dia perfeito nos braços do meu futuro marido. Foi pensando nisso que fui carregada desde o elevador até nosso quarto. Não vi porta sendo aberta ou fechada, ou roupas sendo tiradas. Para mim, não havia mais nada, a não ser ele e eu.

Capítulo 5 - It's Raining Men

Annabelle

Uma semana passou desde que Christopher me pediu em casamento e Alex nasceu. Durante esse tempo, havíamos comprado toda a mobília de nossa casa e contratado uma decoradora para me ajudar a organizar tudo. Em apenas alguns dias terminaríamos e poderíamos nos mudar. Isso só foi possível graças ao novo horário que Christopher cumpria rigidamente. Era ótimo poder passar mais tempo com ele, e só de pensar que em poucos meses eu seria a senhora Lewis um sorriso gigantesco surgia em meu rosto.

- Posso saber o motivo por trás desse sorriso lindo? - Christopher perguntou em um sussurro, ao mesmo tempo que mordida o lóbulo da minha orelha. Ignorei o arrepio que passou pelo meu corpo e encarei-o.

- Eu estou olhando para ele - Chris sorriu, mas nada respondeu, só me beijou com paixão. Afastei-o com certa dificuldade. Eu ainda não me sentia confortável em fazer isso na presença de Jasen, mesmo que ele fosse discreto.

- Não vai mesmo me contar para onde vamos? - questionei sem esconder minha curiosidade. Estávamos indo encontrar o pessoal, em algum lugar que Christopher negava-se a dizer.

- Logo verá, anjo - respondeu e beijou minha mão.

- Me conta, vai - pedi fazendo manha, Christopher riu e suspirou.

- Ok, vamos ver o Adam pagar a aposta que fizemos.

- Sério? - exaltei sem esconder minha animação, ele assentiu. - E por que não queria me dizer?

- Porque deixar você curiosa é mais divertido - dei um tapa em sua coxa.

- Você é um chato - reclamei com humor.

- Um chato que você ama - retrucou com um sorriso maroto.

- É por isso que se aproveita da minha bondade - brinquei com ele, que riu.

- Eu amo me aproveitar de você, Annabelle. De todas as formas possíveis - murmurou no meu ouvido fazendo com que meu corpo quase se liquidificasse ali mesmo. Deu um beijo casto no meu pescoço e afastou-se sem soltar minha mão que ainda estava sobre sua perna. Christopher queria me enlouquecer aos poucos. Suspirei resignada. Encostei nele e esperei até que chegássemos no tal lugar.

O carro estacionou no meio fio da boate e olhei desconfiada para Christopher. Ele devolveu meu olhar com um sorriso sacana. Balancei a cabeça já imaginando muito bem o que Adam teria que fazer. Jasen abriu a porta e descemos.

Após nos identificarmos na portaria entramos na área VIP, Samuel e Julianne já estavam sentados esperando, assim como Karen que bebia tranquilamente uma bebida colorida com um guarda-chuva rosa.

- Boa noite - cumprimentamos nossos amigos e sentamos.

- Finalmente chegaram. O show já vai começar - Julie anunciou com um sorriso maldoso. Adam seria zoad o resto da vida por aquilo.

- E você acha que eu iria perder esse momento? - Christopher questionou arqueando as sobrancelhas.

- Definitivamente, não - Samuel respondeu rindo. Estavam todos se divertindo com aquilo, inclusive Karen.

- Espero que agora ele aprenda a não fazer mais essas apostas idiotas.

- Acho difícil - discordei e eles riram.

Adam, com certeza, iria querer a revanche. Ele já queria apostar se meu filho com Christopher seria menino ou menina.

- Pior que tenho que concordar com você - Karen retrucou em um suspiro.

- O importante é que assim nunca vai faltar diversão - Julianne concluiu.

Era ótimo fazer parte de uma turma que nunca ficaria chata. Sempre teríamos algo para rir juntos, mesmo que fosse de um de nós.

- E o Alex, Julie. Como está? - ela sorriu levemente. Samuel e Christopher pareciam entretidos em uma conversa qualquer.

- Muito bem, minha mãe ficou cuidando dele. É estranho sair sem ele, mas sabemos que essa distância é importante, para nós e para ele também.

Julianne queria fazer com que o filho fosse independente desde o início e por isso seguia um tipo de educação que para muitas poderia parecer frio e distante.

- Eu não conseguiria ficar longe do meu bebê, pelo menos até que fizesse dezoito anos - Karen admitiu e demos risada. As duas eram completamente diferentes nesse quesito. - E você, Anna?

- Não sei, acredito que um pouco de distância é importante, porém confesso que seria difícil lidar com isso.

- Se com o Chance você já é apegada, imagina com um filho. Vai ser mil vezes pior - Karen apontou com um sorriso.

- Nem sei como aguenta aquela coisa - Julianne desdenhou, acabei rindo com sua careta.

- Ele é tão fofo, Julie - argumentou Karen.

- Fofo? Aquele cachorro é um monstro. Não quero saber daquele bicho.

- Hey! - Christopher chamou sua atenção. - Cuidado com o que diz do meu filhote - alertou, defendendo Chance. Julianne revirou os olhos.

- É por isso que ele é terrível, você faz todas as vontades dele - revidou.

- Terrível nada, Chance tem a educação de um rei - Julianne revirou os olhos enquanto ríamos da superproteção de Christopher com nosso cão.

O volume da música que tocava diminuiu e o início do show foi anunciado. De onde estávamos, podíamos ver claramente quando uma figura vestida com uma roupa cheia de detalhes e brilhos se posicionou à frente do microfone. Christopher cochichou no meu ouvido dizendo que aquele era Andrew. Fiquei boquiaberta. Realmente era impossível reconhecê-lo vestido como mulher.

- Eu sou a garota do tempo e venho informar que temos uma previsão de chuva para hoje à noite. Uma chuva de homens! - a plateia gritava ensandecida enquanto as caixas de som reproduziam o som de uma tempestade. Isso era muito divertido.

As luzes se apagaram e logo acenderam novamente. Andrew estava no centro segurando o microfone e ao seu redor, podíamos ver cinco homens fortes, usando capas de chuva e máscaras cintilantes. O rapaz que estava na parte do fundo do palco parecia bem incomodado com a situação.

- Aquele no centro é o Adam - Christopher sussurrou no meu ouvido percebendo meu olhar. Não podia acreditar naquilo.

O fundo musical de *It's Raining Men* começou a tocar e conforme Andrew cantava, os rapazes a sua volta se moviam no ritmo da música, balançando o guarda-chuva brilhante que seguravam.

Arregalei meus olhos quando retiraram o sobretudo.

Por baixo da capa, eles vestiam somente um short curto azul brilhante. O som tomava conta das caixas de som e eles dançavam e reboavam, isto é, menos Adam, que estava completamente perdido, o que aumentava as gargalhadas da plateia e de nós também. Karen não se aguentava de tanto rir, Julianne e Samuel estavam até chorando. Aproximei-me de Christopher sem parar de rir.

- Podia ser você lá - provoqueei e ele gargalhou.

- Vou ficar devendo essa ao Alex para o resto da minha vida - ri e voltei minha atenção ao show.

Adam estava mais a vontade e até começou a fazer palhaçadas, gritávamos pedindo mais, sem dizer seu nome para não comprometê-lo. Mesmo com a plateia pedindo bis, o show acabou.

Após alguns minutos, Andrew apareceu com Carmen e sentou conosco. Parabenizamos ele pelo show. Havia sido incrível. Não demorou e Adam também apareceu, sendo ovacionado por nós. Karen levantou-se e foi abraçá-lo.

- Amei a performance - Christopher caçoou com um sorriso maldoso.

- Pois fique sabendo que da próxima vez vai ser você - Adam disse sério sentando-se.

- Eu não sou louco de apostar de novo com você.

- Deixa de ser covarde, Christopher - provocou o olhando incisivamente.

- Não sou covarde! Só não tenho razão alguma para voltar a apostar, especialmente com você - argumentou tomando tranquilamente sua bebida.

- Ok, mas não pense que isso acaba aqui - Adam respondeu com um sorriso de quem ia aprontar. - Vou pensar em algo para ter minha revanche - pronunciou satisfeito.

Christopher pareceu não se importar com a ameaça. Com o histórico que Adam tinha, quem se preocuparia?

**

Christopher

A terça-feira estava tranquila no escritório. Depois de comer um lanche rápido e terminar de revisar o projeto de cisternas para um condomínio residencial que a empresa estava construindo, passei a analisar os custos da implementação de um novo método de extração de petróleo, criado por nosso centro de pesquisa, e que reduziria o impacto ambiental de forma considerável nos poços da costa sul. Enquanto isso, esperava o relatório do setor financeiro sobre a ONG que planejava criar. Estava tão concentrado, que demorei a perceber meu celular vibrando sobre a mesa. Era Adam.

- Boa tarde, Christopher. Atrapalho?

- Não, ainda estou no meu horário de almoço. Aconteceu alguma coisa?

- Nada sério, estou aproveitando uma folga para fazer a lista para a minha despedida de solteiro, mas meus colegas de trabalho

estão me enlouquecendo com isso - queixou-se ao telefone. - Ficam dizendo que não é coisa de homem, e sim de moleque...

A porta do escritório abriu e minha secretária entrou, trazendo os papéis que esperava.

- Os relatórios que pedi do setor financeiro, senhor Lewis - peguei os documentos e afastei o bocal do telefone. Adam continuava a choramingar.

- Peça para o senhor Scott vir até minha sala daqui meia hora, por favor - Claire assentiu e saiu do escritório. Voltei minha atenção ao telefone.

- Adam, você quer dormir no sofá na sua lua de mel? - perguntei diretamente, cortando suas lamentações.

- Claro que não! Isso é outra coisa que está me deixando louco. Karen não tem o direito de fazer isso. Qual o problema de irmos em uma boate de *strippers*? Só por diversão.

- Quer que elas façam o mesmo? Pois eu não estou disposto a admitir isso - declarei resolutamente.

- Eu também não! Queria que houvesse um modo de, sei lá, fazer isso escondido. Sem que soubessem.

- Não daria certo, Adam - descartei a ideia no mesmo instante.

- Claro, você não sabe fechar sua boca, tudo tem que contar para Anna - reclamou aborrecido. Por pouco não mandei ele se foder.

- E você acha que elas não iam descobrir? Tem noção da dor de cabeça que teríamos? Seria ainda pior. Além disso, não estou disposto a brigar com Annabelle por causa de uma besteira dessas - ouvi seu suspiro. *Será que não entendia isso?* - Se quiser arriscar,

fique a vontade para ir com seus colegas de trabalho em uma boate de *strippers*. Eu estou fora.

- Não. Você tem razão - murmurou com desgosto. - Mulheres tem sensores para descobrir essas coisas. Não quero nem pensar em qual seria a vingança de Karen quando soubesse - bufou impaciente.
- Quer saber? Meus colegas que se fodam! Não vou ficar sem sexo na minha lua de mel para que eles possam ver uns peitos - balancei a cabeça rindo. Só Adam mesmo.

- Acho que isso encerra o assunto, certo?

- Sim, vamos com o planejado. Só mais uma coisa antes de desligar. Decidi fazer uma surpresa para Karen no casamento.

- Já tem algo em mente?

-Algumas ideias, mas vou precisar da ajuda dos meus padrinhos - estreitei meus olhos, desconfiado.

- O que está aprontando, Adam?

- Eu? Nada. É uma surpresa para Karen, acha que brincaria com isso? - nisso estava certo. Adam não seria nem louco de armar alguma coisa nesse dia.

- Ok, desde que o Samuel também participe, eu aceito.

- Beleza, vou ligar agora mesmo para ele. Andrew vai adorar a novidade.

- Andrew? O que ele tem a ver com isso? - perguntei preocupado.

- Relaxa, Christopher. Não vai ser tão ruim - desligou o telefone rindo.

O que Adam ia fazer? Ele não seria capaz de se vingar de mim no seu casamento, seria?

Não, Karen não ia permitir. *Porra!* Esse casamento não ia prestar. Se não bastasse ter a presença de James, Adam ainda vinha com mais essa. Ele teria que me explicar muito bem o que ia fazer, caso contrário, abdicaria de ser seu padrinho.

Mas e se ele chamasse James no meu lugar? Não podia permitir que entrasse com Annabelle na cerimônia, que ficasse tão perto dela.

Enterrei a cabeça em minhas mãos desnorteado. Como sempre, só a lembrança de sua presença deixava-me sem chão.

Talvez James nem aparecesse. Isso! Se ele tiver o mínimo de bom senso nem ia chegar perto nesse dia. Ao menos que planejasse uma reaproximação com Annabelle.

Não! Annabelle vai casar comigo. Ela disse sim.

Para ele também... a voz amarga da minha consciência soou com ar de deboche.

Levantei com brusquidão quase derrubando a cadeira ao chão. Minha mente trazendo a tona o que eu ainda lutava para esquecer.

Annabelle rindo para James. Abraçando. Beijando. Dizendo que o amava. Porra!

Apertei a quina da mesa com força e fechei os olhos.

As imagens dos dois iam sendo substituídas pelos momentos que passávamos juntos. Logo só sobravam nossas lembranças e mais nada. Aos poucos fui me acalmando. Precisava me controlar.

James era passado. James. Era. Passado.

Repetia sem parar o mesmo mantra.

- Christopher? - virei e encontrei Peter parado ao lado da porta.
- Tudo bem? - perguntou me observando atentamente.

- Sim. Por favor, entre - pedi indicando a cadeira à frente da minha mesa.

Falar de trabalho era a solução perfeita para não pensar em outras coisas. Voltei a sentar, peguei os relatórios e entreguei para Peter, que ainda me olhava desconfiado.

- Recebi a análise financeira da ONG. Preciso que monte um relatório completo para apresentar ao conselho na sexta-feira - expliquei o que precisava.

- E qual o prognóstico? - perguntou voltando sua atenção para as planilhas que tinha em mãos.

- Pelo que pude avaliar, o melhor possível. Essa união será favorável para ambas as partes.

Havia cogitado abrir a fundação com capital próprio, mas estudando o caso de forma aprofundada, percebi que seria mais apropriado vinculá-la a empresa. Só que antes, precisava da aprovação do conselho e dos acionistas minoritários. O que não seria difícil conseguir, já que na última reunião, a maioria dos presentes mostraram-se interessados na proposta.

- Agora só falta apresentar o projeto da sede. Já enviou suas especificações para os arquitetos?

- Não, quero que o projeto seja feito por Annabelle.

- Ela aceitou trabalhar aqui? - questionou surpreso.

- Ainda não, mas até finalizar toda a burocracia referente à ONG, o escritório de arquitetura que está montando já estará pronto. Irei aproveitar a reunião na sexta-feira e deixar todos a par da minha decisão.

- Acha que os acionistas podem intervir?

- Não quando explicar que em pouco tempo o escritório de Annabelle fará parte do nosso grupo empresarial e gerar um lucro considerável - expliquei tranquilamente. Peter arqueou a sobancelha.

- Annabelle concordou com isso? - remexi na cadeira.

- Ainda não falei com ela sobre o assunto - Peter riu.

- Boa sorte com isso - revirei os olhos.

- Não preciso de sorte. Annabelle vai entender que é o melhor, eventualmente - completei em um sussurro. Peter balançou a cabeça ainda achando graça.

- Se precisar, tem um quarto vago no meu apartamento - voltou a zombar. Estreitei meus olhos. *O que ele estava pensando ao dizer algo assim?*

- Está muito engraçado hoje, senhor Scott. Será que podemos voltar ao trabalho ou prefere procurar um novo emprego nos classificados? - meu tom seco e frio mostrou claramente que não estava para palhaçada. Peter pigarreou e parou de sorrir.

- Foi só uma brincadeira, Christopher - defendeu-se.

- Pois eu não estou para brincadeiras desse tipo - respondi taciturno. - Consegue terminar esses relatórios para sexta-feira? - questionei mudando de assunto.

- Claro, acredito que até quinta esteja tudo pronto.

- Ótimo. Vou precisar também dos números da aquisição daquele prédio em Nova Iorque. O departamento financeiro já terminou de processar os dados?

- Ainda não, mas o prazo é que finalizem até segunda-feira - respondeu calmamente.

- Assim que estiver pronto, por favor, me avise. A expansão da filial em Nova Iorque é imprescindível para podermos fechar novos contratos.

- Falando sobre Nova Iorque, chegou a analisar a proposta da Martha? - ergui minhas sobrancelhas. *Será que Peter finalmente tinha conseguido uma chance com a senhorita Green?* Isso seria ótimo para aliviar o ciúmes que Annabelle tinha dela. Bastou um telefonema, há dois dias, para que Bell a odiasse.

- Martha? De onde surgiu essa intimidade? - perguntei interessado.

- Oras, Christopher. Desde que ela assumiu a direção do departamento de importações estamos sempre em contato. Não vejo razão para tanta formalidade - explicou como se não fosse nada.

- Só peço discrição e juízo, Peter - exigi com paciência.

- Você fala como se tivéssemos algo - reclamou bufando. - Além disso, apesar de Emily ser complicada, ainda não desisti dela - com esse tive que rir. Os dois viviam um relacionamento vai e volta. Brigavam por nada e por tudo.

- Veja só, pelo jeito ainda tem o poder de rir - caçoou com um sorriso. - Achei que estava voltando a ser aquele ogro que conheci.

- Peter, por favor - reclamei encostando na cadeira.

- Falo sério, você estava muito estranho quando cheguei. Nem nos dias mais estressantes, o vi assim - desviei o olhar. Pensei em não responder, mas a verdade era que eu precisava desabafar.

- Faltam dois meses para o casamento de Adam - sussurrei. Não era preciso qualquer explicação. Peter sabia o que isso significava.

- Annabelle aceitou casar com você, Christopher. Não posso acreditar que ainda tenha dúvida em relação a isso - repreendeu indignado.

- Será que você não entende, Peter? - exclamei exasperado. Passei a mão pelo cabelo e levantei. - É ele! O cara perfeito. Aquele que nunca a fez sofrer.

- Você está exagerando. Anna te ama. Olha tudo o que vocês passaram. O que mais você quer de prova?

- Quero que ela se case comigo o mais rápido possível, mas ao invés disso, ela quer esperar oito meses! Oito!

- E o Adam, que teve que esperar quase um ano? É casamento, Christopher. Anna, por certo, quer algo o mais perfeito possível. Até parece que não conhece as mulheres.

- Não sei, talvez ela queira vê-lo antes. Ter certeza da decisão que tomou - balancei os ombros. Tentando disfarçar o arrepio que a ideia causou no meu corpo.

- Essa cisma com James já está afetando seu cérebro. Isso sim!

- Não é cisma, Peter! Como você quer que eu lide com essa situação?

- De modo racional e não enlouquecendo com um monte de hipóteses sem sentido.

- Não é sem sentido! Annabelle jogou na minha cara que James nunca a fez sofrer! Como posso competir com isso?

- Isso não é uma competição, droga! Quando vai entender que Annabelle é sua? Que te ama? Acorda, Christopher. Antes que seja tarde demais - avisou irritado. Pegou os papéis sobre a mesa e levantou.

- Você não entende - desdenhei. Peter respirou fundo e me encarou.

- Entendo mais do que imagina. Eu vi o que você sofreu, Christopher. Você é meu amigo. Não quero vê-lo daquele jeito de novo e tenho certeza que você também não. Pense nisso - disparou saindo do escritório.

Peter podia ter testemunhado meu sofrimento, mas isso não significava nada. Ele nunca seria capaz de entender. Ninguém seria.

Encostei meu corpo na mesa e deixei meu olhar vagar pela paisagem através das grandes janelas de vidro. Sentia minha mente fora de mim. Como se não tivesse controle sobre mais nada.

Inspirei o ar com calma.

Precisava sair daqui. Tinha que ir para casa. Para o conforto dos braços da minha mulher.

Capítulo 6 - Massagem

Christopher

Abri a porta do nosso apartamento e fui atacado por uma bola de pelos amarela.

- Calma aí, rapaz - ri enquanto Chance latia e pulava em mim. Todo agitado.

- Chris? - Bell chamou e logo surgiu vindo do corredor. Sorriu e veio correndo para os meus braços. - Adoro quando chega mais cedo - Chance continuava a nos rodear e pedir atenção.

Abracei-a com força. Isso era tudo o que precisava. Tudo ficava bem quando ela estava comigo. Seu corpo remexeu sob o meu e afastou-se. Olhando para mim com atenção.

- O que aconteceu? - perguntou preocupada, afagando meu rosto. Sacudi a cabeça observando Chance, que agora, brincava no chão com um osso.

- Nada demais, foi um dia estressante no trabalho. Discuti com Peter sobre um... projeto - conclui um pouco incerto. Annabelle pareceu desconfiada, mas mudou de assunto.

- O que acha de uma massagem para relaxar? - ofereceu distribuindo beijos no meu rosto. Suspirei aproveitando seu toque. Estava tão carente de seu afeto.

- Seria perfeito - seu sorriso cresceu.

- Ótimo! Tome um bom banho e encontro você no quarto - antes que se afastasse, apertei sua cintura contra o meu corpo.

- Quero você comigo - exigi, beijando o canto da sua boca e descendo pela sua mandíbula.

Annabelle não disse nada. Somente passou os braços pelo meu pescoço e jogou as pernas ao redor da minha cintura. Sem pensar em mais nada a arrastei para nosso quarto.

Era muito mais fácil lidar com minha insegurança quando eu tinha Annabelle nos meus braços. Seu cheiro. Seu toque. Sua voz. Com ela, eu esquecia completamente de tudo. Se pudesse, nunca a deixaria sair de perto. Sempre a teria o mais próximo possível. Ela era a única capaz de me dar paz. De acabar com os fantasmas que insistiam em permanecer em minha mente.

- Estou te devendo uma massagem - murmurou contra o meu peito, chamando minha atenção. Estávamos jogados na cama, após um longo e relaxante banho.

- Achei que aquela performance no banheiro fosse a massagem - brinquei. Annabelle riu e ergueu o rosto para me encarar.

- Aquilo, meu caro, era só a entrada - respondeu satisfeita.

- Hum... Então mal posso esperar pelo prato principal.

Puxei Annabelle pela cintura, beijando seu pescoço. Esperava começar o segundo tempo, quando Chance latiu do lado de fora e começou a arranhar a porta. Annabelle enrolou o lençol no corpo e saiu da cama.

- Onde vai? - perguntei intrigado.

- Dar comida para nosso filhote, antes que ele destrua a casa - disse abrindo a porta e saiu pelo corredor.

Da cama ainda podia ouvir Chance choramingando e Bell conversando com ele. Sorri satisfeito com aquele momento em família.

Pouco depois, Annabelle voltou ao quarto.

- Vire de costas - ordenou enquanto seguia até o banheiro.

- Sim, senhora - sorrindo, fiz o que havia pedido, ou melhor, ordenado.

Ouvi os passos dela novamente e senti a cama afundar. Annabelle arrastou-se sobre minhas costas. Olhei de esgueira para trás e a vi completamente nua.

- Assim vai ser bem complicado relaxar - apontei com humor. Bell riu e pressionou minha cabeça contra o travesseiro.

- Feche os olhos.

- Está muito mandona - resmunguei acatando mais uma vez sua ordem.

No instante seguinte senti seus seios contra minhas costas. *Putá merda!*

- Posso ser ainda pior - ameaçou se esfregando em mim. Gemi.

- Agora, fique quieto.

Tentei ignorar o fato de ter uma mulher linda e nua nas minhas costas e procurei relaxar. Ouvi ela esfregando as mãos e um aroma adocicado invadir o ambiente. Em seguida, senti suas mãos sobre minha pele. A sensação era deliciosa. Soltei um gemido de prazer.

- Seu pescoço está duro - Annabelle apontou com preocupação.

- Não é só ele - respondi me referindo a ereção que crescia sob meu corpo e começava a incomodar.

- Christopher! Estou falando sério.

- Eu também. Ou acha que é fácil ter uma mulher gostosa e completamente nua nas minhas costas - ela riu. Sem parar de massagear meu ombro e pescoço.

- Conta para mim o que aconteceu hoje - pediu com calma. Sabia que uma hora ela voltaria com isso. Não podia mostrar nervosismo. Era só manter a mesma história.

- Não aconteceu nada, Bell. Fiquei estressado com o trabalho e discuti com o Peter. Só.

- Conheço você muito bem para saber que não é só isso. Está preocupado, tenso. Por que não quer me contar? - insistiu.

Caralho! Não podia dizer a verdade. Com certeza, terminaria em discussão. Era sempre assim quando o nome de James surgia entre nós.

- Já disse, anjo - respondi com delicadeza. - É o trabalho, e também a criação da ONG. Sabe como isso é importante para mim.

- Surgiu algum problema? - questionou preocupada.

- Não, está tudo indo como planejado. É que são muitas decisões e eu quero que tudo fique perfeito.

- Vai ficar. Não se preocupe - disse e deu um beijo em minhas costas.

Suspirei aliviado. Havia conseguido fugir do assunto anterior e ainda introduzir o tema que precisava discutir com ela.

- Como estão os planos para o escritório de arquitetura?

- Acredito que em um mês poderemos abrir. Estou tão ansiosa. Ainda mais depois do fechamento do escritório do meu ex-chefe.

- Aquele cachorro cavou a própria cova ao tentar usar outra funcionária para *agradar* um cliente - completei. Benjamim recebeu o que mereceu.

- Sim, felizmente, Hellen conseguiu gravar toda a conversa e denunciá-lo. Aliás, hoje Jonas me ligou e avisou que tem mais interessados em nos contratar. Não é ótimo? - Annabelle dizia animada.

- Pelo visto já escolheu esse tal de Jonas como seu braço direito. Estão sempre conversando - reclamei. Bell deu um tapa com

força na minha bunda. - Ai!

- Deixa de ser idiota. Jonas é meu colega de trabalho e sim, tem tudo para ser meu braço direito. Além do mais, tem namorada e ela trabalha conosco.

- Mesmo assim, odeio a ideia de que ele vai passar a maior parte do dia ao seu lado.

- Trabalhando, Christopher. Não seja infantil - repreendeu sem parar a massagem nas minhas costas.

- Eu sou infantil? Quem surtou há dois dias por causa do telefonema de uma funcionária? - lembrei seu ataque de ciúmes quando recebi a ligação da senhorita Green.

- Aquilo foi totalmente diferente. Aquela tal de Martha é uma oferecida! Tinha que ouvir o modo como falou comigo!

Gemi ao sentir Annabelle deitando sobre mim. Seus seios tocando minhas costas novamente. Remexi sentindo a rigidez do meu membro incomodar.

- Ela quer você. Eu sei. Quer o que é meu - completou de forma possessiva.

Virei o rosto da melhor forma que podia.

- E eu só quero você - respondi, Bell sorriu. Inclinou sobre mim e beijou levemente meus lábios.

- O mesmo vale para mim, Chris - voltei a deitar no travesseiro com um sorriso satisfeito no rosto. - Olha, vou tentar ser mais... tolerante com essa sua funcionária, desde que estenda o tratamento ao Jonas. Temos um acordo?

- Com uma condição - propus, Bell arqueou a sobrancelha.

- Qual?

- Que a massagem mude de lado. Tenho um membro dolorido e duro, louco por alívio - Annabelle riu alto.

- Com todo o prazer, senhor Lewis - mordeu minha orelha me deixando ainda mais alucinado.

Deveria conversar com ela sobre o escritório agora ou depois do sexo?

Seus lábios desceram pelo meu ombro e costas. Gemi.

Decidido! Depois do sexo.

Girei meu corpo lentamente até que Annabelle estivesse sobre o meu peito. Coloquei minha mão em sua nuca e puxei seu rosto para o meu, chocando nossos lábios em um beijo cheio de desejo e luxúria.

- Você me enlouquece, Annabelle - grunhi contra sua boca, minha língua invadindo e reivindicando a sua.

Desci minha mão e apertei seu bumbum, pressionando seu corpo contra o meu membro. Annabelle arfou e afastou-se de mim, buscando ar. Aproveitei e ataquei seu pescoço. Chupando, lambendo e dando pequenas mordidas.

- Oh, Christopher - murmurou ofegante, apertando meus ombros.

- Isso, gostosa, geme. Geme para mim - pedia conforme invadia o vão de suas pernas e penetrava dois dedos dentro do seu sexo deliciosamente úmido.

- Quero essa delicia aqui massageado meu membro, vadia. Você quer? - perguntei sem deixar de movimentar meus dedos dentro dela.

- Sim, oh, por favor - sorri dando um beijo no seu pescoço, descendo os lábios para os seios excitados. Chupei com vontade,

arrancando um gemido alto de Annabelle. Seu sexo pressionando meus dedos enquanto ela rebojava com força. Antes que pudesse gozar, os retirei. Ela desabou sobre mim. Arfando.

- Isso é maldade - murmurou debilmente. Inspirei o aroma entre seus seios, distribuindo beijos ali. Segurei sua bunda, a elevando sobre mim.

- Quero que goze comigo dentro de você - respondi com tesão, descendo seu corpo sobre o meu membro duro. As unhas de Annabelle arranharam minhas costas. Meu pênis entrava lentamente, sendo comprimido por seu sexo.

- Porra - praguejei quando ela sentou com força em mim. Ambos gememos com o contato. Segurei seu cabelo. - Rebola em mim. Tome seu prazer, safada - pedi rouco, mordendo sua orelha.

Seus movimentos começaram lentos. Cravei meus dedos em sua cintura e tomei seus lábios nos meus. Annabelle agarrava meus cabelos com força. Estávamos alucinados. Perdidos naquele momento de prazer. Perdidos um no outro.

- Christopher... Mais, Christopher, mais - Annabelle gemia sem parar.

Meu nome saindo de seus lábios parecia uma afrodisíaco para mim. Girei nosso corpos sobre a cama, ficando em cima dela e a penetrando com voracidade. Louco de desejo e tesão. Seu sexo comprimiu meu membro com força, fazendo com que gozássemos juntos. Estoquei mais duas vezes, deixando meu prazer invadir seu corpo por completo. Encostei nossas testas e a beijei. Ambos arfantes e suados, mas satisfeitos.

Saí de dentro dela e desabei ao seu lado. Um sorriso ridículo nos meus lábios. Não demorou e senti Annabelle se arrastando

sobre meu peito. Passei meu braço por baixo de sua cintura e a puxei para mim. Nossas respirações iam aos poucos voltando ao normal. Beije sua testa molhada de suor e inspirei profundamente. Seu aroma era divino. Não sentia vontade de mais nada. Só ficar ali abraçado a ela. Entretanto, tinha um assunto importante a tratar.

- Quero pedir algo à você - Annabelle ergueu a cabeça e encarou-me.

- Pode pedir - respondeu imediatamente, sentando na cama.

Observei-a por um instante. As bochechas rosadas. O cabelo bagunçado e ainda assim sexy. O brilho intenso no olhar. Os lábios vermelhos. Os seios rosados marcados por meus chupões. Puta merda! Já sentia meu membro ganhando vida novamente.

Concentração, Christopher!

Peguei seu roupão que estava jogado no chão e entreguei para ela. Essa conversa não iria longe se ela continuasse nua na minha frente. Ela riu baixinho e se vestiu rapidamente. Sentei na cama cobrindo parte de meu corpo com o lençol.

- O que quer pedir?

- Quero que seu escritório se responsabilize pelo projeto arquitetônico da ONG - Annabelle arregalou os olhos.

- Christopher, isso é loucura - atestou. - Não pode depositar um projeto desse porte em um escritório que nem abriu ainda. Os acionistas da empresa não vão concordar com isso.

- Eu vou apresentar o plano financeiro que fiz do seu escritório para os próximos cinco anos. Sabemos que dará um ótimo lucro. Não tem como eles não concordarem e...

- Espera um momento - pediu me cortando. - O que meu escritório dar lucro em cinco anos tem a ver com convencer os

acionistas? - indagou seriamente, pigarreei. Era agora.

- Porque quero que seu escritório faça parte do grupo empresarial da Williams & Lewis - disparei de uma vez. Annabelle ficou boquiaberta.

- Como é?

- Eu acho que vai ser ótimo para nós e para vocês, Annabelle. Temos nosso departamento de arquitetura, mas sua função está relacionada diretamente a construtora. Quero expandir isso. Seu escritório será o início perfeito.

- Isso é um absurdo, Christopher. Eu não aceito! - esbravejou levantando da cama.

- Annabelle, pensa bem. Vocês ficarão responsáveis por projetos específicos da empresa e terão seus próprios clientes. Não vai mudar nada. Isso vai significar muito para você, para seu escritório - tentei argumentar.

- Não, Christopher. Quero crescer com minhas próprias pernas. Isso está fora de cogitação - determinou cruzando os braços. Arrestei-me sobre a cama e fui até ela.

- Vem cá - pedi estendendo o mão. Ela aceitou minha oferta e sentou ao meu lado.

- Você sabe o quanto esperei por isso, Chris. Por favor, entenda o que significa para mim - pedi com calma. Sabia que não seria fácil convencê-la, mas não ia desistir. Precisava dar tempo para Annabelle. Estava jogando muito alto.

- Ok, acho que estou apressando as coisas. É só que eu quero muito que esse projeto seja realizado por você e a quero ao meu lado, na empresa - expliquei. Ela finalmente sorriu.

- Já disse que não daria certo trabalharmos juntos - retrucou acariciando meu rosto.

- Posso sonhar, não é? - brinquei. Bell riu e beijou-me. - Ainda assim quero que o projeto da ONG seja feito por você - pleiteei.

- Eu aceito desde que seja contratada como qualquer outra empresa prestadora de serviço - contrapôs. Annabelle era uma negociadora nata. Sorri orgulhoso e a apertei em meus braços.

- Temos um trato, senhorita Lewis - ela sorriu largamente e voltou a me beijar. Estava feliz por entrarmos em acordo sobre o projeto da ONG. O restante, viria com o tempo.

Um choramingo surgiu do corredor. Chance.

- Nosso pequeno está se sentindo sozinho - Annabelle disse levantando e indo abrir a porta. Chance entrou correndo e veio até onde eu estava.

- Chance, não! - Bell repreendeu antes que ele pulasse na cama. Ele deitou a cabeça no colchão e fez aquele olhar pidonho. Ri. Ela sentou ao meu lado e fez um carinho na cabeça dele, foi o bastante para ele voltar a se animar.

Enquanto Annabelle brincava com Chance fui até a cozinha fazer um lanche. Perguntei se Bell queria algo, mas ela negou, dizendo que não estava com fome. Quando retornei ao quarto, Chance dormia tranquilamente ao lado da cama enquanto Bell mexia em seu celular. Assim que percebeu minha presença, virou-se na minha direção com um sorriso enorme.

- Estou tão animada para amanhã, Chris - disse conforme me aproximava. Congelei.

- Amanhã?

Putá merda! O que foi que esqueci dessa vez?

- É. Não lembra? - sua expectativa me deixou mudo. - Christopher! Como pode esquecer? - censurou, surpresa.

- Eu... eu - tentava pensar no que dizer, mas nada vinha a minha mente. Annabelle riu e me puxou para a cama.

- Tudo bem, amor. Sei que anda estressado com o trabalho. Não tem problema - sacudi a cabeça, aborrecido.

- Tem sim, Annabelle. Eu odeio esquecer qualquer data que tenha a ver com você. Fiquei péssimo quando esqueci seu aniversário há algumas semanas - confessei, já estava na hora dela saber. Bell pareceu perdida.

- Christopher, amanhã é o dia que podemos finalmente nos mudar. Era isso que queria dizer. Ia contar quando você chegou, mas bem, acabamos nos envolvendo em outras coisas - sorriu maliciosamente. Não podia acreditar naquilo.

- Achei que tinha esquecido alguma comemoração especial - respondi, ela sorriu.

- Sabe muito bem que não sou de comemorar muitas coisas - explicou achando graça. Percebi que esse era um bom momento para voltar a falar sobre um assunto que, para mim, estava inacabado.

- Assim como não comemoramos o seu aniversário - Bell balançou os ombros.

- Eu nunca comemoro - respondeu simplesmente, como se não se importasse.

- Eu sei, mesmo assim pensei em fazer uma surpresa, mas quando me dei conta, o dia havia passado. Foi neste instante que vi como o trabalho estava prejudicando minha vida, a nossa vida -

confessei sem tirar os olhos dela. Ao invés de parecer chateada ou magoada, ela simplesmente sorriu.

- Pelo menos uma vez meu aniversário serviu para alguma coisa - fechei a cara.

- Não gosto que fale assim. É seu aniversário, Annabelle! Devia ficar chateada comigo - ela arregalou os olhos.

- É isso que você quer? Que fique chateada por você não lembrar de um dia que eu não faço questão?

- Pois devia. É um dia especial - argumentei.

- Só por que nasci nesse dia? Isso é ridículo - expressou indignada.

- Eu não acho ridículo. Fiquei péssimo quando percebi que havia esquecido e depois surpreso por seus amigos não saberem.

- Eles respeitaram minha decisão quando expliquei que não comemorava meu aniversário.

- Costumava comemorar até os doze anos. O que mudou? - Annabelle balançou a cabeça.

- Nada mudou, eu só percebi que estava me enganando. Aquele não era meu lugar, nem minha família. Não tinha porque comemorar essa data. Pronto, fim! - despejou irritada, descendo da cama e saindo do quarto.

Sabia muito bem que não era só isso, mas preferi não contradizê-la. Sua relação com os pais era muito complexa e difícil. Tanto que nunca falava sobre isso. Quando o assunto, por algum motivo surgia, ela sempre despistava ou fugia. Como agora.

Fui atrás dela na sala e a encontrei olhando pela janela. Perdida em pensamentos. Aproximei e a abracei.

- Desculpa, não falo mais sobre isso - beijei sua cabeça. - Quero que saiba que não importa o que passou. Eu sou sua família agora, e seu lugar é ao meu lado - garanti. Senti seu corpo tremer com pequenos espasmos.

Ela chorava. Apertei meus braços ao seu redor. Annabelle virou-se e enterrou o rosto no meu peito. Deixei que chorasse o quanto quisesse. Era raro isso acontecer sem ser minha culpa. Annabelle era uma mulher tão forte e determinada, que às vezes, esquecia o que ela já havia passado na vida. O quanto havia sofrido. Tudo o que eu podia fazer, era dar a ela todo o amor e carinho que ansiava.

Capítulo 7 - Despedida de Solteiro

Annabelle

Há anos eu lutava contra as memórias de um passado que, apesar de não recordar por completo, continuava de alguma forma presente na minha vida. Eu gostaria de simplesmente esquecer, de forma permanente, tudo o que tinha acontecido. Entretanto, sabia que isso era impossível. Já fazia parte de mim e teria que conviver com isso. Compreendia a razão pela qual Christopher pareceu horrorizado quando disse que não me importava com meu aniversário. Para ele, esse dia sempre foi especial. Para mim, era uma lembrança constante do que havia acontecido com meus pais e o que eu significava para eles, ou seja, nada. Sentia-me imponente com a quantidade de dor que a simples menção ao meu aniversário podia infringir.

Em momentos como esse, percebia claramente que, se não fosse por Katherine e Robert, hoje eu seria uma pessoa traumatizada e infeliz. Foi o amor deles enquanto eu crescia que me fortaleceu para enfrentar e lidar com tudo o que passei em minha vida, inclusive, nas mãos de Christopher. Era incrível como a vida era capaz de dar voltas e se renovar. Se um dia, ele foi a causa do meu sofrimento, hoje era a fonte de toda a minha felicidade. Meu alicerce. Minha família. E era isso que eu precisava focar. No meu presente. Nada mais.

Os dois meses que seguiram, passaram rapidamente. Tudo caminhava como planejado. Christopher e eu, decidimos adiar nossa mudança até que conseguíssemos a funcionária perfeita para nossa casa, o que felizmente, não demorou. Irvine Brauer, era uma mulher

de trinta e cinco anos, muito gentil e educada. Sua função era manter nossa casa organizada, cozinhar e supervisionar a equipe de limpeza que vinha duas vezes por semana para uma faxina completa. Em pouco tempo de trabalho, a senhora Brauer havia se tornado minha fiel escudeira, especialmente quando voltei a trabalhar.

A inauguração do escritório de arquitetura havia sido um sucesso. Tínhamos muitos clientes importantes, inclusive, a Williams & Lewis. Fizemos um projeto para a ONG e apresentamos aos acionistas, diretores e claro, o presidente, assim como qualquer outra empresa. Christopher, durante toda a apresentação, tinha um sorriso nos lábios, seus olhos brilhavam com algo que pude discernir como orgulho e admiração. Isso só fez com que sentisse-me ainda mais confiante e segura. No final, o projeto foi reverenciado pela maioria e fomos contratados.

O projeto da ONG era algo enorme e parecia crescer a cada instante, o intuito da organização era mostrar um caminho a quem encontrava-se sem rumo, fosse por causa de um desastre natural ou por ter perdido o emprego. O local iria oferecer todo o tipo de serviço necessário, desde um sistema de recolocação no mercado de trabalho, construção de casas populares até sessões com psicólogos. Christopher já preparava tudo isso há alguns meses, mas só agora tinha conseguido um local definitivo para ser a sede.

Eu o admirava cada dia mais. Ele havia aprendido a delegar suas funções e cumpriu o que prometeu para mim há quase dois meses. Tempo para ficarmos juntos. Essa era uma regra que mesmo com a abertura do escritório de arquitetura eu não iria quebrar, e nem Christopher deixaria.

A primeira e única vez que cheguei tarde em casa por causa do trabalho, Christopher esperava-me com o semblante sério e pediu para conversarmos. Ele estava certo em chamar a minha atenção. Eu estava acumulando muito serviço e trabalhando demais. Para evitar que isso acontecesse novamente, Christopher me ajudou a distribuir melhor minhas funções. Além disso, contratei uma assistente e estipulei um horário fixo para chegar e sair do trabalho. A única mudança que não agradou Christopher foi promover Jonas, ele ainda tinha certo problema com um homem trabalhando tão perto mim. Então, lembrei-o do acordo que fizemos. Apesar de não suportar a tal senhorita Green, que fazia questão de ligar sempre que ele estava em casa, tentava ao máximo não fazer nenhuma cena de ciúmes. Era o mínimo que pedia de Christopher. Com o tempo ele pareceu aceitar minha decisão, não que estivesse satisfeito com ela. Já que continuava pedindo para que mudasse o escritório de arquitetura para dentro da empresa. No fim, isso virava uma questão sobre confiança e acabávamos discutindo. Por conta disso, Christopher parou de insistir no assunto.

Ingressávamos no outono e o clima estava completamente maluco. Mesmo que o casamento de Karen e Adam fosse realizado dentro de uma mansão colonial, não tirávamos os olhos da previsão do tempo, já que a maior incidência de furacões acontecia justamente nessa época, o que estava deixando todos tensos.

Alex teve um papel fundamental nesse período, Karen era apaixonada pelo sobrinho e era só ele aparecer para ela esquecer de tudo. Alexander era o bebê mais calmo e tranquilo que já havia visto. Adam costumava dizer que tinha puxado o Samuel, e não podíamos discordar, era raro ver o bebê resmungando ou

choramingando por qualquer coisa. Podia apostar que iria ser igual ao pai quando crescesse. Já a aparência, era uma combinação perfeita dos dois. Tinha o cabelo loiro e o nariz pequeno e arrebitado de Julianne, e os lábios finos do pai. A cor dos olhos ainda não era possível definir, Julianne torcia para que tivesse os olhos verdes da família de Samuel e não os seus, cor de mel. Eu tinha certeza que não importava a cor que fosse, ficaria linda em Alex.

A loucura do clima fez-me repensar a data do meu casamento e de Christopher, que seria exatamente dentro de seis meses e cairia bem no início da primavera. As chances do clima colaborar e estar ensolarado e florido nessa época, eram mínimas e isso era realmente importante para mim. Precisava conversar sobre isso com Christopher, só que ainda não tinha tido coragem. Ele estava agindo de um modo estranho ultimamente, parecia meio disperso e distraído. Sem contar que vivia de segredo com os rapazes. Ele tentava disfarçar, mas mesmo assim eu percebia que algo o estava incomodando. Toda vez que perguntava o que era, dizia que eram preocupações do trabalho ou da ONG.

Então, porque vivia conversando com os rapazes de modo tão misterioso?

Fiquei desconfiada, mas preferi não forçar nada. Afinal, ele nunca havia me escondido nada, talvez eu que estivesse vendo coisas demais. Por certo, só estavam planejando os detalhes da despedida de solteiro de Adam.

Aliás, ultimamente, eu mesma andava me sentindo bem estranha. Às vezes, do nada, sentia vontade de chorar, sem motivo aparente, e no minuto seguinte, tudo o que eu queria era sexo, ou simplesmente, uma vontade incontrolável de matar o Chris.

Confesso que pensei na possibilidade do meu anticoncepcional ter falhado e de estar grávida. Como não queria alarmar Christopher e nem dar falsas esperanças, comprei as escondidas dois testes de farmácia. Ambos deram negativo. Fiquei aliviada e triste ao mesmo tempo. Queria um filho, só preferia esperar pelo casamento.

A única explicação que encontrei foi o novo anticoncepcional que estava usando, já que há cerca de dois meses, havia trocado a pílula anticoncepcional pela injeção. Na ocasião, minha médica havia explicado que eu poderia ter alguns efeitos colaterais, entre eles, alteração emocional e na minha libido, assim como enjoo. Ela havia dito que os efeitos seriam menores do que a pílula, pois era um produto natural, mas pelo jeito a substância não reagiu muito bem no meu organismo. Só podia ser isso. Dentro de algumas semanas teria uma nova consulta para aplicar mais uma dose e então tiraria minhas dúvidas em relação a isso e como diminuir os efeitos.

No momento, minha maior preocupação era passar pela despedida de solteira de Karen inteira, pois eu tinha certeza que se Christopher descobrisse onde estávamos eu seria uma mulher morta, assim como minhas amigas.

- Annabelle, deixa de frescura! - Julianne ralhou comigo. - Eles vão em uma boate de *strippers*, nada mais justo que fazermos o mesmo - tentou argumentar.

- Eu não acredito nisso. Christopher me disse que iam jogar *Paintball* e depois iam em um bar, em momento algum ele falou em boate - respondi aborrecida.

- Pois pode acreditar, eu achei o folheto da boate nas coisas do Adam. Aquele idiota vai se ver comigo, ele não perde por esperar - Karen expressou irritada.

As duas haviam metido na cabeça que os rapazes tinham decidido ir em uma boate de *strippers* sem que soubéssemos, eu duvidava disso, confiava em Christopher e sabia que ele seria incapaz de mentir desse modo.

Mas Christopher andava cheio de segredos com os rapazes. Recordei.

Será que estavam combinando algo? Só via um modo de verificar isso.

- Eu vou ligar para o Christopher - assim que peguei meu celular, Julianne o tirou de minhas mãos.

- Nem pensar! Eles que fiquem com as dançarinas seminuas - revirei meus olhos.

- Meninas, eu tenho certeza que eles não estão fazendo nada disso - *Tem mesmo, Anna?* Minha mente acusou.

- Você é ingênua demais, Annabelle - Karen rebateu seriamente.

- Não sou, não. Eu confio no meu noivo, só isso.

- Mas não deveria confiar tão cegamente, os homens são malandros e é por isso que vamos revidar - assim que o carro parou em frente ao clube das mulheres, Thompson abriu a porta e as duas desceram. Eu continuei no carro.

- Vamos, Anna - Julianne pediu.

- Não, eu vou para casa - declarei decidida.

- Eu não acredito que vai fazer essa desfeita na minha despedida - suspirei e encarei Karen.

- Então, vamos para outro lugar, um mais tranquilo, assim como tínhamos combinado antes - tentei negociar, Julianne e Karen balançaram a cabeça.

- Não! Eu quero curtir minha despedida tal como Adam está curtindo a dele e quero minhas amigas comigo, ou você prefere ficar do lado do seu noivo que possivelmente está com uma dançarina seminua se esfregando no colo dele neste instante? - essa imagem revoltou-me.

- Deixem de bobagem! Eles não fariam algo assim. Christopher não mentiria para mim - aleguei com convicção, sem sair do carro.

Não queria brigar com Karen na semana anterior de seu casamento, mas também não podia deixar que fizessem algo do qual se arrependeriam.

- Mostra para ela - Julianne disse para Karen. Olhei para elas desconfiada.

- Mostrar o quê? - Karen suspirou e pegou o celular em sua bolsa.

- Hoje, antes de sair de casa, percebi que Adam tinha trocado nossos celulares.

- Você mexeu no celular dele de novo? - perguntei espantada. Karen tinha essa mania de sempre investigar o que Adam andava fazendo. Julie revirou os olhos pela minha reação.

- E fez o certo, olha só o que ela achou - acusou. Karen estendeu o celular.

- Isso é errado - aleguei, cruzando os braços.

- Deixa de ser chata, Annabelle. Você vai entender porque estamos assim e nos dar razão, além de querer matar o Christopher - franzi meu cenho.

- O que ele tem a ver com isso?

- Leia - Karen pediu estendendo o celular.

Dei-me por vencida e peguei o aparelho. Na tela havia uma única mensagem, de um tal de Richard.

- É um amigo do trabalho de Adam e vinha insistindo em uma despedida com *strippers* - Karen explicou ácida, conforme eu lia a mensagem:

Porra! Acabei de receber os passes VIPs da boate. Agradeça ao seu amigo Christopher. Essa noite vai ser foda! Vamos curtir muito.

Por que Christopher tinha conseguido passes para um amigo de Adam justamente hoje à noite? Por que ele dizia que eles iam curtir?

- Não avisei - Julianne falou.

Podia ser verdade? Olhei novamente a mensagem.

- Talvez ele vá sozinho ou com outras pessoas - tentei argumentar. Estava desesperada para encontrar uma resposta. Alguma coisa que provasse que Christopher não havia mentido para mim. *Mas e o folheto nas coisas do Adam?*

- Anna, você acredita realmente nisso? - Karen perguntou.

Como eu poderia ir contra?

Christopher estava estranho ultimamente, cheio de segredos com os rapazes.

Talvez estivessem planejando isso as escondidas há meses! Ah, Christopher iria se ver comigo!

Tomei minha decisão e desci do carro, elas sorriram vitoriosas.

- Isso mesmo, Anna! Vamos curtir muito essa noite! - Julianne anunciou nos puxando para dentro do lugar que estava lotado.

Na portaria dissemos que era a despedida de solteira de Karen, por isso nos levaram para uma mesa bem próxima do palco

reservada apenas para essas ocasiões. O garçom apareceu e pedimos nossos drinks. Eu queria algo bem diferente e ele disse que sabia exatamente do que eu gostaria. Essa noite todas beberíamos, inclusive Julianne, que por falta de leite não estava mais amamentando Alex.

O garçom trouxe nossas bebidas e levantamos nossas taças. Brindamos a nossa amizade e ao casamento de Karen, virei o copo e me delicieei com o líquido doce e gelado. Era muito bom. Tomei tudo em um só gole e comi a cereja que havia no fundo, percebendo que havia pouco álcool, decidi pedir mais uma. As meninas também terminaram as suas bebidas e pediram mais.

Nossa noite estava só começando. Lidaria com Christopher quando saísse daqui, isto é, se eu voltasse para casa hoje.

Christopher

Eu, os rapazes, Peter, Andrew e alguns amigos do trabalho de Adam, nos reunimos em um bar depois de passarmos a tarde inteira jogando *Paintball*.

Para não acordarmos de ressaca no dia seguinte, decidimos fazer a despedida uma semana antes do casamento. Confesso que achei isso ótimo, já que evitou que James comparecesse.

Eu tentava ignorar esse assunto, mas estava bem difícil. Ainda mais depois que Adam me informou que ele havia confirmado a presença no casamento e tinha uma novidade para contar. Não estava nem um pouco animado com isso, e conforme o dia se aproximava ia ficando cada vez mais nervoso e ansioso.

Talvez fosse voltar a morar no país?

Não. Preferia nem cogitar essa hipótese. Já estava estressado demais só em vê-lo no casamento.

Como lidaria com o fato dele voltar a viver perto de Annabelle?

- Christopher! Acorda, meu irmão - Adam chamou minha atenção e esqueci por um momento minhas preocupações recorrentes com o ex-noivo de Annabelle. - Está pensando na sua derrota? - caçou com um sorriso enorme no rosto. Revirei meus olhos em resposta e ele riu.

O grandalhão não parava de tirar sarro da minha cara, só porque ele havia conseguido atingir-me no campo de *Paintball*. Aliás, ele metralhou-me com a arma de tinta. Eu saí do local praticamente verde. Tinha certeza que estava de alguma forma vingando-se pela aposta que tinha perdido há dois meses e o fato de não ter aceitado fazer outra.

- Christopher, preciso agradecer novamente pelos passes daquela boate. É muito difícil conseguir, ainda mais VIP.

- Não foi nada, Richard. Adam queria fazer algo bacana para os amigos e bem, essa é a melhor boate que tem - expliquei.

- Bem que poderiam ir também, não é? - provocou Charles, outro amigo de Adam.

- Nem pensar! Eu quero ter minha lua de mel - Adam defendeu-se.

- Vocês são uns paus mandados, isso sim - respondeu Richard. Ele ainda estava indignado com o fato de não irmos até a boate com eles.

- Nada a ver! - Samuel retrucou. - Só fizemos o que achamos certo.

- Além disso, se nós fossemos em uma boate de *strippers* as meninas iam fazer o mesmo - respondi naturalmente.

- E qual o problema? - questionou Peter confuso, encarei-o indignado.

- Você acha, que eu ia deixar um bombeiro sarado e seminu se esfregar na minha mulher? - Peter riu.

- Você que é ciumento demais - reclamou Andrew. - Aliás, os três são - completou apontando para mim, Samuel e Adam.

- Só cuidamos do que é nosso - Adam respondeu com um sorriso orgulhoso. - Além disso, quem foi que arrumou o maior barraco quando a Carmen dançou com outro homem enquanto estava no palco cantando? - questionou arqueando a sobrancelha, Andrew lançou um olhar mortal na direção de Adam que fez todos caírem na gargalhada.

- Christopher? - ouvi alguém chamar.

Virei e dei de cara com Marcus, um dos idiotas que um dia considerei meu amigo. Levantei e estendi minha mão em sua direção.

- Olá, Marcus - cumprimentei cordialmente. Ele sorriu e olhou a mesa em que eu estava com descaso.

- Ótimo encontrá-lo, Christopher. Fiquei sabendo do que aconteceu, parabéns por ter conseguido recuperar tudo o que lhe era de direito - sorri de canto. Estava explicado porque ele se aproximou de mim.

- É, estou muito feliz.

- Imagino, ainda mais com alguém como Annabelle ao seu lado - senti um tom de malícia em sua voz e na mesma hora fechei a cara.

- Bom, se me der licença Marcus, estou ocupado - disse cortando-o.

Sem cerimônia, passou o braço pelo meu ombro e me puxou para longe da mesa. Afastei-me dele, mas logo, aproximou-se novamente.

- Christopher, não acho que esse seja o tipo de pessoas com as quais deveria andar - cochichou olhando-me seriamente. - Um homem como você, deveria andar com pessoas importantes e não um bando de adolescentes - cerrei meus olhos e trinquei minha mandíbula ao ouvi-lo falar desse modo dos meus amigos. Ele nem os conhecia.

- Quem você pensa que é para me dizer com quem eu devo andar? - minha voz saiu fria e cortante.

- Oras, sou seu velho amigo - respondeu com um sorriso descarado. Minha vontade era de socar a cara dele, mas nem isso ele merecia.

- Pois eu dispenso um amigo como você - respondi ríspido. O imbecil sorriu.

- Christopher, não acredito que ainda está chateado por causa daquilo.

Marcus havia me negado ajuda assim como todos que procurei quando meus pais morreram. Lembrava claramente de suas palavras.

Você não pode pagar os meus honorários.

Entretanto isso era algo irrelevante agora.

- Não, Marcus. O passado pouco me importa, o que eu não admito é que uma pessoa que não faz parte da minha vida, venha me dizer com quem eu devo ou não sair - olhei para ele de cima a

baixo com desdém. - Você, que não é bom o suficiente para sentar na mesma mesa que meus amigos. - seus olhos arregalaram em choque.

- Se me dá licença, estão me esperando - falei naturalmente e saí de perto daquele interesseiro.

- Demorou, Hulk - estreitei meus olhos para Adam.

- Hulk? Que porra é essa, Adam? - perguntei estressado, sentando.

- Uê, você está todo nervoso e ainda tem um pouco de tinta verde no pescoço, é o apelido perfeito. Hulk. Quer. Briga - disse imitando o super herói verde e todos começaram a rir. Não pude evitar e acabei rindo também. Só Adam com suas besteiras para me ajudar a relaxar.

- Quem era o metido? - Samuel questionou, discretamente, maneando a cabeça e mostrando Marcus sentado à algumas mesas da nossa.

- Um dos imbecis da minha adolescência - respondi com descaso.

- Ele está com uma cara de quem ouviu o que não queria - sorri largamente.

- Só o coloquei em seu lugar - Samuel riu dando um tapa em meu ombro.

- Pelo jeito colocou mesmo - afirmou e voltamos a atenção ao grupo.

Adam contava o que estávamos, ou melhor, o que ele insistiu que fizemos em seu casamento.

- Eu ainda não sei se isso vai dar certo - Samuel disse incerto sobre a ideia.

- Eu também não - concordei. - Acho que vamos pagar o maior mico - respondi insatisfeito.

- Ah! Vocês dois nem pensem em desistir, nós já combinamos e ensaiamos tudo - rolei meus olhos, Peter riu.

- Vou adorar ver isso! - exclamou animado.

- Eu não perco essa festa de casamento por nada - Andrew dizia sem parar de rir. Afinal, foi ele que ajudou na surpresa louca que Adam inventou de fazer para Karen e que acabou sobrando para mim e Samuel. Maldita hora que fui aceitar participar dessa surpresa.

O restante da noite transcorreu muito bem. Riamos sem parar das histórias que os amigos de Adam contavam sobre o que ele aprontava no trabalho, e como pegavam no pé dele quando tinham que ir em alguma reunião e Adam se transformava, ficando mais sério e compenetrado. Esse pessoal era terrível. Agora entendia porque Adam nos proibiu de contar sobre a aposta para eles. Por certo, seria zoadado o resto da vida na empresa em que trabalhava por causa do show que havia dado.

Meu celular vibrou no bolso. Olhei o visor e vi que era Thompson.

Será que tinha acontecido alguma coisa?

Atendi no mesmo instante.

- O que houve, Thompson? - perguntei de uma só vez.

- Boa noite, senhor Lewis. Desculpe incomodar - estranhei, Thompson geralmente era mais direta quando tinha algum problema.

- Pare de enrolar e diga porque ligou - ela ficou em silêncio, o que me deixou ainda mais tenso. - Thompson, diga! - exigi

levantando e afastando-me da mesa sob o olhar atento de Samuel.

- Kline e eu não sabemos o que fazer com a senhora Lewis e as amigas dela - disparou deixando-me confuso.

- O que quer dizer com isso?

- Bem... - Thompson pigarreou e continuou. - Ela e as amigas começaram a beber e... estão completamente bêbadas.

- O quê?! - praticamente gritei. - Como assim?

De que forma uma pessoa fica bêbada, Christopher?

- Esqueça que perguntei isso. Onde estão? - de novo o telefone ficou mudo. - Thompson, onde vocês estão? - perguntei com autoridade.

- Na boate Naked Guys, senhor - franzi o cenho.

- Que merda de lugar é esse? - questionei irritado, negava-me a acreditar na hipótese que minha mente criava.

- É um clube das mulheres, senhor - sua resposta conseguiu me deixar ainda mais alterado.

- QUE PORRA ANNABELLE FOI FAZER AÍ?! - gritei no telefone atraindo a atenção de várias pessoas, inclusive de meus amigos. Passei a mão pelo cabelo de modo exasperado.

- Ela não queria ficar, mas as amigas insistiram - Thompson explicou, mas isso não suavizou meu estado.

- Ligue para Jasen e passe o endereço, estou a caminho - ordenei e desliguei o telefone. Segui até a mesa e encarei a todos que me olhavam com curiosidade.

- O que houve, Christopher? - Samuel perguntou preocupado, tentei controlar minha respiração.

- Aconteceu que a sua namorada e sua futura esposa levaram a minha noiva para um clube das mulheres - falei apontando para Sam

e Adam.

- Como é?! - Adam levantou-se em um átimo derrubando sua cadeira. Agora sim todo o restaurante nos observava. - Mas que merda! - praguejou alto. - Quer dizer, que eu não posso ter uma despedida com *strippers* e ela pode? - falou indignado, Samuel estava estático.

- Eu falei, as mulheres são terríveis. Por que não aproveitam e vem conosco para a boate - provocou Richard.

- De jeito nenhum. Preciso tirar Annabelle daquele lugar agora! - respirei fundo passando ambas as mãos pelo rosto e depois pelo meu cabelo, estava extremamente nervoso e irritado. A imagem de um homem sem roupa se esfregando na minha mulher estava enlouquecendo-me.

- E por que ligaram? Você pediu que o avisassem caso elas fizessem isso? - Samuel perguntou confuso.

- Claro que não! Eu não coloquei um segurança para seguir Annabelle e sim protegê-la. O problema é que as três estão bêbadas e os seguranças não sabem o que fazer - Samuel arregalou os olhos.

- Puta merda! Julianne bêbada fica ainda mais maluca - disse levantando com urgência.

- Melhor irmos - decidi chamando o garçom.

- Podem ir, nós acertamos tudo - Peter se prontificou.

Tirei algumas notas da carteira e lhe entreguei. Saímos do restaurante praticamente correndo. Jasen, com certeza, já nos esperava com o endereço em mãos. Durante o caminho até o carro, Adam e Samuel diziam que matariam Karen e Julianne. Eu também queria matar as duas, ainda mais depois que Thompson afirmou que

Annabelle só estava lá por causa das amigas, mesmo assim, isso não ia eximi-la de toda a culpa.

Se não queria ir, por que foi?

Annabelle ia se ver comigo!

**

Por sorte a boate onde as garotas estavam não ficava longe e logo chegamos. Assim que descemos do carro, combinei com os rapazes de nos separarmos para procurarmos por elas. Já que precisavam de mais ajuda para controlar duas mulheres, deixei Thompson e Kline esperando por eles.

Entramos na boate e seguimos juntos até o salão principal ouvindo a música tocar alto. No momento seguinte congelei.

Não vi mais nada, além do palco e de um imbecil sem camisa segurando minha mulher pela cintura.

Que porra de vestido era aquele?

Aquela roupa marcava cada curva do seu corpo, ou melhor, do corpo que era *meu*. Sem pensar em mais nada, dirigi-me até onde estavam e subi com destreza no palco completamente fora de mim.

- Me solta - Annabelle reclamou com a voz mole, empurrando o tal cara.

- Aproveita a noite, gatinha - pude ouvir o imbecil falando para ela.

O ódio que estava sentindo aumentou exponencialmente.

Quem esse filho da puta achava que era?

Sem pensar em mais nada a puxei para meus braços, mas ele a segurou.

- Chris! - Annabelle exclamou sorrindo, tentando soltar-se do canalha.

- Solta ela, agora! - exigi com raiva.
 - Cai fora, mané! Essa é minha - recriminou o imbecil.
- Cerrei meus olhos e segurei-me para não socá-lo.
- Ela é MINHA noiva - avisei sério.

Ele simplesmente soltou Annabelle e levantou os braços em sinal de rendição, saindo logo em seguida dali.

Estava pronto para dar uma bela bronca em Annabelle quando senti suas mãos geladas subindo pelo meu peito. Encarei-a abismado enquanto ela tinha um sorriso safado no rosto.

- Você fica gostoso bravo. Vai tirar a roupa para mim?

Antes que pudesse pensar em um resposta, senti um toque na minha bunda. Olhei para trás e vi algumas mulheres puxando minha calça e enfiando dinheiro dentro dela.

- Isso delícia! TIRA! - uma loira gritou. Isso foi o bastante para o rosto de Annabelle se transfigurar e ela lançar um olhar mortal para a mulher.

- Ele é MEU, sua vadia! - Annabelle retrucou antes de pular em cima da loira, as duas se engalfinharam no chão. Eu não podia acreditar no que via.

- SUA VACA! - Annabelle gritou e puxou com força o cabelo da mulher que revidou.

Saí do transe e fui tentar tirá-la da briga. Parecia impossível, já que as duas não se soltavam de jeito nenhum. Jasen apareceu e puxou a outra mulher enquanto Annabelle continuava a se debater em meus braços.

- ME SOLTA! VOU MATAR ESSA VADIA! - gritava a plenos pulmões.

Fiz um sinal com a cabeça para Jasen e saí dali com Annabelle. Quando chegamos na calçada ela ainda tentava desvencilhar-se de meus braços.

- Só vou te soltar se ficar quieta - disse em tom de reprimenda.

Ela ficou parada e afrouxei meu aperto em sua cintura. Não dei chance ao azar e a puxei para o carro. Foi só entrarmos, para ela subir no meu colo e começar a beijar meu pescoço enlouquecendo-me.

- Annabelle, para! - pedi, mas ela não obedeceu.

Ao invés disso foi abrindo os botões da minha camisa. Segurei suas mãos e a encarei sério.

- PARA, ANNABELLE! - gritei, ela sorriu.

- Você também fica engraçado bravo - disse rindo, apertei minhas mãos nas suas.

- Estou falando sério, Annabelle! - ralhei nervoso.

- Estou falando sério, Annabelle! - repetiu o que eu disse tentando imitar minha voz e voltou a rir.

Ela estava tirando-me do sério de todas as formas possíveis. Antes que dissesse algo, Jasen abriu a porta e entrou no carro.

- Oi, Jasen! - Annabelle o cumprimentou alegremente, ele tentou permanecer com o semblante fechado.

- Olá, senhora Lewis - respondeu educadamente, ela fez uma careta.

- Você é muito sisudo - disparou.

Jasen ficou parado sem saber o que fazer, eu mesmo estava perdido, Annabelle voltou a me olhar.

- Quero dançar - falou e tentou abrir a porta, mas a impedi.

- Já dançou demais - respondi puxando sua mão. - Jasen, para casa - ele assentiu e deu partida no carro.

- Adoro quando fica mandão, senhor Lewis. - Annabelle dizia lambendo meu pescoço. - Vai mandar em mim essa noite, gostoso? - murmurou no meu ouvido passando a mão pelo meu peito quase fazendo-me perder a cabeça, mas a afastei.

- Para! - repreendi novamente, Annabelle fez um bico.

- Você é um chato... - reclamou manhosa cruzando os braços e fazendo um lindo beicinho. Por pouco não me deixei levar pela sua doçura e loucura, mas não estávamos sozinhos no carro e ela não estava sóbria.

- É, sou mesmo, agora senta que vou colocar seu cinto - ela voltou a rir e suas mãos continuaram a descer pelo meu peito até chegar na minha calça.

- Vai me amarrar com o cinto, senhor Lewis? - perguntou com uma voz inocente. - Ou prefere me bater com ele?

Porra?! Annabelle estava deixando-me cada vez mais maluco e duro.

- Pare já com isso! - ordenei tirando suas mãos do meu corpo, quando tentei movê-la para o assento ao lado, ela não deixou, debatendo-se.

- Para, Annabelle! - pedi irritado, ela riu mordendo os lábios.

- Hum... Acho que vou apanhar - cantarolou, mordendo os lábios.

Putá que pariu! Ela estava enlouquecendo-me de todas as formas possíveis!

Antes que pudesse fazer qualquer coisa. Ela voltou a tentar abrir minha camisa, mas a parei novamente.

- Mas que droga, Christopher! Eu quero que você me foda! - exclamou, quase gritando. Arregalei meus olhos.

Não podia acreditar que Annabelle tinha dito tudo aquilo na presença de Jasen, de quem ela sempre teve vergonha. Pelo jeito isso não era problema quando estava bêbada.

Annabelle aproveitou meu estado de choque e voltou a esfregar-se no meu colo e beijar meu pescoço. Olhei pelo visor e Jasen mantinha o rosto compenetrado. Ela gemia no meu colo e estava quase terminando de tirar minha camisa, estava tão excitado que mais um pouco gozaria ali mesmo. Precisa pensar em algo rápido. Percebi que mandar nela só ia piorar as coisas, então decidi ir por um caminho diferente.

- Bell... - chamei sussurrando em seu ouvido, ela levantou a cabeça e encarou-me com um sorriso. Afaguei seu rosto e a beijei, antes que aprofundasse mais, nos separei. Ela protestou.

- Logo vamos estar em casa, anjo. Espera só um pouco - pedi calmamente, ela segurou meu rosto e beijou-me. Quando achei que ia voltar a me atacar, ela parou e deitou-se sobre o meu peito, descansando a cabeça no meu ombro.

- Eu espero. Por você eu espero para sempre - murmurou com a voz arrastada.

Acabei sorrindo com sua declaração, beijei sua testa e no segundo seguinte percebi que dormia no meu colo. Minha linda e doce Annabelle.

Quem diria que ela seria tão descarada quando ficava bêbada?

Acomodei-a melhor nos meus braços e olhei para frente, lembrando dos nossos amigos. Na confusão nem vi o que aconteceu com eles.

- Falou com a Thompson, Jasen? - ele me olhou pelo retrovisor.
- Sim, senhor. Antes de sair da boate ela me ligou e disse que já estavam levando seus amigos para casa - assenti mais tranquilo.

- Ela disse como eles estavam?

- Segundo ela, uma das moças estava dormindo, a senhorita Parker e a outra... Bem, parece que estava quase fazendo um *strip-tease* em cima de uma mesa - balancei a cabeça sorrindo.

Samuel estava certo ao dizer que Julianne ficava ainda mais maluca quando bebia. Ao menos, Karen, não tinha feito nada.

- Mais alguma coisa? - Jasen negou.

- Não, senhor - assenti e fiquei velando o sono de Annabelle.

O restante do caminho até em casa foi silencioso.

Bell ainda dormia pesadamente em meus braços quando Jasen abriu a porta do carro e me ajudou a abrir a da sala. A casa estava silenciosa. Chance estava no hotel para cães e a senhora Brauer não ficavam durante o fim de semana. Teria a noite inteira para cuidar da minha garota.

- Jasen, nenhuma palavra sobre o corrido esta noite, entendido?

- Sim, senhor. Não precisa se preocupar quanto a isso.

- Ótimo, por favor ligue para Thompson e Kline e dê o mesmo recado. Amanhã podem tirar o dia de folga - ele sorriu levemente. - E obrigado por me ajudar na boate.

- Não fiz mais do que minha obrigação, senhor. Tenham um boa noite.

- Boa noite, Jasen.

Entrei em casa com Bell desmaiada em meus braços. Fechei a porta e subi com ela para o quarto. Deitei-a sobre a cama e com

cuidado fui tirando seu vestido enquanto ela resmungava algumas coisas sem sentido.

Antes de entrar na boate estava morrendo de raiva, das meninas e até dela, mas agora, vendo meu anjo daquele jeito, eu não conseguia sentir nada mais do que vontade de cuidar dela e amá-la.

Quando estava só com suas roupas íntimas, tirei as minhas e me deitei ao seu lado. Ela ficava uma tentação daquele modo e se eu lembrasse de como estava me atentando no carro, com certeza, eu a atacaria. Teria que me segurar e muito para dar-lhe um banho, só que eu sabia o quanto odiava dormir suada.

- Amor... - chamei e nada. - Bell... Acorda... - ela resmungou.
- Deixa dormir... - murmurou debilmente as palavras, sorri.
- Sem tomar banho? - Bell abriu um olho.
- Ok - rendeu-se esticando os braços na minha direção.

Terminei de tirar sua lingerie e a peguei no colo a levando para o banheiro. Entrei no box e a ajudei a ficar de pé. Liguei a torneira e sem tirar minha mão do seu corpo, com medo que caísse, peguei o sabonete e comecei a banhá-la. Fitei seu rosto. Ela estava com os olhos fechados e um sorriso sereno e lindo contornavam seus lábios.

Não resisti e dei-lhe um beijo casto. Ela, no mesmo instante, abriu os olhos, fazendo com que me perdesse no seu olhar. Era impressionante como Annabelle era capaz de fazer com que eu me apaixonasse cada dia mais. Ela passou sua mão pelo meu pescoço e uniu nossos lábios mais uma vez. O beijo começou tímido e logo foi ganhando força. Eu apertei suas costas e senti meu membro crescer novamente, mas afastei-me.

- Melhor, não - adverti, ela encarou-me confusa.

- Por que não?

- Você não está sóbria - expliquei gentilmente, Annabelle sorriu.

- Estou sóbria o bastante para saber o que quero - respondeu tomando minha boca bruscamente na sua. Não tive mais forças para nos separar e a prenei na parede beijando sua pele.

- Você me deixa louco, Annabelle - ela sorriu e gemeu arranhando minhas costas, passei minha mão pelo seu corpo.

- Me provocou a noite inteira, safada. Agora vai ter seu castigo - sussurrei no seu ouvido e mordi seu pescoço.

Senti seu corpo arrepiar-se enquanto gemia meu nome. Levantei seus braços e os prenei na parede acima da sua cabeça com minha mão. Peguei seu queixo com a mão que estava livre e o segurei firmemente beijando seus lábios com volúpia, sugando seu sabor delicioso e tentador. Desci meus dedos pelo seu tórax chegando até seus seios, os acariciando e apertando, Annabelle gemia se remexendo sob o meu corpo.

- Christopher... Por favor... - murmurava com a respiração entrecortada.

- Pede, Annabelle! Pede o que você queria no carro! - exigi sem tirar meus lábios e mãos do seu corpo, ela impulsionou seu quadril contra o meu, fazendo com que eu soltasse um gemido rouco.

- Não! - ameacei e me afastei, ela reclamou. - Quem manda aqui sou eu! Só darei o que quer, se implorar - murmurei contra a sua pele.

- Me fode, Christopher! Por favor! Me fode! - gemeu tentando se soltar do aperto que minha mão fazia nas suas, sorri e a libertei.

Suas mãos foram diretamente para meu cabelo puxando-me para um beijo tentador e delicioso. Annabelle passou suas pernas

pelo meu quadril e gememos quando nossas intimidades tocaram-se. Sem esperar, a penetrei, em um só movimento, duro e forte, fazendo com que gritássemos alto.

- Tão deliciosa, minha Annabelle - murmurei entre seu cabelo e ela gemeu, saí dela e voltei com brusquidão.

Putá merda!

Era incrível, mas ultimamente ela parecia estar ainda mais apertada, molhada e gostosa. Voltei a penetrar com ferocidade, entrando e saindo como um alucinado em seu corpo.

- Isso, Christopher... Ah! Forte! Isso... Gostoso! - Annabelle cravou suas unhas nas minhas costas e aumentei a velocidade, senti seu corpo engolir e prender meu membro com força.

- Christopher! - gemeu meu nome atingindo o ápice.

- Porra!!! - gritei alto gozando junto com Annabelle sem deixar de afundar-me naquela loucura que era minha mulher.

Aos poucos fui diminuindo os movimentos, ambos estávamos ofegantes. Afastei-me um pouco e fitei o seu rosto. Ela tinha um sorriso preguiçoso e lindo. Abriu os olhos lentamente encarando-me, beijei com delicadeza seus lábios.

- Eu te amo - sussurrou baixinho, sorri largamente.

- Eu também te amo - Bell suspirou satisfeita e senti seu corpo amolecer.

Ela ia adormecer. Com rapidez, dei um banho nela. Quando terminei ela já dormia nos meus braços, enxuguei-a com cuidado e então a levei para a cama. Peguei uma camisola na gaveta e a vesti, coloquei uma boxer preta e deitei ao seu lado, a puxando para os meus braços. Beijei seu ombro e inspirei seu aroma delicioso. Adormecendo logo em seguida.

Capítulo 8 - Ressaca

Christopher

Acordei um pouco desorientado. Olhei o relógio e vi que já passava das dez da manhã. Bell dormia profundamente sobre meu peito. Sorri e afaguei seu rosto com cuidado para não acordá-la. Parecia tão serena. Completamente diferente de ontem, quando tentava atacar-me de todas as formas possíveis.

Passei minha mão sobre seu corpo, podia ser impressão minha, mas Annabelle parecia mais encorpada, inclusive sua cintura e seios. Estava ainda mais gostosa e linda. Talvez fosse mais um dos efeitos do anticoncepcional que estava usando agora, do qual vivia reclamando. Havia até pedido para ela parar de usar e deixar acontecer, mas ela não aceitou. Bell queria casar-se antes de pensar em filhos. E eu, como sempre, aceitei sua vontade.

Beijeí sua testa e saí da cama com extrema cautela, ela logo agarrou o travesseiro sem acordar. Fiquei ainda algum tempo admirando minha futura esposa, antes de descer e fazer nosso café da manhã.

Cheguei na cozinha e comecei a preparar um mingau reforçado. Tinha certeza que Annabelle não iria comer nada sólido. Fiz o suco de laranja e quando estava terminando de montar a bandeja me lembrei de nossos amigos. Pensei em ligar, mas decidi esperar. Por certo, estavam dormindo ou resolvendo seus problemas com suas parceiras. Eu mesmo teria que conversar seriamente com Annabelle sobre o que tinha acontecido, principalmente sobre aquele abusado grudado no corpo dela e daquele vestido tentador.

Soquei com vigor o balcão da cozinha. Só de lembrar daquela cena, a raiva voltava com tudo. Respirei fundo. Antes precisava cuidar de Annabelle, depois tínhamos uma conversa séria e ela teria que esclarecer direitinho o fato de ter ido naquela boate cheia de homens seminus e ainda se embebedar. *Será que não pensou nos perigos?*

Terminei de preparar tudo e subi.

Entreí no quarto e estranhei ao encontrar a cama vazia. Um barulho no banheiro chamou minha atenção. Deixei a bandeja sobre a cama e corri até lá, da porta vi Annabelle debruçada sobre o vaso vomitando violentamente. Aproximei-me e acariciei suas costas. Ela tentou me afastar, mas não me movi nem um centímetro.

Após vomitar, Bell sentou no chão deitando a cabeça sobre o braço. Levantei e fui até a pia. Molhei uma toalha e retornei a mesma posição. Passei a toalha no seu pescoço e depois pela sua testa.

- Quer vomitar mais? - perguntei calmo.

Bell negou fracamente, a ajudei a levantar e ir até a pia. Lavou a boca e escovou os dentes. Fiquei todo o instante ao seu lado. Assim que terminou, a peguei no colo. Ela sequer se mexia. Fui para o quarto e a deitei na cama. Peguei a bandeja e coloquei em frente a lareira, depois sentei na cama e acariciei seu rosto. Ela mantinha os olhos fechados.

- Como está se sentindo? - questionei preocupado. Ela estava pálida e parecia fraca.

- Minha cabeça está me matando... - reclamou com a voz levemente rouca. Levantei e fui até o banheiro. Busquei um

comprimido para dor de cabeça no armário e voltei ao quarto. Peguei o suco de laranja que estava na bandeja e levei até ela.

- Aqui, Bell. Tome - ela abriu os olhos e a ajudei a sentar na cama e tomar o remédio e o suco. Ela fez uma careta colocando a mão na garganta.

- Arde... - resmungou afastando o copo.

- Está incomodando porque você vomitou, mas precisa tomar. Perdeu muita água, tem que se hidratar - expliquei. Ela suspirou e pegou o copo tomando o restante do suco.

Assim que terminou, o deixei sobre o criado e sentei ao seu lado. Ela remexeu na cama, então fitou-me com os olhos estreitados.

- Se divertiu ontem? - perguntou de um modo sarcástico. Franzi meu cenho. *Se eu me diverti? Do que ela estava falando?*

- Você, por acaso, se lembra do que aconteceu ontem? - ela empinou o queixo.

- Sim, nós transamos no banheiro, mas isso não significa que eu esqueci o que fez... - travei meu maxilar e levantei da cama em um rompante.

- Eu fiz?! - questionei indignado passando minhas mãos pelo cabelo. - Que porra é essa?! - encarei-a exasperado.

Annabelle encolheu na cama com meu grito, mas sua postura não mudou, ainda olhava-me de modo desafiador. Como se *eu* tivesse feito algo errado.

- Eu que deveria questionar o que a senhorita fez - acusei.

- Nós só fomos até aquele lugar porque vocês mentiram para nós! - gritou sentando sobre seus joelhos na cama. O que ela disse foi o bastante para explodir de uma só vez.

- NÓS MENTIMOS?! *Eu* que tive que resgatar minha noiva em uma boate de *strippers*, não o contrário! - não podia acreditar na acusação que estava ouvindo.

- Isso porque não fomos atrás de vocês - respondeu cruzando os braços. Aproximei, ficando cara a cara com ela.

- E se fossem, iam ver que não fizemos nada disso que está imaginando. Porra, Annabelle! - gritei afastando-me. - Eu disse o que iríamos fazer. Como você é capaz de desconfiar de mim? - questionei sem esconder minha magoa.

- Karen falou que viu o panfleto da boate em que vocês iam e ainda mostrou uma mensagem de um amigo do Adam dizendo que você tinha dado um passe VIP do tal lugar e como iam se divertir ontem à noite - retrucou altiva sem se abater. *Só isso? Eram essas suas provas?*

- Pois não me importa o que Karen viu ou mostrou, você tinha que acreditar na minha palavra! Sua desconfiança consegue me deixar ainda mais puto do que o que eu vi naquela boate - confessei chateado. Peguei minha calça jeans e a camisa no chão vestindo-as.

- O que você viu? - estreitei meus olhos e a olhei.

- Isso não importa, é bem capaz de não acreditar em mim - minha voz soou cortante e fria. - Vou sair - declarei indo até a porta.

- Onde vai? - pude ouvir ela perguntar.

- Porque não liga para suas amigas e descobre? Isso, se elas estiverem sóbrias - disparei e bati a porta saindo pelo corredor e descendo as escadas com rapidez.

Logo, estava sentado em meu carro, dando a partida.

Eu imaginei uma manhã completamente diferente. Sabia que teríamos que conversar, mas nunca pensei que ouviria aquelas

palavras saírem de sua boca.

Como ela podia duvidar do que eu disse? Se contei o que íamos fazer, por que acreditar nas amigas e em provas tão frágeis? Quando Annabelle confiaria em mim?

Suspirei chateado. Sinceramente, nesse momento, eu não sabia o que fazer ou até mesmo para onde ir. Parei o carro e encostei a cabeça no volante e como um estalo eu soube exatamente o que eu deveria fazer para relaxar.

**

Peguei Chance no hotel onde o havíamos deixado para passar a noite e o levei até um parque. Precisava de tempo para esfriar a cabeça antes de voltar para casa. Meu celular já tinha inúmeras ligações dela, entretanto preferi não atender. Mandeí uma única mensagem dizendo que estava brincando com Chance em um local perto de casa. Depois disso, ela não voltou a ligar.

Sentei ao chão e joguei a bola de tênis que sempre estava com ele. Chance correu até ela e voltou correndo. Ao invés de me dar a bola, deitou ao meu lado e começou a mastigá-la. Talvez assim fosse mais divertido para ele. Sorri e acariciei suas orelhas.

- A mamãe vai me deixar louco, rapaz - confidenciei para ele.

Chance largou a bola e me olhou virando a cabeça para o lado como se perguntasse: *Por quê?*

- Ela não confia em mim, acho que nunca vai confiar - completei desgostoso. Ele moveu-se e deitou com a cabeça na minha perna. Fitando-me com aqueles grandes olhos caídos.

- Você acha que eu estou exagerando? - perguntei e na mesma hora ele levantou abanando o rabo e latindo. Acabei rindo, o puxei pelo pescoço e o abracei. Beijei sua cabeça e levantei-me.

- Vamos para casa? - Chance pulou e latiu. Peguei sua bola e o prendi com a coleira, levando-o até o carro.

Não ia adiantar fugir disso por muito tempo. Annabelle e eu deveríamos conversar. O modo como ela agiu ontem e como eu estava agindo agora, não era o certo. Éramos dois adultos e não adolescentes birrentos.

Assim que ajeitei Chance no carro, dei a partida e voltamos para casa. Quando chegamos, estava tudo silencioso. Corri para o segundo andar preocupado.

E se Annabelle ainda estivesse passando mal?

Droga! Era minha responsabilidade ficar e cuidar dela. Desesperava-me pelo caminho até nosso quarto com Chance ao meu lado. Ao abrir a porta relaxei, Bell dormia tranquilamente. Aproximei dela e vi que a bandeja que havia preparado estava limpa.

Annabelle. Teimosa e nervosinha, mas mesmo assim, minha.

Peguei a bandeja e saí do quarto com Chance.

Chegamos na cozinha e deixei tudo em cima da pia. Como já passava das duas da tarde, resolvi fazer um lanche leve para o almoço. Peguei os ingredientes e comecei a preparar. A hora passou rápido e logo terminei. Chance mordia seus brinquedos no chão enquanto montava a bandeja que levaria para o quarto.

Finalizei tudo e subimos novamente.

Abri a porta com cuidado e coloquei a bandeja sobre a cama.

- Annabelle... - chamei baixinho. Ela gemeu alguma coisa e mexeu, abrindo lentamente os olhos.

- Oi - falou timidamente.

- Oi - respondi calmo. - Trouxe seu almoço - expliquei colocando a bandeja sobre seu colo. Chance latiu se fazendo presente, Bell

sentou na cama e sorriu.

- E vejo que trouxe mais alguém - disse fazendo carinho em Chance.

- Ok, rapaz. Deixe a mamãe comer - ele choramingou e deitou a cabeça na cama. - Não adianta fazer essa cara - respondi e o peguei pela coleira o guiando até a porta do closet, onde ficava sua cama. Joguei um brinquedo e ele foi correndo até seu colchão.

Voltei ao quarto e Bell segurava seu lanche com o semblante triste. Sentei na beirada da cama e ela me olhou.

- Não está bom? - questionei tentando achar um caminho para iniciar essa conversa. Ela sorriu fracamente.

- O lanche deve estar ótimo, só não estou com fome.

- Desculpa ter saído daquele modo - disparei subitamente. Annabelle arregalou os olhos e me olhou com incredulidade.

- Se alguém aqui deve desculpas, sou eu, Christopher. Não devia ter entrado naquele lugar.

- Por incrível que pareça, nada do que aconteceu lá doeu tanto do que saber que a minha palavra não conta para você - foi possível ver o choque passar pelo seu rosto.

- Claro que conta, Christopher. Olha, mesmo quando eu vi a mensagem que Karen mostrou, eu desconfiei. Você disse o que ia fazer e eu não queria acreditar que tinha mentido para mim, mas então lembrei de como você estava estranho e tenso, cheio de segredo com os rapazes. Essa foi a única explicação que eu vi. Achei que tinha mudado de ideia - murmurou abaixando a cabeça.

Não imaginava que Annabelle havia percebido como andava preocupado ultimamente. Precisava eliminar essas dúvidas antes que notasse o que realmente estava angustiando-me. Aproximei dela,

sentando ao seu lado na cama. Segurei seu queixo e a fiz me encarar.

- A tal mensagem que você viu, deve ser de um dos amigos do Adam. Não vou mentir, eu fiz reservas e mandei passes VIPs dessa boate para todos - Annabelle arregalou os olhos. - Os amigos de Adam queriam ir em uma boate de *strippers*, e mesmo não indo, ele quis fazer algo divertido para eles. Foi isso. Quanto ao meu segredo com os rapazes, é que Adam quer fazer uma surpresa para Karen. Sam e eu vamos ajudá-lo, por isso ando tenso - era uma boa desculpa, já que andava mesmo preocupado com essa surpresa descabida.

- Por que não me falou? - Bell perguntou intrigada.

- Adam pediu segredo, reclamou que tudo o que eu faço conto para você. Bom, agora não vai ter dúvida - comentei rindo, Annabelle riu também, mas logo voltou a ficar séria.

- Desculpa por ontem - murmurou baixinho. - Passei essa manhã toda pensando em você e em como eu não deveria ter entrado lá... Eu sinto muito - seus olhos lacrimejaram e uma lágrima solitária desceu pela sua bochecha.

Enxuguei seu rosto com o polegar e o puxei para o meu, unindo nossos lábios em um beijo casto. Annabelle pareceu surpresa no início, mas logo entregou-se.

O que eu deveria fazer?

Ela era humana e também cometia erros. Agiu por ciúmes. Eu faria o mesmo. Quer dizer, o mesmo não, eu teria ido atrás dela. Exatamente como fiz na noite anterior. Afastei minimamente dela e a encarei com seriedade.

- Você tem noção do que poderia ter acontecido, Annabelle? - questionei com calma, afagando seu rosto. Só a ideia de algo acontecer com ela, deixava-me furioso. Bell abaixou a cabeça.

- Eu sei - segurei sua mão e enlacei nossos dedos.

- Não faz mais isso, anjo. Por favor - pedi.

- Não farei, tem minha palavra - respondeu e puxou-me para outro beijo.

Com cuidado, afastei-me. Ela me olhou em pânico.

- Você precisa comer - alertei, Bell suspirou aliviada e sorriu.

- Obrigada por cuidar de mim - agradeceu acariciando meu rosto.

- Eu cuido porque te amo - respondi na mesma hora, Annabelle voltou a me beijar. - Seu almoço... - murmurei com nossos lábios colados.

- Eu como depois... - colocou a bandeja no chão e veio até mim.

- Agora, quero você - completou beijando-me com paixão.

- Pelo o que estou vendo já melhorou - brinquei, virando-a e deitando por cima dela na cama, Annabelle passou o indicador pelo meu rosto e me olhou seriamente.

- Você é o meu melhor remédio - sua resposta colocou um sorriso idiota no meu rosto. Aconcheguei-me nela, beijando seu lábios. Annabelle infiltrou seus dedos em meu cabelo me puxando para mais perto. Isso bastou para que eu enlouquecesse.

- Tão gostosa, Annabelle - murmurei no seu pescoço enquanto beijava sua pele com adoração. Ela gemeu e contorceu-se sob meu corpo. - Minha linda e teimosa mulher - declarei possessivamente descendo os beijos pelo seu corpo macio e saboroso.

- E você é meu, Christopher... - respondeu roucamente, sorri contra sua pele abaixando sua calcinha lentamente. - Christopher, não me torture - pediu desesperada, ri beijando o interior de suas coxas.

- Estou te torturando? - perguntei ao mesmo tempo em que passava meu nariz pelo seu sexo. Annabelle gemeu alto. O cheiro de sua excitação deixou-me ainda mais duro e não pude mais resistir, a tomei em minha boca. Deliciando-me com aquele sabor irresistível.

Annabelle rebojava em meu rosto ensandecida, enquanto eu a provava com volúpia e desejo. Penetrei um dedo e logo mais um. Ela não parava de gemer e eu não parava de lambe e me degustar com o leite que era minha mulher. *Minha Annabelle*. A suguei com força e aumentei a velocidade em que meus dedos a invadiam. Seus gritos tomaram o quarto e ela gozou gloriosamente em minha boca. Annabelle agarrou meu cabelo e puxou-me até que nossos lábios estivessem unidos. Gememos, nos beijando loucamente. Tirei minha calça com dificuldade, pois recusava separar-me dela. Quando enfim estava nu, penetrei-a de uma só vez.

- Eu te amo, Christopher - Annabelle dizia pausadamente entre as estocadas que dava em seu corpo. Isso só fez com que meu desejo aumentasse e eu a tomasse com mais força e velocidade.

- Eu te amo tanto, anjo - sussurrei em seu ouvido chupando seu pescoço.

Entre em seu corpo mais uma vez e foi o suficiente para ela gozar. Apertando-me dentro dela de um modo que era impossível não sentir todo aquele prazer. Gozei, abafando o som do meu grito no travesseiro. Ambos estávamos ofegantes e quase sem ar. Respirávamos com dificuldade. Bell abraçou-me e beijou meu

cabelo. Levantei a cabeça e a beijei delicadamente. Continuamos nos amando, dessa vez com mais calma.

**

Ficamos na cama, só aproveitando a companhia um do outro. Pelo o que podíamos ouvir, Chance dormia profundamente em nosso closet, quanto mais velho ele ficava, mais alto roncava.

- Christopher? - Bell chamou, levantando a cabeça que estava sobre o meu peito e encarou-me com receio.

- Fala, anjo - peguei sua mão e beijei a palma. Ela sorriu com meu gesto, mas logo ficou séria. Respirou fundo. Parecia tomar coragem para me dizer algo.

- Ontem... - parou. Desviou o olhar e mordeu os lábios.

- Ontem? - incentivei puxando seu rosto pelo queixo, fazendo com que me olhasse.

- O que exatamente aconteceu? - Annabelle olhava-me ansiosa e um pouco aflita. Sentei melhor na cama e ela fez o mesmo. Puxando o lençol e cobrindo sua nudez. O melhor era ser honesto.

- Thompson ligou dizendo que você e as meninas tinham bebido e que não sabia o que fazer. Então, os rapazes e eu fomos correndo até lá. A primeira coisa que vi, quando cheguei, foi um cara quase te agarrando, mas você parecia querer se desvencilhar dos braços dele - ela encarou-me assustada.

- E-eu não me lembro de rapaz nenhum. Quer dizer, lembro de algumas imagens meios retorcidas, mas não claramente - gaguejou.

- Felizmente os seguranças estavam lá para me avisar, mesmo assim você foi muito descuidada se embebedando daquele modo - ralhei com ela.

- Eu não achei que a bebida tivesse tanto álcool. Pelo menos, não dava para sentir o gosto. Não pensei que ia ficar bêbada, eu juro.

- Bell, você não é mais uma criança ou adolescente. Poxa! Sabe que nesses lugares todas as bebidas vem repletas de álcool e o pior, vem sem o gosto para que beba mais e nem perceba.

- Você tem razão, eu fui muito imprudente e infantil, se pudesse nem teria entrado lá. Nunca mais quero ficar tão bêbada - declarou agarrando seus joelhos sobre a cama.

- Nunca se embebedou na faculdade? - questionei curioso.

- Não, nunca cheguei a exagerar ao ponto de não me lembrar de quase nada - comentou torcendo os lábios. Annabelle era mesmo uma garota comportada.

- Só precisa moderação - adverti. - E claro, eu do seu lado - ela sorriu apertando minha mão na sua. - À propósito, que porcaria de vestido era aquele que estava usando - Bell corou levemente.

- Julianne desenhou especialmente para a festa de despedida - explicou um pouco envergonhada.

- Vou ter uma conversa séria com Julianne - respondi sisudo. Annabelle aproximou e deitou sobre meu corpo.

- Não gostou do vestido? - perguntou brincando com os pelos do meu peito.

- Gostei muito, só que para usar comigo. Aliás, para usar só para mim - pontuei com seriedade, ela riu e beijou meu queixo.

- Você fica uma graça com ciúmes - sorri e a apertei em meus braços beijando sua cabeça. - Tem uma coisa que queria perguntar.

- O quê?

- Você sabe porque tem dinheiro no chão? - encarei-a confuso.

- Dinheiro?

- É, enquanto você estava fora eu levantei para ir ao banheiro e tinha um monte de notas de um dólar espalhadas.

Merda! Lembrei das mulheres enfiando dinheiro na minha calça. *Como eu iria explicar isso?*

- Hum... É que quando eu fui te resgatar do *stripper* folgado, algumas mulheres se empolgaram e começaram a colocar notas na minha calça - Annabelle sentou e fitou-me pasma.

- Como é que é?!

- Elas devem ter pensado que eu era um *stripper*.

- Vadias! - esbravejou socando o colchão.

- Foi o que você disse antes de pular em cima de uma delas - Bell arregalou os olhos.

- Eu briguei? - Assenti.

- Se não fosse por Jasen não sei como teria separado vocês duas - Annabelle tapou a boca completamente em choque.

- Não acredito... - sussurrou baixinho. - Diz que eu não fiz nada mais vergonhoso do que isso - pediu, praticamente suplicando que eu dissesse que não.

- Bem...

- Ah, não! O que mais eu fiz? - indagou aflita.

- Você meio que tentou me agarrar no carro e pediu que eu te fodesse ali mesmo - ela pareceu aliviada com isso.

- Achei que fosse algo pior - estranhei sua resposta.

- Pensei que não gostasse de intimidades com Jasen por perto - declarei surpreso, ela ficou estática.

- Jasen estava no carro?

- Estava, foi enquanto voltávamos para casa - Bell tapou o rosto e olhou-me por entre seus dedos.

- Eu disse isso baixinho, né?

- Não, na verdade, você gritou e ainda ficou se esfregando no meu colo - ela voltou a esconder o rosto entre os joelhos.

- Eu não vou mais sair de casa, está decidido - segurei seus braços e a trouxe para o meu peito.

- Amor, deixa de bobagem.

- Bobagem, nada! - exclamou indignada. - Eu não acredito que fui capaz de fazer tudo isso. Estou morrendo de vergonha - falou enterrando a cabeça no meu peito, acariciei seu cabelo.

- Não fica assim. O importante é que não aconteceu algo mais sério com você - de repente senti-a tencionar sobre meu corpo. Ela afastou-se e encarou-me.

- E se alguém filmou? - perguntou preocupada.

Porra! Ela tinha razão. *E se alguém tivesse tirado uma foto ou filmado?*

- Merda! Nem pensei nisso - praguejei, condenando-me por nem ter cogitado essa hipótese.

- Droga, Christopher! Se a imprensa descobre algo assim, nossa paz já era. Justo agora que eles tinham nos deixado em paz - disse lamentando-se. Endireitei na cama e peguei meu celular no criado.

- Vou ligar para o Jasen e pedir que ele verifique.

- Ok - concordou. Disquei o telefone de meu segurança e no segundo toque, ele atendeu.

- Boa tarde, senhor Lewis - cumprimentou com tranquilidade.

- Boa tarde, Jasen. Desculpe incomodá-lo em sua folga.

- Incomodo nenhum, senhor. Aconteceu alguma coisa?

- Sim, eu preciso que verifique na internet se postaram algum vídeo sobre a briga naquela boate em que estivemos e se a mesma tem câmeras espalhadas pelo salão. Preciso dessas fitas, de forma alguma isso pode ir para imprensa, entendido?

- Sim, senhor Lewis. Farei isso imediatamente.

- Ótimo. Qualquer novidade me ligue.

- Sim, senhor - dei mais algumas orientações e desliguei.

Confiava em Jasen e sabia que ele faria muito bem seu trabalho. O que mais eu poderia pedir de um ex-agente do FBI?

- E aí? - Bell perguntou aflita.

- Ele vai verificar, temos que esperar - ela suspirou.

- Eu só dou trabalho para você - reclamou manhosa.

- Não diga besteira - censurei.

- Não está bravo? - perguntou com receio.

Parei e pensei em tudo o que aconteceu e em como nossa vida poderia virar uma zona caso a imprensa soubesse, mas a verdade é que eu já não sentia a mesma raiva que antes e o motivo principal estava bem aqui, nos meus braços. Desde que ela estivesse segura, eu pouco me importaria com o resto.

- Eu estava puto ontem quando Thompson me ligou e fiquei ainda mais quando te vi com aquele vestido e com um idiota tentando se aproveitar, mas depois que viemos para casa eu me acalmei. Ia ter uma conversa séria com você sobre tudo isso hoje, mas acabamos brigando.

- É, eu fui uma bela imbecil.

- Você ficou com ciúmes, assim como eu quando Thompson me ligou - acariciei seu braço.

- Fiquei mesmo, ainda mais quando Karen insinuou que alguma dançaria estaria rebolando no seu colo - reclamou fazendo um bico lindo. Não resisti e a beijei.

- Eu só quero uma mulher rebolando no meu colo - sussurrei em seu ouvido. Ela se arrepiou e beijou meu maxilar.

- Que tal se eu rebolar agora? - propôs passando a mão pelo meu peito nu e descendo até meu membro.

- Adoro quando fica insaciável - senti sua risada no meu pescoço ao mesmo tempo que ela apertou meu membro já duro.

- É só o senhor que me deixa assim, senhor Lewis - murmurou contra minha pele. Gemi ao sentir seu toque delicado e mesmo assim forte.

Essa mulher era capaz de fazer o que quisesse comigo, e eu não me importava nem um pouco de estar em suas mãos, nesse caso, literalmente.

Capítulo 9 - Atitude

Annabelle

Corria o mais rápido que podia. Estava ofegante e quase sem ar, mas não podia parar, se fizesse isso ele me pegaria e então seria o fim. Apertei o passo e aumentei a velocidade. Ouvi seus passos na grama bem atrás de mim.

Merda!

Praguejei em pensamento antes de sentir um baque em minhas costas e ser puxada para o chão, caindo em cima de Christopher que ria sem parar. Dei-lhe um tapa no peito.

- Eu disse que ia te pegar - gabou-se. Fiz uma careta tentando controlar minha respiração que estava em frangalhos enquanto ele continuava rindo. Um latido ao longe nos alertou, Chance estava por perto.

- Aqui, Chance! - Christopher gritou.

Nosso labrador apareceu correndo e abanando o rabo, antes que nos sentássemos no gramado, ele pulou em nós.

Ficamos os três rolando na grama. A brincadeira acabou quando um esquilo apareceu correndo perto de onde estávamos, Chance levantou e foi persegui-lo, ri com sua animação. Aproveitei que Christopher estava jogado na grama e deitei sobre o seu peito. Ele abraçou-me e ficamos aproveitando aquele momento relaxante.

- Conseguiu falar com as meninas? - ele perguntou após alguns minutos.

- Não, falei só com os rapazes.

- E o que eles disseram? - levantei a cabeça e o encarei.

- Bem, Samuel falou que Julianne ainda estava apagada na cama e quando acordasse levaria uma bela bronca - Christopher riu.

- Essa eu queria ver.

- É, nem dá para imaginar o Sam brigando com a Julie.

- E o Adam?

- Ele estava rindo igual um idiota, contou que tinha o castigo perfeito para Karen e perguntou se eu também não estava de castigo, já que você estava uma fera ontem - praticamente sussurrei.

- Isso já passou - falou calmamente, sorri. - Só quero saber o que é esse castigo que o Adam inventou para a Karen - completou rindo.

- Amanhã será a primeira coisa que irei perguntar a ela.

No dia seguinte encontraria com as meninas para fazer a última prova do vestido de madrinha.

- Aposto que ainda vão estar de ressaca - comentei sorrindo, Christopher me acompanhou.

- E você, já está melhor? - perguntou acariciando meu rosto. Assenti e o beijei.

- Meu noivo está cuidando muito bem de mim - ele abriu um sorriso tímido e puxou-me para outro beijo.

- Eu amo cuidar de você, meu anjo.

- E eu de você, garotão - Christopher sorriu satisfeito.

O vento começou a soprar mais forte e tremi. Chris levantou, estendendo-me a mão.

- Está esfriando, melhor entrarmos - concordei segurando em sua mão.

- Chance! - Christopher chamou, nada. - Chance, vem! - chamou novamente e o ouvimos latindo. Em seguida, ele apareceu na nossa visão. Christopher abraçou-me pela cintura e fomos em direção da nossa casa, aproveitar o restante do nosso domingo.

**

À noite, apaguei nos braços de Christopher. Acordei por volta das cinco da manhã e não consegui mais dormir. Eu ainda não sabia como iria encarar o mundo depois do *king kong* que paguei.

Antes de irmos para cama, Jasen ligou para Christopher e informou que não havia com o que nos preocuparmos, pois não saiu nada na internet. Além disso, ele conseguiu acesso as fitas na boate e garantiu que era impossível reconhecer alguém pelas imagens. Isso me acalmou, mas não o bastante. Estava morrendo de vergonha por tudo o que tinha aprontado e principalmente por ter acusado Christopher. Fui completamente sem noção e infantil, uma completa imbecil com ele. Senti seu corpo movimentando-se atrás de mim e me abraçando.

- Madrugou, amor? - sussurrou no meu ouvido, sorri e virei-me o olhando. Ele me fitou com preocupação. - O que foi? - perguntou afagando meu rosto. Eu era péssima em esconder minhas emoções.

- Ainda estou chateada por causa de ontem - confessei, ele sorriu levemente.

- Não se preocupe com isso, anjo.

- Não sei como pode ser tão complacente com o que fiz, deveria estar com raiva e ter me deixado de castigo assim como os meninos - resmunguei aborrecida comigo mesma.

- Ficar longe de você seria um castigo para mim - respondeu com sinceridade, balancei a cabeça sorrindo.

- Você é bom demais comigo - reclamei sem parar de sorrir.

- Eu só estou tentando ser justo. Além do mais, foi interessante ver você perder o controle uma vez - arqueie minhas sobrancelhas.

- Como assim?

- Você é sempre tão comedida e certinha, nunca perde a cabeça ou faz qualquer coisa de errado... - observei-o abismada. *Era essa a imagem que Christopher tinha de mim?*

- Eu já errei tanto, Christopher - sussurrei cortando-o, ele encarou-me intrigado.

- Você sabe que isso não é verdade.

- Como não? Errei com você, com nossos pais, com James - Christopher torceu os lábios ao ouvir esse nome, mas era a verdade, de alguma forma eu havia machucado todas essas pessoas.

- Você nunca errou comigo, Bell. Fui eu que te magoei, e quanto aos nossos pais, você era o maior o orgulho deles. Como pode pensar que errou com eles? E você sempre foi honesta com James - enquanto Christopher falava, eu simplesmente comecei a chorar. Ele encarou-me apavorado.

- Bell, o que foi? Eu disse algo que te magoou? - neguei sem conseguir parar de chorar descontroladamente, Christopher abraçou-me apertado.

- Desculpe, anjo. Eu não queria fazer você chorar - condenou-se, levantei a cabeça e o encarei. Respirei fundo e procurei me acalmar.

- Não é sua culpa - dizia soluçando ainda. - Meus hormônios que andam uma loucura, preciso marcar logo uma consulta. Esses efeitos colaterais estão acabando comigo - Christopher beijou minha

testa, tranquilizando-me. - E eu não sou esse poço de virtude que você está descrevendo - discordei afastando-me dele.

- É sim, Annabelle. Você é um anjo, o meu anjo - completou e puxou-me para um beijo apaixonado.

**

- Bell... - ouvi a voz de Christopher soar baixa e um beijo ser depositado nas minhas costas. - Acorda, amor.

Abri um olho e fitei Christopher sentado na cama com um terno escuro. *Ele estava tão gostoso.* Quando percebeu meu olhar sorriu largamente.

- Trouxe seu café da manhã - disse indicando a bandeja à sua frente, segurei o lençol contra o meu corpo e sentei-me na cama.

- Assim vou ficar mal acostumada - respondi enquanto ele pegava a bandeja e pousava sobre o meu colo.

- Quero mimar e muito você - retrucou dando-me um beijo casto nos lábios, meu coração bateu mais rápido apenas com esse gesto. Eu era uma mulher de muita sorte.

- E eu quero ser mimada por você - ele sorriu e deu-me mais um beijo. - Você já vai? - perguntei manhosa.

Não queria que Christopher saísse, se pudesse ficaria trancada com ele pelo resto do dia, melhor, o resto das nossas vidas.

- Ainda não, vou te esperar - franzi meu cenho, o encarando confusa.

- Esperar para quê?

- Esqueceu que hoje vai se encontrar com as meninas para provar os vestidos de madrinha - bati com a mão na testa.

- Droga! Tinha esquecido.

- Bem que percebi - Christopher caçoou rindo. Segurei-o pela gravata e puxei-o para mais perto.

- Culpa sua que ficou me distraíndo a noite inteira e pela manhã também.

- Assumo todos os meus crimes - sussurrou contra os meus lábios e deu-me um beijo apaixonado. Antes que nos empolgássemos, ele distanciou-se ofegante.

- Adoraria ficar nessa cama com você, mas sabe que não podemos - assenti sem esconder minha frustração.

- Eu sei, mas a noite o senhor é meu - Christopher abriu o meu sorriso tímido. E me deu mais um beijo.

- Só seu, meu anjo - sorri e voltei minha atenção ao café da manhã. Observei o silêncio no quarto.

- Cadê o Chance? - perguntei a Christopher enquanto comia uma torrada.

- Eu pedi que Kline e Thompson o levassem para o hotel, hoje tenho que visitar algumas obras e vou ter muitas reuniões. Ele vai se divertir mais lá do que aqui. Quando sair do escritório vou buscá-lo - assenti concordando.

- Com meus seguranças fora, quer dizer que poderei dirigir? - perguntei animada. Eram raras as chances que eu tinha de sair sozinha de carro. Christopher era paranoico com minha segurança e pela careta que ele fez, percebi que hoje não seria diferente.

- Não, eu vou levá-la até o ateliê de Julianne - arregalei meus olhos.

- Com Jasen? - tudo o que eu menos queria era encontrar com ele, Christopher riu e negou.

- Imaginei que não ia querer se encontrar com ele e por isso decidi eu mesmo te levar, ele vai seguindo o carro - suspirei aliviada. Não estava preparada para encontrar com ele. Tinha certeza que iria ficar igual a um tomate se o visse.

- Obrigada - agradei, Christopher segurou minha mão e a beijou.

- Sei que ainda se sente mal pelo o que aconteceu, mas não precisa se preocupar com nada, ele é um profissional, Annabelle.

- Eu sei, mesmo assim minha vergonha não vai embora.

- Bom, pelo menos por hoje não precisa se preocupar, vou te levar e Kline e Thompson estarão lhe esperando na saída.

- Não tem como escapar, não é? - tentei argumentar.

- Não. Sua segurança é imprescindível para mim.

- Eu acho que poderíamos diminuir isso, Christopher. Não precisa ser tanto assim - ele me olhou sério, daquele modo que nem dava para discutir.

- Nem pensar! - exclamou categórico. - Não posso baixar a guarda com você, Annabelle. Por favor, não discuta isso comigo.

Eu sabia como o assunto da minha segurança era delicado, especialmente por causa de tudo o que tinha acontecido. Por esse motivo achei melhor relevar. Em um relacionamento temos que escolher nossas batalhas e essa, já estava mais do que perdida para mim.

- Tudo bem - concordei com um sorriso conciliador, Christopher pareceu relaxar e beijou minha testa.

- Você é o que eu tenho de mais valioso, não suportaria se algo lhe acontecesse - expressou angustiado. Afaguei seu rosto

compreendendo com exatidão suas palavras. Era exatamente assim que eu sentia-me também.

- Eu te amo - declarou beijando a palma da minha mão.

- Eu também te amo - ele sorriu e selou nossos lábios com mais um beijo doce e delicado.

- Agora, coma - pediu em um tom gentil e ao mesmo tempo enérgico.

Balancei a cabeça sorrindo e voltei a apreciar o café da manhã que havia preparado para mim. Sentia tanta fome que devorei tudo em poucos minutos. Christopher olhava-me abismado pela minha gula. Por certo, isso era por causa dos esforços do fim de semana e o fato de ter comido tão pouco no dia anterior.

Assim que acabei o café, fui para o banheiro e fiz minha higiene. Aprontei-me rapidamente no closet e quando já estava pronta, saímos de casa. Era gostoso estar em um carro somente com Christopher, sentia-se mais livre e relaxada. Olhei pelo retrovisor e vi Jasen nos seguindo.

- Falou com o Jasen esta manhã? - Christopher olhou-me de relance.

- Sim, por quê?

- Queria saber se apareceu alguma coisa depois que falaram ontem - comentei receosa.

- Não, amor, e tenho certeza que nem vai aparecer - encarei-o intrigada.

- Como pode ter certeza?

- Bell, se alguém tivesse uma foto ou filmagem sobre o que aconteceu ontem á noite, nós já saberíamos. Apesar de não

estarmos mais na mídia, ainda somos pessoas importantes, eles não deixariam isso de lado.

- É, tem razão. Estou sendo paranoica.

- Só está se preocupando demais. De qualquer forma, vou fazer uma reunião com o responsável pela Relação Pública da empresa e os advogados, caso algo apareça.

O quê? De jeito nenhum!

- Não! - praticamente gritei.

- Por que não?

- Não quero que mais ninguém saiba o que aconteceu, Christopher. É vergonhoso demais.

- Bell, claro que não vou dizer nada. Só vou falar que algo da nossa vida privada pode vir a tona e quero eles preparados caso isso aconteça, nada mais - suspirei aliviada. - É só uma precaução.

- Você me assustou - Christopher segurou minha mão a apertando, sem deixar de prestar atenção ao trânsito.

- Eu nunca iria lhe expor dessa forma - assim que as palavras saíram da sua boca, ele ficou sério e soltou minha mão, concentrando-se em dirigir. Estranhei sua atitude distante.

- O que foi?

- Nada - disse, tentando um sorriso que não chegava aos seus olhos.

- Você não consegue mentir para mim. Pode dizer! - exigi cruzando meus braços. Christopher suspirou profundamente.

- Eu já lhe expus uma vez, e ainda a humilhei na frente de muitas pessoas - explicou sem tirar seus olhos da rua. Minha postura relaxou um pouco, mas não o bastante.

- Isso é passado - declarei desgostosa sobre o assunto. - Nós já falamos e acertamos tudo o que aconteceu - ele assentiu.

- Desculpa, mas às vezes é inevitável não pensar em tudo de ruim que lhe fiz.

- Pois trate de tentar, porque nada disso importa mais - fui categórica.

Sem que esperasse Christopher estacionou o carro em uma vaga qualquer e virou-se para me encarar. Seu rosto tinha um sorriso lindo.

- Eu já disse que te amo hoje? - perguntou com um brilho intenso no olhar. Foi impossível não sorrir também.

- Já, mas não o suficiente - Christopher riu. Sua mão segurou meu queixo e nossos lábios encontraram-se em um beijo apaixonado.

- Eu te amo - declarou com os olhos fechados, fechei os meus e o puxei pela nuca, colando novamente nossas bocas.

- Casa comigo? - pediu abrindo os olhos e olhando-me intensamente.

- Eu vou casar - esclareci, confusa com seu pedido.

- Agora, casa comigo agora - sorri.

- São só mais alguns meses, garotão - argumentei, Christopher fez uma careta fofa.

- Longos seis meses - resmungou aborrecido. Não queria nem ver quando dissesse que estava pensando em adiar o casamento. Christopher ficaria louco. Resolvi mudar de assunto.

- Você fala como se nem morássemos juntos.

- Eu quero você completamente, Annabelle.

- Eu sou sua, Christopher - garanti com firmeza.

- Não vou mesmo te convencer a adiantar esse casamento, né?

- Não. Quero fazer as coisas com calma, para que nos lembremos desse dia para sempre - precisava fazer Christopher entender como isso era importante para mim.

- Você sempre consegue me convencer - suspirou derrotado. Cortava o coração vê-lo desse modo, mas também não poderia apressar o dia mais importante da minha vida. Queria que fosse perfeito. Hoje mesmo conversaria com ele sobre o adiamento do casamento. Não podia ficar adiando.

- Vai valer a pena. Eu prometo - Christopher encarou-me com amor e adoração.

- Tenho certeza que vai. Afinal, irei casar com a mulher da minha vida.

O que fazer quando o homem que você ama, faz uma declaração dessas?

Eu simplesmente puxei-o pela nuca e beijei-o profundamente. Tentando demonstrar naquele beijo, nem que fosse um milésimo, de tudo o que eu sentia por ele.

- Você me deslumbra com suas palavras, senhor Lewis - murmurei com nossos lábios ainda unidos, Christopher sorriu dando-me um selinho.

- E você com suas atitudes, Annabelle - franzi meu cenho confusa, sem saber do que ele referia-se.

- Posso saber que atitude seria essa?

- É difícil definir uma só, meu anjo. De algum modo, você sempre está ao meu lado para me salvar - confessou afagando meu rosto com seus dedos. Eu o olhava admirada.

- É o que se faz por quem se ama - expliquei calmamente, Christopher segurou firme minha mão.

- Exatamente - respondeu com um sorriso e deu-me mais um beijo antes de dar partida no carro e retomarmos nosso caminho.

Assim que Christopher deixou-me no ateliê de Julianne, segui até a bela recepção, onde Ashley estava concentrada em sua mesa de trabalho.

- Bom dia - cumprimentei com educação.

Eu não a suportava, pois toda oportunidade que tinha, dava em cima de Christopher. Ela levantou a cabeça e fitou-me com descaso, como sempre.

- Olá, senhorita Lewis - podia apostar que se Christopher estivesse aqui, ele a corrigiria dizendo que eu era a senhora Lewis. Era sempre assim, mesmo que ainda não estivéssemos casados. Eu, no entanto, preferia deixar passar.

- Julianne já chegou?

- Sim, ela e a senhorita Parker acabaram de chegar e estão no provador principal.

- Obrigada.

Adentrei o grande provador e encontrei Karen sentada em um dos sofás com óculos escuros e tomando uma xícara de café.

- Bom dia - cumprimentei sorrindo, ela só acenou com a cabeça. - Tudo bem, Karen? - perguntei preocupada.

- Sim - respondeu com a voz fraca. - Só essa merda de dor de cabeça que não vai embora - sentei ao seu lado, deixando minha bolsa sobre o sofá.

- Ainda está de ressaca?

- Pois é, acho que peguei pesado demais dessa vez - murmurou e deitou a cabeça no encosto do sofá.

- E a Julianne?

- Está no escritório dela, foi pegar o vestido de vocês - explicou quase dormindo.

Karen realmente era fraca para bebida, bem mais do que eu. Felizmente tivemos a ideia de fazer a despedida uma semana antes do casamento, caso contrário, era bem capaz dela nem conseguir dizer o sim.

- Finalmente apareceu! - Julianne exclamou vindo em minha direção carregando dois pacotes enormes. Levantei e a ajudei.

- Estava me recuperando - respondi com um sorriso, Julianne balançou a cabeça e riu.

- Pelo visto se recuperou muito bem, não é? Está com esse sorriso idiota no rosto.

- Vamos dizer que fui muito bem cuidada - completei colocando um dos pacotes sobre o sofá que estava livre.

- Aposto que nem ficou de castigo - Karen desdenhou me olhando por cima dos óculos.

- E por que ficaria? A ideia de ir naquele lugar nem foi minha.

- Mas você bebeu conosco e, se bem me lembro, ficou bem soltinha - odiava o fato de Julianne ter uma memória tão boa, mesmo bêbada.

- Que eu saiba não fui eu que subi em cima de uma mesa e comecei a tirar minhas roupas - provoquei com um sorriso. Ela arregalou os olhos.

- Quem te contou isso?! Foi o Samuel? - neguei.

- Não, a segurança que levou vocês para casa contou ao Christopher.

- Nem me lembre, essa é uma noite que prefiro esquecer - Julianne disse mexendo nas suas coisas.

- Eu esqueci - Karen respondeu. - Não lembro de praticamente nada do que aconteceu - comentou massageando a têmpora. Pelo menos, ela não tinha feito nada para se envergonhar.

- Como estão os meninos? Ontem falei com eles por telefone e Sam estava uma fera, já o Adam parecia muito bem humorado.

- Argh! Nem quero pensar nisso - disse Karen, cobrindo o rosto com o braço, eu e Julianne a olhamos com curiosidade.

- Por que não? - Julie questionou. Karen endireitou-se no sofá e nos olhou sem tirar os óculos.

- Bom, o Adam pensou em um castigo bem criativo para dizer o mínimo - torceu os lábios em descontentamento.

- O que ele fez? - perguntei curiosa.

- Vai me obrigar a assistir aqueles programas chatos de carro que ele tanto gosta - Karen lamentou. - O Adam é muito mau - bufou, cruzando os braços.

- Isso não é tão ruim, o Samuel está bem pior. Ele nem está falando comigo e, pelo visto, não vai falar tão cedo - Julianne comentou enquanto arrumava um dos vestidos no manequim.

- Sério? - perguntei. Nunca imaginei que Sam pegaria tão pesado com ela.

- É, ele só falou comigo ontem quando acordei, falou não, gritou. Nunca tinha visto ele tão bravo comigo, me deu a maior bronca, me chamou de infantil, irresponsável e mais um monte de coisa. Em seguida, saiu batendo a porta.

- E o Alex? - Karen perguntou preocupada.
- Tinha saído com minha mãe pela manhã para um passeio, acho que Samuel pediu que nos deixasse a sós.
- E agora? O que está planejando fazer? - Julie balançou os ombros.
- Por enquanto nada, sei que essa raiva do Sam logo passa, ele só ficou chateado pois poderia ter acontecido algo.
- É, Christopher também ficou preocupado com isso.
- Adam me contou que ele estava possesso conosco e com você
- Karen apontou.
- É verdade, Chris me contou que ficou louco - disse chateada com minha atitude. Apesar das minhas amigas terem incentivado, entrar naquele lugar foi uma decisão minha.
- Sério, que não rolou nenhum castigo? - Julianne perguntou parecendo decepcionada.
- Hey! Que tipo de amigas são vocês que ficam torcendo para que eu seja castigada? - questioneei indignada.
- Oras, somos amigas solidárias. Não é justo que Julianne e eu estejamos de castigo e você, que até chegou a brigar, não fique também - reclamou aborrecida, arregalei meus olhos com sua revelação.
- Como sabe que eu briguei?
- Adam viu você pulando em uma garota - Karen falou com um sorriso. E depois ele reclamava do Christopher contar tudo para mim. Fofoqueiro!
- Você fez isso? - Julianne olhou-me chocada.
- Ao que tudo indica, sim. O pior é que lembro muito pouco do que aconteceu - as duas começaram a rir, cruzei meus

braços. - Belas amigas, eu tenho - reclamei.

- Ah, Anna! Você tem que admitir que isso é engraçado, ainda mais você, que é toda certinha e pacífica - Julianne falou em meio as risadas. - E ainda assim não ficou de castigo. Você tem o Christopher na palma da sua mão, hein - mostrei a língua para Julianne que continuou rindo.

- Não posso fazer nada se meu charme é irresistível - nesse momento fui atingida por um travesseiro.

- Pelo visto já está melhor, não é? - falei para Karen antes de jogar o travesseiro de volta. Julianne entrou na brincadeira e ficamos as três nos divertindo igual crianças.

**

- Christopher tinha razão - afirmei.

- Sobre o quê? - Julianne perguntou intrigada. Estávamos no chão, deitadas sobre os travesseiros.

- Nós somos umas crianças - as meninas riram.

- Disso não posso negar, fomos bem precipitadas indo naquela boate.

- Eu avise... - antes que completasse Julianne me lançou um olhar reprovador. - O importante é que saímos ilesas - completei, elas assentiram em concordância.

- Acho bom começarmos a provar as roupas, caso contrário, não vai dar tempo se precisarem de ajustes - Julianne alertou e nos levantamos. Ela chamou sua assistente e então começamos a experimentar os vestidos.

Karen foi a primeira. Seu vestido de noiva havia ficado perfeito. Era um tomara que caia com cristais e uma saia toda trabalhada, absolutamente lindo. Enquanto ela desfilava em frente ao espelho,

decidi experimentar o meu, fui para uma das cabines e coloquei o vestido.

Estava bem mais justo. Era só o que faltava. Agora estava inchada. Precisava urgentemente ir na minha médica. Nunca tive problema com anticoncepcionais, mas pelo visto o injetável não era mim. Julie apareceu e pedi que ela soltasse um pouco o vestido, estava bom no meu corpo, mas eu precisava respirar. Ela pegou os alfinetes e marcou nos locais necessários, não pude deixar de perceber que me olhava de modo estranho, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Karen a chamou e acabei deixando o assunto de lado.

Terminamos de experimentar as roupas e saímos para almoçar. Thompson e Kline já estavam nos esperando em frente ao ateliê. Ficamos sem graça ao encontrarmos meus seguranças. Era impossível não se sentir assim.

Durante o almoço, Karen comentou que queria passar o dia e a noite anterior ao casamento longe de Adam. Julie adorou a ideia e então decidimos fazer uma festinha particular na minha casa na sexta. Agora só restava avisar os garotos, o que sem dúvida, seria a tarefa mais árdua. Especialmente, com Christopher.

Após o almoço, cada uma seguiu para seu trabalho. Assim que cheguei no escritório recebi uma ligação de Christopher e ficamos algum tempo conversando.

Passei o resto da minha tarde entre reuniões com os arquitetos, meus projetos e o banheiro. Achei que meu mal estar estaria resolvido, mas pelo visto havia me enganado, parecia bem pior do que quando acordei ontem.

Saí do trabalho ainda sentindo-me mal. Quando cheguei em casa, Christopher quis me levar para o hospital, entretanto me neguei, alegando que o dia tinha sido cheio e que era um mal estar passageiro, decorrente da quantidade de bebida que havia ingerido no sábado e também o efeito recorrente do anticoncepcional. Ele não aceitou muito bem, mas também não voltou a insistir. Ao invés disso, pediu que eu fosse tomar um banho e relaxasse na cama enquanto pediria para a senhora Brauer preparasse uma canja.

Sentia-me muito melhor depois de tomar um banho e jantar. Tanto que não deixei Christopher em paz até transarmos. Precisava dele dentro de mim. Sobre o meu corpo. Suas mãos e boca na minha pele. Era uma necessidade vital.

Passava das onze da noite quando desmontamos ofegantes na cama.

- Está melhor? - Christopher perguntou acariciando minhas costas.

- Hum rum - murmurei debilmente, com a cabeça enterrada em seu pescoço, sentindo seu aroma delicioso. Chris riu.

- Tem que ir na sua médica, Bell.

- É, eu sei. Deveria ter ido antes, mas com tantas coisas, acabei deixando isso de lado. Assim que passar o casamento da Karen vou marcar - ergui meu corpo sobre o dele e o beijei. Amava o modo como ele preocupava-se comigo.

- Ótimo, odeio ver você passando mal, apesar de não poder reclamar de todos os efeitos colaterais - respondeu malicioso. Gargalhei dando um tapa nele.

- Christopher! - ralhei sem parar de rir. - Não sei como pode ver um lado bom nisso. Estou inchada, chata, manhosa, chorona e...

- Insaciável - interrompeu com um sorriso sacana. Balancei a cabeça.

- Safado! Só pensa nisso - retruquei. Ele ergueu a sobrancelha e me encarou.

- E você, não? - sussurrou no meu ouvido, fazendo meu corpo inteiro tremer. Passei minha mão pela sua nuca e o puxei para um beijo. Sua língua explorava minha boca de forma ávida e tentadora.

Fale com ele. Não adie ainda mais.

Afastei-me lentamente de seu corpo. Christopher me encarou confuso. Se eu demorasse muito, seria pior e eu não queria abrir mão do casamento dos meus sonhos.

- Eu queria falar sobre algo com você - comentei sentando na cama.

- Sobre o quê? - questionou com a testa franzida. Respirei fundo tomando coragem para soltar a bomba.

- É que me dei conta que o clima não vai estar do jeito que eu esperava no início da primavera - comecei dizendo nervosamente, Chris encarava-me atento. -Estava pensando se não poderíamos adiar o casamento... - minha voz saiu quase em um sussurro, o rosto de Christopher se transformou.

- Nem pensar, Annabelle! - esbravejou nervoso.

- Mas?

- Nada de mas! - disse categórico sentando na cama e escovando o cabelo com os dedos, então voltou a me olhar. - Por que está fazendo isso?

- Chris, eu te disse, o clima está maluco. Você viu como foi esse último mês. Eu devia ter percebido isso antes, mas só recentemente

vi que é impossível ter o casamento que eu quero - argumentei, ele me olhou desconfiado.

- É só isso mesmo?

- Claro! Que outra razão teria? - Christopher observou-me por um momento, então suspirou balançando a cabeça e pareceu se acalmar.

- Bell, eu simplesmente não posso esperar mais para que você se torne minha esposa, não dá, esses meses já estão me matando.

- Eu sei que isso é importante para você, e é para mim também, por isso quero que seja especial. E nós moramos juntos, se pensarmos bem, já somos casados - Christopher estreitou os olhos. Isso nunca era bom sinal.

- Se você acha que já somos casados, é óbvio que não sabe como isso é importante para mim! - disparou irritado.

- Christopher...

- Não! - cortou-me. - Porra, Annabelle! Tudo o que mais quero no mundo é ver você caminhando na minha direção, nós dois declamando nossos votos e tornando isso oficial. Pode parecer ridículo e piegas, mas para mim não é! - exclamou aborrecido, aproximei-me e acariciei seu rosto.

- Para mim também não, só estou pedindo dois meses, no máximo, Chris.

- Você havia prometido que não iria adiar nem um segundo, e agora pede dois meses? Como quer que eu me sinta? - questionou magoado. Franzi meu cenho diante sua reclamação.

- Por que está agindo assim? - perguntei confusa com sua reação exagerada.

- Porque minha noiva não quer casar comigo - disse fazendo manha.

- Christopher! - reclamei espantada com sua linha de pensamento.

- É a verdade - retrucou petulante, revirei meus olhos.

Precisava de muita paciência quando Christopher resolvia agir feito um adolescente teimoso. Talvez o que ele precisasse era um pouco de segurança. Fui para seu colo e ele virou o rosto fazendo pirraça, o segurei fazendo encarar-me.

- Eu te amo - declarei com firmeza. - Sei que o casamento é importante, mas eu já sou sua mulher, sempre fui e sempre serei. Você é meu - ele fechou os olhos e encostou sua testa na minha.

- Eu não sei o que faria se me deixasse, Bell. Sou incapaz de viver sem você - confessou com a voz baixa, olhei para ele e vi seu rosto transfigurado em agonia.

O que estava havendo com ele?

- Isso nunca vai acontecer, está ouvindo? Olha tudo o que nós já passamos juntos. Nada vai nos separar, Christopher. Absolutamente, nada - garanti segura e confiante. Ele suspirou aliviado e sorriu levemente, tomando meus lábios nos seus com volúpia. Em pouco tempo voltávamos a nos amar feito loucos. Esquecendo tudo ao nosso redor.

Capítulo 10 - Festa do Pijama

Annabelle

Durante a semana meu mal estar melhorou, ainda assim, às vezes ficava enjoada. Quanto ao nosso casamento, mesmo contrariado, Christopher acabou aceitando o adiamento. Fiquei animada com isso, pois seria do modo como havia sonhado, no auge da primavera.

Aproveitei que era a véspera do casamento e resolvi tirar o dia de folga. Isso seria fundamental para recuperar minhas forças e preparar tudo para o dia das garotas.

Despertei lentamente. Espreguicei e quando abri os olhos vi Christopher sentado na cama observando-me.

- Bom dia, garotão - cumprimentei feliz.
- Bom dia - respondeu sério. Revirei os olhos já sabendo o porquê do mau humor.
- Não acredito que vai continuar com essa cara.
- Não tenho outra - retrucou petulante.
- Você tem noção do quanto sua atitude é infantil? - Christopher cruzou os braços e fez um bico.
- Infantil são três mulheres adultas combinarem uma festa do pijama - ralhou sem esconder sua irritação, acabei rindo com sua pirraça.

Os rapazes não ficaram muito satisfeitos com a ideia da Karen, mas acabaram aceitando, menos Christopher, que estava fazendo a maior birra desde que contei dos planos.

- Chris, deixa de ser rabugento. Karen só quer curtir o dia com as amigas e se despedir da vida de solteira.

- Vocês já fizeram isso semana passada com aquela palhaçada de despedida de solteira.

- Amor, não vai ser a mesma coisa. Vamos ficar em casa, tomando chocolate quente, assistindo filmes e conversando. Nada demais - certifiquei pela milésima vez.

- E para isso preciso dormir longe da minha mulher? - indagou aborrecido. *Ótimo! Vou casar com um adolescente.*

- O Adam aceitou numa boa, não sei porque está fazendo tanto drama.

- Drama?! Só porque não quero dormir longe de você? É, pelo visto não farei falta mesmo - disparou irritado levantando.

Paciência, Annabelle. Paciência.

Desci da cama e o abracei antes que entrasse no banheiro.

- Deixa de ser bobo, Chris - murmurei depositando um beijo nas suas costas e passeando meus dedos pelo seu abdômen. - É claro que vou sentir sua falta, só que ao invés de ficar sofrendo por isso, estou me concentrando em como será a noite seguinte, quando formos matar toda essa saudade - seu corpo relaxou e senti suas mãos cobrirem as minhas, subindo pelo seu corpo e as apertando contra o peito.

- Essa vai ser uma noite de merda - proferiu aborrecido, mas podia perceber que não estava mais irritado.

Girou o corpo e o encarei com um sorriso, ele acabou sorrindo também. Sua mão foi para meu rosto. Percebi que ele me olhava de um modo peculiar, como se eu fosse desaparecer em um passe de

mágica. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, seus lábios tomaram os meus.

- Que horas as garotas vão chegar? - questionou traçando beijos pelos meu maxilar até meu pescoço. Fazendo-me esquecer qualquer coisa ao meu redor que não fosse ele.

- O quê? - Christopher levantou a cabeça e encarou-me com um sorriso bobo.

- Que horas combinou com elas?

- À tarde, a partir da três - um sorriso lascivo e sensual surgiu nos lábios de Christopher, sentia o sangue correndo mais rápido pelo meu corpo e meu coração palpitando com rapidez.

- Acho que hoje vou para o escritório mais tarde - declarou me pegando no colo e levando para o banheiro.

**

Quando finalmente saímos do quarto e fomos para a cozinha, já passava das dez da manhã. Chance estava na sala esparramado em sua almofada mordendo seus brinquedos, mas assim que nos viu, veio correndo em nossa direção, latindo.

- Ah, meu lindo! O papai mau deixou você aqui sozinho? - perguntei para ele, acariciando sua cabeça, Chance latiu olhando para Chris.

- É assim que você trata quem te alimenta? - Christopher questionou o olhando indignado.

- Ele só está dizendo a verdade, amor - brinquei, indo em direção da cozinha. Hoje, devido a atividade com as meninas, havia dado folga a Irvine.

- Um ingrato, isso sim - Chris reclamou, Chance foi para cima dele pedindo carinho, ele não resistiu e acabou fazendo um cafuné

na cabeça dele.

- Esse rapazinho tem você na pata dele - comentei lavando as mãos na pia e indo até a geladeira, Christopher abraçou-me pela cintura.

- Só você e ele tem esse poder - respondeu sorrindo e dando-me um beijo molhado no pescoço.

- Acho bom mesmo - respondi virando o rosto e o beijando rapidamente. - Estou morrendo de fome - comentei, desvencilhando dos seus braços e abrindo a geladeira.

Peguei vários frios e o suco de laranja, colocando sobre o balcão da cozinha. Chris pegou alguns pães no forno e se juntou a mim, beijando-me novamente até que Chance meteu-se entre nós.

- Acho que tem alguém aqui com fome - comentei rindo, sentando no banco.

- Nada disso, rapaz, já te dei comida - Chance choramingou e deitou no chão rolando de um lado para o outro, Chris sentou ao meu lado, pegou um pedaço de pão e jogou para Chance.

- Christopher! - ralhei com ele.

- Não tenho culpa - defendeu-se, balancei a cabeça e sorri.

- Você o mimia demais, desse jeito vai virar uma bola. Sabe que não pode comer nada mais do que a ração.

- Eu sei, mas é difícil resistir - inclinou o corpo e me beijou.

- É para o bem dele.

- Ok, não farei mais - prometeu e olhou para Chance que estava esparramado no chão com aqueles olhos caídos.

- Desculpa, mas acabou a festa, amigão - explicou para Chance que soltou um gemido magoado, como se pudesse entender o que dizia. Rimos pela sua manha e voltamos a comer.

Durante todo café da manhã, Christopher não tirava seus olhos de mim, o que estava me deixando sem graça.

- Por que está me olhando assim? - questionei o encarando, Christopher sorriu.

- Porque eu te amo - respondeu se aproximando de mim. Parecia bobo, mas acabei corando com sua resposta. - Você me ama? - perguntou acariciando minha cintura. Sorri passando meus braços pelo seu ombro.

- Tem alguma dúvida? - Chris fez uma careta fofa e sacudiu a cabeça.

- Não, mas eu gosto de ouvir.

- Está muito carente ultimamente, senhor Lewis - provoquei em tom de brincadeira.

- Eu sou um homem faminto quando se trata de você, meu anjo. Sempre quero mais e mais - sua declaração fez um sorriso enorme surgir no meu rosto.

Passei minha mão pelo seu cabelo observando atentamente o rosto do homem que eu tanto amava. Não resisti e o beijei. Infelizmente, Chance acabou cortando o clima, latindo alto e chamando nossa atenção.

- Ele já está sacaneando comigo - Christopher bufou, fazendo-me rir. Voltamos a comer enquanto Chance fazia suas gracinhas no chão da cozinha.

Depois do café da manhã, Chris preparou uma pequena mala. Do escritório ele iria direto para o apartamento de Adam, onde passaria a noite.

- Tem certeza que não posso ficar? - perguntou mais uma vez, assim que terminou de arrumar suas coisas.

- Chris, as meninas e eu vamos dormir no mesmo quarto - expliquei. Ele sorriu e, circulando as mãos pela minha cintura, trouxe-me para mais perto.

- Podíamos dar uma escapada e ficarmos juntos no nosso quarto ou qualquer outro lugar - ofereceu malicioso. Acabei rindo do seu plano.

- Pare de me tentar, Christopher - repreendi sem parar de sorrir. - Nos veremos amanhã no casamento.

- Fazer o quê, não é? - respondeu derrotado, o semblante triste.

- Não quero ver você assim - disse afagando seu rosto, ele acabou sorrindo.

- É bobeira minha, anjo - desconversou e beijou minha testa. - No entanto tem uma coisa que gostaria que me promettesse - falou sério.

- Não precisa se preocupar, não vou beber - garanti, já imaginando que seria esse, seu pedido.

- Fico feliz, mas não era isso que ia pedir - encarei-o intrigada.

- O que é, então?

- Promete que não faremos essa besteira de dormirmos separados um dia antes do nosso casamento? - sorri com seu pedido.

- Prometo, garotão. Mas acho que seria interessante, já que depois não vai se livrar mais de mim - brinquei com ele, Christopher riu.

- Eu não quero nem sonhar em ficar longe de você, Bell. Especialmente depois que for minha esposa. Tem minha palavra - sorri satisfeita e o beijei.

Christopher acariciou meu rosto e afastou-se, amarrou Chance na coleira e descemos até a sala.

- Se divirta, mas não tanto - falei despedindo-me mais uma vez.

- O mesmo para você, senhorita - respondeu sorrindo, mas não era *aquela* sorriso.

Conhecia Christopher o bastante para saber que algo o incomodava. Querendo de alguma forma tirar a aflição que via no seu olhar, joguei-me nos seus braços. Ele enterrou a cabeça no meu pescoço, apertando-me contra o peito.

- Eu te amo, Christopher, muito - ele inspirou profundamente como se quisesse absorver aquelas palavras e meu aroma.

- Eu também te amo, Annabelle. Mais do que tudo - beijou minha cabeça e logo depois meus lábios com uma paixão inexplicável.

**

Assim que Christopher foi embora, fiquei remoendo tudo o que havia sentido naquele breve momento antes dele ir. Meus lábios pareciam ainda dormentes tamanha foi a força do nosso beijo.

Não conseguia distinguir exatamente o que estava acontecendo com Christopher. Não poderia ser só a surpresa que Adam tinha preparado. Era algo a mais. Talvez fosse a nossa curta separação. Afinal de contas, desde que ficamos juntos nunca havíamos dormido longe um do outro, mesmo quando tínhamos nossas discussões.

É só um dia. Amanhã nos veremos e estará tudo bem. Tentei pensar positivo e esquecer aquele incômodo que estava sentindo.

Fiquei na cozinha até às duas da tarde. Preparando várias coisas para comer com as meninas. O que foi bom para afastar minha cabeça de coisas sem sentido. Fui para o quarto e arrumei-me para

esperá-las. O que não demorou. As duas chegaram com malas enormes, nem parecia que iam ficar só um dia. Achei que Julianne traria Alex, mas não, ela preferiu deixá-lo com os pais de Sam e Karen. Os avós queriam aproveitar o netinho já que moravam longe e não podiam vê-lo sempre.

Assim que colocamos as coisas no quarto, fomos para a varanda toda envidraçada e decorada com vigas de madeira. Desse modo, podíamos apreciar a vista e ainda nos mantermos aquecidas. Tomávamos nosso chocolate quente com marshmallow enquanto conversávamos animadamente. Julie contou que fez as pazes com Sam após a briga da despedida de solteira e Karen teve um momento nostálgico, lembrando-se de como havia conhecido Adam. Estava tudo indo bem até que senti o costumeiro mal estar.

- Anna! - Julie me chamou, mas nem tive tempo de responder, já estava a caminho do banheiro mais próximo, despejando no vaso tudo o que havia comido. Não estava mais aguentado isso. Devia ter ido no médico quando Christopher insistiu.

- Você está bem? - a voz alarmada de Karen perguntou. Assenti, sem conseguir responder ainda.

Quando percebi que não ia mais vomitar, levantei e lavei a boca na pia, passando água pelo meu pescoço e testa.

- Vem, Anna, eu te ajudo - Julie disse ao meu lado. Fomos até o sofá mais próximo, onde eu desabei. - O que está sentindo? - questionou preocupada.

- Só um pouco de enjoo e tontura. Onde está Karen?

- Foi fazer um chá - assenti levemente, parecia que qualquer movimento mais brusco me faria voltar ao banheiro. Não demorou e Karen apareceu com uma xícara de chá.

- Obrigada - agradei, tomando o liquido lentamente.

- Desde quando está se sentindo mal? - Julie quis saber.

- Já faz algum tempo, é um dos efeitos do anticoncepcional, mas piorou depois de sexta passada, acho que por causa do excesso de bebida que tomei - tentei dizer com humor, mas pareceu não dar muito certo, já que ninguém riu.

- Está sentindo mais alguma coisa além de enjojo e tontura?

- Os efeitos normais da injeção anticoncepcional, alteração de humor, inchaço - Julie trocou um olhar estranho com Karen. - O que foi?

- Anna, como está seu ciclo menstrual? - dessa vez quem questionou foi Karen. Balancei a cabeça.

- Se estão achando que estou grávida, podem mudar de ideia - respondi.

- Por quê? O anticoncepcional pode ter falhado - argumentou Julie.

- Não acredito. Minha médica garantiu que a injeção é mais segura que a pílula. Por isso decidi mudar para o método injetável. Além disso, fiz dois testes de farmácia, ambos deram negativo - expliquei com calma.

- Mesmo assim, Annabelle. Muitas coisas podem influenciar o teste - Julie insistiu.

- Não. Não posso estar grávida... - retruquei com a voz quase sumindo.

- Por que não? Você não quer? - Julie questionou.

- É claro que quero! É só que é cedo... Eu queria casar antes. Não pode ser verdade - choraminguei.

- Deixa de ser bobeira, Anna. Christopher vai pirar com essa notícia - Julianne tinha razão, Christopher iria surtar de tanta felicidade. Mas eu ainda não conseguia acreditar. *Será?*

- Que tal tentar mais uma vez o teste de farmácia? - opinou Karen.

- Não, eu preciso de mais certeza - fui enfática. Não podia mais focar no escuro. Um teste de farmácia só me deixaria ainda mais em dúvida. Já estava cansada dessa situação.

- O que vai fazer? - Karen perguntou.

- Vou ligar agora mesmo para minha médica e ver se consigo uma consulta de emergência amanhã - ela arregalou os olhos.

- Anna! E meu casamento? - perguntou tensa.

- Vai dar tempo, Karen. Se não conseguir um horário amanhã, já marco para segunda-feira, mas não posso mais ficar com essa dúvida. Já adiei demais - ela aquiesceu.

Fui até meu quarto e liguei para o celular particular de minha médica. Felizmente, ela atendia aos sábados e tinha um horário para mim.

- E aí? - Julie perguntou quando voltei para a sala.

- Consegui um horário às onze, ela garantiu que não deve durar muito. Devo chegar à tempo para os preparativos e tudo, Karen - garanti.

- Tudo bem, eu entendo sua pressa. Só acho que devia ter feito isso antes - repreendeu.

- Eu concordo, Anna. Assim que desconfiou de uma gravidez, já devia ter procurado sua médica - Julie comentou. Suspirei sentando no sofá.

- Eu sei, mas sei lá, estava com tanta coisa na cabeça que foi mais fácil aceitar o resultado negativo do teste e culpar o anticoncepcional, mas já não aguento mais esse mal estar.

- Bom, de qualquer forma, saberá amanhã. Quer companhia? - Julie perguntou.

- Não, acho que preciso fazer isso sozinha. Vocês vão para o local do casamento e as encontro lá - ambas assentiram. Percebendo minha apreensão, Karen pegou minha mão.

- Vai dar tudo certo - disse com um sorriso encorajador. Retribuí o gesto.

A gravidez ainda parecia algo surreal para mim.

Poderia ser verdade?

Capítulo 11 - Casamento

"Para o ciumento, é verdade a mentira que ele vê."

Calderón de la Barca

Annabelle

Passei a noite praticamente em claro. Ainda debatendo sobre uma possível gravidez.

Eu estava pronta para ser mãe?

Pela manhã, após me deixarem no consultório da médica, pedi que Kline e Thompson acompanhassem minhas amigas até o local do casamento e depois fossem me buscar. Se Christopher perguntasse por mim, avisasse que não demoraria.

A consulta foi mais rápido do que eu esperava. Minha médica, Pamela Smith, descartou que meus sintomas seriam por causa do anticoncepcional.

Eu estava grávida.

Quando questionei a eficácia da injeção, ela lembrou-me que eu não deveria transar sem camisinha no primeiro mês ou pelo menos dez dias após a aplicação. Eu havia esquecido disso completamente. Talvez porque Christopher e eu, estivéssemos afastados na época e tinha tantas preocupações que simplesmente não lembrei dessa recomendação. A data da concepção estava clara para mim, o que foi confirmado pela ultrassom. Estava grávida de dois meses. Exatamente quando Christopher me pediu em casamento. Fiquei em transe durante toda a consulta. Perguntei o básico e comentei sobre a bebida que havia ingerido na sexta-feira passada. Pamela explicou que desde que me cuidasse a partir de agora, não haveria risco de

uma seqüela. Só deveria evitar os excessos e cuidar da minha saúde e alimentação. Agradei e antes de ir embora, pediu que voltasse na próxima semana para fazer exames mais completos.

Saí do consultório ainda não acreditando naquela possibilidade. Havia um misto de medo e felicidade dentro de mim.

Um filho. Eu teria um bebê. Um pedacinho meu e de Christopher.

Aos poucos fui absorvendo aquela notícia. Toquei meu ventre e um sorriso enorme formou-se no meu rosto, sem perceber começava a chorar.

Medo. Aflição. Insegurança.

Nada disso importava mais.

Eu ia ser mãe. Mãe!

Comecei a rir enquanto chorava. Lágrimas de pura felicidade.

Respirei fundo e fui até o banheiro que havia próximo. Enxuguei meu rosto, sem perder o brilho no olhar e sorriso em meus lábios. Não havia razão para ter medo. Tudo daria certo.

Cheguei no estacionamento do consultório e Thompson e Kline já me esperavam. Eles disseram que Christopher havia perguntado por mim, mas que disseram o que eu tinha pedido. Peguei meu celular e havia algumas ligações dele. Resolvi ligar.

- Onde você está? - Christopher perguntou secamente, antes que pudesse dizer qualquer coisa.

- Estava em casa. Passei mal de novo - era a melhor desculpa que tinha. Estava ansiosa para contar a notícia, mas ao mesmo tempo queria que fosse especial. Assim como tudo o que ele preparava para mim. Essa era a minha chance de fazer uma surpresa para ele e tinha que aproveitar. Ficava pensando qual seria

sua reação e de que modo poderia contar para ele. Talvez na banheira. Ou depois de fazermos amor. Meu coração batia acelerado só de imaginar a cena.

- Porque não ligou ou me avisou? - interrogou ainda sério. Estranhei seu tom de voz. Podia apostar que ainda estava chateado por não termos passado a noite juntos.

- Não foi nada, Chris. Só quis ficar um pouco mais na cama. À propósito, já estou à caminho.

- Ok, nos vemos mais tarde - disse e desligou. Encarei o telefone sem saber o que pensar da sua atitude fria. Christopher, às vezes, parecia um adolescente mimado, mas nem seu mau humor ia estragar minha felicidade.

Estava tão distraída que nem percebi quando chegamos ao nosso destino. A mansão colonial, onde seria o casamento, era enorme e tinha um lindo jardim.

Por causa do clima frio, a cerimônia e a festa seriam realizados em dois salões separados dentro da casa. Tudo decorado com perfeição em tons de marrom e azul turquesa. Desci do carro e segui diretamente para o quarto onde seríamos preparadas pelo maquiador e cabeleireiro. Abri a porta, e só estavam Karen e Julie no lugar. Elas me encaravam com expectativa. Tudo o que fiz, foi assentir. Ambas me abraçaram e felicitaram.

Não demorou e logo o local estava cheio de mulheres. Corri para me arrumar. Após passar pelo maquiador, fazer o cabelo e colocar o vestido, eu e Julie, ajudamos Karen. Ela estava deslumbrante e muito feliz. Assim que ficou pronta, todo mundo saiu do quarto para deixá-la a sós com seus pais e seu irmão mais novo. Aproveitei e fui procurar por Christopher. Antes que saísse, Karen

pediu para procurarmos por Samuel e avisasse para ele subir. Julie decidiu ver como estava Adam enquanto eu procuraria Sam e Chris.

Desci as escadas, animada. Não via meu noivo há mais de 24 horas e estava morrendo de saudades. Apesar de parecer um ogro pelo telefone. Encontrei-o em um canto conversando com Samuel. Sem conseguir parar de sorrir, fui na direção deles. Christopher olhava-me fascinado, o que fez com que meu sorriso crescesse ainda mais.

- Olá, rapazes - cumprimentei sem esconder minha alegria. Aproximei-me de meu lindo noivo e dei-lhe um beijo. Percebi algo mudar em seu olhar, via certa tristeza nele.

- Está linda, Anna - Samuel elogiou, sorri corando levemente, Christopher permaneceu em silêncio.

- Obrigada, Sam. Karen pediu que fosse até quarto dela, sua família já está lá.

- A Julie também está lá em cima?

- Sim, ela ia ver como Adam estava - Sam assentiu e saiu com um sorriso. Voltei minha atenção a Christopher que não tirava seus olhos de mim.

- Samuel tem razão, você está linda - sorri abertamente.

- Você que está uma tentação com essa roupa - elogiei brincando com a lapela de seu terno na esperança de melhorar seu humor.

Os lábios de Christopher contorceram-se em um sorriso rápido, mas logo seu rosto sério voltou. Achei que ele ficaria feliz de me ver depois de ficarmos tanto tempo longe um do outro, mas não, ele parecia frio e distante, nada parecido com o meu Christopher.

- Senti sua falta - disse manhosa, tentando de alguma forma fazer ele falar.

- Sentiu mesmo? - perguntou em um tom estranho, meio acusatório.

- Claro que sim - Christopher assentiu parecendo incerto e virou o rosto, segurei seu queixo o fazendo me encarar. - O que foi? Ainda está chateado por termos passado a noite separados? - apontei preocupada.

- Não - respondeu, tirando minha mão do seu rosto. *Ele estava claramente mentindo. Mas por quê?* - Você parece bem feliz - afirmou me olhando com curiosidade.

Meu coração bateu apressado.

Deveria contar sobre a gravidez agora?

Não, queria que fosse especial e não aqui, no meio de um salão quando qualquer um poderia nos interromper.

- Claro que estou, minha amiga vai se casar - respondi, como se isso fosse uma explicação válida. Christopher não pareceu acreditar e seu olhar caiu ainda mais, como se tivesse dito algo terrível. *Esse homem ia me enlouquecer.*

Antes que pudesse questionar, a cerimonialista apareceu dizendo que estava na hora. Decidi deixar meu interrogatório para mais tarde, mas Christopher não ia escapar.

Julianne desceu com Samuel e nos organizamos em fila para entrarmos no salão onde ia ser realizada a cerimônia, fiquei de braços dados com Christopher e evitei olhar para seu rosto ou isso ia me deprimir. Não via razão para essa sua atitude.

Por mais que tenha negado, podia apostar que ainda estava chateado por causa da noite passada.

O som do piano cortou meus pensamentos e assim como os outros casais, começamos a caminhar pelo corredor decorado com copos de leite, rosas brancas e tons de marrom. Seguimos até o fim do corredor e nos separamos. Os homens foram para um lado e as mulheres para outro.

Quando assumi minha posição, olhei para Christopher do outro lado. Seu rosto tenso e sério. Quase ri da sua expressão. *Christopher era tão infantil às vezes.*

A música mudou. Adam entraria agora. A porta abriu e ele apareceu entre seus pais, um sorriso glorioso no rosto. Ele caminhou até o fim e cochichou algo para Samuel e Christopher, ambos torceram os lábios.

Talvez Christopher também estivesse preocupado com a surpresa de Adam? Já que reclamou dela várias vezes.

A marcha nupcial anunciou o momento mais importante da cerimônia e todos os olhares voltaram-se para a porta. Assim que foi aberta, uma Karen deslumbrante apareceu. Seu pai todo orgulhoso ao seu lado, fez meu coração apertar.

Eu não teria isso, nem eu, nem Christopher.

Fechei os olhos com força, não era hora de pensar em coisas tristes. Voltei a minha atenção a Karen. Seu pai entregou sua mãe para Adam e sentou, para então a cerimônia começar.

Enquanto o Juiz proferia todas as palavras sobre amor e união meus olhos não saíam, de Christopher, ele no entanto, olhava para os convidados ou para o juiz. Parecia fazer de tudo para não olhar para mim.

Odiava quando tinha essas atitudes. Achei que tínhamos nos acertado ontem. Por que não conversava comigo? Droga! Eu

expliquei a situação para ele. Será que não entendia? Eu também morri de saudades, mas foi apenas um dia. Não era para tanto, era?

Discretamente coloquei minha mão em meu ventre. As flores que segurava ajudaram a disfarçar meu gesto, fechei os olhos e pensei em nosso bebê, fruto do nosso amor. Isso me fez relaxar e sorrir. Quando abri meus olhos, Christopher encarava-me intensamente e com raiva.

O que eu tinha feito de errado agora?

Ele travou o maxilar, o olhar frio e duro. Virou o rosto e voltou a prestar atenção na cerimônia. Suas atitudes estavam me deixando cada vez irritada.

Após o fim da cerimônia, caminhamos até o outro salão onde seria a festa. Christopher, Julianne, Samuel, Carmen, Andrew, Peter, Emily e eu, dividiríamos uma mesa. Tudo o que eu queria era conversar seriamente com Christopher, mas o local não permitia isso.

Droga! Não queria que passássemos o casamento nesse clima horrível, porém ao que parecia isso não importava para ele, já que assim que sentamos, engatou em uma conversa com Samuel, Andrew e Peter. Peguei uma taça com água e fingi que prestava atenção ao que Julianne, Carmen e Emily falavam animadamente.

- Boa noite! - ouvimos uma voz grave soar no microfone chamando a atenção de todos.

- Gostaríamos de chamar para a primeira dança como marido e mulher, o Senhor e a Senhora Wright! - anunciou o rapaz apontando para a porta onde surgiram Adam e Karen.

Todos nós aplaudimos enquanto eles seguiram para a pista de dança e a música começou a tocar. Deitei minha cabeça no ombro

de Christopher e para minha surpresa ele passou o braço pelas minhas costas puxando-me para mais perto e beijou minha testa. Suspirei satisfeita com esse gesto de carinho. Talvez essa frieza e jeito estranho de Christopher fosse coisa da minha cabeça de grávida. Acabei rindo com isso, senti seu dedo no meu queixo levantando minha cabeça.

- Por que está rindo? - perguntou intrigado, sorri largamente.

- Porque estou feliz - respondi simplesmente. Ele torceu os lábios como se essa não fosse uma boa resposta.

- O que foi? - sussurrei baixinho em seu ouvido. Balançou a cabeça e olhou para a frente.

- Nada - bufei com sua atitude e afastei-me dele.

Christopher estaria ferrado quando chegássemos em casa. Respirei fundo e concentrei-me na felicidade de minha amiga. Ela e Adam deslizavam pelo salão como dançarinos profissionais.

- Não achei que conseguiria fazer Adam dançar tão bem, Andrew - comentou Julianne, que estava aninhada nos braços de Samuel, bem diferente de mim, que agora encontrava-me a uma boa distância de Christopher, que parecia nem se importar com isso.

- Depois que ele dançou de tanguinha acho que o Adam é capaz de tudo, amor - Samuel disse e todos nós rimos, bem, todos nós não, porque Christopher permanecia sério e com a cabeça em outro lugar.

Assim que eles terminaram de dançar, Adam foi para nossa mesa e puxou Christopher e Samuel com ele. As meninas ficaram curiosas e eu calada, só Andrew tinha um sorriso no rosto. Tinha certeza que ele sabia o que iam aprontar.

- Pode contar, Andrew - exigiu Julianne.

- É uma surpresa para Karen. Esperem e surpreendam-se - Carmen estreitou os olhos para o marido e recebeu um beijo.

O que será que esses homens iam aprontar?

- Boa noite, pessoal! - Adam cumprimentou a todos do palco. - Bem, eu gostaria de fazer uma surpresa para minha linda, senhora Wright - falou indicando Karen que tinha o maior sorriso que já havia visto em seu rosto. - E para isso, vou contar com a ajuda de meus grandes amigos e padrinhos, Samuel e Christopher! - anunciou e os dois apareceram cada um de um lado de Adam, ambos pareciam que iam para a forca. Adam entregou a taça que segurava para um dos garçons e voltou a falar no microfone.

- Essa é para você, Baby! - declarou sorridente e a música *Born To Be My Baby*, do Bon Jovi começou a ser tocada. Para a surpresa de todos, eles começaram a cantar e até dançar, tudo sincronizado, meus olhos arregalaram.

Todos encaravam a cena boquiabertos, Karen assistia a tudo completamente apaixonada. Eu estava pasma, ainda mais com Christopher cantando. Nunca poderia imaginar que ele pudesse cantar tão bem, aquela voz sexy e aveludada estava deixando-me louca de tesão.

Olhei para os convidados e todos se divertiam, quando voltei a prestar atenção ao show que os meninos faziam, percebi que Christopher fitava-me intensamente.

Assim que acabaram de cantar, Karen foi correndo até o palco, Adam desceu e a pegou em um abraço. Todo o salão explodiu em aplausos. A cena era linda, mas no momento eu estava mais preocupada com meu noivo e seu humor intragável. Christopher saiu do palco e veio em direção a nossa mesa praticamente correndo.

- Vem, comigo! - exigiu ríspido, pegando minha mão e puxando-me para longe. Eu devia me rebelar, mas a verdade é que esse jeito grosso dele era muito sexy. Pelo visto, essa gravidez ia me deixar ainda mais tarada.

Christopher levou-me para fora do salão e subiu as escadas até que minha curiosidade falou mais alto e o questionei:

- Para onde vamos? - ele não disse nada e aumentou a velocidade de seus passos.

Quando chegamos ao segundo andar, Christopher puxou-me para dentro de um dos quartos e quando fechou a porta me prensou sobre ela beijando-me com volúpia e desejo. Se antes eu já estava queimando de tesão por ele, isso fez com que eu enlouquecesse de vez. Minhas mãos foram para seu cabelo enquanto ele alisava minha perna e subia meu vestido, nos beijávamos como se não existisse mais nada além de nós dois.

- Eu quero você... - murmurei desejosa. Christopher afastou-se minimamente e abriu sua calça. Eu tirei minha calcinha e sem esperar mais nada ele voltou a me prensar sobre o porta mergulhando seu membro duro e delicioso em mim, gemi alto.

- Mais rápido, Christopher... - pedi desesperada com a lentidão com que ele se movia.

- Diz quem você quer, Annabelle... Diz meu nome... Diz a quem você pertence... - ele sussurrava contra minha pele conforme estocava dentro de mim lentamente.

- Eu quero você, Christopher... Só você... Por favor vai mais rápido... Eu preciso senti-lo - Christopher encarou-me profundamente, segurou meu rosto e me beijou com sofreguidão. Como se eu fosse desaparecer em um passe de mágica.

- Diz que me ama... - pediu entre nossos lábios.

- Eu te amo, te amo, te amo... Você é tudo para mim - Christopher voltou a me beijar com paixão e me penetrar com força e velocidade.

- Oh! Isso... Isso... Tão gostoso! Isso, Christopher! - gritava ensandecida, cercada pelo prazer que Christopher estava proporcionando-me.

Tudo o que tinha acontecido parecia ficar para trás quando estávamos assim, unidos como um só, agarrei seu cabelo e o puxei ainda mais para meu corpo, como se pudéssemos nos fundir. Ele saiu completamente de mim e voltou com força, o que fez com que ambos gritássemos alto quando atingimos nosso orgasmo.

Christopher encostou a testa na porta enquanto recuperávamos nossa respiração.

- Isso foi... nem tenho palavras - murmurei debilmente e completamente sem ar, beijei seu pescoço e ouvi Christopher rindo.

- Senti falta dessa risada hoje - ele distanciou-se da porta e encostou sua testa na minha.

- Jura que nunca vai me deixar? - perguntou angustiado.

- É claro que não! - retruquei firme, mas confusa com sua pergunta sem sentido. - Da onde você tirou isso? - ele balançou a cabeça.

- Eu não sou nada sem você, Annabelle - sua voz quase sumindo tamanho era seu desespero. Segurei seu rosto com minhas duas mãos.

- Eu amo você e nunca, nunca vou sair do seu lado, minha vida não teria sentido sem você, Christopher - ele respirou aliviado como se o peso do mundo tivesse saído dos seus ombros.

- Por que está assim? É por causa de ontem? - Christopher abraçou-me apertado.

- É porque eu te amo demais e morro de medo de perder você - declarou angustiado, acariciei seu cabelo completamente confusa com sua declaração.

- Isso nunca vai acontecer - afirmei com certeza. Christopher continuou abraçado a mim como se quisesse evitar que eu fugisse. Queria ficar ali o resto da minha vida, mas infelizmente não poderíamos.

- Temos que voltar para a festa - avisei calmamente, entretanto a reação de Christopher pegou-me de surpresa. Ele afastou-se bruscamente de mim e começou a se arrumar com rapidez, franzi meu cenho.

- O que foi?

- Nada - respondeu seco. Essa resposta já estava me enervando.

- Christopher? - chamei e ele encarou-me sério.

- Melhor se arrumar, não vai querer perder a festa, não é? - disse irônico se dirigindo até a porta, onde eu ainda estava encostada.

- Licença? - pediu rudemente com a mão já na maçaneta. Ainda em choque pela sua atitude afastei-me. Christopher abriu a porta e saiu do quarto deixando-me sozinha.

O que foi isso?

Segurei e muito para não chorar. Ele estava sendo tão estúpido comigo, especialmente depois do momento tão lindo que passamos juntos. Christopher estava estragando tudo e o pior é que devia ser por uma bobagem.

Arrumei meu vestido e passei no banheiro antes de tomar coragem para voltar ao salão.

Quando retornei, fui logo procurando por Christopher, encontrei-o sentado, conversando com nossos amigos. Respirei fundo e fui em sua direção, ia colocar ele na parede agora mesmo.

- Anna! - parei no meio do caminho reconhecendo aquela voz. Virei e encontrei James perfeitamente alinhado em um terno escuro e com seu sorriso glorioso no rosto.

- James! - falei animada indo em sua direção o abraçando. Tinha até esquecido que ele viria ao casamento.

Subitamente, todas as atitudes de Christopher vieram a minha mente.

Sua insegurança e carência nas últimas semanas. O modo urgente como havia me beijado no dia anterior e como me olhava.

Era por causa de James que ele estava daquele jeito! Por isso estava completamente frio e rude.

Tudo fazia sentido agora...

Não podia acreditar que ele estava agindo daquele modo comigo por ciúmes de James, principalmente depois de tudo o que passamos juntos. Era como se ele não confiasse em mim, não confiasse no meu amor. Sem que esperasse senti uma mão conhecida passar pela minha cintura.

- Olá, James - Christopher estendeu a mão e eles se cumprimentaram. Nesse momento tudo o que queria era gritar com Christopher e dizer como ele era um idiota imaturo.

Eu sabia que James era um problema, mas não era sendo rude e frio comigo que resolveríamos isso. Christopher nunca havia me decepcionado tanto como nesse momento.

- Como vai, Christopher? - James perguntou educadamente.

- Muito bem - respondeu puxando-me ainda mais para seu corpo, virei o rosto e segurei para não pular em seu pescoço e fazer um escândalo.

O que estava pensando? Que eu ia reencontrar meu ex e fugir com ele? Imbecil!

- Fico feliz - James aquiesceu satisfeito. - Se importa se tirar Annabelle para dançar? - perguntou gentilmente para Christopher, quando *When I Was Your Man*, começou a ser tocada pela banda. Entretanto nem dei tempo para que ele respondesse.

- É claro que ele não se importa - respondi por Christopher, que fuzilou-me com o olhar.

Estendi minha mão na direção de James e ele a pegou me levando para a pista de dança. Podia sentir o olhar de Christopher queimando nas minhas costas.

Ótimo! Agora sim ele teria um bom motivo para sentir raiva.

Capítulo 12 - Dança

"As pessoas às vezes machucam as outras pelo simples fato de estarem machucadas."

Charlie Chaplin

Annabelle

James acompanhou-me até o centro da pista de dança. Colocou sua mão em minha cintura e me guiou pelo salão. Eu adoraria conversar com ele. Saber como estava sua vida, mas tudo o que eu conseguia pensar era em Christopher e sua falta de confiança. Estava morrendo de raiva. Evitei até mesmo olhar para a direção onde o havíamos deixado. Ele tinha que saber o quanto me magoou com suas atitudes.

- Anna? - olhei para James. - O que houve? - perguntou observando-me atentamente.

- Nada - tentei disfarçar. Essa resposta já estava me enlouquecendo. Era só isso que Christopher sabia dizer também. *Nada*. James sorriu.

- Eu te conheço o suficiente para saber que está chateada - encarei-o sem jeito. Não queria conversar sobre um assunto tão íntimo com meu ex-noivo.

- Prefiro não falar sobre isso - disse fugindo do assunto.

- Ok, sobre o que quer falar?

- Sobre você. Como está sua vida? - perguntei tentando me animar e esquecer pelo menos por um segundo o idiota do meu noivo e a raiva que estava sentindo. James abriu um sorriso enorme.

- Muito bem - respondeu com os olhos brilhando. - Vou me casar - contou sem parar de sorrir. Era nítida sua felicidade, o que me deixou nas nuvens, James merecia tudo de melhor na vida.

- Isso é fantástico, James! - celebrei animada, ele concordou.

- Bom, e tem mais uma coisa - fiquei curiosa.

- O quê?

- Vamos ter um filho - completou sem esconder sua alegria.

Parei de dançar por um segundo e o abracei apertado. Sabendo muito bem o que ele estava sentindo.

- Parabéns, James! - congratulei contente. Ele sempre desejou isso e sentia-me feliz e aliviada ao saber que, apesar de tudo, ele conseguiu reconstruir a sua vida.

- Você merece toda a felicidade do mundo, Jay - declarei ainda em seus braços.

- Você também, Anna.

Eu estava muito feliz hoje, antes de Christopher estragar tudo.

- Me conta tudo, onde está sua noiva? - mudei de assunto, conforme voltávamos a dançar.

- Ela ficou na Itália, já está com seis meses e como tem problema de pressão alta, todo cuidado é pouco - falou sem esconder sua preocupação. - Eu mesmo não viria, mas tinha negócios urgentes a tratar aqui e ela praticamente me expulsou de casa dizendo que não era uma inválida. Ela é um pouco temperamental - James comentou rindo, acabei rindo também.

- Onde você a conheceu?

- Eu estava procurando um revendedor de azeite para o restaurante e ela era uma das pessoas que foi apresentar o produto, me apaixonei pelo sabor do azeite.

- Só pelo sabor do azeite? - perguntei arqueando minha sobrancelha, James riu.

- Não, na verdade ela também me interessou e muito. - confessou sorrindo. - Por isso inventei que precisava visitar o local onde plantavam as oliveiras. Quem faz isso nem sou eu, mas com ela abri uma exceção. Não demorou e estávamos namorando, quando percebi que ela era a mulher da minha vida, não perdi tempo e a pedi em casamento.

- Posso imaginar - concordei entendendo perfeitamente essa alegria. Quando a imagem de Christopher tentou invadir minha mente, a ignorei. - E quando será o casamento?

- A família dela quer um casamento enorme e como ela não quis casar grávida, vamos esperar o bebê nascer - sorri. - Eu adoraria que todos vocês fossem, mas não sei se daria certo - completou. Realmente não era uma boa ideia.

- É, acho seria um pouco estranho, mas chame o pessoal. Tenho certeza que vão amar - incentivei.

- Não se importa?

- De modo algum, James. Eles também são seus amigos, principalmente Adam. Já contou para ele?

- Ainda não, queria conversar com você antes. Só avisei que tinha uma novidade para contar - assenti.

- Aposto que ele vai adorar o convite e saber que você terá um filho. Falando nisso, já sabem se vai ser menino ou menina? - os olhos de James brilharam.

- Vai ser um menino - respondeu com orgulho. - Pietro.

- É um lindo nome - elogiei. - E como se chama sua noiva?

- Arianne Dellatorre. Futura senhora Di Massi - James disse seu próprio sobrenome com um sorriso enorme, parecia Christopher quando me chamavam de senhora Lewis. Pensar nele fez meu peito apertar novamente.

- Anna? - encarei James. - Não sei o que aconteceu entre vocês, mas vendo o modo como Christopher me olhou, posso imaginar - antes que pudesse dizer qualquer coisa ele continuou:

- Seja o lado racional da relação e converse com ele - suspirei chateada, sabia que ele estava certo e de nada ia adiantar ficar com essa briga idiota. Christopher e eu sempre dizíamos que a conversa era a melhor saída, mas sempre que brigávamos esquecíamos isso. Olhei para James e sorri.

- Fiquei muito feliz em te encontrar, James - ele sorriu e paramos de dançar. James segurou minhas duas mãos e as beijou com delicadeza.

- Eu também, Anna. Você foi muito importante na minha vida - expressou seriamente, assenti e o abracei apertado.

- Você também - murmurei emocionada em seu ouvido, afastei-me e o olhei mais uma vez. - Desejo toda a felicidade do mundo para você e sua família.

- Obrigado, Anna. Desejo o mesmo para você e o Christopher - disse sinceramente. Nos despedimos e James foi em direção a sua mesa. Era tão bom vê-lo assim. Verdadeiramente feliz.

Respirei fundo. Não sabia como iria encarar Christopher, agora. Tinha certeza que ele estaria espumando de raiva. Tomei coragem e virei, seguindo até nossa mesa.

De longe vi que ele não estava lá.

Vasculhei o salão e nem sinal dele. Um arrepio passou pela minha espinha.

Será que ele teria ido embora? Sem mim?

Aproximei-me da mesa onde estavam Andrew e Samuel.

- Samuel, você viu o Christopher? - perguntei apreensiva.

- Bem, ele saiu faz algum tempo, disse que ia dar uma volta no jardim - Sam respondeu um pouco tenso.

- Lá fora está um gelo - contestei preocupada.

- Foi o que eu tentei dizer, mas ele falou que precisava sair daqui.

- Por quê?

- Porque você estava dançando de forma bem afetuosa com seu ex - Andrew alfinetou com a voz mole por causa da bebida. Estreitei meus olhos na direção dele.

- Culpa do Christopher que está agindo feito um adolescente - retorqui nervosa.

- Ah, claro! E se esfregar em um ex é uma ótima forma de acertar tudo - rebateu com sarcasmo.

- Eu não estava me esfregando em ninguém! - Samuel me segurou antes que esquecesse que estava na festa dos meus amigos e fizesse um escândalo.

- Calma, Anna - pediu suavemente.

Queria matar Andrew por insinuar que eu estava dando em cima de James. Desvencilhei-me dos braços de Samuel.

- Eu vou encontrar o Christopher - declarei e saí em disparada pelo salão. Samuel ainda tentou me chamar, mas eu o ignorei.

Tudo o que eu queria era irritar Christopher, mostrar para ele como estava sendo um imbecil. No fim, acabei piorando ainda mais

as coisas.

Andei pelo salão procurando alguma porta que estivesse aberta. A única que encontrei ficava um pouco afastada da festa. No instante que abri, senti o vento frio bater em meu rosto, estava muito gelado do lado de fora.

Assim que saí, eu o vi. Christopher estava com as mãos na cabeça debruçado no parapeito. Essa cena quebrou meu coração em mil pedaços. Eu era a responsável por isso. A culpa me bateu com a força de um trem. Tomei coragem e aproximei-me lentamente dele.

- Christopher? - chamei hesitante. Ele ficou tenso, sua postura rígida.

- O que você quer? - perguntou frio. A voz claramente embargada. Engoli em seco. Eu não podia fraquejar.

- Nós precisamos conversar - Christopher riu.

- Conversar o quê? - questionou virando para me encarar, seus olhos estavam vermelhos e brilhantes. - Que foi divertido ficar comigo, mas que na verdade quem você quer é o James? Não precisa perder seu tempo, já entendi isso - arregalei meus olhos.

- Você está ouvindo os absurdos que está dizendo, Christopher?

- ele encostou no parapeito e cruzou os braços.

- O único absurdo aqui, foi ter acreditado que você podia me amar.

- Eu te am...

- MENTIRA! - gritou antes que eu completasse minha declaração.

- Como pode me amar se nem mesmo conseguiu esconder sua alegria quando foi dançar com aquele... - ele sacudiu a cabeça

incapaz de dizer o nome de James. Fechou os olhos com força e passou a mão pelo cabelo. - Agora eu entendo porque você estava tão feliz - afirmou com agonia me encarando seriamente.

- Não é o que está pensando - tentei dizer me aproximando dele. Ele riu com escárnio e segurou com força meus braços. Ódio e raiva dominavam seu olhar.

- Acha que sou idiota? Aposto que passou a noite e manhã fodendo com ele! Rindo de mim!

O quê?! Como ele podia pensar isso de mim? Depois de tudo o que aconteceu? De tudo o que passamos juntos? Será que ele não via a incoerência das suas palavras?

- Para, Christopher... - pedi, mas ele nem se importou.

- Qual era seu plano, hein, Annabelle? Enrolar o imbecil aqui para depois me deixar no altar? Me humilhar na frente de todos? Se vingar de uma vez por todas de mim? Aposto que na sua historinha eu seria o malvado e você a garota pura e boa que é resgatada pelo príncipe James e...

- JUSTAMENTE ISSO! - gritei possessa, lutando para sair das suas garras, mas ele não me soltava. - Era tudo parte de um plano, inclusive o filho que estou esperando!

Só depois que as palavras saíram de minha boca, percebi o que tinha dito. Christopher arregalou os olhos em choque e finalmente me soltou. Sem poder mais evitar comecei a chorar.

- Você... você está grávida? - sussurrou pasmo, encarando meu ventre. Passei as mãos nos meus braços.

- Estou - respondi, tentando controlar as lágrimas que insistiam em cair.

A expressão no rosto de Christopher fechou ainda mais. Não lembrava de ter visto ele desse modo. Parecia estar com raiva, mas ao mesmo tempo via um sofrimento enorme em seus olhos. Não era assim que imaginava esse momento.

Por que ele não parecia feliz? Por que estava sendo tão frio comigo?

- James é o pai dessa criança? - pisquei, completamente perdida. *O quê?* - Era por isso que estavam se abraçando? Estavam comemorando a notícia? - perguntou frio.

Meus lábios tremeram. Meu corpo inteiro tremia. Suas palavras doeram mais do que um tapa, mais do que qualquer outra acusação que tenha feito. *Como ele podia duvidar assim de mim?*

- Eu não acredito que você disse isso - murmurei aturdida.

- O que você queria que eu dissesse ou pensasse depois do que eu vi naquele salão? Porra! Você me deu as costas e foi embora com ele! Como acha que me senti ao vê-la rindo nos braços dele? Como acha que estou me sentindo agora, Annabelle? - questionou exasperado.

- Isso não é desculpa para desconfiar de mim. Da minha fidelidade! - respondi igualmente exaltada. - Semana passada você me acusou de não confiar em você e agora é você que não confia em mim. Você é um hipócrita, Christopher! - acusei apontando o dedo para ele.

- Aquilo foi completamente diferente! Não dei razão alguma para desconfiar de mim e...

- E eu dei? - o interrompi. - Porque dancei com James depois de você agir como um asno comigo? Pois saiba que não me arrependo e faria de novo! James foi meu noivo, mas acima de tudo foi um

grande amigo. Uma pessoa boa e íntegra que também não merece suas acusações sem sentido - Christopher ficou ainda mais furioso.

- Isso! Joga na minha cara como ele é perfeito, como nunca a fez sofrer! Diz o quanto o você o ama a ponto de carregar um filho dele!

Minha mão moveu-se antes mesmo que pudesse sequer pensar. Seu rosto virou com a força do tapa. Christopher colocou a mão sobre a face e me encarou chocado, enquanto eu soluçava.

- Esse bebê, - apontei para minha barriga. - foi gerado no dia mais feliz da minha vida, ou pelo menos, era isso que eu achava quando você me pediu em casamento - Christopher arregalou os olhos. Passei as costas da minha mão pelo rosto, o enxugando desajeitadamente. - Eu nunca pensei que você seria capaz de me machucar dessa forma novamente, Christopher, mas estou vendo como estava errada - disparei magoada.

Antes que pudesse sair correndo, ele me segurou.

- Não toque em mim! - exclamei puxando com força meu braço.

- Temos que conversar, Annabelle - apesar de ainda estar sério, seu semblante não estava mais carregado de raiva. Parecia mais com o Christopher que eu amava. Só que agora era tarde demais.

- Não temos mais nada para conversar, Christopher. Você já disse tudo o que pensa sobre mim.

- Eu...

- Você o quê? Não há nada que possa dizer que vá me fazer esquecer todos os absurdos que ouvi.

- Por favor... - sussurrou tentando se aproximar, como resultado dei um passo para trás.

- Não se aproxime! Quero que fique longe de mim! - determinei saindo logo em seguida. Dessa vez ele deixou-me ir.

Entrei no salão e subi para o quarto onde tinha trocado de roupa. Tirei o vestido de festa e coloquei a blusa branca e calça jeans com a qual tinha vindo. Tudo o que eu queria era ir embora. Fui no banheiro e tentei controlar as lágrimas que não paravam de cair. Lavei meu rosto e respirei fundo tentando me acalmar.

- Anna? - ouvi alguém me chamando do lado de fora. Saí do banheiro e encontrei Julie.

- O que houve? - perguntou alarmada vendo meu estado.

Sentei em uma cadeira no canto do quarto já um pouco melhor e contei tudo o que tinha acontecido. Ela escutava atenta. Quando terminei, levantou com raiva.

- Eu vou matar aquele desgraçado! - bradou com ódio.

- Eu não sei de onde Christopher tirou a ideia de que eu queria ficar com James, pior, que estava tendo um caso e que o nosso filho é dele - sussurrei mortificada. - Não devia ter ido dançar com ele - condenei-me.

Havia dito a Christopher que faria de novo, mas era mentira. Eu faria o que estivesse ao meu alcance para não ouvir suas palavras novamente. Para não passar por esse sofrimento. Sabia que não devia ter dançado com James, só que nada justificava tudo o que ele disse, o modo como desconfiou de mim. Nada!

- Você fez o certo, Anna! Christopher não pode agir assim, quando é que ele vai crescer.

- Eu amo tanto aquele imbecil, Julianne, mas agora eu só consigo pensar em matá-lo - murmurei chorosa. Ela me olhou com compaixão.

- O melhor a fazer é dar um tempo, Anna. O Christopher precisa pensar nas besteiras que disse e se explicar, com a cabeça quente não tem como resolverem nada - assenti concordando. Julianne tinha razão, se conversássemos agora, acabaríamos discutindo de novo.

- Como está a Karen? Espero que ninguém tenha percebido o que aconteceu.

- Não, ninguém viu ou ouviu nada. Vim atrás de você depois que Samuel me avisou que você parecia chateada. Procurei pelo salão e na varanda, e como não achei, pensei que talvez estivesse aqui - ficava mais tranquila por não ter estragado o casamento de minha amiga.

- Melhor você descer, Julie. Vou ligar para Kline vir me buscar.

- Tem certeza?

- Sim, tudo o que quero agora é ir para casa. Peça desculpas a Karen e ao Adam por mim.

- Pode deixar - Julianne me abraçou apertado. - Se cuida, viu? Agora não é mais só você - sorri assentindo.

Ela beijou meu rosto e saiu, ainda fiquei alguns minutos ali. Olhando pela janela o jardim e pensando em uma saída para minha situação com Christopher.

Será que ele nunca conseguiria deixar James no passado?

Suspirei exausta. Peguei meu telefone na bolsa e liguei para meu segurança e motorista. Assim que desliguei, alguém bateu na porta e logo em seguida a abriu.

- Annabelle? - ouvir a voz suave de Christopher quase me fez chorar novamente.

Eu queria expulsá-lo do quarto, mas lembrei da minha conversa com Julianne. Isso não iria ajudar em nada nossa, já complicada, situação. Virei e o encarei. Ele também tinha se trocado, usava uma calça jeans e camisa branca. Quando fitei seu rosto, Christopher parecia completamente destruído. Tentei não me abalar com isso e encarei-o com altivez.

- Sim? - ele passou a mão pelo cabelo, claro sinal de que estava nervoso e não sabia o que dizer ou fazer.

- Você quer ir para casa? - perguntou praticamente sussurrando.

- Já liguei para Kline vir me buscar - expliquei sem demonstrar qualquer emoção.

- Jasen já está nos esperando. Eu posso avisar Kline.

Eu queria ir com Christopher? Suspirei sem tirar meus olhos dele.

- Eu vou esperar meu motorista, obrigada - respondi seca, ele assentiu derrotado.

- Nós precisamos conversar - disse com calma. Abaixei a cabeça e virei olhando a paisagem pela janela.

- Eu não quero falar com você agora - respondi com a voz fraca, me segurando para não chorar.

- Anjo... - balancei a cabeça.

- Não me chame assim! - exclamei, olhando para ele, Christopher encarou-me angustiado.

- Por favor, não faça isso - implorou.

- Não estou fazendo nada, Christopher. Só não quero conversar com você e muito menos ouvi-lo me chamando de Bell, anjo ou amor, isso só me irrita ainda mais - disparei sem nenhum cuidado.

Quando ele ia abrir a boca para falar, meu celular tocou. Atendi rapidamente.

- Era Kline, está me esperando - disse desligando o celular.

Peguei minha bolsa que estava sobre uma poltrona e meu vestido. Christopher aproximou-se de mim e no instante que tentou me tocar, afastei, encarando-o.

Por que ele tinha que ter dito tudo aquilo? Duvidado de mim e do meu amor?

- Annabelle... - meu nome saiu como uma prece de seus lábios. Seus olhos pediam algo que no momento eu não podia dar. Simplesmente peguei minhas coisas e fui até a porta, mas Christopher se interpôs na minha frente.

- Por favor, vamos conversar - suplicou mais uma vez. Simplesmente o ignorei.

- Me deixe passar ou eu grito - ameacei seriamente. Ele suspirou e abriu caminho.

Desci as escadas e fui em direção da porta principal. Do lado de fora Thompson já estava com a porta do carro aberta. Entrei e logo em seguida partimos.

Fiquei todo o caminho em transe. Meus olhos vagavam sem vida através da janela. As palavras de Christopher me machucando cada vez que pensava nelas, como uma faca rasgando-me aos poucos. Fechei os olhos e uma lágrima solitária escorreu pelo meu rosto.

O que eu faria agora?

Quando cheguei em casa, fui correndo para nosso quarto e me tranquei no banheiro, indo diretamente para o chuveiro. Chorei tudo o que tinha vontade. Passei minha mão pelo meu ventre e a dor no meu peito veio ainda mais forte deixando-me sem força.

- Ah! - gritei alto tentando de alguma forma expulsar toda a apreensão que sentia. Encolhi no chão do chuveiro chorando sem parar.

Abracei meus joelhos com força como se este gesto me impedisse de despedaçar. Ouvi alguns sons ao meu redor, mas eu só conseguia chorar. Escutei um estrondo mais alto e meu nome sendo chamado com desespero. Soluçando, levantei a cabeça e vi um vulto na minha frente. Enxuguei meus olhos e sem esperar, eu estava nos braços quentes e fortes de Christopher.

O que ele estava fazendo ali? Como tinha entrado?

- Você está bem? Está machucada? - perguntou desesperado, tocando todas as partes do meu corpo. Só tive força para negar. Pelo menos, fisicamente, eu estava bem, esgotada, mas bem. Ele respirou aliviado e apertou-me em seus braços, beijando minha testa.

- Me perdoa, Annabelle. Por favor, me perdoa - pedia transtornado. - Eu sei que não mereço, mas por favor... Me perdoa - implorou contra o meu pescoço.

Não consegui dizer nada. Estava cansada demais. Meus olhos fecharam e deixei a exaustão me tomar por completo.

Capítulo 13 - Hospital

Christopher

Annabelle simplesmente desfaleceu nos meus braços enquanto estávamos no chuveiro. Segurei seu rosto com cuidado.

- Annabelle... - chamei tentando acordá-la, mas ela não se moveu. - Acorda, anjo - pedi mais uma vez.

Por que ela não abria os olhos?

Meu coração estava batendo descompassado.

- Acorda, Annabelle! - supliquei com mais urgência. - Acorda... - soluzei a segurando contra o meu peito.

Precisava tirá-la dali. Chamar um médico. Com sacrifício, levantei, segurando-a nos meus braços. Meus olhos, antes perdidos, fixaram-se em sua perna. Senti o chão sumindo sob meus pés ao ver um fio de sangue escorrer pela sua coxa.

Não... Não.

Sem pensar em mais nada, peguei-a no meu colo colocando um roupão sobre seu corpo nu e saí correndo do quarto. Sem me importar com mais nada.

- Jasen! Jasen! - gritei descendo as escadas. Meu segurança apareceu prontamente. Vendo meu estado e Annabelle desacordada em meus braços, seus olhos arregalaram.

- Senhor, o que houve?

- Pegue o carro agora! Temos que ir para o Hospital - ordenei. Ele saiu correndo pela porta da cozinha até a garagem. Fui com Annabelle no colo até a entrada da casa.

- Acorda... - pedi novamente beijando sua testa. - Por favor, Bell. Acorda! - insisti aflito, desesperado, mas ela continuava sem

responder. Estava entrando em pânico quando Jasen apareceu. Entrei no carro com Annabelle no colo e seguimos diretamente para o hospital.

Durante todo o trajeto fui tentando acordá-la sem sucesso. Pedia e implorava que ela e nosso filho ficassem bem. O medo e a desesperança estavam enlouquecendo-me.

Quando chegamos no hospital, minha pressa era tanta que nem esperei Jasen abrir a porta. Saí em disparada pedindo socorro.

- O que houve, senhor? - uma enfermeira perguntou, trazendo uma maca. Coloquei Annabelle com cuidado sobre a superfície, sem soltar sua mão.

- Ela estava muito nervosa e desmaiou... está sangrando... Ela está grávida - expliquei, tropeçando nas palavras.

- Calma, senhor. Vamos cuidar dela - afirmou, chamando outra enfermeira que puxou a maca, segurei com força a mão dela.

- Senhor, temos que levá-la - pediu gentilmente, mesmo assim recusava a soltar.

- Eu vou com ela! - declarei resoluto.

- Sinto muito, mas não é permitido - senti um toque no meu ombro e vi Jasen ao meu lado.

- Eles precisam cuidar dela, senhor Lewis - assenti sem muita certeza, soltando sua mão. Meu coração afundava conforme a vi sendo levada.

Uma enfermeira falava comigo, só que eu simplesmente não conseguia prestar atenção. Estava em transe, Jasen se colocou a minha frente e vi a mulher entregando-lhe uma prancheta. Ela aproximou-se de mim e quando foi tocar meu rosto, afastei.

- O senhor está sangrando - avisou.

Franzi o cenho e levei minha mão até onde ela indicava. Toquei minha sobrancelha e senti algo úmido. Olhei meus dedos e estavam manchados de vermelho.

Devia ter me machucado quando arrombei a porta do banheiro.

- Preciso levá-lo para ser examinado. Pela profundidade do corte o senhor vai precisar de alguns pontos. Também precisa se trocar e...

Me trocar?

Eu a olhava aturdido. Como se não entendesse o que dizia. Estava em outro lugar, junto da minha mulher. Não tinha cabeça para mais nada.

- Eu não vou sair daqui! - determinei.

- O senhor precisa de cuidados, senhor Lewis. Eu ficarei aqui esperando por notícias. A senhora Lewis não vai gostar de saber que o senhor não se cuidou - Jasen me pegou nessa, Bell realmente não gostaria disso.

Segui reticente a enfermeira pelo corredor frio e impessoal do hospital. Ela entrou em um quarto e indicou uma maca, entregando uma toalha e uma roupa hospitalar para mim. Encarei-a confuso. Ela olhou para meu corpo. Segui seu olhar e, só então, percebi o meu estado. Estava completamente molhado.

- Seu motorista avisou que irá trazer uma roupa seca, enquanto isso pode usar essa roupa hospitalar. Vou chamar um residente plantonista para atendê-lo - saiu fechando a cortina e me deixando sozinho. De forma automática, tirei minha roupa molhada. Enxuguei meu corpo e coloquei a camisola do hospital.

Depois sentei. Imóvel. Os olhos perdidos. Imaginando o que estaria acontecendo com Annabelle.

Será que ela estava bem? E o nosso bebê?

Em pouco tempo, um jovem médico apareceu segurando uma prancheta. Ele fez algumas perguntas sobre alergias e problemas de saúde. Respondi automaticamente. Depois pegou seu material e começou a trabalhar em mim. Eu estava tão absorto que praticamente não senti nada, nem mesmo antes da anestesia local. Minha mente não saía do que tinha acontecido.

Foi preciso receber aquele tapa para acordar e perceber o que havia feito. Eu ultrapassei todos os limites. Perdi completamente o juízo e a razão dizendo tudo aquilo.

Onde eu estava com a cabeça?

Mexi na maca aborrecido comigo mesmo. O médico lançou um olhar de advertência, voltei a ficar imóvel. Perdido em pensamentos.

- Senhor? - o médico chamou minha atenção, olhei incapaz de dizer qualquer coisa.

- Terminei - avisou colocando seus instrumentos médicos em uma banqueta e retirando as luvas.

- O corte foi mesmo fundo, tive que dar seis pontos, passei uma pomada anestésica, então não sentirá nada por algumas horas - ele escreveu algumas coisas em um papel e me passou.

- São alguns analgésicos para caso sentir dor e uma pomada para acelerar a cicatrização - assenti descendo da maca e pegando o papel.

- Obrigado - foi tudo o que consegui dizer. Ele sorriu levemente.

- Não há o que agradecer - ele estendeu algumas peças de roupas. - Seu motorista trouxe. - explicou. - Pode se trocar aqui mesmo se quiser - antes que saísse o segurei.

- Minha mulher. Tem alguma notícia? - ele negou, abriu um sorriso daqueles que tentam te confortar e saiu.

Troquei-me rapidamente e saí no corredor indo diretamente para a sala de espera. Encontrei Jasen, Kline e Thompson parados lá. Assim que me viram, fizeram um cumprimento leve com a cabeça. Jasen aproximou-se.

- Alguma notícia? - perguntei ansioso.

- Ainda nada, senhor - passei a mão pelos cabelos tentando de alguma forma diminuir meu nervosismo. - Já resolvi todos os trâmites do hospital e pedi que Kline e Thompson trouxessem roupas para o senhor e a senhora, e também seus documentos e celular - completou entregando meu telefone e a carteira. Vi uma bolsa sobre a cadeira, com certeza contendo as roupas de Annabelle.

- Obrigado Jasen. Thompson. Kline - agradei dando um leve aceno com a cabeça. Vi os olhos deles ansiosos, olhando-me como se não soubessem o que dizer ou o que fazer.

- Precisa de mais alguma coisa, senhor? - Jasen perguntou solícito. Neguei. Pelo menos nada que eles pudessem fazer.

- Não, Jasen, mas gostaria que ficassem por perto caso precise de algo - ele assentiu e foi se juntar aos outros seguranças. Eles se mantiveram ali enquanto eu me arrastei até uma cadeira, coloquei as mãos no rosto e voltei a pensar na minha situação.

O que Annabelle faria? Será que me daria a chance de explicar? Sua atitude imatura tem explicação Christopher? Minha mente questionou, balancei a cabeça.

Não, nada do que fiz tinha explicação. Estava cego de raiva para raciocinar e como sempre disse coisas das quais vou me arrepender

o resto da vida. Coisas sem o menor sentido. Só de pensar em todos os absurdos que eu disse, eu sentia uma vontade enorme de vomitar.

Putá merda! Como pude ter duvidado do amor que Annabelle sentia por mim? Depois de me perdoar por tudo o que fiz? De me apoiar e cuidar de mim nos momentos mais difíceis da minha vida? Duvidar que nosso filho fosse meu?

Estúpido! É isso que você é, Christopher, um grande estúpido! Condenei-me exasperado.

Annabelle tinha razão quando disse que pelo menos James nunca a tinha feito sofrer. *Como eu poderia discordar disso se era a verdade?* Eu era um desgraçado, canalha, imbecil, não merecia ela e nem seu amor. Ela estava feliz por causa do nosso filho, não por causa de James.

Por que não vi isso antes? Por que não conversei com ela ao invés de ficar sofrendo? Pensando que ela quisesse ver James?

Só que ela também era culpada! *Por que não me ligou assim que descobriu a gravidez? Por que não conseguia entender o que James representava para mim e preferiu dançar com ele a ficar comigo?*

Engoli em seco.

Não adiantava mais ficar pensando nisso. Agora tudo o que restava, era fazer o impossível para fazer Annabelle conversar comigo e me perdoar pelos absurdos que disse. E o mais difícil. Encontrar uma forma de deixar toda essa cisma com James no passado. Eu precisava fazer isso! Não podia permitir que ele ficasse entre nós. Íamos ter um filho agora. Um filho. Eu seria pai.

Pai!

Foi impossível não sorrir ao pensar nessa simples palavra, que trazia tanto significado. No auge do meu contentamento uma lembrança amarga invadiu minha mente.

E se Annabelle perdesse nosso bebê? Ela seria capaz de me perdoar? Eu seria capaz de me perdoar se isso acontecesse?

Fechei os olhos com força sentindo um bolo se formar na minha garganta, infelizmente sabia exatamente a resposta para essas perguntas. Seria o fim. O meu fim.

- Senhor Lewis? - levantei a cabeça e vi Jasen me encarando.

- O que foi? Aconteceu alguma coisa? - questionei apreensivo, ficando de pé.

- A médica da senhora Lewis está conversando com Thompson - assenti, sem entender porque ela estaria falando com a segurança da minha mulher e não comigo. Sem esperar mais nada segui até onde estavam, encontrei a médica sozinha escrevendo em alguns papéis.

- Como está minha mulher? - indaguei diretamente. A médica me olhou meio espantada pelo modo como aproximei-me.

- O senhor é o marido da senhora Lewis?

- Sim - respondi sem pensar. - Como ela está? E o bebê? - perguntei afobado, atropelando as palavras.

- Ambos estão bem - senti como se o peso do mundo tivesse saído das minhas costas.

- Mesmo? - quis me certificar, ela sorriu levemente e assentiu.

- E o sangramento? - insisti. A médica franziu o cenho confusa.

- Sua esposa não estava sangrando, senhor Lewis - apesar do prazer em ouvir a médica dizer "esposa" fixei-me no que ela disse ao final.

- Não? - ela negou, então olhou para minha testa.

- Talvez o sangue que o senhor viu foi do seu próprio machucado - coloquei minha mão com cuidado sobre meu ferimento e suspirei aliviado. Sorri largamente percebendo o meu erro, mas isso não explicava tudo.

- E quanto ao desmaio? - questionei preocupado.

- Parece que a pressão dela caiu e...

- Pressão? Isso não é perigoso na gravidez? - cortei o que dizia, preocupado.

- Sim, quando a pressão está alta pode acarretar em muitos problemas para a mãe e o bebê, já a pressão baixa é normal aparecer a partir da 12^o semana de gestação... - *três meses? Isso estava errado! Não estávamos transando há três meses.*

- Ela está com três meses? - questionei aturdido, a interrompendo novamente. A médica suspirou, como se pedisse paciência.

- Não, senhor Lewis. Sua esposa está grávida de dois meses - sorri largamente. Annabelle estava certa! Foi quando a pedi em casamento. A médica continuou:

- A pressão dela caiu, pois ela ficou nervosa, o que não é nada bom.

- Como assim?

- Uma grávida precisa de um ambiente calmo e tranquilo, senhor Lewis. Qualquer estresse pode afetar a gravidez. Sua esposa já disse que tem uma médica marcada e vai começar o pré-natal o mais breve possível - assenti, ainda um pouco tenso. - Foi só um susto, senhor Lewis. Sua esposa está bem e seu bebê também -

garantiu mais uma vez, percebendo que eu ainda estava preocupado.

- Posso vê-la? - pela primeira vez o semblante da médica se transformou e pareceu sem jeito.

- Ela pediu para não ver ninguém a não ser a senhorita Thompson - Annabelle não queria me ver. Suspirei.

Poderia culpá-la? Decidi seguir por outro caminho.

- Quando ela terá alta?

- Vou assinar sua alta agora mesmo, ela está terminando de conversar com a assistente social. O senhor também terá que conversar com ela - franzi o cenho.

- Por quê?

- É o procedimento padrão nessas circunstâncias - explicou com calma.

- E de quais circunstâncias estamos falando? - insisti. Não estava entendendo a necessidade disso.

- Sua esposa chegar desmaiada e o senhor sangrando.

- Acham que eu fiz algo contra ela? - perguntei atordoado.

- Não tiramos qualquer conclusão, senhor Lewis. Como disse, é só o procedimento que seguimos.

A médica lançou-me um sorriso encorajador e saiu em seguida. Não podia acreditar naquilo. Estavam cogitando a ideia de que eu havia feito mal à minha mulher?

E não fez?

Suspirei. Isso era um fato. Annabelle estava naquele hospital por minha culpa. Fosse sua dor física ou não, seu sofrimento era real. Fiz um sinal para Jasen, que estava parado do outro lado do corredor, se aproximar.

- Senhor.

- A médica me avisou que Annabelle pediu que chamasse Thompson. Faz muito tempo que ela entrou?

- Não, senhor Lewis. Ela entrou enquanto o senhor conversava com a médica. Aproveitou e levou as roupas da senhora.

- Fez bem - foi só o que consegui responder.

Ainda estava perdido em pensamentos sobre o que estaria passando na mente da minha mulher quando, Nora, a assistente social, apareceu e me acompanhou até uma sala. Era uma senhora simpática e calma. Minha conversa com ela foi breve. Omiti certas partes e fui conciso sobre o que havia acontecido aquela noite: Discutimos; Annabelle trancou-se no banheiro; Fiquei preocupado quando a ouvi chorar; Arrombei a porta e ela desmaiou nos meus braços.

Não sabia o que iria pensar da minha versão dos fatos.

- É só isso, senhor Lewis. Obrigada pelo seu tempo - disse levantando e estendendo a mão, apertei-a ainda um pouco preocupado com a situação.

- Vai precisar de mais alguma informação? - perguntei, levantando. Ela sorriu levemente, formando pequenas rugas ao redor de seus olhos.

- Não há necessidade. Já esclarecemos todos os fatos. Espero que entenda nossa preocupação - assenti conforme saía da sua sala.

- Só quero que saiba que nunca tocaria na minha mulher dessa forma - senti a necessidade de falar aquilo.

- Sua esposa foi bem clara sobre isso, senhor Lewis - respondeu com o mesmo sorriso simpático e acolhedor. Acenou com a cabeça e voltou para sua sala.

Sorri imaginando Annabelle defendendo-me. Tudo o que eu queria era correr para seu quarto e conversar com ela sobre o que tinha acabado de acontecer, mas meu ânimo foi embora ao lembrar na nossa atual situação.

Segui desanimado pelo corredor do hospital e avistei Jasen na recepção. Ele aproximou-se de mim com pressa.

- Thompson está vindo, senhor - Jasen avisou, apontando na direção do quarto de Annabelle. Virei o rosto e vi a segurança da minha mulher se aproximar.

- Como ela está, Thompson? - Perguntei sem perder tempo.

- Bem, senhor Lewis. Ela vai receber alta daqui alguns instantes e pediu que a levássemos para casa, mas... - parou me olhando sem jeito, assim como a médica. Já podia imaginar do que se tratava.

- Ela não quer me ver - completei tentando soar seguro. Thompson assentiu.

- A senhora Lewis pediu que o senhor não estivesse aqui quando ela saísse, e muito menos em casa.

- Ela sabe que estou aqui?

- Sim, senhor.

- Ok - concordei passando a mão pelo cabelo.

O que mais eu poderia fazer?

- Jasen, acompanhe a senhora Lewis até em casa, eu irei com Kline. E você, Thompson, cuide de minha noiva - ambos assentiram e seguiram para realizar suas funções.

Jasen foi falar com Kline e trocar as chaves do carro. Enquanto isso, Thompson entrou novamente no quarto de Annabelle. *Onde eu gostaria de estar.* Respirei fundo. Estava completamente perdido.

O que eu faria agora? Como agiria em relação a Annabelle?

Ela não queria me ver. Que dirá conversar comigo.

Merda! Como conseguimos ferrar com tudo desse jeito? Como eu ferrei com tudo?

Jasen voltou avisando que estava tudo acertado. Assenti e segui até o estacionamento onde Kline estava. Entrei no carro e pedi que esperasse. Pouco tempo depois, eu a vi saindo do hospital. Parecia abatida e pálida. Meu coração apertou.

Antes de entrar em seu carro, Annabelle olhou diretamente na minha direção. Apesar dos vidros escuros, tinha certeza que ela sabia que eu estava ali. Ficamos um bom tempo na mesma posição. Minha vontade era de abrir a porta do carro e correr até ela, mas me segurei. Sabia que não podia fazer isso. Annabelle abaixou a cabeça e finalmente entrou no carro. Thompson fechou a porta e partiram.

Esperei alguns minutos até decidir o que faria e onde iria. Quando finalmente tomei minha decisão, avisei Kline e seguimos até o único local que eu deveria estar. Sabia que era arriscado. Só que essa conversa não poderia ser mais adiada.

Assim que chegamos em casa, pedi que Kline esperasse no carro. Afinal, não sabia o que aconteceria. Subi as escadas até nosso quarto e estava tudo em silêncio.

Será que ela teria ido para outro lugar? Onde?

Ouvi um barulho vindo do closet. Corri até lá.

Annabelle guardava com pressa suas roupas em uma mala. A cena me deixou estático e sem ação.

- O que está fazendo? - consegui perguntar. Mesmo de longe, percebi seu corpo tencionar. Ela permaneceu virada de costas para mim.

- Pensei que tivesse avisado que não queria vê-lo - disse com a voz monótona sem parar de mexer na mala.

- Nós precisamos conversar - respondi com calma.

De modo algum queria que brigássemos e ela passasse mal. Annabelle suspirou e se virou. Seus olhos estavam sem vida. Vi tanta dor ali que senti meu corpo fraquejar por um instante. Ela me olhou e seu cenho franziu, antes que dissesse qualquer coisa ela se antecipou.

- O que aconteceu com você? - perguntou claramente preocupada, olhando o machucado em meu supercílio. Levantou a mão em direção ao meu rosto, mas parou no meio do caminho, recolhendo-a e cruzando os braços. *Ela não queria me tocar.* Pensei amargamente.

- Não foi nada - desconversei.

- Como nada, Christopher? Está inchado. Onde machucou? - apesar de tudo ela ainda se preocupava comigo. Foi impossível não sentir-me feliz com isso.

- Eu arrombei a porta do banheiro e devo ter batido o supercílio em algum lugar, não lembro direito onde - Annabelle olhou em direção ao banheiro. A porta parecia um pouco torta e o espelho da parede quebrado. *É, pelo jeito foi ali que me cortei.*

- Arrombou a porta? Por que não usou alguma ferramenta ou chamou Jasen?

- Estava desesperado demais para pensar em qualquer coisa. Achei que tinha acontecido alguma coisa com você - expliquei com calma.

- Agora faz sentido a visita da assistente social - murmurou.

- É, acho que nossa entrada no hospital foi um pouco conturbada - respondi tentando manter o clima leve.

- Está doendo? - perguntou acanhada.

- Não - ela assentiu sem mostrar qualquer emoção e voltou a mexer na sua mala. Precisava pensar bem nas minhas palavras. Eu sabia que tinha errado, mas ela também errou. *Será que não via isso?*

- Eu sei que errei... - comecei dizendo, mas ela me cortou.

- Para! - disparou segurando os braços ao redor do corpo. - Eu não quero ouvir, Christopher - alegou, mas eu não ia desistir. Ela teria que me escutar.

- Por favor, Annabelle. Vamos conversar - estava de mãos atadas. Era só o que podia pedir, caso contrário ela poderia ficar nervosa e não seria bom para ela e o bebê.

- Eu não posso, Christopher. Agora, não. Preciso de um tempo - afirmou por fim, fechando a mala. - Estou mudando para o quarto de hóspedes - anunciou.

Meu desespero tornou-se palpável. Sem pensar em mais nada fui em sua direção e puxei a alça de suas mãos. Mesmo que Annabelle fosse para o quarto ao lado, ela ainda estaria longe de mim e eu não podia permitir isso

- Me dê a mala, Christopher! - exigiu com autoridade, eu neguei.

- Não! Você não vai! Não sem antes conversamos como adultos - aleguei já perdendo o pouco controle que tinha. - Eu não posso ficar aqui sem você, sem nosso bebê...

- Agora é *nosso* bebê? - questionou irônica, a voz falhando.

- Annabelle, por favor, me perdoa. Eu fui um idiota e perdi a cabeça, mas não me deixa aqui sozinho, por favor - soltei a mala e implorei. Sem desviar meus olhos dos seus, segurei sua mão. Ela tremeu com o meu toque.

- Eu preciso - murmurou, puxando sua mão e a enlaçando com a outra.

Seus dedos brincaram com a aliança. Como se estivesse pensando se tirava ou não. Senti o ar faltar com seu gesto.

Ela estava pensando em terminar comigo?

Annabelle suspirou e balançou a cabeça. Suas mãos afastaram-se e os anéis permaneceram ali. Só então respirei aliviado. Por pior que a situação pudesse parecer, tinha certeza que sairíamos dessa. Bell precisava pensar e eu devia isso a ela. Quando fez menção de pegar a mala, fui mais rápido e a peguei.

- Christopher - advertiu.

- Fique aqui. Eu vou para o outro quarto.

- Não quero ficar aqui - respondeu decidida.

Por certo, queria fugir de todas as lembranças que tínhamos. Não ia adiantar discutir com ela e, se eu insistisse, era capaz dela mudar de ideia e sair de casa, preferi aceitar sua imposição.

- Tudo bem - concordei finalmente. - A médica comentou que você tem uma consulta marcada para começar o pré-natal - lembrei, querendo puxar assunto com ela.

- É, ontem não tive tempo para fazer todos os exames - respondeu. Franzi o cenho.

- Ontem? - ela olhou para mim com raiva.

- Pois é, Christopher, não estava fodendo James como imaginou
- respondeu com acidez. - Estava na médica. Queria ter certeza da gravidez.

- E por que não me avisou? Eu poderia ir com você - censurei magoado. Ela desviou o olhar.

- Eu queria fazer uma surpresa, mas pelo visto quem me surpreendeu foi você - engoli em seco com seu tom acusatório.

- Eu sinto m... - Annabelle levantou a mão.

- Já disse, não quero ouvir suas desculpas agora - respondeu seca. Decidi ir por outro caminho.

- Posso acompanhá-la na consulta dessa vez? - ela me olhou e parou para pensar.

Ela ia dizer não? O que eu faria? Implorar para que me deixasse ir? Eu era o pai! Tinha direitos!

Você os perdeu quando duvidou que o filho fosse seu, Christopher.

- Tudo bem - Annabelle respondeu me surpreendendo. Suspirei aliviado. Nem tudo estava perdido. - Quero que saiba que não importa o que aconteça conosco, isso nunca vai afetar sua relação com nosso filho - *que porra era essa que ela estava dizendo?* Meu coração acelerou, sendo tomado pelo medo.

- Não fale assim. É como se estivesse dizendo adeus - foi impossível esconder a magoa na minha voz.

- Eu só quero que fique claro que nunca o afastaria do bebê - assenti não muito seguro de sua resposta. - Preciso confirmar o horário da consulta. Amanhã aviso você - disse inclinando para pegar a mala.

- Eu levo - Annabelle maneou a cabeça positivamente.

Sáímos do quarto e seguimos pelo corredor. Ela foi em direção do quarto mais afastado da casa. Doía saber que Annabelle queria tanta distância de mim. Abriu a porta e entrei com ela, deixando a mala sobre a cama.

Por que isso estava doendo tanto? Ela ainda estaria por perto. *Então por que eu sentia esse desespero dentro do peito?*

Olhei para Annabelle parada ao lado da cama. Minha vontade era de pegá-la nos braços e prender dentro do nosso quarto, mas eu não podia fazer isso. Não podia obrigá-la a nada, especialmente depois do modo como me comportei. Aproximei com calma, meio perdido no que dizer.

- Promete que, se precisar de mim, vai me chamar? - senti minha voz falhando. Ela assentiu, os olhos vermelhos e úmidos.

Eu não vou desistir de você anjo, por favor não desista de mim. Pedi em pensamento tentando passar em um olhar tudo o que eu sentia.

- Prometo - garantiu fazendo um carinho na minha mão antes de soltá-la e me acompanhar até o lado de fora do quarto.

Sentia meu corpo inteiro em chamas conforme ela fechava a porta. Precisava dar esse tempo a ela. Apesar de também estar magoado por ter dançado com James, sabia que havia superado todos os limites com minhas palavras, minhas acusações.

Não restava-me nada, a não ser esperar que Annabelle encontrasse uma forma de me perdoar e pudéssemos conversar com calma sobre tudo o que aconteceu. Afinal, amar nada mais é do que dar liberdade ao ser amado, por mais difícil que fosse e por mais despedaçado que eu me sentia.

Capítulo 14 - Decisão

Annabelle

Doeu sair do quarto que dividíamos, mas nada machucava mais do que lembrar das palavras de Christopher. Eu sentia como se tudo o que havíamos passado não tivesse valor para ele. Como se eu não tivesse valor para ele.

Deitei na cama e não pude evitar a enxurrada de lágrimas que vieram. Passei minha mão pelo ventre e pensei no pânico que foi acordar em um hospital. Na hora pensei no pior. Felizmente, meu pequeno ainda estava seguro dentro de mim. Lembrei em como Christopher parecia péssimo quando o encontrei no nosso quarto. Minha vontade, como sempre, era de puxá-lo para os meus braços e beijar seu ferimento, mas não consegui. Era como se tudo estivesse desmoronando. Tudo o que havíamos construído sumiu assim que ouvi tais palavras saírem de sua boca.

Christopher não confiava em mim. Depois de tanto tempo fazendo com que confiasse nele, ele mesmo nunca o fez. Sempre duvidando do meu amor, achando que na primeira oportunidade o deixaria por James. Eu só não entendia o porquê.

Quantas vezes eu provei o quanto o amava? O que mais ele queria de mim?

Fechei os olhos com força. Não queria pensar mais nisso. Queria esquecer tudo o que vivi com Christopher, pois cada vez que pensava nele, era como se o ar faltasse e a dor consumisse meu corpo inteiro.

Passei o resto do domingo no quarto, sentia-me enjoada e cansada. Por volta das oito horas da noite, desci para comer alguma coisa. Não vi Christopher em lugar nenhum. Era melhor assim. Comi algo leve e voltei para o quarto.

Após o banho, e tomada pelo cansaço físico e emocional, acabei adormecendo.

O som de um celular soava longe. Abri os olhos um pouco desorientada, reconhecendo aos poucos que não estava no nosso quarto. Olhei o relógio na cabeceira e me assustei ao ver que marcava dez e meia da manhã. Havia dormido mais de doze horas. Com tanta coisa acontecendo acabei perdendo a noção do tempo. Suspirei e levantei indo em direção a minha bolsa e pegando o aparelho irritante nas mãos. Era Julianne. Não estava com a mínima vontade de falar com alguém, mas sabia como ela podia ser insistente e simplesmente aparecer em casa. Respirei fundo antes de atender.

- Alô - disse com uma voz monótona

- Anna! Estou ligando há horas no seu celular e na sua casa e ninguém atende. Você está bem? - senti minha garganta apertar.

- Estou bem - respondi fracamente. Ela ficou em silêncio por um momento, quando voltou a falar sua voz estava carregada de raiva.

- O que mais aquele imbecil fez?

- Nada, Julie. Ele não fez mais nada... olha, eu vou desligar. Quero ficar sozinha.

- Nem pense nisso, Annabelle! Estou indo até aí.

- Não precisa, eu estou bem. Só quero ficar sozinha.

- Onde está o babaca? Você o colocou de castigo? Pois se fez isso, foi bem feito!

- Amanhã nos falamos, Julie - ela suspirou e sabia que por hora iria sossegar.

- Ok, almoçamos juntas. Onde?

- Naquele restaurante que sempre vamos.

- Você está bem mesmo? Se quiser...

- Estou, Julie - cortei-a. - Até amanhã.

- Até, Anna - despediu e desliguei.

A última coisa que precisava nesse momento era de Julianne xingando Christopher. Minha raiva já era o bastante por hora. Aproveitei que o celular estava nas minhas mãos e liguei para o escritório. Avisei que iria só depois do almoço e deixei Jonas, responsável por tudo. Em seguida, liguei para minha médica e confirmei a consulta, felizmente ela tinha um horário vago no dia seguinte, às nove. Assim que desliguei percebi que precisava avisar Christopher. Só em pensar que teria que enfrentar uma consulta pré-natal com ele ao meu lado sentia um frio na boca do estômago.

Como seria?

Sempre achei que Christopher seria um excelente pai, mas agora, a última coisa que eu queria era vê-lo, mesmo prometendo que nunca o afastaria do bebê, seria um sacrifício enorme estar perto dele sem poder estar com ele. Senti meu peito apertar novamente e sem esperar voltei a chorar. Os hormônios não estavam ajudando em nada minha situação. Minhas emoções pareciam ainda mais à flor da pele.

Meus pensamentos foram interrompidos pela batida na porta. Enxuguei meus olhos da melhor maneira que podia e segui até a porta. Decidi perguntar quem era antes.

- Quem é?

- Irvine Brauer, senhora Lewis. Trouxe seu café da manhã - suspirei aliviada e abri a porta.

Minha governanta entrou, deixando a bandeja sobre a cama e perguntando se eu precisava de mais alguma coisa. Percebi certa preocupação em seus olhos. Apesar de sempre ter odiado a ideia de ter pessoas me servindo, não podia negar o quanto eles tornaram-se importantes para mim. Pessoas a quem eu poderia confiar minha vida.

- Onde está Chance?

- Ele saiu com o senhor Lewis, parece que o levou para o escritório - assenti.

- Mais alguma coisa, senhora?

- Por enquanto não. Muito obrigada - agradei antes que saísse.

- Se precisar de qualquer coisa, é só chamar - Irvine garantiu.

- Eu aviso - garanti acompanhando-a até a porta.

Assim que saiu voltei minha atenção a bandeja do café da manhã. Só havia alimentos saudáveis, assim como a médica no hospital e Pamela haviam aconselhado. Fui tomar um banho rápido e depois sentei na cama para comer.

Quando terminei, deixei a bandeja no chão do quarto e decidi deitar mais um pouco. Estava com muito sono.

**

O resto do dia seguiu de forma automática. Tentava do melhor modo possível me concentrar em outras coisas que não nos meus problemas. Chegando no trabalho, mandei uma mensagem para Christopher, dizendo que minha consulta médica seria às nove da manhã. Sua resposta me enervou.

Estou ansioso para ver nosso bebê.

Te amo

x

Nosso bebê? Uma raiva sem tamanho tomou meu corpo por completo. Não conseguia evitar de sentir-me assim toda vez que ele dizia isso. Sempre trazia a tona como duvidou de mim. Se ele estivesse na minha frente agora eu seria capaz de esganá-lo. *Imbecil!* Lembrando das palavras da médica no dia anterior, respirei fundo. Não podia me estressar ou isso faria mal ao bebê. Segurei a vontade de voltar a chorar e afundei minha cabeça no trabalho.

Quando passava das seis da tarde, peguei minhas coisas e segui para casa. No caminho, li as várias mensagens deixadas por Christopher e vi suas chamadas perdidas. Ele tentou ligar no escritório também, mas não atendi. Somente pedi que minha secretária dissesse que estava bem. Não sabia explicar bem o porquê, só que eu não queria vê-lo. Não queria nem ao menos ouvir sua voz.

Cheguei em casa e fui direto para o quarto de hóspedes. Tomei meu banho e logo em seguida a senhora Brauer trouxe meu jantar. Comi sentindo meu corpo cansado e muito sono. Terminei e deixei a bandeja do lado de fora do quarto. Fiz minha higiene e deitei na cama, adormecendo em instantes.

**

Acordei na manhã seguinte agitada. Tinha tido um pesadelo horrível com minha mãe e até mesmo com meu pai, só que ele, eu

não consegui ver direito, já que pouco me lembrava de seu rosto. O sonho havia sido tão real e perturbador.

Meus pesadelos haviam voltado. Não tinha isso desde a adolescência.

Olhei para a cama e senti falta de Christopher ao meu lado. Seu calor e carinho com certeza tirariam esse medo que estava sentindo dentro de mim. Sentei, tentando me acalmar e pensando em como seria enfrentar o dia de hoje. Não seria fácil. Talvez devesse ligar para Christopher e dizer que preferia ir sozinha na médica. Pensei em pegar o celular no criado, mas algo me parou. Não podia afastá-lo do filho. Havia prometido isso a ele no dia anterior e não podia quebrar minha promessa. Nosso filho não podia pagar pelos problemas dos pais, queria que ele tivesse uma família. Segurei a vontade de voltar a chorar e decidi me arrumar.

**

Às oito e meia, desci as escadas. Tentava controlar minha emoção ao revê-lo, havia passado menos de um dia, mas mesmo assim sentia como se não o visse há anos.

Cheguei na sala e o vi parado ao lado do sofá, estava claramente nervoso. Evitei fitar seus olhos ou rosto. Não era forte o bastante para isso ainda. Preferi simplesmente o ignorar. *Fria.*

Queria que Christopher sentisse o quão magoada eu estava com ele.

- Bom dia - cumprimentei cordialmente.
- Bom dia. Como passou a noite?
- Bem. Melhor irmos, não? - ele assentiu e abriu a porta para mim.

Fomos em direção do carro que já esperava, passei o endereço para Jasen e assim que Christopher entrou, partimos. Podia sentir a tensão entre nós durante todo o caminho. Não o olhei nenhuma vez, mas podia ver pelo canto do olho, sua mão batendo ansiosamente sobre o joelho. Quando chegamos na clínica saí do carro sem esperar que abrissem a porta.

- Annabelle, espera! - ouvi Christopher chamando, diminui o passo e o esperei. Quando estava ao meu lado, continuei a caminhar. Entramos na clínica e enquanto seguia até a recepção, Christopher sentou em uma das cadeiras.

- A doutora Smith já irá atendê-la - a recepcionista avisou quando lhe entreguei o papel do seguro assinado.

- Obrigada - agradei e fui em direção de um sofá que estava um pouco distante de Christopher. Peguei uma revista e comecei a folhear. Não demorou muito e senti ele ao meu lado. Pensei que diria algo, mas permaneceu em silêncio.

- Eu gostaria de entrar sozinha - afirmei sem tirar os olhos da revista. Christopher remexeu no lugar.

- Eu quero entrar, Annabelle.

- Eu não me importo que entre durante a ultrassom, mas gostaria de conversar sozinha com a médica.

- Eu também quero conversar com ela - sua resposta me deixou irritada, aliás era só ele abrir a boca para sentir uma raiva sem tamanho.

- Converse depois - retruquei seca. Christopher bufou. Achei que iria responder, mas ficou quieto.

Pouco tempo depois a recepcionista me chamou. Levantei e Christopher fez o mesmo.

- Eu peço para avisar quando for fazer a ultra.
- Annabelle... - respirei fundo.
- Por favor, Christopher.
- Ok, ficarei esperando - disse e entrei no consultório da médica.

Christopher

Fui muito estúpido achando que após um dia de distância tudo ficaria bem. Ledo engano. Annabelle estava ainda mais distante e fria comigo. Ela sequer me olhava. Se ontem já estava arrancando os cabelos, hoje tudo parecia ainda pior e sem salvação. Não fazia ideia de como consertar nossa situação. Não podia pressioná-la a conversar comigo, muito menos tentar fazê-la enxergar que eu não era o único culpado.

- Senhor Lewis? - ouvi a recepcionista me chamar. - Pode entrar, é a terceira porta a esquerda. - assenti e segui pelo corredor.

Antes de entrar, respirei fundo. Movi lentamente a maçaneta e quando abri a porta vi tudo vazio, entrei e percebi que era o consultório. Olhei em volta e encontrei uma porta onde estava escrito "ultrassom". Bati e ouvi um entre. Abri e encontrei Annabelle deitada e a médica ao seu lado. Ela veio em minha direção e estendeu a mão.

- Muito prazer, senhor Lewis. Sou Pamela Smith, ginecologista e obstetra da sua noiva.

- Prazer, doutora. E pode me chamar de Christopher - ela sorriu.

- Então pode me chamar de Pamela. Pode se acomodar ao lado de Annabelle - fui para o lado de minha mulher, que mantinha os olhos na tela ao lado da cama. Ignorando-me por completo.

A médica pediu licença e saiu por um momento voltando quase no mesmo instante. Colocou suas luvas e levantou um pouco a blusa que Annabelle usava, abaixou um pouco sua calça, colocando alguns papéis ao redor do tecido. Depois pegou um tubo e espremeu o gel. A médica pegou um aparelho que parecia uma scanner de preços e posicionou sobre a barriga de Annabelle.

- Pronto para ver seu bebê? - perguntou para mim e assenti. Tudo o que eu queria era segurar a mão de Annabelle, mas ela a mantinha fechada junto ao corpo. Um claro sinal de que não queria aproximação.

Voltei a prestar atenção ao que a médica fazia, ela mexeu em algumas teclas no seu aparelho de ultrassom.

- Aqui está ele - disse apontando para um pequeno borrão na tela cinza.

- É nosso bebê? - perguntei com a voz embargada.

- Sim - olhei para Bell e ela encarava emocionada a tela. Minha vontade era beijá-la e dizer o quanto eu a amava e amava nosso bebê. Só que com medo da rejeição me segurei e voltei a encarar a médica.

- Quando poderemos saber o sexo?

- Pela ultrassom somente a partir de dezesseis semanas, mas existe um exame de sangue chamado sexagem fetal, onde é possível ter 99% de certeza já a partir da oitava semana. Infelizmente nenhum plano de saúde cobre esse exame, pois é um procedimento caro.

- Quanto a isso não há problema. O que acha, Be... Annabelle?

- corrigi ao lembrar que ela não queria ser chamada de Bell, anjo ou

amor por mim. Annabelle olhou diretamente para a médica, me ignorando.

- Eu gostaria de fazer esse exame, Pamela - a médica assentiu e pegou uma prancheta.

- Ótimo! Já adiciono a lista de exames que iremos fazer. Após a consulta dou o valor e podem pagar na recepção - assenti.

- Demora muito o resultado? - estava ansioso para saber o sexo do nosso bebê. Tinha certeza que seria uma linda garotinha, igual a mãe.

- Não, cinco dias no máximo. Na próxima consulta já saberão - sorri satisfeito.

- E o coração, podemos ouvir?

- Claro, senhor Lewis, desculpe, Christopher - a médica mexeu mais um pouco o aparelho no ventre de Annabelle e de repente a sala foi preenchida pelo som mais lindo do mundo, o som de um coração em crescimento.

**

Sáímos do consultório e eu não aguentava de alegria. O som do coração do nosso bebê ainda estava preso na minha mente. Eu não queria esquecer. Após a ultrassom a médica nos entregou duas fotos da primeira ultra. Já que Annabelle não havia pedido no dia anterior. Acho que mandaria fazer um porta retrato e colocaria em cima da minha mesa ao lado de todas as outras minhas e de Annabelle.

Conforme andávamos pelo corredor, até a saída, estendi minha mão até a de Bell. Porém, antes que entrelaçasse nossos dedos, ela puxou a mão, cruzando os braços e privando-me, como sempre, de tocá-la. Como um soco, a realidade de que no momento, estávamos separados, voltou a me assolar. Não podia deixar isso me abalar.

Teríamos um filho. Nosso filho. Restabeleci meu centro e olhei meu relógio. Passava pouco das dez horas. Era cedo para almoçar. Tentava pensar em algo para passar mais tempo com ela.

- O que gostaria de fazer? - Annabelle não esboçou qualquer reação, decidi insistir. - Podemos ir no shopping e almoçar em um restaurante depois. O que acha?

- Eu não posso. Vou almoçar com Julianne - *merda!* Por certo Julianne faria o favor de acabar ainda mais comigo. Se minha situação com Annabelle já não estava boa, depois de conversar com a amiga só pioraria. Sentia-me cada vez mais perdido e sem rumo.

O resto do caminho até o carro foi no absoluto silêncio, o que se manteve até chegarmos em casa. Deixaria Annabelle e depois iria para o escritório. Antes que ela saísse do carro, parei-a.

- Lembre-se das recomendações da médica - avisei. Annabelle estreitou os olhos com raiva.

- Não precisa se preocupar, Christopher. Eu vou saber cuidar do *meu* filho - respondeu hostil. Engoli em seco. Annabelle nunca me deixaria esquecer as palavras que infelizmente disse aquele dia. - Tenha um bom dia - disparou, mas antes que saísse do carro, a segurei.

- Espera! - ela puxou o braço com rispidez e me encarou com raiva.

- O quê? - cuspiu as palavras rudemente. Tentei não me abater com sua grosseria.

- Vai me ligar mais tarde?

- Você já me viu. Não preciso mais falar com você hoje. Se quiser saber sobre mim pergunte a senhora Brauer ou aos

seguranças - contestou séria saindo do carro. Fiquei ali, perguntando-me onde estaria a minha doce Annabelle.

Ela era sua, Christopher. Até você estragar tudo.

Jasen colocou o carro em movimento e seguimos para a empresa. Estava sentindo-me destruído e sem esperança.

Até quando eu aguentaria essa situação sem enlouquecer?

Assim que cheguei na empresa, me tranquei na minha sala, pedindo à minha secretária que ninguém me interrompesse. Antes, ela me entregou um jornal, dizendo que havia uma nota sobre mim nele.

Entrei na minha sala e li a notícia que explorava o fato de estarmos no hospital na madrugada de domingo. Era só o que faltava. Ao menos era uma pequena nota e pelo visto não havia surgido qualquer repercussão, já que não havia qualquer fotógrafo à nossa volta pela manhã. De qualquer modo, deixaria Jasen e Kline alertas sobre a situação. Não queria qualquer estresse para Annabelle nesse momento.

Olhei nossas fotos em cima da minha escrivaninha e a dor apertou o meu peito. *Como será que ela estava? Já teria saído de casa? Estava se alimentando bem?* Não queria pressioná-la ou impor minha presença, mas me preocupava tanto com ela. Sabia que não ia me ligar, só que tudo o que eu mais desejava era que o telefone tocasse e fosse ela.

- Porra! - gritei, batendo o punho fechado na mesa. Envolvendo minha cabeça com as mãos e segurando meus cabelos, querendo arrancá-los. Dor. Eu só queria sentir a porra de alguma coisa para aplacar o que eu sentia. Meu celular começou a tocar e meu coração disparou, atendi no mesmo instante.

- Annabelle? - disse esperançosamente.

- É o Sam, Christopher - meu ânimo caiu novamente.

- Oi - respondi monossilabicamente.

- Ainda estão brigados?

- Sim. Ela saiu com Julianne, não é?

- Sim.

- Acho que depois disso, ela nunca mais vai querer me ver.

- Não fale assim, Christopher.

- Como não, Samuel? A Julianne me odeia também. Aposto que está incentivando Annabelle a me deixar - minha voz saiu em um sussurro baixo. Só de dizer aquelas palavras sentia-me sufocar. Nunca mais teria aquele sorriso ao acordar. Sua risada. Seu jeito doce e meigo. Seu carinho. O nó na minha garganta apertou e ofeguei.

- Christopher, está tudo bem? - Samuel perguntou com urgência.

- Não... - *puta merda! Como isso doía!* Era mil vezes pior do que quando eu achei que ela se casaria com James. Annabelle era minha e eu a perdi. De novo.

- Eu vou até aí.

- Não! - gritei. - Eu quero ficar sozinho.

- Christopher, por favor, não faça nenhuma besteira - olhei a foto de Annabelle sorrindo.

- Eu não farei... - respirei fundo. - Só estou desolado e perdido, sem saber o que fazer para recuperar minha mulher.

- Olha, eu conversei com Julianne, consegui fazer ela ver seu lado. Confia em mim, Christopher. Ela não vai colocar você contra a

Anna, pode até tentar te ajudar - uma ponta de esperança começou a brotar dentro de mim.

- Mesmo?

- Sim, ela ainda está louca da vida com você, mas sabe o quanto vocês se amam. Tenha um pouco de fé.

- É só o que me resta, não é?

- Anna te ama, Christopher. Sem contar que os hormônios dela devem estar enfurecidos, aumentando ainda mais qualquer sentimento que ela esteja sentindo. Você lembra como foi com a Julie. E isso, por que ela nem estava brava - suspirei.

Isso fazia sentido. Agora entendia perfeitamente sua mudança nos últimos meses. Nunca foi o anticoncepcional. Fui um tapado de não perceber isso. *Será que Bell não desconfiou? Quando ela percebeu que podia estar grávida? Foi essa semana?*

- Olha, vocês precisam conversar para poder entender um ao outro - Samuel disse, chamando minha atenção para a conversa.

- Ela mudou de quarto e não quer nem me olhar - disse em um sussurro. - E se ela não conseguir me perdoar dessa vez? - perguntei aflito.

- Não pense no pior.

- Como não quer que eu pense no pior? Você tinha que ter visto o modo frio como ela me tratou hoje, não lembrava em nada a minha doce Bell.

- Paciência, Christopher. Ela está magoada e com razão, você sabe disso.

- Sei, infelizmente, eu sei. Ela errou também, mas eu extrapolei qualquer limite, Samuel.

- Então, dê esse tempo para ela.

- Vou tentar, Samuel.
- Estarei aqui se precisar.
- Obrigado pela ajuda, cara.
- Não faço mais do que minha obrigação. Quero ver vocês bem, como antes, tendo seus problemas e resolvendo.

- Eu também, Samuel. Fui tão imbecil com ela, ao invés de conversar fui tirando conclusões sem pensar, tomado pelo ciúmes e a insegurança. Eu a feri. Do modo como havia prometido nunca mais fazer. Estou morrendo de ódio de mim mesmo.

- Isso não vai levar a lugar nenhum, Christopher. Você precisa racionalizar a situação, pense em tudo o que quer dizer a ela e escreva no papel. Isso vai ajudar a lidar com a magoa que está sentindo, além disso, vai te preparar para conversar com ela - as palavras de segurança de Samuel finalmente começaram a fazer efeito.

Isso! Eu tinha que tomar uma atitude, e não ficar me lamentando. Precisava mostrar a Bell que não importava o tempo que ela precisasse, eu estaria esperando por ela. Não poderia deixá-la me esquecer. De modo algum!

Agradei Samuel mais uma vez e garanti que ia seguir seus conselhos. Daria a Annabelle o tempo que ela pedia, mas faria questão de deixar claro que não iria desistir dela. Nunca!

O telefone voltou a tocar, olhei o identificador ao invés de achar que era Annabelle. Vi o número e gemi. Era Martha Green, da filial de Nova Iorque, quem Bell tanto odiava por sempre ligar quando eu estava em casa. Por isso, pedi que não voltasse a ligar fora do horário de serviço e resolvesse qualquer problema diretamente com Peter. Ela era a responsável pelo setor de importação e estava há

algun tempo trabalhando em um projeto que iria diminuir consideravelmente nossos custos de importação, mas isso exigiria uma viagem até a China, a qual já havia designado Peter. Era uma ótima profissional, mas já estava me irritando. Atendi sem ânimo.

- Senhorita Green - cumprimentei.

- Senhor Lewis, desculpe incomodá-lo. Tentei ligar na empresa, mas me avisaram que não estava atendendo ninguém.

- Tive alguns problemas.

- Espero que não seja nada sério - suspirei.

- Qual o assunto, senhorita? - questionei a cortando. Não éramos íntimos para que ela se metesse na minha vida.

- Er... bem, eu liguei para avisar que irei para New Haven na sexta. Preciso discutir alguns detalhes importantes da viagem pessoalmente com o senhor e o senhor Scott.

- Ok, ligue para minha secretária e avise o horário. Era só isso?

- Sim. Você está bem, Christopher?

- Ótimo, senhorita Green. Agora se me der licença, preciso desligar. Estou esperando uma ligação.

- Oh! Claro, desculpe-me. Tenha uma boa tarde.

- Para você também - disse e desliguei. Não estava com paciência para lidar com ela hoje. Liguei para Peter para avisar sobre a vinda da senhorita Green.

- Essa mulher está na sua, Christopher - bufei sem paciência. Já havia percebido isso há algum tempo. *Se não fosse por ela, até aceitaria essa viagem.*

- Eu sei, e está me irritando.

- Só você para se irritar com uma delícia daquelas - se antes, Peter não parecia interessado na senhorita Green, agora que estava

brigado com Emily as coisas haviam mudado. Resolvi provocá-lo.

- Deixa só a Emily saber desse seu interesse repentino na senhorita Green - Peter ficou quieto.

- Emily é passado, Christopher - disse sério. - Agora me conta, o que aconteceu no casamento que você saiu correndo? - perguntou mudando de assunto. Respirei fundo.

- Annabelle e eu brigamos - fui sucinto.

- Já até sei o motivo. James - suspirei encostando na cadeira e encarando o teto.

- Ela saiu do nosso quarto e nem está falando comigo, Peter - confessei.

- Não queria dizer isso, mas eu avisei - bufei. - Vai dizer que não? Eu falei que você precisava acabar com essa cisma com James. Que uma hora seria tarde demais e o olha o que aconteceu.

- Não preciso de lições de moral, Peter. Minha consciência já estava pesada o bastante.

- Eu sei, desculpa. É só que você é tão teimoso, Christopher. Quando vai entender que James é passado?

- Eu perdi a cabeça, a vi feliz e achei que o motivo fosse ele.

- Está vendo, já disse e repito, você não raciocina direito e depois faz merda. O que você fez afinal? - tomei coragem e contei tudo o que tinha acontecido no casamento.

- Puta merda! Você pegou pesado, hein? - não consegui responder nada. Era verdade. - Mas a Anna também exagerou, ela que sempre foi tão racional, agir desse modo. Ela errou ao provocá-lo.

- Eu sei disso, mas nada justifica o que eu disse. O modo como desconfiei dela.

- Tentou falar com ela? - Peter perguntou.
- Sim, mas ela não quer me ouvir. Sam me deu a ideia de escrever, talvez seja a melhor solução.
- Eu concordo, diga no papel o que não pode dizer pessoalmente, e claro, acompanhado por flores. Se ela não quer falar com você mande por outra pessoa. Algo assim.
- Não tinha pensado nisso, Peter. É uma ótima ideia. Obrigado. Estou meio perdido sem saber como me aproximar dela. Não estou conseguindo raciocinar direito com tudo o que aconteceu.
- Eu entendo, Christopher. Toda vez que Emily vai embora me sinto assim, vazio.
- Já tentou conversar com ela?
- Não, e nem vou. Ela que saiu de casa, então ela que volte. Não vou ficar mais correndo atrás dela. Cansei - segurei a vontade de rir. Sabia que isso não ia durar, logo ele estaria como eu, louco para ter a mulher que amava de volta.
- Veremos.
- Falo sério, dessa vez, não tem volta - balancei a cabeça.
- Vamos falar sobre essa viagem, não quero pensar na Emily - disse cortando o assunto e voltamos a falar sobre negócios. Estava sentindo-me um pouco mais animado depois de conversar com meus amigos. Tinha um objetivo claro agora, fazer Annabelle me ouvir, mesmo que fosse através de um papel.

Annabelle

Cheguei no restaurante e Julianne já me esperava. Parecia apreensiva e preocupada. Assim que percebeu minha presença se levantou e me abraçou.

- Onde você se meteu? Estava morrendo de preocupação.

- Eu estou bem, Julie - minimizei a situação. Ela me olhou com uma carranca.

- Bem uma ova! Você está péssima, Anna.

- Podemos sentar? - pedi, ela assentiu e seguimos até a mesa. O garçom trouxe o cardápio e fizemos nossos pedidos.

- Anna, o que aconteceu? - Julie perguntou assim que o garçom deixou a mesa. Suspirei tomando coragem para contar tudo o que tinha acontecido desde que saímos do casamento sem chorar.

- Depois que voltamos do hospital eu mudei para outro quarto - finalizei. Julianne arregalou os olhos espantada.

- Como é? - indagou.

- Eu precisava sair daquele quarto. Ficar sozinha - expliquei, Julianne somente me observou. - Você está muito quieta. - apontei. Tinha certeza que iria voltar a xingar Christopher de todos os nomes possíveis, assim como fez na festa e na noite anterior, mas me enganei. Ela soltou um suspiro baixo.

- Anna, você tem certeza disso? - questionou me deixando confusa.

- Como assim? Achei que você, dentre todos me entenderia. Ontem mesmo disse que eu deveria castigar o Christopher - acusei um pouco magoada.

- Eu fui precipitada ontem, Anna. Sei que ele foi um imbecil e merece sim um belo castigo, mas você sair do quarto que dividem, parar de falar com ele, passar por todo esse estresse? Você está grávida, Anna! - repreendeu.

- Eu estou bem e o bebê também - respondi um pouco petulante.

- Ignorar o Christopher não vai ajudar em nada, sabe disso.

- Eu sei, mas no momento é tudo o que eu consigo fazer. Eu o amo e o odeio. É agri-doce - Julianne estendeu a mão sobre a mesa e segurou a minha a apertando.

- Não faça nada do que possa se arrepender, Anna - aconselhou com calma, franzi meu cenho.

- Do que esta falando? - meu coração acelerou. - Acha que ele pode me deixar? - perguntei em pânico, afastando sua mão da minha.

- Não! Christopher é louco por você, e é exatamente isso que eu temo. Não sei o que ele seria capaz de fazer caso ache que você não vai voltar - naquele instante a tentativa de suicídio de Christopher invadiu minha mente. *Ele não seria capaz, seria?*

- Por que vocês não conversam? Eu odeio ver você assim, Anna. E sei que sente falta dele. Privar ambos da companhia do outro nesse momento chega a ser crueldade - estreitei meus olhos desconfiada.

- Desde quando é tão racional? - Julie sorriu.

- Sam conversou comigo, ele colocou algum juízo na minha cabeça - só podia ser ele mesmo, nem parecia Julie conversando aqui comigo e sim Samuel. Suspirei ponderando as palavras dela.

- Eu estou tão magoada com ele, Julie.

- E deve estar mesmo, Christopher pisou feio na bola. Só acho que ignorá-lo não vai ajudar em nada, a não ser distanciar ainda mais vocês. - Julie tinha razão, mas eu não me sentia pronta. - Ontem você me disse que se arrependia de dançar com James. E agora?

- Você disse que eu fiz o certo - acusei. Julianne não se abateu.

- Eu sei, mas não estou falando de mim, Anna. Enquanto conversava com Sam sobre o que aconteceu, ele me lembrou do quanto Christopher sofreu por causa de James. Não tem como justificar o que ele disse, mas já se colocou no lugar dele? - sua pergunta me deixou muda.

- O que acha de mudarmos de assunto? - opinou vendo meu estado. - Como está o bebê? Voltou na médica? - contei como foram os exames, ainda perdida em pensamentos.

Depois do almoço, Julie me convenceu a sair para comprarmos algumas coisas. Resolvi aproveitar, já que tinha tirado o dia de folga.

À tarde, voltei para casa. Entrei no meu quarto com as compras que havia feito e fui surpreendida por um ramalhete enorme de orquídeas azuis e brancas, em cima da cama. Dentro, havia um envelope. Resistindo a vontade de ler o tal bilhete deixei as compras em uma cadeira e fui para o banheiro.

Será que eu estava sendo muito dura?

Droga! Ao mesmo tempo que eu queria correr para os braços dele eu queria correr para longe dele.

Terminei meu banho e voltei para o quarto enrolada na toalha. O buquê parecia me encarar conforme eu me trocava, e aquilo me irritou. Peguei o ramalhete com vontade de jogar no lixo, mas me faltou coragem. Respirei fundo, sentando na cama e pegando o bilhete. Deixei as flores onde estavam. Quando abri, vi o contorno da letra do homem que eu amava.

Annabelle,

Não sei quanto tempo vai levar até que consiga me perdoar por tudo o que eu disse, mas saiba que eu não irei desistir. Não importa

que demore um mês, um ano, quiçá dez. Eu sempre estarei lhe esperando, porque você é a única mulher que eu amei e a única que sempre vou amar.

*Agora e sempre,
Seu Christopher*

Aquelas poucas palavras mexeram profundamente comigo e não consegui segurar o choro. Chorava desesperada lembrando de tudo o que passamos juntos. De como Christopher amadureceu. Como ele me amava. Como eu o amava.

Obriguei-me a repassar toda minha discussão com ele. Apesar da dor que sentia ao lembrar de suas palavras, isso era necessário.

"O que você queria que eu dissesse ou pensasse depois do que eu vi naquele salão? Porra! Você me deu as costas e foi embora com ele! Como acha que me senti ao vê-la rindo nos braços dele? Como acha que estou me sentindo agora, Annabelle?"

"Isso! Joga na minha cara como ele é perfeito, como nunca a fez sofrer."

Fechei os olhos momentaneamente e senti uma lágrima escorrendo pelo meu rosto. Enxuguei-o rapidamente. Christopher havia me magoado profundamente com suas palavras, mas não foi o único. Eu também o fiz sofrer. Ele sequer havia esquecido quando joguei na sua cara, meses atrás, que James nunca havia me feito sofrer.

Julie estava certa. Eu não havia pensado nele, só em mim. Eu precisava conversar honestamente com Christopher. Assim como ele

vinha pedindo. Só assim poderíamos achar uma solução para nossa situação. Eu sentia tanta sua falta, precisava tanto dele.

Subitamente, senti meu estômago rodar e corri para o banheiro, vomitando violentamente dentro do vaso. Quando terminei de vomitar, sentia-me fraca. Escovei os dentes e fui direto para cama. Amanhã, conversaria com Christopher.

Capítulo 15 - Conversa

Annabelle

Acordei no dia seguinte sentindo-me ainda pior. Passei grande parte da madrugada no banheiro e quando conseguia dormir, tinha pesadelos com meus pais biológicos. Estava esgotada. Não sentia vontade de fazer mais nada a não ser ficar jogada naquela cama pelo resto da minha vida. Estava quase adormecendo de novo, quando ouvi uma leve batida na porta.

- Quem é? - perguntei com a voz baixa e rouca.

- Irvine, senhora Lewis.

- Pode entrar - disse me encolhendo na cama.

- Trouxe seu café da manhã - anunciou entrando no quarto.

Só de sentir o cheiro da comida foi o bastante para o meu estômago embrulhar, e mesmo fraca, pular da cama e correr para o banheiro, enterrando novamente minha cabeça no vaso. Parei de vomitar e deitei no meu braço que estava esticado sobre a privada. Sentia-me um lixo. Quando menos esperava vi Christopher entrando no banheiro com o rosto abatido e alarmado.

- Annabelle, o que houve? - perguntou preocupado se abaixando e afagando meu rosto. Seu carinho era como um bálsamo para meu mal estar.

- Estou me sentindo péssima - murmurei cansada e com a garganta dolorida.

Estava quase dormindo em cima do vaso quando senti meu corpo levitar. Olhei e vi que estava nos braços de Christopher. Queria

pedir para lavar a boca, mas nem para isso tinha força. Aconcheguei no seu peito enquanto ele me levava para a cama. Deitou meu corpo e chamou a senhora Brauer, que apareceu prontamente, segurando um copo. Eles conversaram mais um pouco, até que ela saiu e ele veio na minha direção, estendendo o que seria um suco de laranja. Lembrava que havia feito o mesmo quando tive minha ressaca. Peguei e tomei, fazendo careta com a ardência que sentia na minha garganta, Christopher saiu do quarto e foi até o banheiro voltando com uma toalha molhada. Terminei o suco e coloquei sobre o criado. Chris aproximou-se e passou com cuidado a toalha no meu rosto.

- Como está se sentindo?

- Um pouco melhor - ele assentiu.

Seu olhar ainda ansioso e tenso. Só então, percebi como ele parecia cansado e triste. Seus belos olhos azuis tinham olheiras, seu cabelo estava todo desganhado e a sua barba estava por fazer. Era a primeira vez que prestava atenção nele nos últimos dois dias e senti uma pontada de culpa ao vê-lo daquele modo.

- Eu pedi que a senhora Brauer ligasse para sua médica - comentou ainda passando a toalha no meu rosto. Assenti, concordando com sua decisão.

- Quer mais suco? - perguntou me observando com atenção. Neguei, começando a fechar os olhos. - Está com sono? - assenti.

Ele afastou a toalha do meu rosto enquanto eu me encolhia na cama. Sem pensar em mais nada segurei sua mão que estava sobre a cama, puxando-o para deitar comigo. Christopher veio sem dizer nada. Acomodei em seu peito e adormeci conforme ele fazia um cafuné gostoso na minha cabeça.

**

Despertei com vozes ao meu redor e sozinha na cama. Abri os olhos e vi minha médica conversando com Christopher. Assim que percebeu que havia despertado, ele se aproximou.

- Está melhor?

- Sim - respondi, percebendo que o enjoo e o mal estar tinham passado.

A médica me examinou e conversou comigo. Fiquei tranquila ao saber que estava tudo bem. Ela explicou que algumas mulheres sentem muito mais enjoo que outras no primeiro trimestre da gravidez, mas que era normal, especialmente no período da manhã. Recomendou repouso e algumas comidas leves que Christopher já pediu para a senhora Brauer preparar.

Enquanto ele acompanhava a médica até a saída, liguei para o escritório e avisei que não iria de novo. Estava me sentindo bem displicente com meu trabalho, mas no momento o que mais importava era meu bebê e meu bem estar. Ademais, sabia que estava deixando meus projetos em ótimas mãos. À tarde, se estivesse me sentindo melhor, iria fazer uma videoconferência com Jonas e saber como estava indo tudo. Afundei na cama querendo voltar a dormir quando Christopher surgiu uma bandeja. Fiz uma careta.

- Não adianta fazer cara feia - repreendeu. - Precisa se alimentar, recuperar as vitaminas que perdeu vomitando - completou ajeitando com cuidado a bandeja sobre mim.

Encarava-o admirada. Meu garotão cuidava tão bem de mim, mesmo com tudo o que estava acontecendo. Toda aquela raiva de antes havia ido embora e tudo o que eu queria agora era pular no

pescoço dele e enchê-lo de beijos. Ri. Realmente os hormônios estavam deixando-me completamente desorientada.

- O que foi? - Chris perguntou.

- Bobagem minha - respondi. Ele assentiu e ficou calado. Sua postura estava mais rígida e ele parecia não saber o que dizer ou fazer. Por certo, estava com receio de levar alguma patada minha ou talvez ainda estivesse chateado por causa de James.

- Não vai trabalhar? - Chris pareceu chateado com minha pergunta. *Será que pensou que estava o expulsando?* Antes que pudesse dizer qualquer coisa ele, respondeu.

- Daqui uns quinze minutos. Vai ficar bem?

- Vou, já avisei que não irei no escritório. Ficarei repousando.

- Faz bem, precisa descansar - respondeu educadamente.

O que estava acontecendo? Por que parecíamos dois estranhos? Culpa sua, Annabelle! Você que colocou essa distância entre vocês.

Merda! Agora que eu queria conversar com Christopher, o sentia tão frio e distante. Olhei para o prato do que imaginava ser um caldo de alguma coisa. Queria pedir que ficasse. Queria conversar com ele. Só que nada saía da minha boca.

- Bom, já vou - avisou, levantei a cabeça e o encarei. Ele se aproximou e beijou minha testa.

- Cuide-se, Annabelle - disse de modo formal e saiu. Sem me dar a chance de dizer nada.

Precisava achar uma forma de conversar com ele. Uma conversa franca. Talvez quando ele voltasse do trabalho. É, estava mais do que na hora de parar de agir como uma garota mimada e enfrentar a situação. Já havíamos passado por tantas coisas juntas.

Por que não poderíamos fazer o mesmo agora?

Sorri satisfeita e voltei minha atenção ao prato de comida que estava na minha frente. Assim que Christopher chegasse do trabalho conversaríamos.

Minha tarde foi bem mais tranquila que a manhã. Conversei com Jonas sobre alguns projetos do escritório e depois fui brincar com Chance no quintal. Christopher ligou várias vezes durante o dia perguntando como eu estava e se tinha melhorado. Ao invés de pedir que outra pessoa falasse com ele, eu mesma atendi suas ligações. Isso o surpreendeu no início, ele ainda parecia um pouco reticente, mas depois foi relaxando e voltando a ser o Chris que eu conhecia. Tranquilei-o dizendo que estava ótima, e que não havia passado mal de novo, mesmo depois do almoço. Contei que havia brincado com Chance e o deixado louco quando escondi seu brinquedo preferido. Chris riu e o clima entre nós pareceu bem mais leve.

O último telefonema aconteceu às dezenove horas e antes que dissesse que queria conversar com ele quando chegasse, Christopher avisou que precisaria trabalhar até tarde, pois tinha surgido um problema com alguns contratos de uma viagem importante que Peter iria fazer pela empresa. Perguntei se era algo sério e ele negou, dizendo que só precisava ajustar alguns detalhes. Ele se despediu, pedindo que eu descansasse e tivesse uma boa noite de sono. Pelo jeito eu não o veria aquela noite. Tentei afastar a decepção que senti.

Justo agora que havia decidido conversar com ele acontecia tudo isso?

Mas não ia desistir. Amanhã, ele não ia escapar.

**

Acordei na quinta-feira, sentindo-me muito bem disposta, sem enjoos ou pesadelos. Liguei para o escritório e conversei um pouco com Jonas. Estava tudo bem no escritório. Agora era a hora de conversar com Christopher. Tomei um banho e me troquei.

Quando estava saindo do quarto, encontrei a senhora Brauer vindo na minha direção e carregando uma bandeja repleta de frutas, iogurte e um suco de laranja. Ela abriu um sorriso enorme ao me ver bem disposta.

- Bom dia, Irvine.

- Bom dia, senhora Lewis. Fico feliz que esteja melhor.

- Obrigada. Tudo isso é para mim? - aponte para a bandeja repleta de comida.

- Sim, senhora. O senhor Lewis pediu que preparasse, como todas as manhãs - sorri com o gesto de carinho de Christopher.

- Ele está na cozinha?

- Não, senhora. Ele já saiu - franzi meu cenho. Era cedo demais.

- Já?

- Sim, parece que surgiu uma emergência na empresa, mas avisou que tentaria voltar o mais breve possível.

- Não disse mais nada?

- Só que eu deveria ligar imediatamente caso a senhora passasse mal novamente - assenti um pouco aborrecida. Conversar com Christopher estava mais difícil do que eu pensava. Só que não ia esperar.

- Peça para Kline preparar o carro, Irvine. Depois do café vou sair - ela assentiu e seguimos para a cozinha.

Tomei meu café da manhã preocupada com o que poderia estar prendendo Christopher na empresa. Só esperava que não fosse nada

sério. Senti meu sangue gelar ao lembrar o que aconteceu com Robert e John.

Não! Isso não podia acontecer com Christopher. Nunca!

No mesmo instante, levantei e fui terminar de me arrumar. Precisava ver ele. Saber que estava bem.

Assim que desci, Kline e Thompson já me esperavam em frente a casa.

- Para onde senhora? - Kline perguntou assim que entrei no carro.

- Para a Williams & Lewis, Kline - ele me olhou surpreso pelo meu pedido, mas logo recuperou o rosto imparcial e profissional que tinha e deu partida no carro.

Quando chegamos no estacionamento privado da empresa, desci do carro e segui até o elevador que levava diretamente para a presidência. Meu coração batia acelerado. Era um pouco de tudo, aflição, medo, saudade, amor e desejo. Estava explodindo com a quantidade de emoções que sentia naquele momento.

Respirei fundo assim que as portas do elevador se abriram no último andar. Entrei na recepção e não tinha ninguém. Nem a secretária e nem o estagiário que Christopher tinha contratado. A porta de seu escritório estava entreaberta e pude ouvir a voz conhecida de uma mulher, mas não era da secretária. Senti minha respiração acelerar. Aproximei tentando não fazer qualquer barulho.

- Já está decidido, senhorita Green - ouvi Christopher dizendo. *Green? Martha Green? A vadia que sempre ligava para ele?*

- Essa viagem vai ser boa para você, Christopher...

Viagem?? Do que ela estava falando? Christopher ia viajar? Com ela? Era por isso que ele estava trabalhando até tarde?

O sangue parecia ferver pelas minhas veias enquanto o ciúmes corroía meu ser.

- Senhora Lewis? - dei um salto com o susto que levei. Virei e encontrei a senhorita Weber. A secretária de Christopher me observando. Devia estar imaginando o que eu estava bisbilhotando. Não sabia se ia embora ou entrava naquela sala de uma vez.

- Eu cheguei e não tinha ninguém, não queria interromper Christopher caso estivesse ocupado - expliquei rapidamente. Ela sorriu sentando à sua mesa.

- A senhora nunca atrapalha, o senhor Lewis largaria o que estivesse fazendo para atendê-la - foi impossível não sentir-me bem com esse comentário, mas ainda estava muito incomodada com a conversa que ouvi há instantes.

- Eu que peço desculpas, o estagiário foi buscar alguns documentos e eu precisei sair um instante, não é normal deixar meu posto - explicou-se nervosamente, ela devia achar que ia delatá-la para Christopher.

- Não se preocupe com isso, senhorita Weber - não ia brigar com a secretária por causa disso, sabia o quanto era competente. Aproximei da sua mesa.

- Quem está com Christopher? - perguntei distraidamente. Precisava arrumar um jeito de saber o que aquela vadia queria com meu noivo.

- É a senhorita Martha Green, da filial de Nova Iorque.

- Faz tempo que ela chegou?

- Ontem - senti meu couro cabeludo pinicar. *Então, foi por isso que ele trabalhou até tarde?* - Ela viria na sexta, mas parece que

surgiu uma emergência - *podia imaginar a emergência*. Pensei com raiva.

Antes que a secretária dissesse mais alguma coisa, a porta se abriu e Christopher e a tal mulher saíram do escritório. Meu ânimo que já estava péssimo piorou quando olhei para a tal Martha. Agora entendia porque Christopher enrolava quando perguntava como ela era. Ele dizia que era comum. Isso estava longe de ser verdade. Ela era linda, cabelo castanho levemente cacheado e olhos cor de cobre, a pele levemente bronzeada. Ao contrário de mim. Que estava pálida e, apesar da maquiagem, parecia doente. Não chegava nem aos pés da Barbie Malibu.

- Annabelle? - olhei para Christopher que me encarava meio perdido. Por certo, se perguntando o que eu estava fazendo ali, estragando seu encontro secreto. Engoli a vontade de chorar.

- Oi - cumprimentei fracamente. Ele pareceu despertar do seu torpor e me apresentou a tal mulher.

- Martha, essa é minha noiva, Annabelle. Annabelle essa é Martha Green, responsável pelo departamento de importações da filial de Nova Iorque - ela me olhou com certo desdém, como se perguntasse o que Christopher teria visto em mim. Sentia-me insignificante.

- É um prazer finalmente conhecê-la - nos cumprimentamos rapidamente. - Bom, eu já vou indo, Christopher - disse sorrindo igual uma idiota tocando o ombro dele. Minha vontade era arrancar a mão dela de cima dele, mas me segurei. - Pensa no que te falei - sussurrou de um modo malicioso.

Que ódio daquela mulher! Dando em cima dele na minha cara! Vagabunda! Não aguentei mais ver aquilo. Ou saía daquele

lugar ou pulava no pescoço daquela oferecida.

- Vou esperar na sua sala - avisei e segui desolada para seu escritório.

Será que eles estavam tendo um caso? Será que tinham transado nessa sala? Meu coração batia acelerado. *Não podia ser. Não podia.* Quando estava quase voltando para a recepção para dizer umas verdades para ela, Christopher apareceu fechando a porta. Controlei minha respiração e cruzei os braços.

- Sua namorada já foi embora? - perguntei irônica. Christopher revirou os olhos.

- Annabelle, por favor - respondeu sem paciência.

Por favor? É isso que ele vai me dizer?

Sentia todo meu ódio voltando-se contra ele. Sendo todo educado e gentil com a vaca bronzeada. Deixando que ela o tocasse! Sem pensar em mais nada disparei:

- Aposto que está fodendo essa vadia! - ele arregalou os olhos e chegou bem perto de mim, encarando-me. Seu aroma quase me enlouqueceu. *Céus, como eu sentia sua falta.*

- A única mulher que eu quero foder é você, Annabelle, mas pelo visto isso não faz diferença - retrucou sério. Voltei a minha razão e me afastei dele.

- Não haja como se isso fosse minha culpa!

- Então não haja como se eu fosse o único culpado! - acusou gritando.

- Pode não ter sido, mas agiu como um idiota! - devolvi estressada.

- Idiota? Você me largou sozinho para ir dançar com ele! Como acha que me senti, hein, Annabelle?

- Não era motivo para dizer aqueles absurdos! - Christopher passou as mãos pelo cabelo, completamente nervoso.

- Eu sei que não era, mas eu estava puto da vida!

- Assim como eu estava com você! - nos encaramos. Isso não estava dando certo. Parecia uma repetição da nossa discussão e não era isso que eu queria. Respirei fundo e continuei em um tom mais ameno:

- Suas palavras me feriram mais do que qualquer outra coisa que tenha feito, Christopher - o semblante dele também se suavizou.

- Eu sei que errei, sei que estou longe de ser perfeito, mas eu te amo. A droga da minha vida não tem razão sem você! Eu preciso de você, Annabelle. Se não for você, não será mais ninguém.

Sem pensar em mais nada o beijei. Não podia ficar parada ao ouvir uma declaração tão linda. Nos beijávamos como loucos, sua língua atijando a minha. Para me provocar ele mordeu levemente meu lábio inferior, fazendo com que eu soltasse um gemido alto. Senti minhas costas baterem em algo e seu membro duro me provocar. Levantei meu corpo e sentei sobre sua mesa, abraçando seu quadril com minhas pernas. Quando ficamos sem ar, ele afastou-se com um sorriso lindo, os olhos brilhando. Suas mãos acariciaram meu rosto.

- Bell, me deixe mostrar que aprendi com meus erros, que finalmente deixei James no passado. Que qualquer coisa que aconteça conosco, eu irei conversar com você antes de tirar conclusões sem fundamento. Por favor, Annabelle? Deixe-me provar o quanto eu te amo - implorou.

- Eu sei que me ama, Christopher, mas isso não vale nada se não confiarmos um no outro - disse suavemente.

- Eu confio, Bell!

- Não, não confia. Você que sempre pediu confiança, não demonstrou isso quando acusou-me de ter um caso e do filho não ser seu - respondi com a voz embargada. *Não! Eu não podia chorar.*

- Eu confio em você - afirmou novamente. Neguei com a cabeça. - Confio, sim - insistiu.

- Então, por que agiu daquela forma? Por que foi tão frio comigo aquela noite? - ele suspirou.

- Eu estava ansioso para vê-la, tínhamos passado a noite separados e ainda tinha James que não saía da minha cabeça. Foi como eu te disse, quando a vi toda feliz, eu não consegui pensar em outra coisa senão que estava daquele modo por causa dele.

- Você tem noção do quão ridículo, isso é?

- Eu sei, agora eu vejo bem o quão imaturo eu fui. Samuel tentou me alertar, mas eu não conseguia ouvir ninguém. Quando aceitou dançar com ele e os vi rindo, foi o fim para mim, perdi a cabeça - sussurrou com a garganta presa. - Eu me sinto impotente e insignificante diante dele - arregalei meus olhos ao ouvir sua declaração.

- Christopher, isso é um absurdo! - contestei. Ele negou.

- Como eu posso competir com alguém que nunca a fez sofrer?
- suas palavras fizeram um gosto amargo surgir em minha boca.

Christopher repetiu novamente as mesmas palavras que eu havia dito há alguns meses. Não tinha como negar. Eu era a única culpada pela insegurança dele. Eu a alimentei e piorei tudo quando dancei com James. Estava com raiva, claro, mas ainda assim, minha atitude foi condenável e o magoei, fazendo-lhe pensar coisas ridículas.

Lembrei de Julie pedindo para que me colocasse em seu lugar.

O que eu teria feito se morasse com Christopher e ele tivesse uma namorada? Como suportaria ver quem eu amava sendo carinhoso com outra pessoa, ouvindo ele dizer que a amava outra? Só de ver aquela Barbie em cima dele eu quase perdi a razão.

Eu o fiz sofrer tanto quanto ele. E não estava disposta a abrir mão do homem que amava por um erro imaturo de ambos, não mais.

- Eu também não ajudei em nada a acabar com essa insegurança, não é? - questionei com a voz fraca.

- Você mostrou que me amava em todos os momentos, Annabelle. Eu que fui fraco, que só pensei no pior.

- Agora eu vejo que sou culpada também, Chris. Você sempre me disse como se sentia em relação ao James, seus medos e aflições e eu achava que entendia - parei e suspirei. - Não percebi como tinha sido injusta com você, Christopher

- Você nunca foi injusta comigo, Bell. Como pode dizer isso? - questionou atordoado.

- Fui sim, tentei imaginar o que seria estar no seu lugar, mas isso nunca foi o suficiente, nunca pude ter a real noção do que você sentia porque nunca consegui sequer imaginar você com outra mulher, quanto mais dizendo que a amava. Eu menosprezei seus sentimentos... - disse com a voz embargada.

- Isso não é verdade! - interrompeu. - Você não tem culpa do que aconteceu no passado. Eu mereci ver o que eu tinha perdido por causa da minha estupidez, você estava seguindo com a sua vida, tentando ser feliz.

- Eu sei disso, tudo o que nós sofremos não é algo que vamos poder mudar, já foi, não é por isso que quero pedir perdão - ele abriu a boca para retrucar, mas coloquei meus dedos sobre seus lábios.

- Estou aqui na sua frente, pedindo perdão por não dar o devido valor ao que você sentia, por tratar seus ciúmes do James como algo sem sentido, sem pensar o quanto isso realmente te magoou. Não estou isentando você do que disse, de modo algum, você agiu como um moleque, me ignorando e depois fazendo suposições sem ao menos conversar comigo. O que quero dizer, é que eu também tive culpa, não deveria ter ido dançar com James sem antes esclarecer as coisas com você. Eu também agi precipitadamente, querendo te irritar de propósito. Sem perceber o quanto você sofreria com isso - Christopher me encarava.

- O que te fez ver isso tudo? - questionou intrigado.

- Tudo, mas principalmente Julie. Quando fomos almoçar, ela disse algo que ficou na minha cabeça. Que eu deveria me colocar no seu lugar. Isso fez todo o sentido para mim. Percebi que o havia magoado também. E agora, depois de ouvir suas palavras e ver você com a Barbie Malibu, tive essa certeza.

Christopher pegou minha mão e a beijou.

- Não existe mulher alguma para mim a não ser você, Annabelle. Nunca vai existir - murmurou, sem pensar em mais nada o abracei.

- Mesmo assim, só de imaginar você com outra senti tanto medo, de ser tarde demais, de você não me querer mais - choraminguei.

- Não seja absurda - afastei e o encarei arqueando a sobancelha.

- Só eu sou absurda? Será que você não percebe que me sinto da mesma forma por você? - Christopher suspirou.

- Você tem razão - concordou, segurando meu rosto em suas mãos, o afagando com o polegar. - Nós percorremos tanto e mesmo assim somos capazes de duvidar do que o outro sente. Eu não entendo - disparou confuso.

- Somos humanos, Chris. Por mais que eu saiba que me ama e por mais que eu ame você, vai existir momentos em que a insegurança e o medo vão falar mais alto. Eu entendo melhor agora. Nunca vai existir esse segurança plena. Vamos fraquejar e dizer bobagens, coisas das quais vamos nos arrepender, mas o que importa é aprendermos com nossos erros. Sei que nossa vida não vai ser perfeita, vamos brigar, discutir, mas sei também que vamos enfrentar tudo isso juntos. Eu fui muito infantil em sair do nosso quarto e o ignorar. Deveria ter conversado com você antes. Eu sinto muito por isso.

- Pare de pedir desculpas por aquilo que não é só sua culpa! - repreendeu.

- Diga que me perdoa e eu paro - negocieei. Ele sorriu.

- Você também não me perdoou - acusou de volta, fazendo com que eu abrisse um sorriso tímido. Respirei fundo e encarei aqueles lindos olhos azuis que eu tanto amava.

- Eu te perdoo por ser um idiota sem noção e ter agido feito um garoto mimado. Sua vez - Chris sorriu e encostou sua testa na minha.

- Eu te perdoo por ter feito com que eu sentisse raiva, ciúmes e medo - senti péssima ao ouvir essas palavras. *Como pude ser tão estúpida?* Afaguei seu rosto.

- Sinto muito - pedi novamente.

- Eu também, anjo - respondeu me beijando com doçura e calma. Se afastou e curvou sobre meu ventre e o beijou. Meu coração disparou.

- Perdoa o papai por ser um idiota e deixar a mamãe nervosa? Eu prometo que vou cuidar muito bem de vocês a partir de agora - declarou depositando mais um beijo.

Não aguentei a emoção e comecei a chorar. Ele me olhou, levantou e me beijou mais uma vez.

- Obrigado por mais esse presente - agradeceu afagando meu ventre.

- Nada disso seria possível sem você - Chris abriu um sorriso lindo. Encostou a cabeça em meu ombro e moveu sua mão no meu ventre.

- Quando desconfiou da gravidez? - perguntou serenamente. Suspirei.

- Logo depois que os sintomas apareceram, fiz dois testes de farmácia, mas deram negativo. Por isso achei que fosse o anticoncepcional.

- Por que não me contou?

- Não queria criar falsas expectativas - respondi sinceramente.

- E o que fez você ir na médica com tanta urgência? - seus dedos traçavam linhas imaginárias em meu ventre.

- Eu passei mal na sexta-feira e as meninas insistiram na gravidez, como não queria fazer outro teste de farmácia, decidi ir na

médica.

- Por que não me contou quando me ligou aquele dia? - Christopher me encarou. Parecia magoado com minha atitude de não falar da gravidez.

- Eu disse para você, queria fazer uma surpresa. Queria que fosse especial.

- E eu estraguei tudo - murmurou, segurei seu rosto.

- Não importa mais, Chris - garanti, ele sorriu levemente e beijou-me. - Quero ir para casa - pedi já não aguentando o desejo que estava sentindo por ele. Christopher sorriu largamente.

- Vamos, antes que te ataque sobre essa mesa - agarrei seu pescoço.

- Não me oponho a essa ideia - confessei molhando os lábios com a língua, esse ato fez seu membro tremer sob meu corpo. - Acho que *ele* não vai se importar - respondi maliciosa, olhando para baixo. Christopher respirou fundo se controlando.

- Por mais que essa ideia seja tentadora. Minha futura esposa e mãe do meu filho, merece muito mais que uma simples foda em cima de uma mesa - sorri com seu carinho.

- Nada com você seria denominado de simples, garotão. Mas você tem razão. Se ficarmos aqui não sairemos tão cedo e preciso matar toda a saudade que senti de você esse tempo todo.

- Não está mais se sentindo mal? Talvez fosse melhor ligar para a médica antes.

- Eu estou ótima, só com um desejo descomunal pelo meu futuro marido - ele sorriu largamente.

- Veremos o que posso fazer em relação a isso - Chris me pegou no colo, me surpreendendo.

- Christopher!

- Não vou soltá-la até que estejamos na nossa cama, anjo. Aliás, eu nunca mais a deixarei sair de perto de mim. É uma promessa - senti uma emoção sem tamanho ao ouvir palavras tão lindas. Sorri, deitando a cabeça em seu peito conforme era levada para fora de sua sala e íamos para casa.

Capítulo 16 - Reconciliação

Christopher

No mesmo instante que entramos no nosso quarto, presei Annabelle na parede e nos beijamos feito adolescentes.

- Você me deixa louco - gemi, erguendo sua saia e infiltrando minha mão pela sua coxa.

- Christopher, por favor - implorou, agarrando com força meus cabelos.

- Tem certeza que quer isso agora? A comida que pedi para Irvine preparar vai estar pronta em menos de dez minutos - murmurei contra seus lábios, preocupado com sua alimentação.

- Sim! Sim! Eu preciso de você, agora - pedindo assim não havia nada que eu não fizesse por ela.

- Muito bem, Annabelle - disse, abrindo minha calça sem me separar muito dela. - Vai ser rápido e forte, se a senhora não gozar em até cinco minutos irei castigá-la - ameacei, beijando seu pescoço e descendo sua calcinha, já sentindo sua humidade no tecido fino.

- Não preciso de cinco minutos - alegou ofegante, encarei-a sorrindo e voltei a beijar sua boca deliciosa.

- Ótimo! Porque eu também não - precisava me conter para não machucá-la. - Você tem que me prometer que se sentir qualquer coisa vai me mandar parar - disse olhando-a seriamente, Bell assentiu.

- Diga! - ordenei elevando uma de suas pernas e a enlaçando no meu corpo, gememos com a proximidade de nossos sexos.

- Diga, Annabelle! - exigi novamente com autoridade.

- Eu aviso se sentir qualquer coisa, juro. Agora me faça sua, Christopher! Por favor. Preciso sentir você - implorou puxando minha bunda contra si. Gemi. Com muito cuidado entrei dentro do seu corpo. *Porra! Como eu senti falta dessa sensação!*

- Tão gostosa, Annabelle - grunhi, contra o seu pescoço. Ela torceu seus dedos no meu cabelo enquanto a outra mão me puxava ainda mais para si.

- Christopher... Mais rápido...por favor... - implorava impelindo seu quadril contra o meu, seus movimentos me fizeram perder a cabeça e aumentar a velocidade com que invadia seu corpo.

- Adoro como você sempre está pronta para mim, meu anjo - dizia entre as estocadas cada vez mais rápidas e fortes.

- Oh! Isso! Christopher! Mais... Mais... - pedia ensandecida.

Elevei sua outra perna e ela a enlaçou no meu corpo fazendo com que a penetrasse mais fundo e com ainda mais força. Perdia-me no corpo apertado e molhado da minha doce tentação chamada Annabelle.

- Christopher! Christopher! - gritava meu nome sem parar.

- Goza, Annabelle! Goza para mim, gostosa! - e como se estivesse esperando meu pedido, ela gozou alto, apertando ainda mais meu membro dentro do seu sexo delicioso.

- Bell!! - gritei ao atingir o ápice do meu prazer, o mais puro dos êxtases.

Encostei minha testa na parede completamente sem fôlego enquanto me recuperava. Annabelle encontrava-se da mesma maneira, mesmo assim não nos soltamos. Quando senti minha respiração voltar ao normal, afastei da parede e encarei-a, beijando com delicadeza seus lábios.

- Como está se sentindo? - perguntei, afagando seu rosto e com cuidado descendo suas pernas, sem deixar de segurá-la, com medo que caísse. Bell abriu um sorriso lânguido e acariciou meu cabelo.

- Melhor impossível, senhor Lewis - sorri largamente e voltei a beijá-la, dessa vez com mais desejo. Quando senti que ela ia aprofundar o beijo, parei e afastei-me. Bell me olhou decepcionada.

- Se continuarmos, não vamos parar e preciso alimentar a minha linda mulher - avisei. Ela sorriu e puxou-me pelo pescoço.

- No momento, eu só desejo comer o senhor - fingi perplexidade.

- Annabelle! Isso não são modos de uma senhora educada falar - repreendi sem esconder um sorriso nos lábios.

- Então me castigue - balancei a cabeça e meu sorriso só aumentou. Essa mulher era impossível e era minha, só minha.

- Será exatamente isso que farei - quando ela ia se aproximando para me beijar, afastei, Bell encarou-me confusa. - Depois que se alimentar - completei sério, ela suspirou.

- Ok, farei tudo o que mandar, senhor Lewis - sorri satisfeito. Saí com cuidado de dentro dela, Bell soltou um gemido.

- Está tudo bem? - perguntei preocupado.

- Tudo perfeito, não foi um gemido de dor - esclareceu sorrindo com um ar sapeca.

- Ah, Annabelle. O que farei com você?

- Tenho muitas ideias, mas o senhor prefere esperar - disse fazendo um bico, acabei rindo.

- Você é um perigo para minha sanidade, anjo - declarei e a beijei. - Vou buscar nossa comida, porque não aproveita e toma um banho?

- Vem comigo? - pediu manhosa.

- Nem pensar, se for tomar banho com você não iremos sair de lá tão cedo.

- Essa é a ideia, garotão - respondeu marota, antes que pudesse retrucar bateram na porta. Havia pedido que avisassem quando a refeição estivesse pronta.

- Droga! - Bell praguejou.

- Vai logo para o banho - disse dando um tapa na sua bunda.

Annabelle riu, deu-me mais um beijo e foi para o banheiro cantarolando. Sorri vendo-a tão feliz. Nem parecia que tínhamos acabado de fazer as pazes. Achei que ia demorar para recuperamos aquela nossa cumplicidade de sempre, mas felizmente tinha me enganado.

- Não tranque a porta! - exigi antes que a porta se fechasse.

- Tá bom, mãe! - sua resposta fez meu sorriso aumentar.

Arrumei-me rapidamente e descii para buscar nossa comida. Cheguei na cozinha e a senhora Brauer tinha um sorriso enorme no rosto. Devolvi o gesto e lhe dei um beijo, pegando a bandeja linda que havia preparado. Subi logo em seguida e entrei no quarto colocando a bandeja sobre o móvel que ficava no canto do quarto. Quando virei, vi Bell parada na porta do banheiro observando-me com um sorriso e enrolada em uma toalha felpuda.

- Já tomou banho? - ela negou e se aproximou de mim.

- Estava esperando você - respondeu manhosa, aproximando-se de mansinho.

- Assim o almoço vai esfriar - adverti tentando manter-me afastado, mas morrendo de vontade de entrar naquele chuveiro com ela.

- Tenho certeza que você pode resolver nosso problema sem deixar a comida esfriar - ela colocou as mãos no meu peito e eu sorri maliciosamente.

- É um desafio? - questionei arqueando minha sobrancelha, segurando-a pela cintura.

- Na verdade, seria mais uma afirmação - respondeu sorrindo. Sem pensar em mais nada, peguei-a no colo. Bell soltou um grito de surpresa e riu.

- Vamos ver o que eu posso fazer - disse, carregando-a para o banheiro e a beijando no caminho. Nossa tarde só estava começando.

**

Após um banho relaxante e muito excitante, nos sentamos na mesa improvisada no nosso quarto para almoçar. Felizmente a comida não havia esfriado e estava deliciosa. Bell estava no meu colo e dávamos comida um na boca do outro. Eu nem podia acreditar que ela estava aqui de novo, nos meus braços.

- Abre a boca - pedi, pegando um garfo com um pedaço de peixe e batata, e o levando até seus lábios. Annabelle comeu com gosto.

- Hum... - gemeu, saboreando a comida sem deixar de olhar para mim, só isso era o bastante para deixar-me louco. - Muito bom - elogiou, beijando-me. Gemi na sua boca.

- Até mesmo com sabor de peixe seu beijo é maravilhoso - Annabelle riu e acariciou meu nariz com o seu.

- Que homem mais romântico eu tenho - murmurou antes de me dar mais um beijo delicado, sorri tímido.

- Só para você - encarei-a com intensidade. Bell afagou meu rosto e voltou a me beijar, dessa vez com mais intensidade do que antes. Minha mão foi para suas costas, trazendo-a para mais perto, querendo fundir meu corpo com o seu. Subi a outra mão pela sua perna. Infiltrando o roupão branco que usava. Bell gemeu interrompendo nosso beijo a fim de tomar fôlego. Meus lábios foram para seu pescoço enquanto minha mão chegava até o interior de suas coxas.

- Oh, Christopher... - murmurou agarrando com força meu cabelo. Eu enlouquecia quando ela fazia isso.

Desci meus beijos pelo seu pescoço, abrindo o roupão com meu nariz e distribuindo beijos pelo seu colo parcialmente desnudo. Ao mesmo tempo, apertei minha mão em seu ponto sensível e já completamente pronto para mim. Annabelle moveu-se gemendo, o que me deixou ainda mais duro.

- Seu aroma é inebriante meu anjo... Me deixa louco - sussurrei, mordendo de leve o bico excitado de seu seio para em seguida o beijar e sugar sem deixar de mover meus dedos em seu sexo deliciosamente molhado. Annabelle gemia e se contorcia nos meus braços. Aumentei meus movimentos e senti que logo ela iria atingir o ápice, mas ao invés de continuar e dar-lhe essa satisfação, eu parei. Tirando meus dedos de sua intimidade e minha boca de seus seios. Bell agarrou meu cabelo e me fez encará-la, ela estava linda, com os lábios e as bochechas vermelhos e sem fôlego.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, trouxe seu rosto para o meu e tomei com voracidade seus lábios. Minha língua explorava cada centímetro da sua boca, Annabelle acompanhou e aumentou os movimentos do beijo praticamente se fundindo a mim. Sem me

separar dela a peguei no colo e a levei para a cama, deitando sobre seu corpo. Nossas mãos estavam enlouquecidas, arrancando, em segundos, os roupões que usávamos. Quando já estávamos nus, penetrei-a com extremo cuidado.

- Mais forte, Christopher - Bell choramingou, impelindo seu quadril contra a minha ereção.

- Vamos devagar, anjo - disse com adoração. - Preciso aproveitar cada segundo ao seu lado - ela abriu um sorriso delicado e levantou a mão para alisar meu rosto e tirar alguns fios de cabelo da minha testa. Sua mão foi para minha nuca e puxou-me para seus lábios, beijando-me com calma, dando a permissão que eu queria.

Meus lábios passaram pelo seu rosto, seus olhos, seu nariz. Penetrava-a com uma lentidão excruciante. Queria fazer esse momento durar para sempre, ter sempre Annabelle nos meus braços, feliz, satisfeita e segura. Meus dedos afagavam, sua mandíbula e seu pescoço, ao mesmo tempo que trocávamos beijos doces e eu a possuía. Eu sentia a urgência de ir mais rápido, mais forte, mas eu me segurei. Teríamos tempo para isso. Annabelle era minha e eu nunca mais a deixaria sair dos meus braços. Essa certeza, fez meu coração bater ainda mais forte e deixar toda essa emoção transparecer em cada beijo e carícia. Sentia o mesmo dos gestos de Annabelle. O modo como me olhava e me tocava, como seus beijos doces evidenciavam o quanto me amava. Mostrando que havia me perdoado de coração, por todas as bobagens que disse. Ficamos nessa dança sensual e lenta até que senti todo o meu corpo sair de mim. Caí completamente sem fôlego nos braços do meu anjo.

Girei para meu lado na cama, tentando lembrar como se respirava. Meu peito subia e descia rapidamente. Estava molhado de suor.

- Uau - ouvi a voz engasgada e admirada de Bell soar e a olhei.

Ela virou o rosto para mim e sorriu, um sorriso enorme e lindo. Estava suada e também sem fôlego, mas mesmo assim, arrumou forças para se jogar em cima de mim e me beijar. Ergueu o corpo e encostou sua testa na minha. Nossa respiração ainda mais errática que antes.

- Isso foi incrível e... - Bell parou abruptamente e acariciou meu cabelo do jeito que eu amava. Seus olhos brilhavam com uma emoção desconhecida. Fechou os olhos balançando a cabeça e a enfiou no vão do meu pescoço. Abracei-a. Minha curiosidade falou mais alto e mesmo quase sem ar perguntei.

- E o quê? - os braços de Annabelle apertaram meu corpo com mais força, senti um leve movimento e umidade no meu pescoço. *Ela estava chorando? Será que a machuquei?* Talvez fossem os hormônios da gravidez, já que Annabelle andava bem mais sensível ultimamente. Ainda não podia acreditar que pensei que fosse o anticoncepcional. Era tão óbvio.

- Bell? Olha para mim - pedi, mas ela afundou-se ainda mais no meu corpo.

Já com a respiração normalizada tentei olhar para ela, mas Annabelle impediu-me se agarrando com força em mim. Como se quisesse impedir que eu a visse.

- Fala comigo, anjo - implorei preocupado, movendo minha mão pelo seu cabelo em um afago.

- Eu te amo tanto - confessou finalmente, sua voz soou baixa e embargada.

- Eu também te amo, Annabelle. Você é tudo para mim - ela fungou e levantou a cabeça encarando-me. Seus olhos vermelhos partiram meu coração. Eu odiava vê-la sofrendo, ainda mais quando era por minha causa.

- Se sente mal por me amar? - perguntei receoso, enxugando suas lágrimas. Bell me olhou espantada.

- Não! Nunca! - aproximou até estarmos com nossos rostos quase colados. - É só que eu senti tanto a sua falta esses dias, era como se parte de mim tivesse deixado de existir - senti o alívio tomar meu corpo fazendo com que minha expressão se suavizasse, mas não o bastante. Segurei seu belo rosto entre minhas mãos e a encarei com seriedade.

- Eu sinto muito por ter passado por isso - pedi novamente beijando o topo da sua cabeça.

- Não foi só sua culpa - bufei.

- Grande parte, foi sim. Eu fui estúpido e imbecil com você - virei o rosto passando minha mão pelo cabelo, irritado comigo mesmo. Bell ergueu seu corpo sobre o meu e puxou meu rosto para encará-la.

- Pode parar! - advertiu e continuou:

- Já conversamos sobre o que aconteceu, nós dois erramos, fim da história. Eu só estou mais emotiva, é isso, tudo fica mais a flor da pele e agora... - sorriu olhando-me emocionada e afagando meu rosto. - Você me amou de uma forma tão perfeita, que eu senti essa avalanche de emoções passarem sobre mim. Junto veio esse medo

horrível de um dia não ter você ao meu lado - tudo o que consegui fazer naquele momento foi puxá-la para os meus braços e beijá-la.

- Você é a pessoa mais importante da minha vida. Eu me sinto vazio sem você, não tenho e nem sou absolutamente nada se não estiver ao seu lado. Nada. Entendeu? - ela assentiu parecendo mais calma.

- Acabei estragando um momento nosso com bobagens. Desculpa - pediu chateada.

- Não tem nada que se desculpar, anjo. Quero que sempre converse comigo, não importa o assunto, só assim eu vou poder ajudar - ela sorriu e afagou meu rosto, segurei sua mão e a beijei. - Já disse e repito, aqui é meu lugar, ao seu lado. Não importa o que aconteça, é onde eu sempre estarei - ela sorriu emocionada e um lágrima solitária escorreu pelo seu rosto, passei meu polegar enxugando-a.

- Eu não quero mais esperar - franzi meu cenho confuso.

- Esperar o quê?

- O casamento, não quero que seja daqui oito meses, quero para o fim desse mês - arregalei meus olhos, sentando na cama e encarando-a sem acreditar.

- Está falando sério? - Annabelle sorriu e assentiu.

- Eu quero ser sua esposa, Christopher, e o mais rápido possível - sem pensar em mais nada, puxei-a para meu colo e a beijei com ardor.

- Obrigado - murmurei maravilhado contra seus lábios. - Você sabe muito bem o quanto eu quero isso. O quanto eu quero ser seu marido e que quero que seja minha mulher.

- Eu sempre fui sua, Christopher. Sempre - respirei fundo, absorvendo aquelas palavras. Era todo o conforto que eu precisava.

- Tal como eu sempre fui seu, Annabelle - ela sorriu e beijou-me docemente. Suas pequenas mãos se infiltrando pelo meu cabelo. Fazendo-me gemer contra sua boca.

- Eu preciso sentir você de novo - murmurou entre nosso beijo.

- E eu você - declarei, antes de fazer Annabelle, minha novamente.

Capítulo 17 - Proposta

Annabelle

- Adeus, Anna - meu pai se despediu, indo embora. Não! Ele não podia me deixar. Ele também, não!

- Papai! - clamei, mas ele não parou de se afastar. - Papai! - gritei e, finalmente ele parou, virou o rosto para trás lentamente.

Todo o sangue do meu corpo foi drenado. Aquele não era meu pai. Era Christopher, e estava indo embora, me deixando.

- Papai! - a voz continuou dizendo e só então, percebi que não era eu quem chamava. Olhei para meus braços, e lá estava uma linda garotinha, cabelo cacheado e lindos olhos azuis, por onde vertiam grossas lágrimas.

- Papai... - a garotinha dizia chorando, estendendo os braços na direção de Christopher. Voltei a encará-lo. Ele sacudiu a cabeça e nos deu as costas. Não! De novo, não!

- Christopher! - gritei tentando alcançá-lo, mas eu não conseguia sair do lugar. - NÃO! - balançava a cabeça freneticamente, enquanto nossa filha chorava nos meus braços, apertando-se ao meu pescoço.

- Volta, Christopher! Volta!

- Annabelle! - uma voz forte me chamou de modo urgente e senti meus braços sendo presos por algo.

- Não! Não! - debatia, querendo fugir do aperto que sentia nos meus pulsos. - Christopher! - tentei chamar, mais uma vez.

- Eu estou aqui. Abra os olhos - ouvi a tal voz dizer com mais calma. *Christopher?* Não podia ser! Senti um beijo sendo depositado

na minha testa, dando toda a paz que precisava. Abri os olhos e Christopher fitava-me com preocupação.

- Christopher? - sussurrei atordoada, estendendo meu braço e tocando seu rosto. Ele sorriu levemente fazendo um carinho no meu cabelo.

- Oi - respondeu. Alívio passou pelo meu corpo e sem pensar em mais nada, pulei em seus braços. Minha respiração estava ofegante e meu coração batendo a mil.

- Oh, sim. Você está aqui - refleti, apertando seu corpo contra o meu, enfiando minha cabeça no vão do seu pescoço e sentindo seu aroma delicioso. Sim, ele era real. Christopher afagou minhas costas.

- O que aconteceu? - perguntou baixinho.

- Você foi embora... - murmurei com a voz quase sumindo. - Eu vi meu pai e, de repente, não era mais ele, era você, e estava nos deixando - dizia soluçando.

- Foi um pesadelo, anjo - garantiu carinhoso

- Parecia tão real - Christopher segurou meu rosto. Seu semblante tenso e preocupado.

- Não era. Já disse, e irei repetir quantas vezes for necessário. Eu nunca vou deixar você, Annabelle. Jamais. Eu prometo - assenti, sentindo segurança nas suas palavras. Voltei a abraçá-lo. Respirei fundo e acabei adormecendo em seus braços.

**

Acordei me sentindo renovada. Não havia tido mais pesadelos. Virei na cama a procura do corpo gostoso e quente do meu noivo, mas encontrei o lugar vazio. Ele não estava no quarto.

- Christopher! - chamei e nada, nenhum ruído, sentei na cama preocupada.

Onde ele estava?

Enrolei no lençol e quando ia sair da cama, a porta abriu e um Christopher sorridente passou por ela, carregando uma linda bandeja de café da manhã. Meu coração bateu acelerado com essa visão deliciosa na minha frente. Tudo o que eu queria era me jogar em cima dele.

- Bom dia! - cumprimentou sorrindo, fui incapaz de não sorrir de volta. - Trouxe um café da manhã reforçado para a mamãe mais linda do mundo - disse colocando a bandeja sobre a cama e me encarou. - Está melhor? - perguntou com carinho. Sorri largamente e assenti.

- Sim, depois que voltei a dormir não tive mais nenhum pesadelo - contei, sentindo-me aliviada.

- Quer falar sobre isso? - balancei a cabeça negando.

Meus pais eram um assunto que eu ainda preferia não tocar e muito menos lembrar.

- Sabe que pode conversar comigo sobre o que quiser, não é? - suspirei.

- Eu sei, mas tem coisas que eu prefiro esquecer - respondi sinceramente. Chris assentiu. Mesmo sendo difícil, ele entendia minhas razões.

- Está com fome? - perguntou mudando de assunto. Olhei a bandeja abarrotada de comida. Somente alimentos naturais e leves.

- Estou, mas acho que exagerou.

- É, talvez um pouco - concordou rindo. - Mas preciso cuidar e muito bem dos meus amores - sua declaração fez um sorriso enorme aparecer no meu rosto. Christopher nunca seria como meu pai. Nunca nos abandonaria.

- Me faz companhia?

- Claro - Christopher sentou na cama e me trouxe para seu colo, deixando a bandeja ao nosso lado.

Peguei um cacho de uva e, enquanto comia dava na boca de Christopher. Era tão bom estarmos de bem de novo. Tinha medo que esse tempo distante pudesse de alguma forma deixar alguma sequela, mas era bom perceber que eu estava completamente enganada.

Deitei sobre seu corpo e ele beijou minha cabeça. Coloquei o resto da uva na bandeja e virei sobre o seu colo o beijando. Eu sentia que minha maior fome no momento só Christopher poderia sanar.

- Annabelle... - ouvi sua voz em tom de advertência e suas mãos me afastando com cuidado, o encarei com seriedade, ele sorriu. - Você precisa se alimentar, anjo.

- Mas eu quero você - murmurei manhosa, brincando com sua camiseta, Christopher gargalhou alto.

- Você me tem, Annabelle. Coma e depois vejo o que faço para matar essa sua outra fome - mordi os lábios.

- Mesmo? - perguntei em expectativa, Christopher afagou minhas costas.

- Sim, mas não antes de você se alimentar - sorri assentindo.

- Sim, senhor - concordei o beijando e voltei minha atenção a bandeja recheada. Peguei um Iogurte de morango e gemi com o sabor gelado e adocicado em minha boca.

- Gostoso? - Christopher questionou me observando com atenção.

- Você é mais - provoquei, o encarando e lambendo a colher. Ele riu e deu um beijo no meu pescoço.

- Pode parar, garotão, caso contrário não respondo por mim. - Christopher levantou as mãos para o alto. Rimos.

Acomodei em seu colo e continuei a comer meu Iogurte enquanto Christopher tomava um suco de laranja e comia uma panqueca recheada com geleia com só uma mão, pois a outra não saía do meu ventre.

Nem podia acreditar que alguns dias atrás estava querendo esganar ele. Coloquei o pote vazio sobre a bandeja e suspirei feliz por termos nos acertado.

- Que foi? Está sentindo alguma coisa? - Christopher perguntou preocupado.

- Nada, amor, só apreciando esse momento gostoso com você - ele respirou aliviado, acabei sorrindo. Christopher nunca deixaria de se preocupar, ainda mais agora, que estava grávida.

- O senhor vai ter que aprender a relaxar se quiser ver esse bebê nascer - repreendi encarando-o, ele fez uma careta fofa.

- Você sabe que está pedindo algo impossível - balancei a cabeça e sorri.

- Eu sei, te conheço muito bem, mas vai ser preciso, senão você vai ter uma síncope antes que eu tenha nossa filha - Christopher franziu o cenho.

- Filha?

- Eu sonhei que tínhamos uma menina - ele sorriu largamente. Essa visão era a única coisa boa do meu pesadelo.

- Eu te avisei que teríamos uma menina, lembra? - assenti sorrindo.

- Lembro, a primeira vez foi no nascimento do Alex - Christopher acariciou meu ventre.

- Já podemos pensar em alguns nomes, o que acha? - afaguei seu rosto.

- Acho que tenho um perfeito se for menina.

- Amor, vai ser menina - afirmou com certeza. Sorri.

- Eu também acho, mas é bom estarmos preparados, caso venha um lindo garotinho - Christopher sorriu assentindo.

- Como sempre, tem razão - concordou beijando minha testa. - Então, que nome pensou?

- Que tal Harriet? - os olhos de Christopher brilharam.

- O segundo nome de nossa mãe?

- É, eu pensei em homenagear a mulher que sempre me mostrou o que era o amor de uma mãe - coloquei a mão sobre a sua que estava no meu ventre, ambos emocionados.

- Uma linda homenagem, Bell. Tenho certeza que ela iria amar - completou sorridente, então ficou pensativo. - E sua mãe? - meu corpo tencionou e virei o rosto.

- Minha mãe era Katherine - Christopher segurou meu queixo, fazendo com que o encarasse.

- Amor, eu sei que não gosta de falar sobre seus pais, mas guardar rancor só fará mal a você - fitei Chris admirada. - E eu não quero ver você assim... - ele parou e me olhou. - Que foi?

- Sabia que Katherine me disse essas mesmas palavras?

- Sério? - questionou surpreso.

- Sim, sobre você. Depois disso, tive a certeza que ela sabia sobre nós - ele sorriu.

- Está vendo, são palavras sábias - deitei sobre ele.

- São, sim - suspirei - Meu pai nos abandonou sem pensar e ainda ganhou dinheiro às minhas custas e minha mãe, bom, ela me deixou quando eu mais precisava, Chris. Foi tão covarde ao acabar com a vida dela sem pensar em mim. Eu a amava - disse com a voz embargada. Christopher beijou minha cabeça e apertou seus braços ao meu redor.

- Anjo, tente não julgar as atitudes dela - afastei-me dele e virei para encará-lo.

- Como não? Ela deixou uma criança de quatro anos sozinha! Não tem desculpa para o que ela fez - respondi irritada. Christopher segurou minhas mãos e as acariciou.

- Sei disso, Annabelle. Mas às vezes a dor é tão grande que tudo o que se pensa é em acabar com tudo - encarei-o com atenção.

- Foi isso que sentiu? - questionei, referindo-me a vez que ele tentou se matar, depois que o encontrei na rua. Ele entendeu o que quis dizer e assentiu.

- Foi - respondeu com voz fraca, então me olhou determinado. - Só que felizmente alguém me impediu de fazer o pior. Sua mãe não teve isso, não teve ninguém que chegasse para ela e a lembrasse que a vida vale a pena, que ela tinha um caminho.

Suspirei, Christopher tinha razão. Eu era tão pequena, não tinha como saber o que estava acontecendo com ela, impedi-la. Talvez por isso me sentisse tão mal pelo o que aconteceu. Porque eu não pude fazer nada para salvá-la. Deitei sobre seu peito. Lidar com a lembrança de meus pais nunca seria fácil, mas era muito mais suportável com Christopher ao meu lado.

- Obrigada - agradei.

- Eu farei o impossível para ver você bem, meu anjo. Sempre - sorri.

Chris me abraçou apertado e me senti reconfortada e segura. Ergui a cabeça e o fitei. Ele sorriu e afagou meu rosto, curvou-se e beijou delicadamente meus lábios. Só isso foi o bastante para me deixar acesa de novo. Empolguei e comecei a retirar sua camiseta, mas ele me parou.

- Comida - disse segurando minhas mãos.

- Você que provocou - reclamei, ele sorriu balançando a cabeça.

- Vem, termina de comer - suspirei resignada.

- Tenho outra escolha?

- Não, não tem. Aqui - estendeu um prato com pão de aveia e queijo branco, parecia uma delícia. Aceitei a oferta e o devorei. Christopher me observava com um sorriso lindo nos lábios.

- Hum. Está muito bom - elogiei terminando de mastigar. - Seus lanches são magníficos.

- Obrigado - limpei a boca e peguei um copo de suco.

- Preciso ligar para Julie e avisar que nos acertamos, ela estava preocupada comigo.

- Ainda não acredito que ela a incentivou a conversar comigo. No dia do casamento estava louca da vida comigo - comentou torcendo os lábios.

- Você falou com ela?

- Sim, a encontrei no corredor quando fui te procurar. Ela brigou comigo e disse que só não acabava com minha raça porque não queria que seu futuro afilhado ficasse sem pai - acabei rindo.

- Ela me disse que Samuel conversou com ela - expliquei. Foi a vez de Christopher rir.

- Sam avisou mesmo que tinha conversado com ela. Enchi tanto a cabeça dele com lamentações, que ele fez companhia para mim.

- Foi isso mesmo que ela disse - ri, mas logo em seguida o encarei séria. - Eu nunca mais farei algo assim, Christopher. Sair do nosso quarto, parar de falar com você e nem dar a chance de conversarmos - ele assentiu e sorriu fracamente.

- Eu entendo, Bell. Não posso te culpar por ter ficado com raiva de mim, tinha toda razão para isso. Agi como um moleque inconsequente e não como o adulto que sou. Não farei nada assim de novo. Doeu demais ficar sem você, não quero nunca mais passar por isso - sorri largamente com sua declaração.

Isso era tudo que eu precisava ouvir. Trouxe seu rosto para perto e o beijei com ardor. Christopher respondeu no mesmo instante ao meu ataque.

- O que acha de matar aquela sua outra fome? - murmurou distribuindo beijos na minha mandíbula. Eu só conseguia gemer e rebolar no seu colo. A boca dele se aproximou da minha e senti seus dentes puxando meu lábio inferior.

- Perdeu a fala, gostosa? - provocou com aquela cara de safado que eu tanto amava. Não pensei em mais nada e comecei a arrancar as roupas de Christopher. Ele ria e me ajudava. Quando estava nu, eu não esperei e o ataquei com todo o desejo que estava sentindo. A bandeja do café foi parar no chão enquanto eu cavalgava novamente o seu corpo. Tomando o meu tempo. Quando sentia que íamos gozar, não sei como, eu conseguia diminuir os movimentos e fazer Christopher bufar. Estava deixando-o cada vez mais enlouquecido. Entretanto, uma hora não aguentei e nos deixei levar pelo prazer, fazendo com que ambos gritássemos alto.

Christopher me abraçou apertado e beijou minha testa, sempre fazendo carinho nas minhas costas e eu no seu peito. Não podia pensar em nada mais perfeito que esse momento.

- Bell? - ouvi sua voz suave me chamando. Levantei a cabeça e o encarei, ele sorriu e tirou os cabelos que estavam grudados na minha testa devido o suor. - Você está de tirar o fôlego - elogiou, sorri abertamente, aproximei e dei-lhe um rápido beijo.

- O senhor também está uma tentação - seu riso contagiou o ambiente. Eu amava esse som. Nem podia acreditar que logo eu seria oficialmente a senhora Lewis.

- Posso perguntar uma coisa? - questionou um pouco reticente.

- Claro.

- Sobre o que você e James tanto conversaram? - sua expressão estava suave e tranquila. Naquele momento tive a certeza que Christopher estava falando sério sobre deixar James no passado.

- James vai ser pai e se casar - respondi sorrindo, Christopher arregalou os olhos.

- Sério? - perguntou incrédulo.

- Sim, ele estava muito feliz - Chris ainda parecia perdido com a notícia.

- Adam comentou mesmo que ele tinha uma novidade para contar. Devia ser isso, então.

- Era sim - assenti sem parar de sorrir, feliz por poder dividir a felicidade de James com Christopher.

- Ele merece - Christopher afirmou sinceramente e sem o menor sinal de aborrecimento.

- Verdade - concordei. - Tinha que ver o rosto dele enquanto falava da esposa e do filho, seus olhos brilhavam - continuei dizendo

animada.

- A noiva dele estava no casamento? - questionou interessado.

- Não, a gravidez já está adiantada e por causa do problema de pressão alta, ele achou melhor ela ficar em casa - expliquei, Christopher franziu o cenho.

- E a deixou sozinha? - ele parecia indignado com isso.

- James explicou que ela praticamente o expulsou de casa, dizendo que sabia muito bem se cuidar e que ele tinha muitos assuntos a resolver. Ao que parece, ela é meio mandona - Christopher sorriu.

- Parece alguém que eu conheço - estreitei os olhos.

- Isso é uma indireta? - questionei arqueando minha sobrancelha.

- Não, amor, é uma direta mesmo - respondeu com um sorriso descarado.

- Eu nem sou tão mandona assim - reclamei fazendo um bico e fechando a cara, Christopher riu.

- Só um pouquinho - disse e deu um selinho no meu pescoço, foi o bastante para o meu corpo se arrepiar por completo. - Mas não se preocupe, eu amo demais a minha ferinha.

- Christopher! - ele riu alto e me deu mais um beijo, dessa vez abaixo da minha orelha. - Principalmente na cama - sussurrou no meu ouvido me fazendo gemer. - À propósito, ainda está com fome? - perguntou beijando meu rosto. Olhei para a bandeja no chão.

- Acho que não dá para comer mais nada dali - Christopher riu e mordeu o lóbulo da minha orelha, atijando meu corpo.

- Eu estava me referindo a outro tipo de fome - respondeu com malícia. Sorri entendendo e adorando onde ele queria chegar.

- Nesse caso, se prepare senhor Lewis, pois estou faminta - declarei o atacando novamente.

**

O resto da nossa semana passou rapidamente e tudo parecia se ajeitar. No sábado, passamos o dia com Chance. Era nítido o quanto ele sentiu falta da união da sua pequena família. No mesmo dia, Julianne ligou para perguntar como eu estava. Disse que tínhamos conversado e nos acertado, aproveitei e agradei seus conselhos e contei que iríamos adiantar o casamento. Ela deu o maior grito pelo telefone, quase me deixando surda. Garantiu que mesmo tendo pouco tempo ia conseguir um vestido incrível para mim e também se ofereceu para me ajudar na decoração e tudo o que precisaria para preparar a festa. Antes de desligar, ela pediu para falar com Christopher. Julianne o ameaçou dizendo que se ele aprontasse novamente o degolaria de verdade, Christopher somente concordou dizendo que nunca mais teria uma atitude tão infantil. Eu fiquei prestando atenção enquanto via os dois discutindo pelo telefone. Ao final da ligação, já tinham se acertado e conversavam calmamente.

Christopher e eu, passamos nosso fim de semana conversando sobre as mudanças que faríamos na casa e qual seria o quarto do bebê. Tudo caminharia melhor, se não fosse a preocupação exagerada de Christopher, que já estava começando a me irritar. Toda hora perguntava como estava me sentindo. Chegou um ponto que não aguentei mais e surtei, brigando com ele. Depois desse episódio não falou mais nada, mas sentia seu olhar atento em qualquer coisa que fosse fazer, até quando ia dar comida para Chance. Achei que o problema estava resolvido, até chegar segunda-

feira de manhã. Não estava esperando a reação que Christopher teve quando eu disse que iria trabalhar.

- Não!

- Christopher!

- Eu já disse, Annabelle. Você não vai trabalhar! Está decidido!

- *quem ele pensava que era para me proibir de fazer alguma coisa?*

- Decidido coisa nenhuma, você não pode decidir algo por mim!

- estava me segurando e muito para não transformar isso em uma discussão ainda maior.

- Você está grávida! - exaltou como se fosse uma explicação válida.

- Estou grávida e não doente! - esbravejei irritada.

- Não me interessa, você não vai! - respirei fundo tentando me controlar. Aproximei-me e segurei sua mão, ele relaxou diante o meu toque.

- Por quê? - perguntei confusa.

- Você passou mal a semana passada. E se você passar mal de novo? E se acontecer alguma coisa? Não! Você estará mais segura aqui em casa.

- Isso é ridículo, Christopher! Você quer me prender em uma redoma de vidro por nove meses, mas eu não vou permitir isso - disse decidida.

- Annabelle...

- Nem vem, eu vou trabalhar - Christopher passou as mãos pelo cabelo.

- Teimosa - sibilou entre os dentes.

- Você me prometeu que ia tentar manejar na preocupação - murmurei o abraçando. Christopher passou os braços pela minha

cintura e me prendeu contra o seu peito, sentia seu coração bater acelerado.

- Eu sei, mas eu tenho tanto medo - levantei a cabeça e o encarei intrigada.

- Medo do quê? - ele engoliu em seco e acariciou meu rosto.

- De perder vocês, de algo fora do meu controle acontecer... - sua voz morreu.

Entendia seu desespero. Christopher ainda lutava com as lembranças do que aconteceu com John e nossos pais e temia que o mesmo pudesse ocorrer comigo. Normalmente, ele conseguia disfarçar sua preocupação, mas agora, depois da nossa breve separação, eu a sentia ainda mais palpável.

- Eu entendo suas razões, mas você precisa me entender também, ficar trancada em casa é demais.

- Não pode acusar um homem de tentar - respondeu encolhendo os ombros.

- Você não presta - dei um tapa no seu peito, Christopher acabou rindo e me puxou para mais perto tomando meus lábios nos seus. Quando nos separamos ele segurou meu rosto.

- Preciso que me prometa que vai se cuidar e seguir todas as recomendações dos seguranças e me ligar sempre que for possível.

- Eu vou e você precisa cumprir o que me prometeu e tentar relaxar um pouco.

- Eu vou tentar - Christopher parou por um instante e afagou meu rosto. - Mas tem algo que você podia fazer e me deixaria muito mais tranquilo - encarei-o desconfiada.

- O quê?

- Se você fosse trabalhar dentro da empresa - olhei para ele sem saber o que dizer.

Não era a primeira vez que pedia isso, mas agora eu entendia seus motivos. Eu vi Christopher nos piores momentos de sua vida e odiaria ser a causa de mais sofrimento para ele. Fora isso, eu tinha certeza que não ia sossegar caso ficasse longe dele, e se eu podia dar essa tranquilidade para ele. *Por que não fazer isso?* Talvez estivesse na hora de finalmente aceitar seu convite. Christopher me olhava ansiosamente, esperando minha resposta. Sorri e o beijei.

- Eu aceito - concordei. Ele arregalou os olhos e pareceu um pouco pasmo, antes de me abraçar apertado.

- Jura? - perguntou animado.

- Sim, mas como vamos fazer isso?

- Bem, tem um lugar vago no andar que fica inferior ao meu, com saída direta do elevador, tenho certeza que o espaço é suficiente para seu escritório, são dezoito funcionários, certo?

- Isso mesmo.

- Então vai ser perfeito, o local é bem espaçoso e já está decorado, acho que só falta um toque especial, que tenho certeza que você dará - sorri balançando a cabeça.

- Não acredito que você conseguiu.

- Consegui o quê? - indagou intrigado.

- Fazer com que eu fosse trabalhar dentro da Lewis - esclareci, Christopher sorriu.

- Eu sempre a quis o mais perto possível de mim, ainda mais agora - acariciou meu ventre. - Além disso, será bem mais fácil para matar seus desejos - respondeu mordendo o lóbulo de minha orelha.

- Christopher! - demos risada. - Pode tirar essa ideia da cabeça, não quero liberdades com o dono da empresa.

- Veremos - ameaçou, dando-me um beijo, antes que nos empolgássemos, o afastei e mudei de assunto.

- Ok, estamos fazendo planos, mas não precisa falar com os acionistas e diretores? - perguntei.

- Não vai ser preciso, esse é um projeto que já foi pré-aprovado pelo conselho - estreitei meus olhos.

- Já tinha tudo planejado, não é, senhor Lewis?

- Você me conhece, amor. Sou um homem prevenido - ri, balançando a cabeça.

- Bom, vou precisar ir para no escritório e falar com os funcionários.

- Ótimo, eu vou com você.

- Não precisa, Christopher.

- Eu vou e não há nada que diga que vai me impedir - estreitei meus olhos.

- Estou fazendo muito suas vontades nessa gravidez, não gosto disso - reclamei aborrecida, Christopher riu alto. - Assim vai ficar mal acostumado.

- Pois você não tem ideia de como me sinto em paz só de saber que não terei que ficar imaginando tudo o que pode estar acontecendo com você. Fico mais tranquilo de saber que estará perto de mim.

- Mesmo? - questioneei interessada.

- Sim, e eu prometo que vou tentar não te perturbar demais - arqueei minha sobrancelha.

- Tentar?

- Sou um pai de primeira viagem, amor - explicou sorrindo.
- Desde que não me enlouqueça, tudo bem - Christopher me apertou em seus braços.
- Obrigado por fazer isso por mim, anjo. Significa muito.
- Não posso reclamar, afinal não é só você que iria sentir saudades.

Minha gravidez e nossa recente separação, estavam me deixando ainda mais desejosa da presença de Christopher e não era só sexualmente. Eu precisava sentir ele perto de mim. Sentir seu perfume e calor me dava paz e tranquilidade. Isso seria bom para nós dois e ainda mais para nossa filha. Desse modo, Christopher não perderia nada da gravidez. De fato, essa ideia era perfeita.

Quando terminamos nossos planos, Christopher me acompanhou até o escritório de arquitetura. Decidimos alugar o espaço, pois seria injusto deixar o lugar vazio. A reunião foi tranquila e apesar de gostarem do escritório, os funcionários ficaram empolgados em trabalhar dentro de uma grande empresa como a Lewis.

Depois que acertamos esses detalhes, fomos para a empresa ver o espaço que ele tinha disponível no andar que ficava abaixo do seu. Assim que a porta do elevador se abriu, me apaixonei pelo ambiente. Era enorme e iluminado. No fundo, tinha uma sala de reuniões com uma parede de vidro fazendo a divisória. Christopher me levou para fazer um tour e na minha cabeça já sabia tudo o que queria fazer com aquele lugar. Christopher ficou ainda mais feliz vendo a minha empolgação.

Aproveitamos que estávamos na empresa e fomos até sua sala. Não aguentei e o ataquei contra a porta e acabamos transando no

sofá do escritório e depois sobre a sua mesa. Pelo jeito, já estava tomando muitas liberdades com o chefe.

Quando finalmente saímos para almoçar. Ele pediu a Claire que o pessoal da limpeza desse uma geral no andar inferior e avisou que não voltaria pelo restante do dia.

Durante o almoço, ele me disse que no dia seguinte, um pessoal iria aprontar tudo para a mudança. Não ia demorar muito, já que estava tudo em ordem. Christopher acreditava que em uma semana o lugar estaria pronto. Enquanto isso, eu ficaria na sua antessala, cuidando do projeto da ONG e de olho na obra que ia acontecer no andar de baixo. Meus funcionários iam continuar no escritório até o fim da semana. Assim que estivesse tudo pronto, faríamos a mudança definitiva.

Voltamos para casa à tarde e continuamos fazendo planos, dessa vez para nosso casamento. Por causa do clima frio, teria que ser realizado dentro de casa. Passamos pelos cômodos vendo qual seria mais apropriado, não precisava ser nada grande, já que seria um casamento bem íntimo, só com nossos amigos. Queria esperar Karen voltar da lua de mel com Adam para ajudar na decoração, mas percebi que não daria tempo, por isso marquei um almoço com Julie no dia seguinte. Assim, poderíamos adiantar algumas coisas. Enquanto isso, Chris iria atrás do Juiz de paz para celebrar a cerimônia.

Jantamos em meio aos planos do escritório, do casamento e do quarto do nosso bebê. Escolhemos o que ficava mais próximo do nosso e já falávamos sobre cores e mobília. Queria que o quarto não tivesse muitos móveis, só o necessário. Christopher concordou comigo, dizendo que nossa filha deveria ter bastante espaço para

brincar no chão. Depois de tantos planos fomos nos aprontar para dormir.

Saí do chuveiro e enrolei a toalha no meu corpo. Christopher estava na pia se aprontando para fazer a barba, usando só uma boxer escura. Senti uma arrepios passar por mim.

Céus, como podia ser tão gostoso e lindo?

Aproximei-me e o abracei por trás, dando um beijo nas suas costas nuas. Seu corpo tremeu. Ele guardou o pincel de barbear e virou, segurando-me pela cintura. Pude sentir sua ereção contra a minha pélvis, deixando-me excitada.

- Obrigada pela tarde maravilhosa - agradecei sorrindo. Lembrando do sexo delicioso que havíamos feito na sua sala.

- O prazer foi todo meu, senhora Lewis - respondeu com um sorriso malicioso.

- Acho que o prazer na verdade foi nosso - corrigi, ele sorriu maroto.

- Certamente, não poderia de forma alguma esquecer seu prazer.

- Você nunca esquece, é uma das coisas que amo em você - ele me encarou curioso.

- Uma das coisas? - arqueou a sobrancelha. - Posso saber quais são as outras? - apoiei meus braços nos seus ombros, acariciando sua nuca com meus dedos, sem parar de sorrir.

- Não acho que tenhamos tanto tempo assim - Chris abriu um sorriso torto, suas mãos brincando com o nó da toalha.

- Não? - neguei.

- Acho que nem se vivêssemos eternamente - ele riu.

- Está querendo me seduzir, senhorita Lewis? - perguntou com a voz sedutora.

- Sempre, senhor Lewis - respondi e sem esperar mais nada seus lábios estavam tocando nos meus.

O beijo começou lento, mas logo ganhou força. Sua língua invadiu minha boca e o gosto de menta junto com seu próprio aroma me tomou por completo. Eu estava perdida nele. Uma de suas mãos passeavam pelas minhas costas enquanto as minhas infiltravam seu cabelo, fazendo com que ele soltasse um gemido rouco e gutural.

- Cama - sussurrei e foi exatamente o que ele fez. Puxou minha toalha e me pegou no colo, conduzindo-me para nosso quarto para mais uma rodada de puro prazer. Meu, dele, nosso.

Capítulo 18 - Desejo

Annabelle

Despertei lentamente sem a mínima vontade de levantar. Essa gravidez estava transformando-me em uma preguiçosa viciada em sexo. Lembrei do dia anterior e como foi delicioso passá-lo ao lado de Christopher, ou melhor, com ele dentro de mim.

Safada!

Minha mente acusou e ri contra o travesseiro como uma garota travessa.

Virei o rosto e encontrei Christopher bem próximo de mim perdido em um sono profundo. Seu braço estava na minha cintura e sua respiração calma batia contra o meu rosto. Suspirei completamente apaixonada. Ergui minha mão e com extremo cuidado afaguei seu cabelo e seu rosto. Christopher sorriu, resmungando meu nome, e me trazendo para mais perto de si sem acordar. Com carinho, comecei a distribuir beijos delicados no seu rosto até que seus lábios se curvaram em um sorriso ainda maior.

- Hum... que delicia - murmurou abrindo os lindos olhos azuis. Meu coração acelerou. Logo, sua boca estava na minha em um beijo doce e quente. - Bom dia, anjo - sorri largamente.

- Bom dia, garotão - Christopher riu. Deu um beijo rápido nos meus lábios e se curvou, beijando e afagando meu ventre.

- Bom dia, bebê - minha respiração ficou suspensa com sua demonstração de amor e carinho. Quando se voltou para mim, percebi que, como sempre, estava chorando. A expressão no rosto

de Christopher se suavizou, já estava acostumado com meus rompantes. Segurei o seu rosto e o trouxe para mim, o beijando com paixão.

- Eu te amo - declarei completamente, desesperadamente apaixonada. Christopher sorriu daquele modo tímido que me deixava ainda mais entregue a ele.

- Eu também te amo - sussurrou com adoração e lascívia. O desejo ardendo no seu olhar.

- Não me olhe assim - adverti rindo, esquecendo as lágrimas. O seu sorriso aumentou e se tornou mais safado, me deixando ainda mais ávida por ele.

- Você não quer? - perguntou com a voz rouca, beijando meu pescoço e me deixando zozona com as sensações que me provocava.

- Temos tempo? - minha voz saiu em um sussurro tão baixo, que pensei que não teria me ouvido.

- Todo o tempo do mundo - respondeu, deitando-me na cama e beijando-me com paixão.

Trabalho, responsabilidades e todo o resto ficariam para depois.

**

- Bell? - Christopher me chamou enquanto seguíamos até a empresa para iniciarmos nosso primeiro dia de trabalho juntos. Estava eufórica com isso. Segurei sua mão e a acariciei com carinho.

- O que foi?

- Hoje meu dia está bem tranquilo, que tal almoçarmos juntos?

- já estava a ponto de aceitar quando lembrei que havia combinado de sair com Julianne. Meu rosto murchou.

- Não vai dar, já combinei com a Julie - disse chateada, Christopher abriu um sorriso triste, mas disfarçou.

- É bom que saia com sua amiga, caso contrário, Julianne vai pensar que eu sequestrei você - rimos, Christopher tinha razão. - Mas pode se preparar, porque vou ligar para saber como está - sorri e assenti.

- Ok - aquiesci, Christopher me encarou surpreso.

- Não vai reclamar? - perguntou desconfiado, neguei.

- Não, já disse que não quero lhe preocupar, se me ligar vai te deixar mais tranquilo não vejo problema algum - respondi serenamente, Christopher sorriu.

- Eu agradeço por isso - dei-lhe um beijo enquanto Jasen estacionava na subsolo da empresa.

- Pronta para trabalhar ao meu lado? - Christopher questionou saindo do carro e estendendo a mão na minha direção, sorri largamente.

- Pronta para qualquer coisa, desde que seja ao seu lado, senhor Lewis - respondi, Christopher puxou-me para os seus braços.

- Não existe outro lugar para você a não ser comigo, meu anjo - sussurrou ao meu ouvido guiando-me até o elevador. Beijei-o delicadamente e seguimos para o trabalho.

**

Minha manhã foi bem corrida. A sala adjacente a de Christopher era bem espaçosa e já estava pronta para as minhas necessidades. Eu mantinha um contato direto com minha assistente que ficava no escritório de arquitetura e também no projeto da ONG, que tinha um prazo para inaugurar em sete meses. Tinha tantas coisas para fazer que o tempo passou voando.

Antes de sair para o almoço passei na sala de Christopher e me despedi dele e de Chance. Depois de muitos beijos e promessas que

iria me alimentar bem, segui para o estacionamento da empresa onde Kline e Thompson me esperavam. Entrei no carro e fui para o restaurante que havia combinado com Julie.

Assim que cheguei, o maître indicou onde Julianne me esperava. Assim que me viu, levantou e veio me cumprimentar.

- Anna! - exclamou entusiasmada me abraçando. - Você sumiu - acusou logo em seguida, balancei a cabeça e sorri.

- Não seja exagerada, Julianne - censurei e nos sentamos. Ela cerrou os olhos na minha direção.

- Estou longe de ser exagerada, não vejo você desde que almoçamos juntas e não nos falamos desde sábado. Senti saudades da minha amiga - reclamou novamente, ri com sua bronca. O garçom apareceu trazendo os cardápios, escolhemos e ele se afastou. Tomei um gole de água enquanto Julianne me encarava.

- Que foi? - perguntei intrigada.

- Você - franzi o meu cenho.

- O que tem?

- Está diferente - disse desconfiada, sorri.

- Você sabe muito bem o porquê - ela reprimiu um sorriso.

- Fico feliz que tenham se acertado. E como vocês estão indo?

- Melhor impossível, eu achei que ia demorar até que voltássemos aquele clima gostoso que sempre tivemos, sabe? - ela assentiu, entendendo o que eu queria dizer. - Mas não foi assim. É como se a briga e a separação não tivessem passado de um sonho ruim. No fim, acho que isso nos uniu mais ainda, fechando qualquer lacuna que pudesse ter no nosso relacionamento - Julianne sorriu satisfeita.

- Acredito que agora o Chris vai mudar em relação ao James, não acha?

- Tenho certeza, Julie. Ele mesmo confessou que percebeu como essa insegurança em relação ao James estava fazendo mal a ele e a nossa relação, parecia que sempre tinha essa barreira entre nós. Com os conselhos que você me deu semana passada, acabei percebendo que eu também ajudei a aumentar essa insegurança. Não entendendo como ele se sentia e até mencionando James em nossas discussões - Julianne olhou-me espantada. Ela não sabia disso, na época só tinha falado com Samuel.

- Como assim?

- Uma discussão que tivemos quando John morreu. Estava chateada com Chris e acabei dizendo que, pelo menos, James nunca tinha me feito sofrer.

- Sério?

- Infelizmente, sim. Achei que ele tinha esquecido isso, mas me enganei - passei meu dedo sobre a borda do meu copo e suspirei. - No dia da briga e depois, quando fui até o escritório para conversamos, Chris repetiu essas palavras. Me senti péssima ao perceber que também era culpada de alguma forma por tudo o que aconteceu, eu alimentava essa insegurança e nem me dei conta - confessei chateada.

- O importante é que percebeu, Anna - Julie consolou. - Agora, não há mais nada entre vocês. Christopher vai encarar essa insegurança e você conseguiu entender o lado dele. É isso que importa - sorri, sabendo que aquilo era verdade.

- Tem toda razão, Julianne. É só isso que importa e eu agradeço imensamente os conselhos que me deu - agradei novamente, ela

sorriu.

- Já disse que não tem o que agradecer, é para isso que os amigos servem. E essa situação acabou me ajudando de alguma forma também - encarei-a confusa.

- Como assim?

- Eu sou muito esquentada, Anna. Nunca penso antes de agir e com isso acabo tomando decisões de modo precipitado. Sam me disse isso quando viu como estava revoltada com o que Christopher tinha feito. Ele me fez enxergar a importância de racionalizar as situações, por mais difícil que seja. Que tinha que pensar no que era melhor para você. Fico muito feliz em saber que consegui ajudar de alguma forma - segurei sua mão sobre a mesa.

- Ajudou e muito, Julie - puxei minha mão e peguei a taça de água. - Eu fiquei cega de raiva e precisava de alguém que me fizesse pensar no que estava acontecendo de forma racional. Confesso que me surpreendi que fosse você a fazer isso - rimos.

- Você não foi a única, Sam também se surpreendeu, o que me rendeu uma ótima noite - disse piscando o olho. Balancei a cabeça ainda rindo. - Mas vamos mudar de assunto. Temos um casamento para organizar - Julianne sorriu largamente e bateu as palmas, atraindo a atenção de todos ao nosso redor.

- Menos, Julianne - pedi rindo.

- Menos, nada, Anna. Vamos aproveitar e comemorar! - ela chamou o garçom e pediu duas taças de suco de uva. Assim que ele trouxe as bebidas levantamos as taças para brindar.

- Ao casamento do século e a vinda de mais um bebê na turma - ri com as palavras de Julie.

- Falando em bebês, como está Alex? - perguntei tomando o suco.

- Muito bem, ele é tão tranquilo, Anna. Um amor de menino, acabei de contratar uma babá para ficar com ele - comentou.

- E como ela é?

- Muito boa, começou hoje e está se dando muito bem com ele - na hora pensei no que faria quando meu bebê nascesse. *Será que conseguiria deixar ele nas mãos de outra pessoa enquanto trabalhava?*

O garçom aproximou-se, trazendo nossa comida e retirou-se.

- Estava pensando, se você tiver mesmo uma menina, nossos filhos podem até namorar. Já imaginou, Anna? - Julianne disse animada, ri ao pensar na reação de Christopher ao ouvir algo assim.

- Julianne, meu bebê nem nasceu ainda e já está arrumando namorado para ela?

- Não um namorado qualquer, meu filho, se os dois namorassem seríamos da mesma família.

- Acho que Christopher não ia aprovar muito essa sua lógica - disse rindo, Julie fez uma careta. Antes que respondesse, meu telefone tocou. Sorri já sabendo muito bem quem era.

- Falando nele - disse sorrindo, levantei pedindo licença e fui até a varanda que havia no restaurante.

- Oi, garotão.

- Olá, anjo - podia sentir seu sorriso através do telefone. - Já almoçou?

- Ainda não, o prato acabou de chegar.

- Desculpe atrapalhar. Ligo, depois - revirei meus olhos, Christopher às vezes conseguia ser bem absurdo.

- Deixa de bobagem, Christopher - ralhei com ele e suspirei. - Sabe, já estou com saudades - murmurei manhosa, Christopher riu.

- Essa minha mulher está muito carente - disse em um tom brincalhão, acabei rindo também. - Talvez ela mereça um agrado - meu sorriso tomou conta do rosto inteiro.

- Agrado? Que tipo de agrado? - perguntei interessada.

- Segredo.

- Ah, Christopher! Não faz isso comigo - choraminguei fazendo bico. - Conta, vai.

- Mais tarde, anjo - bufei ruidosamente.

- Quer que eu passe mal? - ok, peguei meio pesado na ameaça, mas era injusto ele me deixar louca.

- Você está sentindo algo? Quer que eu vá até aí? - sua voz alarmada me fez perceber que tinha ido longe demais.

- Não, eu estou bem, mas ficaria melhor se me dissesse o que está planejando - pude ouvir ele suspirando profundamente.

- Não me mate de susto assim - repreendeu.

- Desculpa - pedi, sentindo-me culpada pelo meu pequeno drama.

- Está se sentindo bem mesmo? - perguntou sem esconder sua preocupação.

- Sim, estou bem, eu juro - o telefone ficou silencioso.

- Melhor ir almoçar, Bell - aconselhou com seriedade.

- Está chateado comigo? - questionei com receio.

- Não - respondeu simplesmente. - Promete ligar se precisar de mim?

- Claro - foi só o que pude responder. - Eu te amo.

- Também te amo, Bell. Bom almoço - desejou e nos despedimos. Senti um aperto no peito pelo modo como nossa conversa tinha terminado.

Droga! O que estava acontecendo comigo? Porque eu tinha que ter aquilo sabendo que Christopher era neurótico com qualquer coisa que acontecesse comigo? Estúpida! Me xinguei mentalmente enquanto caminhava até a mesa que estava com Julianne.

- Tudo bem? - ela perguntou com a expressão preocupada.

- Mais ou menos, acho que deixei Christopher chateado - comentei brincando com minha comida. Tinha perdido o apetite.

- Por quê? - fechei os olhos com força, massageando minha têmpora.

- Porque só saem besteiras da minha boca agora - abri os olhos e Julianne me encarava intrigada.

- Como assim? - suspirei e enquanto tentava comer, contei o que tinha acontecido. - Anna, foi o Christopher que exagerou, como sempre - balancei a cabeça negativamente.

- Não, sou eu, Julianne. Sei o quanto ele se preocupa comigo e fui burra o bastante em brincar com ele usando nosso bebê e minha saúde.

- Não esquenta com isso, Anna. São os hormônios, lembra quando eu estava grávida e enlouqueci todo mundo? - assenti e acabei sorrindo. - Samuel, coitado. Pagou todos os seus pecados na minha gravidez. Tenho certeza que Christopher entende isso. Além do mais, ele também precisa controlar esse excesso de preocupação que tem com você, assim vai ficar doente.

- Eu sei, já disse isso a ele, eu tento fazer o possível para evitar que se preocupe, até mesmo mudei meu escritório para dentro da

empresa dele.

- Como é? - Julianne me interrompeu.

- É, decidimos isso no fim de semana, acho que vai ser bom para nós, assim ele vai poder curtir melhor a gravidez e se preocupar menos conosco.

- Acho que está fazendo as vontades dele sem nem pensar em você - arguiu séria.

- Claro que não, Julianne - encarei-a aborrecida. - Eu preciso do Christopher, agora mais o que nunca.

- Eu sei que muitas grávidas se tornam bem carentes durante a gestação, mas não acha que está exagerando? - franzi meu cenho.

Eu estava exagerando? Será que o Christopher se cansaria de mim?

Lembrei das conversas no chá de bebê de Julie e das suas amigas reclamando que seus maridos não a viam mais como mulheres, só como a mãe de seus filhos. Algumas disseram que os maridos tinham até deixado de sentir desejo. *Isso poderia acontecer com Christopher?* Subitamente o medo de ser rejeitada me tomou por completo.

-Você acha que Christopher pode se sentir assim? - Julianne me olhou confusa.

- Assim como?

- Obrigado a ficar ao lado de uma mulher carente.

- Claro que não, Anna! - Julie protestou firmemente. - Aquele homem é absolutamente louco por você, só acho que estabelecer certos limites é bom - assenti sem muita segurança. - Não vai comer mais nada? - neguei. - Você só comeu metade da refeição - ralhou comigo.

- Não é sempre que sinto fome.

- Anna...

- Estou bem, Julie - assegurei e logo em seguida mudei de assunto, algo mais agradável. - Vamos voltar a falar sobre o meu casamento - seus olhos brilharam. - Eu ia esperar Karen voltar da lua de mel para começar a planejar, mas daí as coisas iam ficar muito em cima.

- Vai ser mesmo no fim do mês? - assenti.

- Acha que dá para fazer? - perguntei com receio.

- Claro que sim, para Julianne Thomas nada é impossível - acabei rindo e relaxando com sua animação.

Meu humor melhorou muito depois que começamos a planejar o casamento. Não seria repleto de flores como havia imaginado. Afinal, estávamos no começo do outono com cara de inverno, mas Julianne me garantiu que iria deixar com tudo o mais perfeito possível.

Estava bem melhor quando o almoço acabou e nos despedimos. Combinando de nos encontrar durante a semana para ver algumas coisas para o casamento e começar o enxoval do bebê.

Cheguei na empresa e segui diretamente até a sala de Christopher.

- Olá, Claire! - cumprimentei a secretária, ela sorriu.

- Senhora Lewis - respondeu educadamente, já tinha desistido de pedir que parasse de me chamar de senhora.

- Christopher está?

- Sim, senhora. Ele inclusive pediu que a senhora fosse vê-lo assim que voltasse do almoço - assenti.

- Obrigada - sorri e me dirigi até a porta do seu escritório, abrindo-a lentamente.

Entrei e encontrei Christopher em pé, olhando pela janela, perdido em pensamentos. Aproximei da forma mais silenciosa possível. Ele parecia tão concentrado que nem percebeu minha presença. Com certo receio, levantei minha mão e toquei suas costas. Na hora, ele ficou tenso e virou rapidamente, antes que dissesse qualquer coisa, puxou-me para seus braços. Enterrando sua cabeça no meu pescoço. Meu corpo todo relaxou, ele se afastou minimamente e me beijou. Passei meus dedos pelo seu cabelo, Christopher gemeu na minha boca. Distribuiu selinhos nos meus lábios e me olhou com carinho.

- Como foi o almoço?

- Bom - seus olhos pareciam procurar algo de errado. - Estamos bem - garanti afagando meu ventre, Christopher sorriu. - Desculpa pela chantagem ridícula que fiz.

- Eu que exagerei - condenou-se.

- Nós dois exageramos - respondi e sorri. Ele assentiu, concordando.

- Me conta em detalhes como foi o almoço - pediu mudando de assunto. Sentou na sua cadeira e me puxou para seu colo.

- Conte para a Julie sobre o casamento e já começamos a planejar - falei animada, Christopher sorriu largamente.

- Isso é perfeito, pois já liguei para o juiz de paz e consegui a data que queríamos, teremos que correr com os proclamas, mas isso não será problema.

- Que homem eficiente eu fui arrumar - elogiei dando-lhe um beijo. - Agora o senhor me diz, que horas almoçou?

- Pedi um almoço aqui mesmo e você, comeu direitinho?
- Comi muito bem - menti. Christopher estreitou os olhos. *Droga! Porque eu não conseguia mentir para ele?* Mas o que ele disse a seguir me surpreendeu.
- Ok, vou aceitar sua palavra, afinal de contas é uma mulher consciente e sabe o que é o melhor para você e nosso bebê.
- Obrigada pela confiança, garotão - ele sorriu. Decidi que era hora de voltar ao assunto que tinha ficado pendente. - Agora que estou aqui, vai me mostrar a tal surpresa?
- É isso que deseja, senhora Lewis? - meu coração acelerou pelo modo sensual que falou.
- Eu desejo muitas coisas, senhor Lewis. Inclusive o senhor - só isso foi o bastante para o desejo que até o momento estava adormecido fosse acordado com força total. Christopher ajeitou-me sobre sua mesa. Suas mãos passeando pelas minhas pernas.
- Terei o maior prazer de realizar todos os seus desejos, meu anjo - declarou, beijando-me com volúpia e deitando-me sobre a mesa, nos perdendo um no outro.

**

Quando já estávamos sem fôlego pela nossa sessão de sexo, Christopher sentou em sua cadeira trazendo-me para seu colo. Minha roupa estava toda amassada e desgrenhada, ele beijou com leveza meus lábios. Abracei-o e fiquei ali, tentando lembrar como se respirava.

- Preciso voltar para o escritório - disse sem a mínima vontade de sair dali. Ele suspirou.
- Também preciso fazer algumas coisas, mas está tão bom aqui - ri, apertando-me ainda mais no seu corpo. Olhei o escritório.

- Onde está Chance?

- Pedi para o Jasen dar uma volta com ele, o coitado estava entediado.

- Pobre do seu segurança que tem que servir de babá do Chance - falei brincando, Christopher riu. Ia perguntar sobre a surpresa quando seu celular tocou. Ele estendeu o braço, atendendo.

- Lewis - senti seu corpo tencionar e ele olhar para mim com receio. - Boa tarde, senhorita Green.

Green? De novo essa vaca!

Por que ele estava falando com ela? Era por causa da tal viagem? Eles sempre conversavam? Sentia a raiva pulsar dentro de mim. Tentei sair do seu colo, mas Christopher me segurou com firmeza.

- Não, senhorita Green - respondeu seco. - Já disse, Peter vai acompanhá-la - Christopher me apertou contra seu corpo. Suspirei e deitei minha cabeça no seu ombro, brincando com sua gravata, que estava afrouxada enquanto ele conversava com ela.

O que tanto essa Barbie Malibu queria com meu noivo?

- Tenha um bom dia, senhorita Green - despediu e desligou o telefone. Meu coração bateu acelerado.

- Era a Barbie Malibu? - senti Christopher rindo, seus braços me rodearam e ele beijou minha testa.

- Era.

- O que ela queria? - perguntei levantando a cabeça e o encarando.

- Saber se eu iria viajar, ou não - minha respiração ficou suspensa.

- Você vai? - sussurrei baixo.

- Confesso que cheguei a pensar nisso quando estávamos separados - meu coração bateu acelerado. - Achei que seria algo que você quisesse, ficar livre de mim por alguns dias - antes que o interrompesse, Chris completou:

- Mas eu não conseguiria ficar longe de você tantos dias, ainda mais depois que passou mal - respondeu tranquilamente. Eu amava quando Christopher era sincero comigo. Suspirei aliviada e o abracei, enterrando minha cabeça no seu pescoço.

- Era por causa dessa viagem que você trabalhou até tarde na quarta e que vocês estavam conversando na quinta?

- Você ouviu? - assenti, Chris afagou minhas costas.

- Sim, ouvi. Para onde era a viagem? - indaguei curiosa.

- China, surgiram algumas ofertas de negócios muito boas para a empresa - explicou com calma. - Na quarta tive que ficar na empresa, pois surgiu um problema nos contratos e precisamos arrumar. A senhorita Green colocou em todos contratos que eu iria ao invés de Peter e tivemos uma papelada enorme para reorganizar, tanto que ela teve que vir mais cedo. Quando você chegou, ela ainda tentava me convencer a ir. Martha está fazendo algumas negociações com os países exportadores e já estava me enchendo o saco com esse assunto.

- Ela parecia bem insistente no dia em que eu vim - murmurei. Precisava ficar de olho nessa louca.

- É uma chata, isso sim - disparou com pouco-caso, sem que eu esperasse. Não aguentei e ri. Encarei Christopher com diversão.

- Você acha isso mesmo, ou só está dizendo para me fazer sentir melhor? - ele sorriu e acariciou meu rosto.

- É sério. Eu a tolero, porque é uma excelente profissional, mas é muito irritante e pegajosa.

- Eu avisei sobre isso quando ela ficava ligando. É óbvio que está interessada em você - completei torcendo os lábios. Christopher moveu os ombros.

- Não preciso nem dizer que ela não tem chance nenhuma, não é? - voltei a rir, sem esconder meu contentamento ao ver que ele nem se importava com a vaca de Malibu.

- Não. Eu acredito em você, mas espero que ela saiba disso também.

- Se já não sabe, logo vai saber - olhei para Christopher intrigada.

- Como assim?

- Porque a senhora estará todos os dias aqui, pertinho de mim, me protegendo dessas loucas - foi impossível não gargalhar.

- Estarei, sim. Sempre protegendo o que é só meu - respondi com humor. Christopher me abraçou rindo também. Estava me sentindo bem melhor em relação a tal Barbie Malibu irritante. Tanto que decidi esquecer dela e acertar um assunto que estava pendente com Christopher.

- E a minha surpresa? - perguntei indo direto ao assunto que me interessava. Ele sorriu e abriu a gaveta da sua mesa. Pegou um pacote todo decorado em tons de lilás e outro menor, uma caixinha de veludo preto.

- Este é para você - disse, entregando a caixinha preta e colocando o outro embrulho sobre a mesa. Ajeitei-me no seu colo da melhor forma que podia, e a abri. Dentro, tinha um lindo bracelete de brilhantes com pequenas safiras espalhadas, era absolutamente

lindo. - Você sempre diz o quanto gosta da cor dos meus olhos, agora vai poder olhar quando quiser - encarei seus lindos olhos azuis, idênticos a cor que estava no bracelete. Incapaz de dizer qualquer coisa, abracei-o mais apertado que pude.

- Obrigada - agradei, beijando seus lábios e todo seu rosto, Christopher ria.

- Pelo visto gostou mesmo.

- Eu adorei, ainda mais o significado que tem por trás. Toda vez que olhar esse bracelete, vou pensar em você, mais ainda do que já penso - ele sorriu largamente e me beijou. Olhei a caixa lilás em cima da mesa.

- E aquela, é de quem? - Christopher pegou e me entregou.

Sem esperar mais nada, abri. Dentro, havia um par de sapatinhos de bebê na cor lilás claro e cheio de bolinhas em uma cor mais escura, com um detalhe floral na frente. Não consegui segurar as lágrimas ao imaginar nossa filha usando aqueles sapatinhos.

- Um presente para o meu anjo e outro para minha princesa - Christopher sussurrou no meu ouvido acariciando meu ventre, virei e o encarei. Ele enxugou algumas lágrimas que já escorriam pelo meu rosto.

- É perfeito - foi tudo o que consegui dizer antes de pular novamente no seu pescoço e o abraçar. - Te amo demais, Christopher - ele me abraçou e beijou minha cabeça.

- Eu também te amo, meu anjo. Você é tudo para mim, Annabelle - murmurou no meu cabelo, agarrei-me ainda mais nele e ficamos ali. Aproveitando aquele momento perfeito por algum tempo, fazendo planos para nossa família.

Quando finalmente fomos para casa mais à noite, eu não vi mais nada a não ser Christopher. Ele deixou Chance dormindo no andar de baixo e, pegando-me no colo, levou-me para nosso quarto. Eu nunca teria demais dele. Nunca me cansaria como o meu corpo se arrepiava com seu toque, ou o modo como apenas seu toque seria capaz de me deixar pegando fogo. Eu sabia que não era apenas algo da gravidez. Era o que eu sempre senti por ele, só que agora parecia ainda mais forte. Aquele desejo e amor avassalador que nos deixava sem ação.

Christopher

Depois de algumas horas no quarto, descemos e pedi para Irvine preparar algo leve. Desconfiava que Annabelle não havia comido muito bem no almoço. Ela não reclamou e fez tudo o que pedi com um sorriso lindo no rosto. Após o jantar, demos comida para Chance e assistimos um filme para relaxar, mas logo já estávamos nos pegando no sofá da sala, o que acabou na nossa cama e onde estávamos até agora.

Olhei o relógio que ficava no criado. Já passava da meia noite, Bell estava deitada sobre mim brincando com seus dedos sobre o meu peito e balançando seu novo bracelete. Uma das minhas mãos descansava sobre o colchão enquanto a outra segurava possessivamente sua cintura, como se eu pudesse evitar que ela saísse dos meus braços.

- Será que vai ser sempre assim? - ouvi sua voz soar contra a minha pele.

- O quê?

- Essa necessidade que ando sentindo de ter você a cada segundo, acho que está piorando - acabei rindo.

- Eu espero que dure o máximo que puder - Bell se apoiou no meu peito e me encarou.

- Tem certeza? Acho que uma hora vai acabar enjoando de mim - reclamou torcendo os lábios, encarei-a sem nem saber o que responder.

- Não diga bobagens - repreendi. Estava cada vez mais claro que precisaria ter muito cuidado e paciência com Annabelle. Seu humor mudava muito rápido e ela estava bem mais carente.

- Mas é verdade, no chá de bebê da Julie muitas mulheres reclamavam de seus maridos, uma parte porque eles não as achavam mais atraentes e a outra, porque não as viam mais como mulher, mas só como mãe - franzi meu cenho, confuso.

- Acha que isso vai acontecer comigo? - Bell balançou os ombros.

- Não sei, ainda é cedo para saber. Nem pareço grávida - disse tocando seu ventre plano, sem esconder seu aborrecimento por quase não ter barriga. Segurei sua mão e a trouxe para os meus lábios.

- Amor, você ainda está no segundo mês, indo para o terceiro, é cedo - expliquei com tranquilidade, mas pela sua expressão isso não aplacou em nada seu temor.

- Você vai me dizer se não sentir mais desejo por mim? Eu não quero te obrigar a nada só porque estou grávida.

Como é?! Que porra era essa que ela estava dizendo? Respirei fundo antes de dizer qualquer coisa, tinha que ter muita calma.

- Eu nunca faria nada contra minha vontade ou só para agradar você - garanti. - Além do que, a cada dia que passa você está mais linda, sensual e gostosa - seus olhos se arregalaram.

- Mesmo? - questionou insegura.

- Você realmente acredita que eu teria ficado a tarde e a noite de ontem amando, se fosse mentira? - ela negou, então continuei. - Não dá para fingir desejo, Annabelle, ou sentimos ou não sentimos. Não posso garantir que sempre estarei disposto, afinal de contas sou humano, mas uma coisa da qual nunca poderá me acusar é de não desejar você, porque o simples toque da sua pele na minha já me deixa aceso - Bell suspirou aliviada e sorriu, voltando a deitar sobre mim, dessa vez tinha certeza que havia tirado suas dúvidas.

- Acho que era exatamente isso que eu precisava ouvir - confessou, a abracei.

- Eu prefiro você me matando de tanto fazer sexo do que nem querendo chegar perto de mim - Annabelle riu. Por certo, lembrando de quando Julie estava no quarto mês e Sam nem podia chegar perto que ela passava mal.

- Pobre, Sam, ele sofreu horrores na gravidez da Julie - Bell lamentou pensando na situação do amigo.

- Verdade, não é a toa que eles não querem outro filho - falei beijando sua testa.

- Eu já disse para ela que uma segunda gravidez pode ser diferente, mas não adiantou nada, Alex vai ser mesmo filho único.

- Bom, logo ele terá uma linda amiguinha para lhe fazer companhia - sussurrei espalmando minha mão sobre seu ventre.

- Talvez eles até cheguem a namorar, já imaginou? - *O quê?! Que história era essa?*

- Annabelle! - ralhei horrorizado, ela sentou na cama e me encarou.

- Oras, Chris, foi o que aconteceu conosco. Não estou dizendo que vai ocorrer o mesmo, mas na vida nada é impossível, especialmente se crescerem juntos - lembrei de tudo o que fiz na minha adolescência com um monte de garotas inocentes. Tudo o que fiz com Annabelle. Minha espinha gelou. *Não! Minha garotinha não iria cair nas lábias de nenhum safado. Nunca!*

- Pois então iremos viver no Alasca. Moleque nenhum vai tocar na minha princesa! - Bell riu e me olhou com carinho.

- Isso vai acontecer algum dia, amor, é melhor já ir aceitando. Ela sempre será sua filha, isso não vai mudar - *não! Era cedo demais.* Eu nem tinha meu bebê nos meus braços e já queriam tirá-la de mim.

- Não quero pensar nisso - respondi seco. Annabelle, percebendo minha expressão, se alarmou.

- Desculpa, Chris, foi algo que a Julie disse e acabei falando sem pensar - pediu me abraçando. Acalmei-me e envolvi meus braços ao seu redor.

- Eu que exagerei, não se sinta mal - suspirei resignado, Annabelle tinha razão, isso uma hora ia acontecer. Droga! - Acho que eu ainda não tinha me dado conta que um dia ela vai crescer, se apaixonar - minha voz sumiu subitamente.

- Mas não é algo que temos que pensar ainda, garotão - o silêncio instaurou-se entre nós. Minha mente viajando a milhas por hora, sentia-me absorto e impotente. Senti um toque suave no meu rosto, Bell olhava para mim preocupada.

- O que foi? - questionou, balancei a cabeça. - Ah, não, Christopher! Isso funciona dos dois lados, eu sempre tento dizer o que estou pensando. Agora é sua vez, por favor? - pediu com os olhos suplicantes, suspirei derrotado.

- Eu só estava pensando no que eu faria se um desgraçado magoasse nossa filha assim como eu fiz com você - minha voz saiu hesitante, os olhos de Bell perderam o foco. Por certo, arrependendo-se do canalha que havia escolhido para ser o pai dos seus filhos. *Merda! Sentia-me enjoado.*

- Oh, Chris - disse em tom de lamento e jogou-se nos meus braços. - Eu sinto muito - franzi meu cenho confuso.

- Do que está falando?

- Eu me sinto péssima por ter falado sobre isso.

- Não, Annabelle, já disse, você tem razão. Eu só não tinha me dado conta disso ainda e também que talvez, um dia, minha filha possa me odiar - *como seria ver o desprezo nos olhos da minha garotinha?* Sentia minha respiração falhando.

- Isso é ridículo! - esbravejou sem tirar seus olhos de mim.

- É a realidade - sussurrei tapando meu rosto com o braço.

- Olha para mim - não me mexi. - Olha para mim, Christopher! - exigiu, suspirei e movi meu braço a olhando, Bell segurou meu rosto.

- Tudo o que aconteceu no passado deve ficar lá, não há razão para dizer isso aos nossos filhos, isso só diz respeito a nós. Quanto a nossa filha crescer e se magoar, bom, não podemos evitar, mas podemos, sim, dar carinho e guiar seus passos da melhor maneira possível. Não a compare comigo. Harriet não vai ser uma garota carente, fechada e sem família, vivendo em um lugar que não

achava merecido. Nossa filha vai ser amada e nunca vai duvidar disso.

“Harriet terá um pai maravilhoso que vai estar ao seu lado em todos os momentos. Alguém que não vai medir esforços para protegê-la, que não vai abandoná-la... - Annabelle dizia com algumas lágrimas já escorrendo pelo seu rosto. Eu estava em choque e emocionado com suas palavras. Trouxe seu corpo para os meus braços e a abracei apertado. Ela soluçou contra o meu peito.

- Pois eu quero que nossa filha seja exatamente como você, Annabelle - segurei seu rosto, enxugando-o e a olhei com convicção.
- Uma mulher forte, destemida e inteligente. Que deu a volta por cima mais de uma vez. Que foi capaz de um amor sem limites, e me deu uma vida, uma família - Bell sorriu fungando.

“Você tem toda razão. Eu que estou sendo ridículo em me preocupar com algo que não tenho controle algum - suspirei e sorri.
- Mas eu tenho você ao meu lado e farei tudo o que estiver ao meu alcance para que nossa filha seja feliz - Bell segurou minhas mãos que estavam em seu rosto.

- Assim como a mãe dela é - respondeu com um sorriso. Meu coração bateu mais rápido. Ela estava tão linda. Não resisti e a trouxe para mim, beijando-a. Sabendo que qualquer coisa que tivesse que passar na minha vida, eu sempre teria minha Annabelle ao meu lado, me apoiando e amando.

Capítulo 19 - Aceito

Annabelle

O mês seguinte passou voando com a preparação para o casamento, minha gravidez e suas crises hormonais. Juro que não sabia como Christopher estava aguentando, não tinha pirado como Julianne, mas a cada dia eu ficava mais e mais dependente e carente do meu noivo. Depois que as obras do novo escritório terminaram e eu me mudei para o andar de baixo, parecia que minha insegurança estava ainda maior. Eu ia atrás de Christopher quase toda hora e estava realmente perdendo o controle da situação.

Apesar de minha carência descontrolada, ele era sempre doce e carinhoso comigo. A única coisa que o irritava, era quando eu reclamava que estava atrapalhando-o. Dizia toda hora que não importava qual fosse o motivo, eu sempre poderia interrompê-lo.

Para tentar aliviar minha ansiedade, focava nos projetos do trabalho, nas obras da ONG e no meu casamento. Sorri encarando o teto de nosso quarto. Nem podia acreditar que me casaria hoje. Virei o rosto e encarei meu futuro marido, que dormia profundamente. Eu estava deixando-o exausta com nossas noites.

Quando Julianne insinuou a ideia de uma despedida de solteira, Christopher pirou e disse que de modo algum teríamos uma, que já tinha aprontado demais na de Karen. Eu ri do seu rompante, ainda mais porque já havia dito a Julianne que não faria nada, ela ainda tentou me dissuadir, mas não adiantou.

No fim, decidimos fazer uma comemoração entre nós seis em casa mesmo. Karen e Adam já tinham voltado da lua de mel e ficaram muito felizes em saber do adiantamento do casamento. Ele tentou fazer uma nova aposta com Christopher, mas meu noivo não aceitou, afinal já sabíamos o sexo do nosso bebê. O exame que fizemos só comprovou nossas suspeitas, teríamos uma menina. Nossa Harriet.

Nossos amigos amaram a novidade, enquanto Julianne fazia planos para um futuro casamento entre Alex e Harriet, Adam caçoava e enchia o saco de Chris, que não aguentava mais esse assunto. Passamos a noite conversando e nos divertindo com as loucuras que Adam tinha aprontando na Europa, e com ele e Julie ainda perturbando Christopher. Depois que foram embora meu futuro marido e eu fizemos uma festinha particular, com direito a *strip-tease* e muito sexo.

Movi para cima de Chris com cuidado me encaixando no seu peito. Instintivamente, ele apertou-me contra o seu corpo e dei um beijo em seu pescoço. Fazendo-o arrepiar.

- Bom dia, esposa - cumprimentou com um sorriso preguiçoso.
Ri.

- Ainda não sou sua esposa - lembrei.

- Isso é só uma questão de horas, senhora Lewis - sorri lhe dando um selinho.

- Dormiu bem? - perguntei acariciando seu rosto com as pontas dos dedos.

- Muito bem - respondeu pegando minha mão e beijando a palma. - E você?

- Melhor impossível - disse sem parar de sorrir. - Estou tão feliz - declarei, Christopher abriu um sorriso imenso.

- Eu também - ele entrelaçou nossos dedos. - Nunca fui tão feliz em toda minha vida - ele soltou minha mão e acariciou meu ventre.

- Bom dia para você também, princesa - disse, curvando-se e beijando minha barriga. Depois colocou o ouvido sobre ela. Passei meus dedos pelo seu cabelo. - Acha que ela pode nos ouvir? - questionou me olhando.

- Acredito que sim, talvez não entenda, mas pelo que a médica disse, os bebês gostam que conversem com eles, ajuda a se familiarizarem com o tom de voz dos pais. Tenho certeza que você será uma das pessoas que ela irá reconhecer de imediato - os olhos de Christopher brilharam.

- Você acha?

- Sim, você consegue falar com ela mais do que eu, e olha que nós conversamos muito - Christopher sorriu, beijando minha barriga mais uma vez e subindo pelo meu corpo.

- E sobre o que vocês conversam?

- Sobre o pai maravilhoso que ela tem - Christopher olhou para mim emocionado.

- Eu te amo, Annabelle - declarou dando-me um beijo apaixonado.

**

Era uma pena, mas não podia ficar na cama o dia todo com Christopher. Enquanto Chris foi encontrar-se com a decoradora que havíamos contratado e ver os detalhes que faltavam, eu fui obrigada a descansar. Fiquei duas horas chatas deitada e comendo frutas, até minhas amigas chegarem. Só então, comecei a me arrumar para o

casamento. Como não queria nenhuma grande produção, quem faria meu cabelo e maquiagem seriam elas. Assim que terminamos de nos arrumar chegou a hora de colocar o vestido que Julie havia me ajudado a escolher. Tinha um design retrô, todo rendando e que lembrava meus anéis de compromisso e noivado. Era absolutamente perfeito.

Coloquei o vestido e caminhei até o espelho. Foi impossível não me emocionar. As rendas e os detalhes bordados pareciam ainda mais lindos. Virei emocionada para minhas amigas e nos abraçamos. Julianne acabou me dando uma bronca, avisando para não estragarmos a maquiagem. Karen e eu rimos.

Logo em seguida, a senhorita Brauer, veio avisar que estava tudo pronto. Respirei fundo. Meu coração parecia que ia sair pela boca. As meninas me abraçaram e saímos do quarto. Como seriam só nossos amigos, escolhemos uma das amplas varandas da casa. Tudo decorado com muito capricho e com estilo retrô. Havia lâmpadas penduradas juntamente com flores e galhos secos por toda a parte. Depois da cerimônia, o jantar seria servido na estufa, que seguia a mesma decoração do restante da casa.

Antes de entrar no corredor, Julianne passou o meu buquê de flores silvestres, e entrou com Karen onde seria realizado o casamento.

- Pronta? - virei e encarei Samuel ao meu lado. Assenti sorrindo.
- Pronta - garanti, ele sorriu e me deu um beijo no rosto.

Passei meu braço pelo dele e andamos até onde seria realizada a cerimônia. Adam esperava na porta segurando a correia de Chance, que iria carregar as alianças em uma cesta pendurada em seu pescoço. Tínhamos treinado direto com ele e nosso eterno

filhote não nos decepcionou, só esperava que não surpreendesse bem no casamento. Adam beijou meu rosto e desejou sorte. Abriu a porta e entrou com Chance.

Respirei fundo e encarei o corredor à minha frente.

Tudo estava ainda mais lindo e perfeito do que tinha esperado. Entretanto, assim que meus olhos se encontraram com os de Christopher, todo o resto simplesmente sumiu.

Chris tinha um sorriso lindo no rosto, meu coração batia acelerado. Minha vontade era de correr até ele, mas precisava ter calma. Lentamente, Sam e eu passamos pelo corredor. Meus olhos fixos nos de Christopher. Podia ver uma emoção sem tamanho neles, assim como podia imaginar que via nos meus. Quando finalmente chegamos até ele, Samuel me entregou para meu garotão.

- Cuide dela, Christopher - Sam pediu.

- Com a minha vida, Samuel - respondeu, olhando diretamente para mim. Aproximou-se e me deu um beijo na testa.

- Está de tirar o fôlego, anjo - sorri abertamente, deixando uma lágrima escorrer pelo canto de meu rosto, Christopher a enxugou com um beijo. Ouvimos um pigarro e encaramos o juiz que nos olhava.

- Vamos começar? - perguntou sem jeito, fazendo com que todos nossos amigos dessem risada. O ambiente estava leve e descontraído, assentimos e a cerimônia teve início.

O juiz fez o discurso padrão até que chegou a hora de colocarmos as alianças e declamarmos os votos. Apesar do pouco tempo, tínhamos decidido escrever nossos próprios votos.

Eu fui primeiro. Julianne pegou a aliança da cestinha de Chance, que agora estava deitado no chão, só observando, e me passou. Era

grossa e de ouro branco fosco, Christopher estendeu a mão e eu a segurei.

- Você é o meu sonho que se realizou, Christopher - comecei, já ficando emocionada. - Te amo há muito tempo e eu nunca, nunca deixei de amá-lo. Você me mostrou que somos capazes de qualquer coisa por amor. Que na vida, podemos cair, mas também levantar e nos tornarmos melhores versões de nós mesmos. Você me deu o que eu mais queria no mundo, uma família, a nossa família - falei com a voz embargada colocando minha mão que segurava a aliança no meu ventre - Christopher encarava-me emocionado.

"Eu quero você todos os dias da minha vida, da nossa vida. Quero mimar, amar e brigar com você - todos riram. - Quero te fazer feliz, porque você é a minha felicidade - segurei sua mão e comecei a deslizar a aliança pelo seu dedo anelar. - Por tudo isso, eu prometo estar ao seu lado em todos os momentos, até que a morte nos separe - terminei de colocar a aliança e antes que pudesse fazer qualquer coisa senti seus lábios nos meus.

- Eu te amo - murmurou entre nossas bocas.

- Eu também te amo - ele sorriu e se afastou. Virou para os meninos e pegou a minha aliança. Segurou minha mão, acariciando-a com carinho.

- Não existe palavra que defina o que você significa para mim, Annabelle - declarou apertando de leve minha mão. - Eu era um garoto imaturo, mimado e egoísta, quando um anjo caiu nos meus braços. E fui ainda mais imbecil quando o deixei partir. Achava que não precisava de nada e nem de ninguém, mas estava errado. Eu quase morri... - sua voz falhou e eu senti minha garganta apertar. - e várias vezes senti que o mundo ia cair sobre mim, mas nada disso

aconteceu. Porque você chegou, me pegou nos braços e curou minhas feridas - soluzei com sua linda declaração, Christopher me olhava com adoração enquanto deslizava a aliança em meu dedo, ambos vidrados um no outro.

“Você me deu tudo, seu perdão, uma filha e o maior presente que eu poderia receber, seu amor. Prometo te amar por toda a minha vida, agora e sempre - assim como Christopher, eu não pude ficar parada quando ele terminou de colocar a aliança.

Sem pensar em mais nada, pulei em seus braços o beijando com paixão, ambos emocionados. Ele enxugou meu rosto e me deu um beijo na testa. Deitei minha cabeça em seu ombro, uma de suas mãos segurava minha cintura. O juiz voltou a pigarrear, definitivamente não éramos o padrão comum de noivos.

- Será que posso dar continuidade? - ambos assentimos. Ele nos olhou torto, mas mesmo assim não me movi.

- Você, Christopher Anthony Campbell Lewis, aceita Annabelle Roslyn Collins Lewis, como sua legítima esposa? - Christopher abriu um sorriso enorme.

- Aceito.

- Você, Annabelle Roslyn Collins Lewis, aceita Christopher Anthony Campbell Lewis, como seu legítimo esposo?

- Aceito.

- Com o poder investido em mim pelo Estado de Connecticut, eu os declaro, marido e mulher. Agora sim, pode beijar a noiva - disse torcendo os lábios. O pessoal riu, mas Christopher e eu estávamos em outro lugar, bem longe dali. Ele tocou meus lábios com delicadeza, provando com doçura minha boca. Nada mais existia naquele instante a não ser nós dois.

Só acordamos do nosso paraíso particular, quando o pessoal começou a zoar conosco. Nos afastamos e sorrimos cúmplices um para o outro. Uma lágrima escapou pelo meu rosto, Christopher a enxugou com o polegar. Uma lágrima de pura felicidade. Eu agora era sua, oficialmente.

Christopher

Assim que o casamento acabou, o juiz de paz foi embora, rejeitando até mesmo ao convite para jantar. Pelo visto ele não estava nada satisfeito com nossos rompantes na cerimônia. Só que nada disso importava. Enlacei a cintura da minha esposa possessivamente e fomos em direção a sala de jantar que estava toda arrumada com lâmpadas e galhos secos, fazendo parte da decoração do casamento.

Ao nosso redor na mesa, estavam nossos amigos mais próximos, nossa família. Samuel, Adam, Julianne, Karen, Carmen, Andrew e, Emily e Peter, que haviam voltado a namorar. A noite estava muito agradável, comíamos e nos divertíamos com as palhaçadas de Adam e Andrew. Ele havia conversado com Bell e tinham se entendido após a discussão que tiveram no casamento. Peguei a mão da minha esposa e a puxei para a pista de dança improvisada. Ao fundo, a música *How Long I Will Love You* de Ellie Goulding tocava suavemente.

- Eu pertencço a você, agora - murmurei contra sua testa, senti Bell sorrindo.

- E você pertence a mim - afastei minimamente e encarei o belo presente que tinha nos meus braços.

- Completamente seu, meu anjo - Bell sorriu, acomodando a cabeça no meu peito. Segurei seu corpo contra o meu e ficamos presos naquele momento perfeito.

- Vão para um quarto! - exclamou Adam, fazendo com que déssemos risada, menos Karen que lhe deu a maior bronca. O grandão merecia.

Assim que paramos de dançar, Karen incentivou Annabelle a jogar o buquê. Era meio estranho, pois só tinham quatro mulheres na festa, das quais duas já eram casadas.

No fim, tudo virou a maior brincadeira e Adam e Andrew se juntaram na farrá. Adam apostou com Andrew que pegaria o buquê. Não queria nem saber o que ele havia apostado dessa vez. Bell posicionou-se, de costas para todos. Fiquei sentado, juntamente com Sam e Peter, só rindo e filmando esse momento épico.

- 1... 2... - Bell fez que ia jogar mas parou. - 2,5... - Adam bufou e rimos. - 3!!! - gritou e jogou alto. As meninas, na mesma hora, saíram de perto e Adam e Andrew acabaram se chocando e caindo no chão gemendo de dor.

- Caralho, Andrew! A vantagem era minha, seu imbecil! - esbravejou Adam, massageando a testa e fazendo uma careta. Andrew mostrou o dedo do meio para ele. Foi impossível não rir.

O buquê? Ficou esquecido no chão, até que Peter o pegou e se ajoelhou na frente de todos e pediu Emily em casamento. Fomos pegos de surpresa, inclusive Emily. Ela simplesmente começou a chorar e pulou nos braços do namorado, dizendo sim. Sem dúvida alguma foi um dia inesquecível para todos.

Ficamos mais um tempo juntos, conversando, dançando e nos divertindo. Até que o pessoal finalmente decidiu ir embora. Adorava

nossos amigos, mas tudo o que eu mais queria agora era ter minha Annabelle só para mim.

Nos despedimos e subimos para nosso quarto, Bell já me provocava pelo caminho e foi um sacrifício convencê-la a tomar banho sem mim. Eu queria que ela descansasse por hoje, já que, por desejo dela, teríamos uma longa viagem pela frente no dia seguinte.

Quando ela saiu do banho, eu já estava na cama, encarando o teto. Annabelle levantou o lençol e se deitou sobre o meu corpo. Beijando meu pescoço e passando sua mão pelo meu peito. Segurei-a antes que descesse mais e certificasse o quanto suas carícias estavam me enlouquecendo.

- Amor, já falei que não - disse o mais doce que pude. Annabelle bufou.

- É nossa lua de mel, Christopher, e eu quero você! - murmurou fazendo seu típico biquinho.

- Hoje foi nosso casamento, amanhã começa nossa lua de mel - expliquei.

Annabelle estreitou os olhos, indo para seu lado da cama e virando de costas para mim. Fui até ela e beijei seu ombro, ela se encolheu, enfiando a cabeça no travesseiro.

- Anjo, achei que já tínhamos conversado sobre isso. Era a condição para aceitar essa viagem - ela me encarou e vi seus olhos lagrimados, qualquer coisa era o bastante para ela chorar e eu me sentia o pior dos homens quando isso acontecia.

- Não faz assim, Bell - sussurrei enxugando seu rosto, ela soluçou.

- Não é algo que possa evitar - murmurou chorosa, beijei seus olhos. Ela suspirou e afagou minha nuca. - Desculpa essas minhas birras, eu juro que é meio fora de mim.

- Está tudo bem, meu anjo - encarei-a com amor.

- Eu quero você, Christopher - gemeu com sofreguidão. Podia ver claramente o desejo nos seus olhos, a boca vermelha e chamativa e a respiração descompassada. Precisava de todo o meu autocontrole para não foder essa mulher nesse instante.

- Foi o que combinamos - lembrei mais uma vez, ela suspirou.

- Eu sei, só achei que fosse conseguir te convencer - disse inocente. Com essa tive que rir.

- Desculpe, anjo, mas dessa vez serei capaz do impossível para me segurar.

- Ah, amor... Por favor - pediu dengosa puxando meu corpo contra o seu. - Isso tudo é exagero seu, a médica liberou a viagem, não tem perigo algum - pleiteou.

- Sei bem disso, Annabelle. Você vem dizendo o mesmo há dias, desde que me convenceu a pegar um avião e viajar para a Jamaica por duas semanas - disse torcendo os lábios. Não gostava da ideia de ir para tão longe com ela grávida. Tentei dissuadir minha mulher para irmos em um local mais próximo, mas não adiantou.

- Porque quero aproveitar um tempo com meu marido em um lugar bonito.

- Mesmo assim, você está grávida.

- Gravidez não é doença, Christopher. Já disse diversas vezes.

- E se você precisar da sua médica? Se você se machucar? Cair?
- o pânico já se apossava de mim. Ela segurou meu rosto.

- Calma... - respirei fundo, tentando retomar minha respiração regular.

- Eu estou bem e nada vai acontecer. Tenha um pouco de fé - assenti deitando minha cabeça no vão do seu pescoço e inspirando seu doce aroma. Minha mão foi para seu ventre em crescimento, sua barriga ainda não havia crescido muito, mas já era possível perceber como estava mais rígida e redonda. Nossa pequena Harriet estava ali, segura e saudável.

- Christopher? - levantei a cabeça e encarei minha esposa. Ela sorriu e traçou linhas imaginárias pelo meu rosto, trazendo toda a paz que eu precisava naquele momento.

- Diga.

- Se você me quer bem e feliz, só tem uma coisa que pode fazer

- Eu faço o que você quiser - Bell sorriu, e na hora percebi que tinha dado a deixa que ela precisava.

- Então faz amor comigo - balancei a cabeça sorrindo. Aproximei dela e a beijei com carinho.

- Não sei porque ainda tento negar algo para você - Annabelle abriu um sorriso gigantesco e naquele momento eu não pude fazer mais nada, a não ser o que minha doce esposa queria.

Capítulo 20 - Lua de Mel

Annabelle

Bell bocejou enquanto esperávamos a chamada para nosso voo. Arqueie minha sobrancelha e na mesma hora ela fechou a boca, me dando um beijo e olhando para mim com aquela cara de sapeca. Foi impossível não rir. Havíamos passado a noite nos amando, fomos dormir quando já passava das cinco da manhã e quase perdemos a hora do voo, que saía às sete. Mesmo assim, não consegui ficar bronqueado com ela. A noite havia sido perfeita e eu não via hora de chegarmos na casa que havia alugado para continuar o que estávamos fazendo.

Antes de viajar tomei todas as precauções necessárias. Verifiquei com a médica as vacinas que eram necessárias para o local que estávamos indo e, felizmente, tanto minha carteira de vacinação quanto de Annabelle estavam de acordo com as exigências. A casa que havia alugado não ficava muito longe da civilização, mas mesmo assim era isolada. Teríamos um número de emergência e qualquer coisa que acontecesse um helicóptero iria nos buscar. Nossos seguranças seguiriam conosco e ficariam na casa de hóspedes, estavam liberados desde que não precisássemos deles. Provavelmente nem sairíamos de casa, mas mesmo assim teriam que estar a postos para qualquer eventualidade. Sabia o quanto essa viagem era importante para Bell, e mesmo me sentindo inseguro e como medo, eu também queria uma lua de mel de verdade com minha mulher.

Bell deitou a cabeça no meu ombro. Sorri beijando sua testa.

- Logo estaremos dentro do avião e poderá descansar, amor.

- Nem estou cansada - reclamou incapaz de segurar mais um bocejo.

- Ok, vou fingir que acredito - ela se aconchegou mais em mim.

- De qualquer forma valeu a pena - passei meu braço pela sua cintura.

- Valeu, é? - ela levantou a cabeça e sorriu.

- Com você, sempre vale, senhor Lewis - beijei a ponta do seu nariz.

- Bom saber disso, senhora Lewis. Tenho planos para valer ainda mais - ela sorriu satisfeita, apertando-se no meu corpo.

Não demorou e a comissária de bordo avisou que podíamos embargar. A primeira classe era bem confortável e ampla. Assim que nos sentamos, Annabelle não perdeu tempo, pediu um travesseiro e uma coberta e se enrolou ao meu lado, dormindo logo em seguida.

O início do meu voo foi alternado entre dormir e observar o sono Annabelle, assim como fazia todas as noites. Precisei acordá-la para caminhar um pouco pelo avião, como fora recomendado pela médica. Fazíamos isso de hora em hora, alternando também alguns exercícios que ela poderia fazer sentada. Como Annabelle não poderia ficar sem comer por muitas horas, havia pedido para Irvine preparar uma pequena lancheira com algumas barras de cereais e bolachas. Por isso, intercalava o que havia trazido com a comida do avião e muita água. Quando chegássemos em casa prepararia algo leve para ela. Frutas, suco e fibras.

- Você é o melhor marido do mundo - Annabelle murmurou sonolenta, deitando a cabeça no meu pescoço.

- Só porque sou casado com você - respondi beijando sua testa. Ela sorriu antes de voltar a adormecer.

Chegamos no aeroporto principal da Jamaica no final da tarde e depois seguimos de helicóptero para a casa que havia alugado em frente ao mar. Conforme nos aproximávamos do local, pedi que Bell fechasse os olhos. Ela concordou com um sorriso no rosto. O helicóptero pousou na área aberta ao lado da casa. Enquanto os seguranças pegavam as malas e as levavam para dentro, eu ajudava Bell a descer do helicóptero. Caminhei com ela até a parte detrás da casa, que ficava virada para o mar.

- Pronta? - perguntei no seu ouvido. Ela assentiu com animação. A vista era de tirar o fôlego. Um pôr do sol perfeito.

- Sim!

- Pode abrir os olhos.

Annabelle os abriu e ficou parada, olhando tudo com atenção. Então, virou na minha direção e fitou a bela casa atrás de mim. Seu olhar não transparecia nada. Nenhuma emoção. *Ela tinha gostado? Tinha odiado?* Essa espera estava me matando.

- E aí? Gostou? - quis saber ansioso. Ela me encarou e seus olhos estavam lagrimejados. Sem esperar, Annabelle começou a chorar, puxei-a para meus braços. Ela fungou e passou a mão limpando o rosto de modo desajeitado.

- Isso é incrível, Christopher - soluçou, sorri. Minha linda garota com oscilações de humor. - É perfeito, melhor do que poderia imaginar. Eu te amo - disparou de uma vez pulando nos meus braços, apertando-me com força.

- Eu também te amo, anjo - ela me olhou e me deu um beijo delicado. - Vem, vamos conhecer a casa - disse pegando sua mão e

a puxando para dentro.

A casa era no estilo rústico e lembrava um bangalô. Os ambientes eram amplos e claros, assim como os quartos e a cozinha. O quarto principal era perfeito e tinha uma linda vista para o mar, assim como o banheiro da suíte. A casa era equipada com piscina, academia, uma quadra de tênis e o que tinha mais amado, uma praia particular. Era um lugar perfeito para uma lua de mel com minha mulher. Entramos no quarto e ela foi direto para a sacada. Aproximei pelas suas costas, a abraçando.

- Esse pôr do sol é perfeito - comentou vendo o mar diante de nós. Beijei sua têmpora. - Vou guardar esse momento para sempre - disse virando o rosto para mim. - Obrigada.

- Obrigado você, por me convencer dessa loucura - Bell riu e me beijou levemente. Seus lábios roçando nos meus.

- Eu quero você, Christopher - gemeu contra a minha boca. Peguei-a no colo, levando-a para cama.

- Tudo o que quiser, senhora Lewis - Bell mordeu os lábios. Então, parou e me olhou em pânico.

- E os seguranças?

- Não se preocupe, devem estar se acomodando na casa de hóspedes, que é um pouco distante daqui - murmurei beijando seu pescoço.

- Distante? - ela colocou a mão no meu peito me afastando. Seus olhos me fitavam com desconfiança. Sorri maliciosamente e voltei a me aproximar.

- Não quero ninguém ouvindo seus gritos a não ser eu - Bell tremeu sob meu corpo. - Pronta? - Sua respiração ofegante.

- Sim...

- Já sabe, não é? Se sentir mal...
- Eu aviso, eu aviso - apressou em responder. Sorri satisfeito, pronto para matar todo o desejo que sentíamos um pelo o outro.

Annabelle

Acordei, sentindo-me um pouco enjoada e zozna. Era uma pena estar assim na nossa lua de mel. Ainda mais com a noite perfeita que tínhamos tido.

- Bom dia, anjo - Christopher cumprimentou com doçura.
 - Bom dia - mesmo que não quisesse, minha voz saiu fraca. O semblante de Christopher transformou-se em um nano segundo, deixando de ser calmo e relaxado para preocupado e tenso.
 - O que foi? Está se sentindo mal? - questionou com urgência.
 - Só um pouco enjoada - reclamei. Não via a hora de entrar no quarto mês de gestação.
 - Quer ir no médico? - perguntou ansioso. Suspirei negando.
 - Não, Chris. É um mal estar normal na gravidez, a médica explicou, lembra? - tentei soar mais animada, mesmo assim não pareceu dar certo, Christopher ainda parecia apreensivo.
 - Tem certeza? - assenti.
 - Tenho, só preciso ficar quietinha aqui, logo passa - ele inclinou-se sobre mim e beijou minha testa.
 - Ok. Vou tomar um banho e já volto. Quer comer alguma coisa?
 - Agora, não. Mais tarde - ele me deu mais um beijo e levantou.
- Suspirei ao ver meu lindo marido nu indo até o banheiro. Minha vontade era levantar e transar com ele no chuveiro, mas se fizesse isso, era capaz de vomitar e isso não seria nada romântico. Fiquei

quietinha na cama, sentindo a brisa suave que vinha da janela e ouvindo as ondas batendo na praia. Estava tão relaxante, que acabei adormecendo.

**

Senti um toque gostoso nas minhas costas. Macio, quente e molhado. Ronronei contra o travesseiro e ouvi um riso baixo. Abri os olhos e virei o rosto para trás. Encontrei Christopher sorrindo largamente, vestindo uma bermuda cáqui e uma camisa de botões azul clara. Absolutamente gostoso. Ele se aproximou e me deu um selinho.

- Está melhor, amor? - inspirei seu aroma e assenti. Sentia-me renovada e pronta para outra.

- Sim - respondi, girando o corpo e passando minha mão pelo seu braço até chegar no seu cabelo, puxei-o delicadamente. Christopher sorriu ao perceber o que aquele gesto significava.

- Não quer comer algo antes? - neguei freneticamente. Seu sorriso aumentou e em um segundo tomou meus lábios nos seus em um beijo feroz. Pouco me importava que tivesse acabado de acordar. Eu o queria.

- Quero ficar por cima - pedi contra a sua boca, e sem me soltar, ele nos virou na cama, deixando-me em cima dele.

- Pronto, pode fazer o que quiser comigo - sorri mordendo os lábios e remexi sobre seu membro. Christopher gemeu, apertando minha cintura. Senti seu membro duro sob o shorts. Aquilo me deixou louca, agarrei sua camisa e a abri com força, fazendo com que os botões voassem pelo quarto. Christopher ofegou, me olhando com desejo. Sua respiração estava descompassada, assim como a

minha. Não esperei mais nada e o ataquei. Arranhando seu peito nu e remexendo sobre seu membro.

- Ah! Annabelle... - gemeu apertando meu bumbum e aumentando a fricção contra o seu corpo. - Me deixa louco, gostosa - murmurou enquanto descia meus beijos pelo seu pescoço.

- Vou deixá-lo ainda mais, senhor Lewis - sussurrei contornando seu mamilo com a língua e o ouvindo urrar de prazer. Para provocar, dei uma leve mordida que fez Christopher saltar da cama e me apertar ainda mais com suas mãos.

- Preciso de você, Annabelle. Agora! - disse urgente, descendo minha mão pelo seu peito entrando no seu shorts. Christopher ofegou. - Não faz isso, anjo. Quero gozar em você.

- Eu também quero, mas agora preciso de você na minha boca.

- Porra! - sorri com seu xingamento e fui descendo meus beijos pela sua barriga, sem tirar minha mão do seu membro. Christopher suava devido ao calor e por segurar seu orgasmo. Dei uma lambida no seu quadril que o fez estremecer.

- Caralho, Annabelle! Assim eu não aguento - ri e decidi parar de brincar com ele. Tirei minha mão do seu membro e abri seu shorts, ele levantou o quadril me ajudando a tirar o shorts junto com a boxer preta. Seu membro ereto saltou na minha frente, me deixando com água na boca. O pré-goço molhava a cabeça de seu pênis, fazendo com que lambesse meus lábios.

- Não me tortura mais, por favor - implorou Christopher e sorri. Segurei seu membro com uma mão e o tomei com minha boca, até o fundo da minha garganta. O corpo dele tremeu, e o senti segurando meu cabelo com força, procurando seu ritmo, descendo e subindo. Coloquei as mãos sobre suas coxas e chupei, lambi e

suguei seu membro com minha boca. Christopher gemia e se contorcia. Soltou meu cabelo e apertou com força os lençóis. Seu pênis pulsava, ele gozaria logo.

- Goza, Christopher. Goza na minha boca - pedi lambendo toda sua extensão e o chupando de novo. Como se estivesse esperando meu pedido, Christopher pulsou e gozou com força dentro da minha boca. Não parei de chupá-lo até que tomasse todo seu sabor.

Levantei meu trompo e o vi jogado na cama. Ofegante e lindo. Deitei sobre ele, beijando seu peito até sua boca, ele beijou-me com desejo. Gemi entre nossos lábios e senti uma de suas mãos apertar meu bumbum e depois tocar minha intimidade completamente molhada. Tremi ao sentir seus dedos provocando meu sexo e entrando na minha intimidade.

- Isso...Oh! Isso, Christopher... - gemia descontrolada, rebolando em seus dedos enquanto sua boca consumia a minha. Apertei minhas mãos nos seus ombros ao sentir meu orgasmo se formando.

- Ah! - gritei. Seus dedos invadiam minha intimidade ao mesmo tempo que seu polegar massageava meu sexo inchado. Tremi sobre seu corpo e flutuei, caindo sobre ele, ofegante e desejosa de algo mais.

- Eu quero você dentro de mim - consegui dizer enquanto tentava recuperar minha respiração.

- Monta em mim - ordenou.

Sentei sobre sua barriga e, segurando seu membro que já estava rígido de novo, o conduzi até a minha intimidade me afundando nele. Seu membro preenchendo todos os cantos, matando aquela necessidade que eu sentia dele. Quando estava

com ele de mim, comecei a subir e descer. Uma de suas mãos, foram para meu seio enquanto a outra apertava meu quadril. Subiu seu tronco, e sua boca faminta tomou meu outro seio. Gemi alto com o prazer que me tomou. Sua língua sugava e mordiscava meu mamilo. Aumentei a velocidade que fodia seu membro e agarrei suas costas passando minhas unhas por ela. Nos dois molhados de suor e loucos de desejo. Gemidos e sons desconexos tomaram o quarto, até que não aguentamos mais e gozamos juntos. Nos perdendo um no outro. Totalmente entregues. Totalmente apaixonados.

**

- A senhora ainda vai me matar - ri contra o peito de Christopher. Ainda nos recuperávamos da manhã e tarde fantástica de sexo que tínhamos tido. Só havíamos parado para almoçar.

- Isso se o senhor não me matar antes - ele riu e me abraçou beijando minha testa molhada de suor. - Precisamos de um banho - murmurei debilmente.

- E a senhora precisa comer, já faz mais de três horas que almoçamos - repreendeu, levantei a cabeça e o beijei.

- Banho e depois comida? - Christopher sorriu.

- Feito! - ele me pegou no colo e levou para o banheiro. Onde continuamos o que estávamos fazendo na cama.

**

- Estou morrendo de fome - comentei conforme íamos para a cozinha. Christopher me abraçou por trás.

- Nos exercitamos muito - ri.

- Eu adoro me exercitar com você, senhor Lewis - ele sorriu e me beijou.

- Eu também, senhora Lewis - antes que aprofundasse o beijo, ele se afastou. - Comida - avisou. Sorri.

- O que temos para jantar? - mudei de assunto sentando em um dos bancos que ficava ao redor do balcão da cozinha.

- O que quiser, é só pedir - pensei por um momento.

- Frango grelhado, batata assada e salada - lambi os lábios só pensar.

- É pra já - Christopher disse e foi até a geladeira pegando o frango. Percebi que ainda estava cru.

- Você vai fazer? - ele sorriu.

- Não se preocupe, vai ficar bom - olhei desconfiada para ele.

- Mesmo? - Christopher riu.

- Pode confiar - respondeu e piscou para mim, voltando ao seu serviço.

Com destreza, ele descascou as batatas e grelhou o frango. Sabia que ele estava melhorando na cozinha depois de começar a ter aulas com Irvine, mas sua habilidade me surpreendeu. Assim que terminou preparou meu prato, sentando ao meu lado para comermos. Cortei o frango e um pedaço da batata e comi.

- Hum - gemi de prazer. Christopher me olhava atento.

- Gostou? - peguei o guardanapo e limpei a boca.

- Se gostei? Está uma delícia - ele sorriu largamente. - Acho que vai começar a cozinhar em casa nos fins de semana a partir de agora - cantarolei comendo mais um pedaço do frango.

- Não vamos exagerar, Bell - Christopher disse rindo.

Enquanto jantávamos, conversávamos sobre o que faríamos no dia seguinte. Os planos incluíam: praia, sexo, passeio pela cidade, sexo, almoço, sexo, piscina e sexo. Christopher brincou dizendo que

iria precisar de fôlego extra para acompanhar meu ritmo, acabei rindo. Se pudesse não sairia da cama. Agradecia por Christopher estar disposto a apagar meu fogo, mesmo o deixando quase em frangalhos quando terminávamos de transar.

Após o jantar, peguei os pratos, mas Christopher disse que viria alguém pela manhã para arrumar tudo. Deixei as coisas na pia e decidimos dar uma volta antes de ir dormir. Caminhamos pela praia e depois sentamos no gramado curtindo a noite e a companhia um do outro.

Já era tarde quando começou a chover e entramos. O clima era especialmente úmido nessa época do ano e chovia bastante, além do calor que fazia. Sabia que essa não era considerada a melhor época do ano, devido as chuvas e riscos de ciclone, mas eu simplesmente não pude resistir quando vi esse lugar em uma matéria sobre os melhores roteiros durante a *Babymoon*. Estava extremamente feliz por ter conseguido, após muito esforço, convencer Christopher da viagem. Havia valido muito a pena.

Escovei os dentes, fiz minha higiene e coloquei uma camisola, para então, desmontar na cama. Não demorou e Christopher juntou-se a mim, me apertando em seus braços.

- Boa noite, anjo - desejou beijando minha cabeça.

- Boa noite, garotão - murmurei e adormeci com um sorriso enorme no rosto. Sentia-me plena e satisfeita, de todas as formas.

**

- Sorria - Christopher pediu, segurando sua câmera enquanto eu estava na piscina.

- Larga essa câmera e vem para cá - mandei, jogando água nele e o molhando. Ele semicerrou os olhos. Largou a máquina em cima

de uma espreguiçadeira e mergulhou, vindo até onde eu estava. Tentei nadar, mas não deu tempo, ele me pegou antes.

- Jogou água em mim, não é? - brincou me fazendo cócegas. Ri.

- Christopher, para! - pedi, entretanto ele não o fez. - Para - ria sem parar. Ele finalmente atendeu meu pedido e me beijou.

- Estragou minha sessão de fotos - reclamou com um sorriso.

- Já tirou muitas fotos minhas.

- Uma foto sua nunca é demais - respondeu e eu sorri. - Preciso de um papel de parede para o celular, o computador, meu tablet - não aguentei e ri, abraçando-o pelo pescoço.

- Depois eu deixo você tirar quantas quiser. Agora, eu quero que me faça sua - ele sorriu largamente.

- Aqui? - assenti. A piscina que ficava na frente da casa era privada e bem reservada. - Veremos o que posso fazer - beijou com delicadeza meus lábios me encostando contra a parede e me amando com calma.

**

Após o delicioso sexo na piscina, relaxávamos nas espreguiçadeiras no platô que ficava ao lado da praia. Tinha uma bela vista e de onde era possível mergulhar no mar calmo que estava na nossa frente. Seria bem legal pular dali. Sem conter minha vontade, levantei.

- Onde você vai? - Christopher perguntou, tirando os óculos escuros e me observando com atenção.

- Vou dar um mergulho - respondi simplesmente, seus olhos arregalaram.

- Não vai, não! - disse enérgico.

- Deixa de ser chato - reclamei. Christopher já estava ficando paranoico.

- Annabelle! Estou falando sério! - arqueie minha sobrancelha. E fui mais para a beirada. - Para! - advertiu.

- Tenta me impedir - virei, mas antes que pulasse na água, Christopher segurou meu braço com força me fazendo encará-lo.

- Você enlouqueceu? - perguntou irado. Revirei os olhos.

- Não exagera, Christopher - ele estreitou seus olhos. Merda!

- Não exagera?! Estou puto da vida! Tem noção do que poderia acontecer? Você está grávida, porra!

- Grávida e não inválida! - respondi nervosa com seu ataque histérico.

- Mas não é tudo que você pode fazer! Não lembra da lista que a médica nos deu? Nada de atividades que ofereçam risco de contato e quedas. Olha essa altura, Annabelle! - fiquei parada em choque. *Droga! Christopher tinha razão. Como pode ser tão irresponsável?*

- Eu esqueci - minha voz saiu em um sussurro. Ele respirou fundo, tentando se acalmar. - Sinto muito, Christopher. Eu realmente esqueci.

- Tudo bem, eu exagerei - disse me puxando para seus braços. - Desculpa por ter gritado com você, mas eu fiquei desesperado - murmurou contra meu cabelo.

- Você tinha razão, eu fui imprudente - ele balançou a cabeça negando.

- Não mais do que eu - respondeu e apertou meu corpo contra o seu. - Eu não lidei com a situação da melhor maneira. Ao invés de dizer diretamente o que a médica havia recomendado, discuti com

você. E posso apostar que a minha negativa fez com que tivesse ainda mais vontade de pular.

- Isso não isenta a irresponsável que eu fui. Estou me sentindo uma péssima mãe.

- Não diga besteiras - desdenhou.

- Como não? Quase coloquei em risco a vida do nosso bebê sem ao menos pensar.

- Você esqueceu as recomendações, não é um crime.

- Uma mãe de verdade não esqueceria - reclamei, Christopher sorriu.

- E uma péssima mãe não se importaria com isso - retrucou. Sorri com sua resposta. Chris sempre teria uma resposta para tudo.

- Temos tanto que aprender ainda, não é? - murmurei encostando a cabeça em peito.

- Temos sim, mas faremos isso juntos - afirmou beijando meu cabelo. Sorri satisfeita. Estávamos mais unidos do que nunca, agora e sempre, como Christopher costumava dizer.

Capítulo 21 - Inauguração

Annabelle

Assim que voltamos da nossa lua de mel, fui até minha médica fazer os exames de rotina e, felizmente estava tudo certo comigo e o bebê. Conteí da minha quase travessura e ela me repreendeu, reafirmando que era preciso cautela em algumas atividades. Após aquele incidente, eu estava bem mais cuidadosa com minha gravidez, assim como Christopher. Meu marido parecia um bobo toda vez que íamos na médica e víamos nossa filha pela ultrassom em 3D. Ele mandou imprimir dezenas de fotos e até mesmo gravar um vídeo que ele carregava em seu celular. Era um pai babão e lindo. Sua paciência comigo era infinita, mesmo quando eu tinha meus pequenos rompantes. Ele só sorria e me beijava, fazendo com que eu até esquecesse porque estava chorando.

Os sintomas dos primeiros meses como enjoo, desapareceram, mas agora tinha as dores nas costas, coceira, meus pés inchavam ainda mais e nossa vida estava uma correria com o enxoval, a decoração do quarto do quarto de nossa princesa e a finalização da construção da sede da ONG. Só que nada disso tirava o imenso sorriso que eu mantinha no rosto.

- Tem certeza disso, Jonas? - questionei por telefone meu arquiteto que acompanhava as obras da ONG. - Bom, então temos que trocar imediatamente essa escada - ouvi uma leve batida na porta. - Um momento, Jonas.

- Pode entrar - quando a porta abriu, vi meu lindo marido surgir na minha frente. Levantei o indicador para ele, pedindo um segundo.

Ele assentiu sorrindo e sentou na cadeira em frente a minha mesa.

- Procure aquele nosso revendedor de confiança e faça a troca. Exatamente. Depois traga a descrição dos materiais usados. Tenha uma boa tarde também - despedi e encarei o belo homem a minha frente.

- O que posso fazer pelo senhor hoje? - perguntei com um sorriso, Christopher se inclinou sobre minha mesa.

- Eu gostaria de chamar minha linda esposa e minha filha para almoçar. O que acha, senhora Lewis? - meu sorriso aumentou.

- Eu acho uma ótima ideia, senhor Lewis - Christopher sorriu e levantou, estendendo a mão na minha direção, a peguei e dei a volta na mesa.

- Como passou a manhã? - perguntou carinhoso, acariciando minha saliente barriga de sete meses. Não demorou e Harriet deu um salto dentro de mim que me fez pular de susto. Christopher riu.

- Pelo visto minha pequena já estava com saudades do papai - era sempre assim. Era ele tocar meu ventre, para o bebê mexer. Eu sentia uma emoção enorme ao vê-los assim e um pouco de ciúmes também. Dos dois.

- A mãe também estava com saudades - Christopher sorriu largamente e me beijou com carinho. Gemi contra os seus lábios. Minha libido era a única coisa que não havia mudado e que não era motivo de reclamação, nem meu e muito menos de Christopher. Quando se afastou, pude ver seu olhar cheio de desejo. Adorava vê-lo assim por mim. Matava qualquer insegurança boba que pudesse sentir.

- Tenho uma surpresa para você - meus olhos iluminaram.

- Mesmo? - ele assentiu.

- Tem algo importante para resolver aqui hoje? - pensei por um momento.

- Hum, não, está tudo tranquilo.

- Ótimo, quero passar um dia bem gostoso com vocês.

- Seu desejo é uma ordem, senhor Lewis - concordei, puxando-o para mais um beijo.

Durante o caminho para a tal surpresa, percebi que estávamos indo para casa.

- O que está aprontando, garotão? - ele sorriu.

- Espere e verá, anjo - bufei.

- Sabe bem como eu odeio ficar curiosa - Christopher riu.

- Sei sim, mas também adora uma surpresa - acabei sorrindo.

Era a pura verdade.

Assim que o carro estacionou, Christopher saiu e me ajudou a descer. O peso da barriga era algo com o qual ainda estava me acostumando.

- Onde está a surpresa? - perguntei conforme entrávamos dentro de casa.

- Lá em cima - disse, mas antes que subíssemos, Chance apareceu correndo para nos saudar, ele estava elétrico. Tinha certeza que não via a hora do bebê nascer. Cumprimentei a senhorita Brauer que fazia o almoço e subimos com Chance no nosso enalço.

Quando chegamos no alto da escada, Christopher parou.

- Feche os olhos - arqueie minha sobrancelha. Ele riu. - Por favor, anjo. Faz parte da surpresa - sorri fazendo o que ele queria. Segurou minha mão e me guiou pelo corredor até que paramos. Ele pareceu abrir uma porta e voltou a me puxar.

- Pronta? - sussurrou no meu ouvido.

- Sim.

- Lembre-se, se não gostar nós trocamos - sorri. Na hora lembrei de quando decorou nosso quarto.

- Ok.

- Pode abrir os olhos - assim que o fiz, não sabia o que dizer. Era o berço mais lindo que havia visto na minha vida. - Então? - a voz de Christopher soou ansiosa.

- Amor, é lindo - disse emocionada.

O berço era magnífico, parecia uma carruagem de princesa com duas grandes rodas ao redor e o cercado no meio.

- Mesmo?

- Sim, ficou perfeito no quarto - ele suspirou aliviado e me abraçou.

O tom creme do berço combinava com o restante do quarto, que estava todo decorado em tons de goiaba. O chão era almofadado e a parede da janela repleta de cubos com letras escritas. Na parede que estava o berço, tinha um belo desenho de uma árvore com esquilos e pássaros. Completando o ambiente, uma cadeira de balanço e uma luminária. Não queríamos encher de coisas, só o indispensável. Nossa filha poderia brincar ali sem perigo. Deixamos as roupinhas e outras coisas no espaçoso closet que ficava ao lado.

- Era exatamente o que faltava aqui - completei observando com mais atenção o berço.

- Eu sei, quando eu vi na internet não pensei duas vezes, tive que comprar.

- Eu amei - afirmei afagando seu rosto. - Digno de uma princesa
- o sorriso de Christopher se alargou.

- Da nossa princesa - respondeu satisfeito, afagando meu ventre, o beijei com calma. Ele se afastou e, segurando minha mão, me levou para fora do quarto.

- Vem, vamos aproveitar nosso dia - ri e o acompanhei para onde ele quisesse.

**

Dois meses depois, toda correria parecia sob controle. O parto, segundo a médica, estava previsto para daqui uma semana, e apesar da preocupação de Christopher, eu me sentia muito bem disposta e tranquila. Tudo estava pronto para quando Harriet nascesse e não tinha porque me preocupar.

A obra da ONG finalmente foi finalizada e hoje seria a inauguração. Estava terminando de me arrumar no nosso quarto, quando Christopher chegou. Vestia um smoking preto, camisa branca e gravata borboleta. Uma verdadeira tentação. Ele sorriu para mim, vendo que observava-o e se aproximou.

- Está uma tentação, senhor Lewis - elogiei.

- Você que está uma loucura, anjo - sorri satisfeita.

Usava um vestido de um ombro da mesma cor dos olhos de Christopher. Estava elegante e confortável.

- Vai atrair a atenção de todos na festa, terei que ficar de olho na senhora - ri.

- Christopher, ninguém vai me paquerar. Estou grávida.

- Grávida e ainda mais linda e tentadora - sorri.

- Continue dizendo essas coisas e ganhará um prêmio depois da festa - Christopher circulou minha cintura e me beijou

delicadamente, subindo os lábios pela minha mandíbula.

- Não vejo a hora de receber meu prêmio - mordiscou minha orelha me deixando arrepiada. Suspirei derretendo nos seus braços.

- E eu não vejo a hora de ser fodida por você - Christopher riu e me soltou.

- Sempre direto ao ponto, Annabelle. Gosto disso - sorri satisfeita. - Vamos, minha safada. Quanto mais cedo sairmos daqui, mais cedo voltamos - segurei sua mão e o seguimos para fora do quarto.

Saímos de casa e fomos direto para o salão de festas onde seria realizada a festa de inauguração. Tudo estava lindo e bem decorado. Descemos do carro e fomos bombardeados pelos fotógrafos. Christopher respondeu algumas entrevistas, assim como eu, que explicava como tinha sido projetada a sede da ONG. Após respondermos a maioria das perguntas, seguimos para a festa. Entramos no salão e encontramos nossos amigos em uma das mesas principais.

- Olha aí, nosso casal da noite - Adam cumprimentou.

Sentamos e curtimos um pouco a companhia deles. Quando todas as mesas já estavam ocupadas, uma pessoa veio avisar Christopher que estava na hora do discurso. Ele me deu um beijo e foi até o palco, todos o aplaudiram. Sorri orgulhosa do meu garotão.

- Boa noite - cumprimentou a todos. - Quero agradecer a todos pela presença nesta que é uma noite tão especial para mim. Essa ONG é um sonho que está se tornando realidade. A prova de que na vida podemos passar pelo pior e ainda assim arrumar forças para seguir em frente. Esta instituição visa ajudar a qualquer pessoa que esteja passando por um momento difícil, seja psicológico ou

material. Nosso objetivo é oferecer um caminho, uma chance, para quem se vê perdido e sem esperança - meus olhos lagrimejavam. Christopher segurou o microfone e foi para o lado de uma placa que estava coberta. Então, continuou:

- É com muito orgulho que anuncio a inauguração da ONG Annabelle - disse e descobriu a placa de prata mostrando meu nome escrito com o desenho de uma orquídea ao lado. Arregalei meus olhos surpresa e emocionada. - Essa é uma pequena homenagem à pessoa que sempre esteve ao meu lado, nos bons e nos maus momentos. Minha esposa, Annabelle Lewis - eu não sabia se chorava ou se sorria. Todos aplaudiram de pé enquanto Christopher descia do palco e vinha na minha direção. Levantei e fui para seus braços.

- Você não vale nada - acusei soluçando. Ele riu enxugando meu rosto com o polegar.

- Gostou? - assentiu sem parar de sorrir.

- Sempre cheio de surpresas, senhor Lewis.

- Para você, sempre - declarou e me beijou novamente.

Percebi que não estávamos sozinhos quando começaram a bater palmas. Afastei-me de Christopher um pouco sem graça. Ele me deu mais um beijo e pedi licença para ir ao toalete. Karen e Julianne me acompanharam.

- Foi tão lindo o que ele disse, Anna - Julie disse emocionada, quando chegamos ao banheiro.

- Eu sei, estou igual uma boba.

- E tem que ficar mesmo. Christopher caprichou na surpresa. Você não desconfiou de nada?

- Não, Karen. Ele tinha outro nome para a ONG e eu nem cheguei a pensar que tinha mudado, o safado me enganou direitinho.

- Foi por uma boa causa - Julianne disse e rimos.

- Com certeza - concordei.

Retoquei a maquiagem e voltamos para o salão. Quando pensei que nada podia estragar essa noite perfeita vi a vadia da Martha Green em cima do meu marido. A Barbie Malibu me irritava mais a cada dia. Ultimamente, qualquer desculpa era o suficiente para aparecer na empresa. Ela nem mesmo disfarçava seu interesse em Christopher. Não pensei duas vezes e segui até onde estavam, entrelacei meu braço no de Christopher segurando sua mão. Ele sorriu ao me ver ao seu lado.

- Olá, Martha - cumprimentei cordialmente. Ela me analisou de cima a baixo. Como sempre fazia. Talvez pensasse que por estar grávida teria alguma chance com ele.

- Oi, querida - disse dando-me um beijo falso. - Você está cada dia mais reluzente, nem parece que já está com nove meses. Para quando é?

- Uma semana - respondi naturalmente. Ela olhou para meu marido.

- Aposto que não aguenta esperar, não é, Christopher? - perguntou tocando no seu ombro, instintivamente apertei a mão de Christopher, que apertou de volta me lançando um olhar de advertência. Ele vivia dizendo para não me estressar com ela. Christopher afastou-se do toque da oferecida e soltou minha mão, me abraçando por trás. Colocando-me entre ele e ela. Sorri satisfeita.

- *Nós* não vemos a hora, não é mesmo, amor? - disse pontuando o '*nós*' e beijando minha cabeça ao mesmo tempo que afagava meu ventre. A cara da Barbie era impagável.

- Fico feliz - respondeu com um sorriso amarelo. - Bom, se me derem licença preciso falar com algumas pessoas - arrumou uma desculpa e saiu dali apressadamente.

- Vadia - rosnei. Christopher riu.

- Bell, já disse, não fica se estressando com ela - virei para encará-lo.

- Como não? Ela dá em cima de você descaradamente, ao menos que goste da atenção - estreitei meus olhos.

- Não seja absurda, sabe que também não gosto dela. Estou tentando achar uma outra posição na empresa em que não tenha contato direto comigo, não posso demiti-la por não gostar dela.

- Pois eu acho que seria o mais certo - resmunguei. Christopher segurou minha mão.

- Não pensa mais nela, vem, vamos aproveitar a noite. Precisa se alimentar - sorri e voltei com ele para nossa mesa.

Em um momento da festa, Christopher teve que sair um instante para falar sobre negócios com alguns executivos e preferi dar uma volta pelo jardim enquanto nossos amigos dançavam. Ele não gostou muito de saber que iria ficar andando sozinha por aí, mas acabei convencendo-o. Christopher era tão exagerado.

Segui até uma das portas que estavam abertas para o lindo jardim. Admirava a bela fonte que ornamentava a paisagem, quando percebi a presença de uma pessoa atrás de mim. Virei e dei de cara com a Barbie Malibu, segurando um drink e com um sorriso

descarado. Precisaria de muita paciência para não quebrar a promessa de não me estressar.

- Sabe, eu não consigo entender - disse calmamente. Fiquei em silêncio, somente observando-a. - Não vai perguntar, o que eu não entendo?

- Não me interessa - respondi seca. A vadia riu.

- Está vendo, não faz sentido - zombou.

- Se me der licença - pedi saindo daquele lugar.

- Christopher merecia algo bem melhor - virei para encarar a vadia.

- Como é que é?

- Olha só para você? Acha que um homem como ele vai se contentar muito tempo com alguém assim? - disse com desdém olhando meu corpo. - Christopher pode ter a mulher que quiser.

- Inclusive você, aposto - a descarada sorriu.

- Claro, afinal que homem trocaria isso - mostrou seu corpo curvilíneo. - Por uma vaca gorda e sem graça como você? - respirei fundo.

Não reaja, Annabelle! É isso que ela quer.

- Aposto que enquanto você estiver em casa com seu bebê babão, ele vai adorar se divertir comigo - *Pronto! Aquilo foi o bastante.* Não sei o que me deu, mas o ódio me cegou e no instante seguinte agarrava o cabelo dela, puxando-o com força.

- Me solta, sua louca! Socorro! - a Barbie Malibu gritava.

- Doí, não dói? Aposto que machuca muito mais saber que um homem como Christopher prefere uma mulher como eu do que uma puta como você.

- Me larga! - ela remexeu até que conseguiu se soltar. Estava ofegante e me encarava com raiva. Elevou a mão na direção do meu rosto e antes que pudesse impedi-la, alguém a segurou. Olhei e vi Christopher ao meu lado.

- Que porra pensa que ia fazer, Martha? - toda a cor sumiu do rosto dela.

- Eu... Eu... Ela me xingou, puxou meu cabelo - choramingou me acusando. Christopher segurou seu braço e se aproximou dela. O rosto transformado em puro ódio.

- Ninguém toca na minha mulher, está ouvindo?! - sussurrou ameaçador.

- Mas foi ela...

- Não interessa! Qualquer coisa que Annabelle fez ou deixou de fazer contra a senhorita, deve ter sido merecida. Está despedida, senhorita Green - a vaca arregalou os olhos. Christopher a soltou.

- Não pode fazer isso! Vou processá-lo, você e essa vadia - acusou me apontando.

- Mais uma ofensa contra minha esposa e eu a processo por calúnia e difamação! E tenho advogados caros, senhorita Green, pense nisso.

- Eu... Fodam-se vocês! - disparou e saiu marchando para fora da varanda. Assim que ela se foi, caí na gargalhada.

- Christopher, você foi perfeito! - exaltei, ele se aproximou tocando meu rosto e me olhando com preocupação.

- Ela te machucou? - continuei rindo.

- Não, estou bem - seu rosto permaneceu sério.

- Ótimo! Vamos para casa - virou, mas o segurei.

- Está bravo comigo?

- O que você acha? - indagou seco.

- Ela estava pedindo por isso se jogando em cima de você e me ofendendo - retruquei.

- Pouco me importa, Annabelle! Sabe que ela só estava te provocando, você entrou no jogo dela. E se eu não aparecesse? Vocês iam se engalfinhar no chão? Quantas vezes tenho que lembrar que você está grávida? - questionou exasperado. Percebi que realmente tinha exagerado.

- Eu sei, é só que não consegui me segurar - Christopher suspirou e segurou minha mão.

- Vamos, você precisa descansar - assenti, voltando com ele para o salão de festa. Nos despedimos de todos e fomos para casa.

Não dissemos nada durante todo o caminho. Christopher tinha razão. Tinha sido irresponsável em me deixar levar pelas provocações da tal mulher, mas ele tinha que entender meu lado também. Não estava mais aguentando a vadia em cima dele e suas provocações.

Chegamos em casa e fui para o chuveiro tomar um banho. Christopher disse que precisava dar algumas ligações e subiria logo em seguida.

Tirei a roupa e entrei no chuveiro.

Essa noite era para ser especial e acabei estragando tudo.

Passei meu dedo pelas pastilhas que decoravam a parede do banheiro enquanto a água caía sobre mim. Não sabia o que tinha dado em mim para tal atitude, talvez as palavras de escárnio da vadia. O medo irracional dela ter razão. De Christopher parar de me desejar. De me amar. Antes que minha mente viajasse ainda mais,

senti um beijo sendo depositado no meu ombro e mãos contornarem meu ventre.

- Ah, minha ciumenta. O que farei com a senhora? - sua voz soou tranquila, até brincalhona.

- Desculpa - Christopher me apertou em seus braços.

- Você só estava protegendo o que é seu, não posso recriminá-la por isso - acabei sorrindo, percebendo que ele não estava mais bravo. - Afinal, não são todas as mulheres que tem sua sorte - foi minha vez de rir. Deitei minha cabeça em seu ombro. Christopher beijou minha têmpora.

- Não são, mesmo - ele riu e beijou meus lábios, primeiro com calma e depois com desejo. Senti seu membro ficar rígido nas minhas costas.

É, a senhorita Barbie Malibu, realmente não sabia de nada.

**

Acordei por volta das três da manhã sentindo uma dor incômoda no baixo ventre. A médica havia me alertado para isso. Mantive a calma e comecei a contar conforme sentia as dores. As distancias entre elas estavam diminuindo. Só podiam ser as contrações. Sentei na cama e o movimento acabou acordando Christopher também. Ultimamente seu sono estava bem leve.

- Bell, tudo bem? - perguntou sonolento.

- Não sei, acho que são as contrações - assim que disse, senti outra e me curvei dando um grito.

- Annabelle, o que foi? - respirei fundo, fazendo a respiração que havia aprendido no curso.

- Eu acho que o bebê vai nascer - Christopher arregalou os olhos. - Melhor irmos para o hospital.

- Hospital, ok. Hospital - ele parecia meio perdido. Segurei sua mão e o encarei.

- Vai dar tudo certo - tranquilizei.

Christopher sorriu e me deu um beijo rápido, saltando da cama e chamando pelo nosso motorista. Levantei da cama com cuidado e ele me ajudou a me trocar, trocando-se logo em seguida com rapidez. Pegou a bolsa que já havia preparado para essa situação e seguimos para o hospital. Todo o caminho fui tentando controlar a dor, segurando a mão de Christopher, que dizia palavras de carinho e incentivo.

Assim que chegamos, me colocaram em uma cadeira de rodas e levaram para um quarto. A dor estava me matando, mas decidi não injetar a anestesia, queria ter controle total da situação. Passei a madrugada fazendo exercícios de respiração e andando pelo quarto. Christopher ficou todo tempo ao meu lado. Pela manhã a enfermeira avisou que estava indo muito bem e faltava pouco para ter a dilatação necessária. Só então, Christopher decidiu avisar nossos amigos. Eles apareceram com cara de sono. Ri da situação. Os meninos foram para a sala de espera, enquanto minhas amigas ficaram comigo e Christopher.

- Como está, Anna? - Karen perguntou.

- Bem - praticamente gemi.

- Já aplicaram a peridural? - Julie quis saber.

- Não, eu decidi não usar anestesia nenhuma - ela arregalou os olhos. Fechei os olhos quando uma forte contração me atingiu. Apertei a mão de Christopher com força.

- Respira, Bell. Já está acabando - logo a dor foi diminuindo.

- Não acredito que depois de ver o que eu passei, não vai querer anestesia - Julie repreendeu seriamente.

- Eu quero sentir - murmurei entre outra forte contração.

- Sentir dor?

- Isso vai passar. A enfermeira disse que não falta muito para ter a dilatação necessária - sussurrei com a respiração entrecortada. Os olhos de Christopher não saíam de mim. Seu rosto tenso e preocupado. *Exagerado como sempre.*

- Sua bolsa não estourou? - neguei.

- Ela disse que deve estourar quando estiver em trabalho de parto - expliquei, já que com Julianne tinha sido bem diferente.

- Pelo menos a Anna não está fazendo um escândalo - cutucou Karen, Christopher relaxou um pouco e segurou a vontade de rir com o olhar assassino que Julianne lançou para a amiga.

- Pois veremos como a senhorita vai se portar - desafiou Julianne.

- Como uma dama, assim como a Anna - foi impossível não rir. Ela virou para me encarar.

- Desculpa, Julie, mas você foi terrível - ela acabou relaxando e riu também. Senti outra forte contração e apertei a mão de Christopher. Ele beijou minha testa que já estava molhada de suor e contou os segundos até ela parar.

Pouco tempo depois tudo virou uma loucura. As contrações vinham em intervalos cada vez mais curtos. Christopher chamou a enfermeira. Ela me examinou e verificou que estava na hora. Pamela, minha médica, chegou no quarto e Julianne e Karen foram para a sala de espera. Ela pediu que eu empurrasse e foi o que fiz.

- Isso, anjo. Empurra - Christopher incentivou. Eu ofegava e empurrava o máximo que podia.

- Assim mesmo, Annabelle. Continua - Pamela disse e de novo eu empurrei com força. Quando estava quase desmaiando de cansaço um som lindo tomou conta do quarto. O choro da nossa menina.

- Muito bem, mamãe - minha médica parabenizou.

- Eu quero ver - pedi quase fechando os olhos.

Christopher soltou minha mão e foi até onde a médica estava e voltou com um pacotinho embrulhado em um pano verde claro. Seus olhos pareciam hipnotizados pelo bebê em seus braços. Ele veio até mim e se colocou ao meu lado para mostrar nossa filha.

- Olha, anjo. É nossa menina. Nossa princesinha - sorri largamente ao ver o lindo bebê rosado nos braços do pai.

- Ela é linda - murmurei emocionada.

- Assim como a mãe - Christopher respondeu e o encarei com um sorriso. Ele beijou minha testa e voltamos a babar pelo nosso lindo bebê.

Depois, as enfermeiras a levaram para fazer os exames necessários e limpar seu corpo. Enquanto nossa pequena estava fora, nossos amigos voltaram para o quarto nos parabenizando.

- Se nós tivéssemos apostado, eu teria ganhado - Adam comentou, Christopher riu.

- Deixa de ser idiota, Adam. Você disse que eu teria um menino, além disso, eu já dizia que ia ser menina antes mesmo da Bell engravidar - Adam bufou e fechou a cara. Nós demos risada da sua birra.

A enfermeira bateu na porta e meu bebê chegou. Estava linda, enrolada na manta que Christopher e eu havíamos comprado. Todo mundo se aproximou para ver nossa pequena Harriet.

- Que linda, Anna - Karen disse sorrindo.

- Será uma ótima nora - Julianne provocou. Christopher rosnou.

- Nem pense nisso, Julianne. Meu bebê não vai namorar seu filho! Talvez alguma das filhas de Adam.

- Filhas? - ele indagou.

- Pois é, você só terá meninas - disse com um sorriso sacana. Estava perturbando Adam.

- Até parece - desdenhou. - Não quero saber da Julianne jogando seu filho para cima da minha família. Especialmente, pois seriam primos. Teremos só meninos. Ouviu, Karen? - determinou sério. Como se fosse algo que ele pudesse escolher. Foi impossível não rir. Karen balançou a cabeça sem saber o que dizer para seu marido. Eles ficaram mais um pouco e depois foram embora.

Assim que saíram, a enfermeira me ensinou alguns cuidados que eu deveria ter com o bebê. Christopher recebeu uma ligação e saiu do quarto. Fiquei intrigada. Quando voltou, entendi o motivo. Ele apareceu com balões coloridos e um ramalhete de orquídeas. As flores tinham as pontas na cor púrpura e o centro branco. Era linda.

- Em homenagem à nossa menina - Christopher explicou, colocando as flores sobre o sofá.

- Preciso de uma dessas na minha estufa, completar nossa família - Chris se aproximou e sentou ao meu lado, beijando minha cabeça com carinho.

- Já pedi para a senhora Brauer providenciar - respondeu com um sorriso.

Meu marido sempre eficiente. Afagou meu rosto e se inclinou para me dar um beijo delicado nos lábios. Voltei minha atenção a Harriet, que nos observava atenta.

- Obrigado - agradeceu solenemente, sorri o olhando.

- Eu que agradeço por me dar a chance de ter a família que sempre quis com você - ele sorriu largamente e beijou minha têmpora.

Suspirei sentindo-me realizada.

[1 anos depois]

Harriet brincou tanto no parque pela manhã que não aguentou e acabou desabando no carrinho, dormindo tranquilamente enquanto almoçávamos em um Bistrô perto de casa.

Agora esperava por Christopher, que havia ido ao toalete, para depois irmos nos encontrarmos com nossos amigos na casa de Adam e Karen. Minha amiga estava grávida de cinco meses de gêmeas. Meu marido estava virando um vidente de bebês. Todo mundo ficou bobo com a novidade, especialmente Adam que teve que aguentar as brincadeira de Samuel e Christopher. Ele já estava enlouquecendo com a ideia de suas pequenas namorarem, ainda mais quando Julianne provocou dizendo que Alex poderia escolher. Tanto ele quanto Christopher não gostaram nada disso.

Alex ia completar dois anos e era um garoto sereno e tranquilo. Bem diferente de Harriet, que dava um belo trabalho. Apesar das diferenças, os dois se davam muito bem. Isso irritava Christopher, que já estava sofrendo ao pensar na sua princesa namorando o filho de Julianne. Eu não me importaria enquanto seu ciúmes fosse fofo e não atrapalhasse a vida de nossa filha.

Sorri ao vê-la adormecida no carrinho com sua pantera cor de rosa de pelúcia. Harriet era a cópia exata de Christopher, o cabelo escuro e com pequenos cachos nas pontas, os lábios bem desenhados e lindos olhos azuis. Minha princesa daria muito trabalho para o pai ciumento.

- Anna? - ergui o rosto na direção da voz e encontrei James.

- James! - exclamei, levantando e o cumprimentando. Ia pedir para sentar, mas lembrei que Christopher poderia não gostar de tanta intimidade. - Como vai?

- Muito bem e você?

- Melhor impossível - respondi sorrindo, ele olhou o carrinho de bebê.

- É seu filho? - perguntou indicando.

- Sim, minha filha, na verdade - corrigi. Ele sorriu e se inclinou para olhar.

- É linda, Anna - comentou com um sorriso.

- É, sim - disse orgulhosa. - E o seu filho, sua esposa? Como estão? - perguntei, James levantou e sorriu.

- Estão bem. Pietro é idêntico a mim, e tem o gênio explosivo da mãe - comentou rindo. - E Arianne está grávida de novo - sorriu largamente.

- Que ótima notícia - disse animada. - Já sabem o sexo?

- Sim, vai ser uma menina dessa vez. Nossa Giovanna - seu sorriso não poderia ser maior. Senti uma mão conhecida passar pela minha cintura e fiquei tensa. Esperava sinceramente que Christopher se comportasse.

- Olá, James - cumprimentou tranquilamente estendendo a mão, James repetiu o gesto.

- Oi, Christopher. Como vai?
 - Ótimo, e você? Sua família?
 - Estão todos bem, acabei de contar para Anna que minha esposa terá outro bebê. Uma menina - Christopher sorriu.
 - Que notícia boa. Meninas são incríveis, mas já estou me preparando para a dor de cabeça quando a minha crescer - James riu alto.
 - Adam me disse a mesma coisa quando contou que seria pai de gêmeas.
 - Estamos com dó da Karen que tem que aguentar as reclamações e os pedidos para terem um menino - Christopher completou se divertindo.
- Os dois conversavam tranquilamente. Eu observava a cena com um sorriso. Pouco depois, James despediu-se e disse que precisava ir pois tinha uma reunião em um dos restaurantes. Assim que ele se foi, virei para encarar meu marido.
- Estou orgulhosa de você - disse sorrindo. Ele me olhou e sorriu também.
 - Eu também, anjo - respondeu, beijando a ponta do meu nariz.
 - Sei que ele foi importante para você, mas você me ama. Mesmo eu não sendo nenhum senhor perfeição - ri lembrando do apelido que Christopher havia dado a James.
 - Você é perfeito para mim, mesmo com todos os defeitos.
 - Defeitos, é? - indagou estreitando os olhos e envolvendo meu corpo como se fosse me atacar.
 - Christopher, estamos em público - adverti, ele abriu um sorriso malicioso.

- Pouco me importo, senhora Lewis - disse segurando minha nuca e beijando-me apaixonadamente. Sorri entre nossos lábios. Essa era nossa vida.

Hoje. Amanhã. Sempre.

Epílogo

- *Onde você imagina que vai estar daqui dez anos?*
- *Sinceramente? Não vai rir?*
- *Juro que não.*
- *Bom, daqui dez anos quero ser o vice-presidente do meu pai na empresa, morar em uma bela casa, com um belo gramado e um lago. Um lugar bem sossegado para aproveitar com minha esposa e filhos.*
- *Ah, Chris! Eu estava falando sério.*
- *Hey! O que a faz pensar que isso não é sério?*
- *Você, casado, com filhos? Por favor, né!*
- *As pessoas podem mudar, Bell.*

Christopher

Jasen abriu a porta do carro. Agradei e entrei. Pouco tempo depois estávamos na estrada. Hoje era um dia muito especial e tudo o que eu queria era passar com as pessoas que mais amava.

No dia seguinte, já tínhamos combinado um piquenique com nossos amigos. As crianças não aguentavam de animação, especialmente as gêmeas de Adam e Karen, Ellie e Marian. Era incrível ver o grandalhão pai de duas lindas garotas. Ele ainda pressionava Karen, pedindo um menino, pois sozinho não daria conta de proteger suas meninas dos marmanjos, como ele costumava dizer. Isso só piorava quando Julianne inventava de dizer que Alex iria namorar uma delas. Adam alegava que não permitiria, já que eram primos. Julie o chamava de antiquado e o pessoal se

divertia com a discussão sem noção dos dois. Pelo menos, ela já tinha desistido de empurrar seu filho para minha princesa.

Há cerca de dois anos, Peter casou-se com Emily. Ele continuava sendo meu braço direito empresa, especialmente agora, que estávamos expandindo nossos negócios pela Europa e América do sul. Andrew e Carmen se separaram, ela arrumou um trabalho fixo em uma série de TV em Hollywood e se mudou definitivamente para a costa oeste.

Quando achamos que nada mais seria capaz de nos surpreender, eis que Andrew surgiu com Patrick e avisa que estavam namorando. Ao que parece o lance dos dois foi bem forte quando armamos aquela armadilha. Meu antigo amigo de colégio realmente se transformou em outra pessoa. Tanto que sequer importou-se quando contei que fui eu que criei o plano que o humilhou. Ao invés de ficar bravo, me agradeceu. A vida era mesmo uma caixa de surpresas. E a maior delas era minha própria história.

Quem diria que eu conseguiria mudar meu próprio destino? Deixar de ser a pessoa arrogante e narcisista de outrora e me transformar em um novo homem? Um homem digno do amor de um anjo?

O carro seguiu pela estrada e pedi que Jasen parasse a poucos metros da casa. Desci do veículo e segui a pé, ao longe podia ouvir as risadas e latidos. Sorri. Era o som mais lindo de todo o mundo. Cheguei mais perto e os sons ganharam cor e formas. Minha família. Não demorou, até que perceberam minha presença. Meu anjo sorriu largamente ao me ver. Nossa filha, que há poucos meses havia completado três anos, brincava com Chance no gramado. Assim que me viu, ficou em pé e sorriu.

- Papai! - gritou animada enquanto vinha até onde eu estava. Seu cabelo cacheado e negro se movia conforme ela corria. Fui em sua direção com medo que caísse. Abaixei e a peguei em meus braços.

- Oi, princesa - ela sorriu, seus olhos azuis brilharam.

- Saudade, papai - disse me abraçando pelo pescoço. Sorri ainda mais, dando um beijo em seu rosto. Chance veio correndo até onde estávamos e Harriet pediu para descer do meu colo, para brincar com seu amigo peludo. Bell se aproximou e a puxei contra o meu peito.

Annabelle continuava trabalhando dentro da Lewis, gerenciando seu escritório de arquitetura que agora fazia parte da empresa, mas ela fazia questão de levar a maior parte de seus projetos para trabalhar em casa. Queria ficar com Harriet o máximo que podia. Por isso, nem tínhamos uma babá, quem se encarregava de nossa menina enquanto Bell estava no escritório, era Irvine.

- Esse é meu momento favorito do dia, sabia? - disse para ela enquanto olhava Harriet rolando na grama com Chance.

- É? - perguntou deitando a cabeça no meu peito e aproveitando a vista.

- Sim, senhora. Junto da minha família, assim como eu sempre quis.

- Sempre quisemos, senhor Lewis - corrigiu, virando o rosto para me encarar. Sorri assentindo e a beijei.

- Sabe que dia é hoje? - perguntei, afagando seu rosto. Bell franziu o cenho.

- Não - sorri vitorioso, lembrando da nossa adolescência. A maioria das lembranças eram amargas, mas entre elas tivemos

momentos que eu guardaria para sempre.

- Hoje faz dez anos desde que fiz planos para o futuro ao lado da mulher da minha vida - Annabelle arregalou os olhos, entendendo, finalmente, ao que me referia.

- Sério? - perguntou incrédula.

- Sim, senhora Lewis - ela abriu um sorriso lindo e seus olhos brilharam, emocionados.

- Quer ver como posso fazer esse dia ainda mais especial? - desafiou. Arqueei a sobrancelha, intrigado.

- Como? - Bell segurou minha mão e colocou sobre seu ventre. Segui seu movimento com os olhos e fiquei em choque. Levantei a cabeça e a encarei.

- Agora só falta mais um - completou, olhando para mim com expectativa. Mais um filho. Sorri emocionado e a beijei com ardor. - Nossos sonhos estão se tornando realidade - murmurou entre o beijo.

- Graças a você, Annabelle - ela sorriu, balançando a cabeça.

- Graças ao nosso amor, Christopher - meu sorriso se ampliou ainda mais.

- Agora e sempre, meu anjo - repeti meus votos, tomando seus lábios nos meus novamente.

Naquele pedaço perfeito da nossa tão sonhada realidade.

FIM

Bônus

[21 anos depois]

Annabelle

Christopher andava de um lado para o outro no meio do seu escritório. Sorri, sentada na poltrona em frente a ampla janela que dava para o quintal, tentando me concentrar no livro que lia. Era início do outono e as folhas já começavam a cair, colorindo o gramado em diversos tons de amarelo e vermelho. Era uma bela visão.

- Que horas ela disse que chegava? - a voz de Christopher me puxou de volta a realidade, virei o rosto e o encarei.

- Às quatro da tarde, amor - ele olhou para seu relógio no pulso, finalmente parando de andar.

- Já são quatro e quinze, Annabelle. Por que ela não ligou ainda? - retive a vontade de revirar os olhos para meu ansioso e preocupado marido. Sorrindo, coloquei o livro que lia sobre a mesinha de canto e fui até ele. Abraçando-o pela cintura.

- Fique calmo, Chris. Logo, ela liga. Não há com o que se preocupar - senti seu corpo relaxar conforme ele apertava-me contra o peito. Seu coração, que estava acelerado, foi se acalmando aos poucos.

- Estou com saudades dela - confessou contra o meu cabelo. Sorri.

- Eu também - respondi e o olhei. Ele abriu aquele sorriso magnífico e me beijou. No início com calma, mas seu beijo foi

ficando cada vez mais urgente. Deixando-me sem fôlego.

Senti aquele frio agradável no estômago. Era sempre assim. Nem parecia que já estávamos casados há quase vinte e cinco anos. Christopher com o passar dos anos se tornou um homem ainda mais irresistível e se possível, mais gostoso e fogofo. Precisava de muita energia para acompanhar seu ritmo. Meu eterno garotão.

- Só você é capaz de me acalmar - comentou, brincando com suas mãos nas minhas costas. Deitei a cabeça no seu peito e fiquei ouvindo as batidas de seu coração, que agora, já estavam aceleradas de novo. Sorri. Ele tinha esse efeito sobre mim também.

- Ah, não! Vocês estão se agarrando de novo? - ouvi a voz indignada de nosso filho mais novo, John. Christopher riu e me puxou para sentar no sofá ao seu lado.

- Tem que deixar seu pai aproveitar, Johnny - reclamou com o filho, que balançou a cabeça.

John ao contrário de Harriet, era muito parecido comigo fisicamente, tinha grandes olhos verdes e seu cabelo era negro e liso. Do pai tinha puxado o nariz e, como ele mesmo costumava dizer, o charme para conquistar as gatinhas. Já, Anthony, nosso filho do meio, era uma mistura perfeita de nós dois, olhos verdes, cabelos cacheados, alto, inteligente, determinado e romântico.

- Onde o senhor pensa que vai? - Christopher perguntou vendo John todo arrumado. Franzi meu cenho o observando. *Onde ele pensava que ia?*

- Combinei com o pessoal de ir no cinema e depois no Song & Night, aquele lugar bacana que toca música ao vivo - explicou colocando as mãos no bolso.

- Sua irmã chega hoje, John - lembrou, Christopher.

- Eu sei, pai. Juro que estarei de volta para o jantar - argumentou com os olhos pidões. Chris não disse nada, só estreitou os olhos e arqueou a sobrancelha.

- Não, John - foi categórico.

- Mãe! - reclamou, chamando por mim.

- Se você sabia que sua irmã chegaria hoje, não tinha nada que ter marcado com seus amigos, ainda mais sem nos avisar - repreendi, concordando com Christopher. Vendo que não ia adiantar argumentar comigo, voltou-se para o pai.

- Pai, a Sarah vai estar lá - argumentou em um sussurro. *Sarah? Quem era Sarah?*

- Melhor ainda - os olhos de John alargaram.

- Não tem nada de melhor nisso. Outro pode chegar nela, não posso baixar a guarda! - segurei a vontade de rir. Christopher levantou e, indo até o filho, colocou a mão no seu ombro.

- Garoto, ouça seu pai. As mulheres são complicadas, não gostam de um cara que fica rastejando por elas. Faz parte da sedução - completou, piscando para John. Ele encarou-o intrigado.

- Tem certeza? - perguntou incerto.

- Absoluta. Agora, liga para seus amigos e diga que não vai poder ir - deu um tapinha nas costas dele, nosso filho não parecia muito seguro, mas assentiu.

- Ok - disse desanimado saindo da sala.

- John não está muito novo para pensar em garotas? - reclamei cruzando os braços, Chris virou-se para mim. Percebi que estava segurando a vontade de rir.

- Amor, nós homens pensamos em garotas desde sempre, só que até certa idade, as achamos irritantes - disse sorrindo, sentando

ao meu lado e segurando minha mão.

- Mesmo assim, não acho que deveria pensar em garotas ainda
- Chris me puxou para seu colo.

- Ciúmes do seu bebê?

- Claro que não! - suspirei. - Só achei que ia demorar mais para
isso - confessei finalmente.

- Ele já tem catorze anos, anjo. Se, lembrou-me bem, você me
convenceu que Harriet estava pronta para namorar aos quinze,
apesar dos meus protestos - torceu os lábios.

Apesar da torcida de Julianne, Harriet e Alex nunca chegaram a
namorar. Eram apenas grandes amigos e se tratavam como irmãos.
O que era bem diferente em relação as filhas de Adam, já que Alex
foi o primeiro namorado de Marian. Julie torcia pela união, enquanto
Adam reclamava que aquilo não fazia sentido pois eram primos. A
verdade é que ele só queria uma desculpa para o namoro acabar. De
qualquer forma, durou poucos meses. Já Ellie, estava em um
relacionamento sério com nosso filho, Anthony, há um ano. Adam
também não aprovava, pois achava que Anthony, por ser dois anos
mais novo era imaturo demais para sua filha.

- Anthony começou a namorar só aos dezoito, achei que John ia
seguir o exemplo do irmão mais velho - me defendi. Christopher riu
pela minha manha.

- Isso porque ele puxou para você e é um romântico incorrigível
- sorri, sabendo que era verdade.

Embora, Ellie não fosse sua primeira namorada, Anthony não
era o tipo de rapaz que saía com uma garota por diversão. Ele
levava a sério um relacionamento e respeitava muito as mulheres,
assim como John. Era algo que Christopher sempre ensinou com

muito firmeza. Nossa história influenciava e muito na forma que educávamos nossos filhos. Queríamos que eles tivessem liberdade para conversar sobre qualquer assunto conosco. E essa liberdade se estendia a escolha da profissão.

Assim como seus pais fizeram, Christopher não queria pressionar nenhum deles a seguir seus passos na empresa, queria que fosse natural, do modo como foi com ele. Por esse motivo, teve uma conversa séria com Anthony, quando ele decidiu estudar engenharia civil e depois administração. Ele garantiu que não fazia isso para agradar ninguém e que realmente gostava do que o pai fazia. E era verdade. Desde pequeno ele seguia os passos de Christopher. Amava ir até a empresa com o pai e brincar que assinava documentos ou projetava prédios com seu conjunto de Lego.

Para realizar seu sonho, Anthony decidiu estudar em Nova Iorque e, apesar dos protestos do pai, trabalhar meio período na filial da empresa. Christopher preferia que ele se focasse nos estudos e também aproveitasse a vida universitária, mas Anthony negou-se. Chris dizia com um sorriso enorme que nosso filho era responsável como eu. Isso não podia negar.

Aliás, nossos três filhos eram muito responsáveis. Um pouco menos John, que dava um belo trabalho na escola. Já, Harriet, sempre amou desenhar e ler. Não foi surpresa quando ela se interessou por arte e se especializou em restauração de objetos históricos. Há um ano havia viajado para a Europa para fazer seu mestrado em arte moderna.

- À propósito, que horas Anthony vai chegar? - Christopher perguntou. Tony tentaria vir para casa recepcionar a irmã, mas

possivelmente só chegaria à noite.

- Disse que às oito da noite deve estar aqui - Christopher beijou minha cabeça e voltou a olhar para seu relógio.

- Já são quatro e meia e nada da Harriet! - reclamou exasperado. Então, ouvimos vozes. Encarei Chris intrigada, ele devolveu o mesmo olhar.

- Não acredito que ela fez isso! - passou a mão pelo cabelo, levantou, levando-me a ficar de pé também, e saímos do escritório. Uma das empregadas passava pelo corredor carregando duas malas.

Chegamos na sala e vimos Harriet abraçando efusivamente Irvine, que depois de tanto tempo já havia se tornado uma parte da família. Harriet percebeu nossa presença e abriu um sorriso enorme.

- A senhorita não ia ligar? - questionou Christopher seriamente, mas isso não fez o sorriso dela diminuir. Harriet afastou-se de nossa governanta e veio até nós.

- Também senti sua falta, papai - foi o bastante para a pose de Christopher desmoronar e ele a puxar para um abraço apertado.

- Queríamos buscar você no aeroporto, princesa - ela sorriu.

- Eu sei, mas preferi fazer uma surpresa - Chris a olhou e deu um beijo em sua cabeça. Harriet saiu dos braços do pai e veio até mim, me abraçando.

- Senti tantas saudades, meu bem - disse apertando meu bebê nos braços.

- Também, mãe. Muitas saudades de vocês - sorri e segurei seu rosto.

Seus grandes olhos azuis estavam brilhando, seu cabelo caía em cachos delicados ao redor do rosto, que estava iluminado. Do modo como nunca tinha visto antes. Encarei-a desconfiada, Harriet sorriu

tímida. Respondendo uma pergunta não feita, coisas que só uma mãe saberia identificar. Meu bebê estava amando. Puxei-a novamente para meus braços.

Harriet sempre teve seus namoros e relacionamentos, mas nunca foi de se prender a ninguém, não era uma romântica como a mãe. E agora, alguém finalmente tinha tocado o coração da minha menina. Só esperava que ele valesse a pena e aguentasse o chato do meu lindo marido.

- Harriet!! - ouvimos John chamar.

- E aí, pentelho? - ela disse saindo dos meus braços e indo até o irmão, que estava quase da mesma altura que ela. John estreitou os olhos, assim como o pai sempre fazia.

- Pentelho é a...

- John! - Christopher repreendeu antes que ele continuasse.

- Caramba! Você cresceu nesse um ano - ela comentou mexendo no cabelo dele. John estufou o peito.

- Vou ser alto como o papai - respondeu orgulhoso.

- Estou vendo mesmo.

- Se cuida, pois agora poderei me vingar - brincou com a irmã.

- Quero ver mesmo, palhaço - caçoou mostrando a língua e pegando o boné que ele usava, depois subiu correndo as escadas. Nem parecia que tinha completado vinte e quatro anos.

- Harriet! - John exclamou e correu atrás dela.

- Hey, vocês dois! Juízo! - gritou Christopher, enquanto eles corriam e riam do segundo andar. Aproximei dele e o abracei.

- Senti falta dessa bagunça - ele riu.

- Não conte para eles, mas eu também - sussurrou no meu ouvido e rimos, subindo para ver o que nossos pentelhos estavam

aprontando.

**

Enquanto Harriet descansava da longa viagem e John jogava com seus amigos pela internet, Christopher e eu conversávamos na sala. Sua cabeça estava no meu colo conforme eu fazia um cafuné nele.

- Ela parece tão feliz, não acha? - Chris comentou sorrindo.

- Muito - ele franziu o cenho e sentou no sofá me encarando. - O que foi? - perguntei intrigada.

- Eu, que pergunto. O que está escondendo? - não adiantava tentar encobrir algo dele. Além do mais, Harriet havia me pedido para preparar seu pai para a novidade.

- Não é nada sério, mas é algo que acho melhor você saber logo.

- Ela conversou sobre isso com você?

- Não entramos em detalhes, mas ela confirmou minhas desconfianças - comentei, lembrando da curta conversa que havia tido com Harriet.

- Desconfianças sobre o quê?

- Ela conheceu alguém nessa viagem, Chris - seu semblante fechou.

- Alguém? Que tipo de alguém?

- Alguém por quem ela se apaixonou - disparei, observando atentamente Christopher.

- Se apaixonou? - repetiu, assenti.

Ele olhou ao redor, evitando meus olhos, depois levantou do sofá passando as mãos pelo cabelo. *As duas!* Suspirei seguindo seus movimentos e o abraçando por trás.

- Uma hora isso ia acontecer, amor - Chris segurou minhas mãos e as apertou contra seu peito. Depositei um beijo em suas costas.

- Eu sei, é só que, ela ainda é minha garotinha - murmurou desolado.

Lembrei da primeira vez que ela trouxe um rapaz para conhecer o pai, Christopher encheu o pobre de perguntas e deixou Harriet envergonhada, mas dessa vez era diferente. Ela nunca havia se apaixonado, pelo menos, não daquele modo único. Onde o sentimento é transparente para os outros. Christopher também percebeu como a filha estava diferente, era visível.

- Ela sempre será sua garotinha - afirmei, deitando minha cabeça nas suas costas. Chris soltou minhas mãos e virou para me encarar. Seus olhos estavam úmidos, mas o belo sorriso em seus lábios mostrou que ele estava feliz pela filha.

- Não cansa de ter razão, anjo? - brincou acariciando meu rosto.

- Você sabe que não - respondi sorrindo. Ele beijou minha testa e me abraçou apertado.

- É, pelo jeito, terei que aproveitar e muito esse tempo que terei com minha filha - sorri contra seu peito. Feliz por ter meus bebês ao nosso redor de novo.

[2 anos depois]

Acordei e a cama estava vazia. Suspirei. Christopher deve ter perdido o sono de novo. Levantei e fui atrás do meu marido. Desci as escadas e o encontrei na sala, estava de pé com os braços cruzados sobre o peito. O rosto tenso e preocupado. Aproximei e o

abracei. Ele passou o braço pela minha cintura me apertando contra o peito.

- Está nervoso com amanhã? - Chris suspirou.
- Um pouco - confessou dando um beijo na minha cabeça.
- Não fique assim, - consolei. - vai dar tudo certo.
- Tem certeza? - olhou para mim com receio.
- Do que você tem medo?
- Não é medo, é só... - fechou os olhos e me apertou nos seus braços. - minha menininha casando - sorri com sua explicação.
- Um dia ia acontecer - tentei confortar meu garotão.
- Eu sei, mas precisava ser com aquele cara.
- Então esse é o problema? O noivo?
- Na verdade, o pai do noivo - não aguentei e ri.
- Achei que você já tinha aceitado isso - ele torceu os lábios.
- Posso ter aceitado, mas entender que o sogro da minha filha vai ser o James, aí já é demais - respondeu fechando a cara. Balancei a cabeça.

Chris quase teve um ataque ao descobrir que o tal namorado que Harriet estava perdidamente apaixonada, era Pietro, filho mais velho de James. Foi preciso muita paciência para ele se acalmar e aceitar o namorado de nossa filha. Harriet que até então, não tinha entendido nada, ficou surpresa quando explicamos que o pai de Pietro e eu, havíamos namorado e até noivado no passado. Ela ficou em choque e muito triste por ver o pai daquele modo. Só que não poderia permitir que minha filha ficasse assim por um ataque de Christopher. Era estranho, mas isso não significava absolutamente nada. O mais importante era, e sempre seria a felicidade dela. Sem contar que James morava na Itália, seriam raras às vezes que

precisaríamos nos encontrar e, isso era passado. Ele era feliz com sua esposa e seus cinco filhos e eu, mais ainda, com Christopher.

Só que colocar isso na cabeça do meu garotão, era outra história. E mesmo depois dele ter apoiado o namoro e até o casamento, ainda assim fazia seu charme com o assunto.

- Não acredito que ainda possa ter qualquer cisma com ele, Christopher - repreendi, ele olhou para mim e negou.

- Não tenho, mas sei lá, é estranho. Além disso, seu filho vai tirar minha filha de mim - revirei meus olhos.

- Não seja dramático. Harriet é sua filha e ninguém jamais vai mudar isso.

- Eu sei, mas ele vai levá-la para longe - murmurou insatisfeito.

- Amor, isso não tem nada a ver com Pietro. O sonho de Harriet sempre foi trabalhar em um grande museu. O que seria melhor do que o Louvre? - Chris suspirou e me apertou em seus braços.

- É mais fácil culpar ele - ri contra o seu peito. Christopher nunca iria mudar. Afastei e segurei sua mão.

- Vem, tem uma cama quentinha esperando por você - ele finalmente sorriu e subiu comigo para o quarto. Precisava confortar meu garotão para o dia que viria.

**

Christopher

Olhava os convidados conversando e toda a animação pela janela do meu quarto. Era primavera e havia flores em todas as partes. Seria um lindo casamento. Respirei fundo e ajeitei a flor na minha lapela. Estava tenso e nervoso. Além de ter que lidar com o fato de que James iria fazer parte da família, ia perder minha

garotinha. Senti mãos delicadas passarem pela minha cintura. Nem precisei virar para saber que era meu anjo. Virei e a olhei com carinho. Estava usando um vestido azul, delicado e elegante, e como sempre, linda.

- Você sumiu - comentou distraidamente mexendo na minha gravata.

- Precisava de um tempo para me acalmar - Bell sabia que não estava sendo nada fácil para mim.

- Não quero que fique nervoso ou passe mal - repreendeu me olhando seriamente. Segurei sua cintura e dei-lhe um beijo.

- Pode ficar tranquila, seu marido é um touro - ela riu e me abraçou pelo pescoço.

- Mesmo assim, senhor touro. Nada de ficar tenso. Sei que é difícil para você, mas ela está feliz - suspirei sabendo que aquilo era a mais pura verdade. Nossa princesa estava feliz.

- Como sempre com a razão, senhora touro - Annabelle voltou a rir.

- De novo?! - viramos e vimos a cara indignada de nosso caçula. Segurei, Bell contra o corpo sem conseguir segurar uma risada.

- Você sempre interrompendo seu pai, hein, garoto - zombei com ele que revirou os olhos. Annabelle riu.

- O que foi, filho? - Bell perguntou delicadamente.

- Harriet quer falar com o papai - avisou.

- Ok, já estou indo - ele assentiu e saiu correndo pelo corredor

- Ela está linda - Bell comentou, olhei para ela e sorri. Beijei sua testa e segui para o quarto de Harriet, onde ela se arrumava. Parei em frente e bati.

- Pode entrar - coloquei minha mão na maçaneta e abri a porta.

Deparei-me com a visão da minha filha vestida de noiva. Bell tinha razão, ela estava linda.

- O que achou, pai? - perguntou tímida dando um giro. Seu vestido era todo rendando e caía como uma luva nela.

- Está linda, uma princesa - disse emocionado. Seus olhos lagrimaram. Ela veio na minha direção e segurou minhas mãos.

- Como o senhor está? - me senti bem, ao perceber sua preocupação com seu velho pai.

- Bem, filha. Você está feliz, é só isso que importa - sem conseguir segurar, uma lágrima escorreu pelo seu rosto, enxuguei-a com o polegar. - O que foi, princesa?

- É que são tantas emoções, medo, felicidade, saudade, euforia, amor - sorri vendo a alegria estampada em seu rosto. - Quero muito que Pietro e eu tenhamos uma união como você e a mamãe tem.

- Vocês terão, filha. Casamento nenhum é fácil, mas enquanto existir amor, vale a pena lutar - Harriet sorriu e me abraçou apertado.

- Eu te amo, pai - sussurrou. Meu peito apertou com sua declaração.

- Eu também te amo - declarei. Apertei-a mais uma vez nos braços e a soltei. - Sua tia Julianne vai brigar com a senhorita por ter chorado - Harriet riu.

- Espera um momento para retocar a maquiagem?

- Claro, estarei lá fora - ela assentiu e foi para seu banheiro. Saí do quarto, sentindo-me bem mais leve e tranquilo.

**

Não vou mentir que senti como se parte de mim estivesse indo embora enquanto entregava Harriet para Pietro, mas ao mesmo

tempo estava em paz. Era só ver o modo como ele olhava para minha princesa, isto é, o modo como ambos se olhavam. Era amor, puro, assim como o meu por Annabelle e o dela por mim. Naquele instante, não tive qualquer dúvida que minha filha seria muito feliz e para um pai, era só isso que importava.

**

- Você não vai fazer nada? - Adam reclamou indignado, apontando sua filha e meu filho dançando na pista de dança.

- Adam! Deixe sua filha se divertir! - Karen ralhou com ele.

- Se divertir? Como vocês não veem que isso nunca vai dar certo. Anthony é um menino ainda, não o homem que nossa garota precisa - reclamou aborrecido.

- Ambos são adultos, Adam. Anthony sabe muito bem o que faz, já tem vinte e dois anos - respondi tranquilamente, tomando uma taça de champanhe. Ele bufou, estressado. Sabia que não ia adiantar reclamar. Esse assunto era voto vencido.

- O que vocês estão conversando? - Bell perguntou, aproximando-se da mesa, acompanhada de Julianne e Samuel.

- O mesmo de sempre. Adam reclamando do Tony - disse como se não fosse nada. Annabelle riu, sentando-se ao meu lado.

- Uma pena não ter dado certo entre Alex e Marian - Julie lamentou. Adam revirou os olhos.

- Eu agradeço por isso, pelo menos uma das minhas filhas tem juízo - resmungou sem tirar os olhos de Ellie.

A música, *How Long I Will Love You*, soou no salão. Olhei para Bell e ela sorriu. Lembrando, por certo, do nosso casamento. Levantei e estendi minha mão, convidando-a para dançar. Tinha algo mais importante a fazer do que ouvir Adam reclamando.

Segurei a cintura de minha esposa e a levei até o centro do salão. Harriet terminava uma dança com Alex, sob o olhar atento de Pietro. Conhecia muito bem aquele olhar. Ao que parece, tínhamos mais em comum do que eu gostaria. Só esperava que não fizesse minha menina sofrer por causa disso.

- Ela está tão feliz - Bell comentou, percebendo onde eu olhava. Encarei-a e sorri.

- É verdade - concordei. Annabelle deitou a cabeça em meu peito.

- E você, como está? - perguntou, brincando com a flor na minha lapela. Olhei ao redor.

Harriet sorria abertamente, agora, nos braços do marido. John divertia-se com Alex. Anthony ria de algo que sua namorada dizia enquanto Adam fuzilava os dois e parecia reclamar, fazendo com que nossos amigos o ignorassem e Karen revirasse os olhos. Andrew e Patrick conversavam em outra mesa com Emily e Peter. James dançava no salão com sua filha de cinco anos nos braços, arrancando sorrisos de sua esposa, que observava a cena encantada.

E eu tinha nos braços minha Annabelle, a responsável por tudo o que estava a nossa volta. Apertei-a contra o meu corpo.

- Seria impossível encontrar alguém mais feliz ou realizado do que eu nesse momento - respondi. Bell ergueu o rosto e encarou-me com um sorriso. Acariciei seu rosto e beijei seus lábios com calma. Em seguida, segurei sua mão, puxando-a para fora da tenda, onde era realizado o casamento.

- Vem comigo - chamei. Bell, parou no meio do caminho.

- Christopher, não podemos sair assim - alegou com firmeza.

- Estamos em casa, amor. Podemos fazer o que quisermos - respondi, acariciando sua cintura. Ela não pareceu convencida. - Pela primeira vez, em dois anos, eu me sinto realmente em paz. E tudo o que eu quero no mundo é aproveitar esse momento com você, na nossa cama - sussurrei malicioso. Ela olhou à nossa volta.

- Voltamos para nos despedir dos noivos? - perguntou, sorri.

- Sabe que eu adoro um desafio - Bell riu, afagando minha nuca.

- Sei, foi assim que tudo começou - brincou, balancei a cabeça.

- Não, isso tudo começou porque me apaixonei de forma irrevogável por um anjo - Annabelle sorriu emocionada.

- E eu, por um garotão. Eu amo você, Christopher - meu sorriso aumentou.

- Tal como eu amo você, Annabelle. Agora e sempre.

*"De almas sinceras a união sincera
Nada há que impeça: amor não é amor
Se quando encontra obstáculos se altera,
Ou se vacila ao mínimo temor.
Amor é um marco eterno, dominante,
Que encara a tempestade com bravura;
É astro que norteia a vela errante,
Cujo valor se ignora, lá na altura.
Amor não teme o tempo, muito embora
Seu alfange não poupe a mocidade;
Amor não se transforma de hora em hora,
Antes se afirma para a eternidade."*

William Shakespeare

